

UNICAMP

OS ENSAIOS LITERÁRIOS (1847-1850)
E O PERIODISMO ACADÊMICO EM SÃO PAULO
DE 1833 A 1860

Hélder Garmes *MG*

Dissertação de mestrado em Literatura
Brasileira apresentada ao Departamento de
Teoria Literária da Universidade Estadual
de Campinas, sob orientação do Prof.Dr.
Luiz Carlos da Silva Dantas. *X*

Campinas, 1993

UNICAMP
BIBLIOTECA GERAL

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por *Hélder Garmes*

e aprovada pela Comissão Julgadora em

26 / 6 / 93

Luiz Carlos da Silva Dantas

Garmes

*Para meus pais,
Guilherme e Leonor*

Para Ingrid

AGRADECIMENTOS

A Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Universidade Estadual de Campinas, pelo financiamento da pesquisa.

A José Aderaldo Castelo, pelas sugestões precisas e atenção generosa.

A Luiz Carlos da Silva Dantas, pela amizade e partilha de seus conhecimentos.

A Haqira Osakabe, Adma Fadul Muhana, José de Souza e Mello Werneck, Jonas Araújo, Suzi Sperber, Jorge Coli, Márcia Abreu, Amarides e Jarbas Basílio, Geraldo Andrello, Wônia e Carlos Machado, Maria Bacellar, Luciana Sá Leitão Corrêa de Araújo, Kátia Halbe, Maria Beatriz Camargo Cappello, Marilda e Hilda Bosquê, Fernando Garmes, Celso Mangucci, Eliana Epstein, Sergio Correia, Márcio Muniz, Claudia Taha, Maristela, Gilson, Guilherme e Kátia Garmes, por tantos diversos motivos quanto diversas são as amizades.

A Lourdes Magliavacca, Eduardo Zumkeller Neto, Flávio de Souza Matos, Neusa Maria Cosolino, Sara Correa, Maria Itália Causin, Marcia Pilnik, Floripes Pacheco, Leonice P. Batista, Diva Ferrari, Rosemeire Pinto e muitos outros que, nos acervos consultados, revelaram sempre exemplar profissionalismo e dedicada atenção.

- O que vês, sonhador?

- Oh! não perguntes

E o império da luz, o Eden dos anjos,
A pátria dos eleitos!

- Ela é tua,

Pisa os martírios, atravessa os mares,
Ergue-a da sombra e tu serás um deus.

"Predestinação", Fagundes Varela
(Recitada na sessão magna
do *Culto à Ciência*)

INDICE

Introdução.....	1
I. Associações acadêmicas em São Paulo	6
1. A Sociedade Filomática e os primórdios das associações acadêmicas.....	6
2. A extinção dos filomáticos e o arrefecimento da produção acadêmica.....	11
3. O Instituto Literário Acadêmico e seus <u>Ensaio Literários</u>	17
4. Como funcionava uma associação?.....	22
5. A discutível continuidade dos <u>Ensaio Literários</u> . ..	35
6. O apogeu das associações acadêmicas em São Paulo. ..	45
II. Os <u>Ensaio Literários</u>.....	50
1. Considerações bibliográficas.....	50
2. As intenções dos idealizadores dos <u>Ensaio</u> <u>Literários</u>	73
3. Os <u>Ensaio Literários</u> como veículo de "civilização".....	84
4. A literatura nos <u>Ensaio Literários</u>	105
5. Observações gerais.....	148
III. Publicações acadêmicas.....	151
1. Publicações literárias contemporâneas aos <u>Ensaio Literários</u>	153
2. Periódicos posteriores aos <u>Ensaio Literários</u>	160
3. Especificidade e diversidade nas publicações acadêmicas.....	177
4. Os <u>Ensaio Literários</u> e aspectos do periodismo paulistano.....	179
Considerações finais.....	182
Anexos	
Notícias sobre os colaboradores dos <u>Ensaio Literários</u> ..	186
Índices dos <u>Ensaio Literários</u>	
Índice classificado de assunto e colaboradores.....	236
Índice de autores citados no periódico.....	270
Bibliografia	
Fontes primárias.....	276
Bibliografia citada.....	288
Encarte fac-similar de textos selecionados dos <u>Ensaio Literários</u>	

NOTA INTRODUTÓRIA

Os Ensaios Literários foram publicados de 1847 a 1850. Trata-se de um periódico mensal, criado por iniciativa dos alunos da Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de São Paulo. Interessa à nossa história literária por trazer em suas páginas nomes como os de José de Alencar, Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, José Bonifácio (o moço), Joaquim Felício dos Santos, Francisco Otaviano, Cardoso de Menezes e Silveira de Sousa. A maioria destes autores estrearam nos Ensaios Literários, sendo que alguns dos textos publicados no periódico integram, hoje, edições de obras completas, como é o caso do ensaio de Alvares de Azevedo sobre o poema "*Jacques Rolla*", de Alfred de Musset. Já outros merecem ser lembrados, como o ensaio "Reflexões sobre a poesia brasileira", de Bernardo Guimarães.

Até o presente momento, o periódico foi consultado muito eventualmente por um ou outro pesquisador. Jamais foi feito qualquer estudo sobre sua coleção de exemplares e nem mesmo era sabido que havia contado com a colaboração de tantos escritores de relevo.

Este trabalho, no entanto, não pretende se ater aos nomes consagrados que porventura se apresentarem nas páginas dos Ensaio Literários, mas sim privilegiar o estudo do próprio periódico e do lugar em que surgiu. Deste modo, faz-se necessário conhecer um pouco da história das publicações acadêmicas, mais especificamente dos periódicos científicos e literários editados por alunos da Academia de São Paulo durante a consolidação do Romantismo, isto é, nas décadas de 1840 a 1860.

Primeiramente, é preciso elucidar o que vem a ser uma publicação acadêmica, científica e literária. Esta categoria de periódicos não corresponde a qualquer gênero puro do periodismo do século XIX brasileiro, mas sim a um certo perfil de publicações que, ao menos no caso paulistano, é evidentemente distinto de outros gêneros de periodismo, como o político, o de grande imprensa e mesmo o de variedades.

Com a denominação "acadêmico",* pretendo simplesmente aludir às publicações estudantis, mais precisamente às dos alunos da Academia de São Paulo. Estas, por sinal, na maioria das vezes se autodenominavam "acadêmicas"; quando não, tinham por assunto diversos tópicos de interesse exclusivo da comunidade, como a questão da qualidade dos ensinamentos jurídicos, ou ainda notícias, críticas ou elogios às

* Lembremos que praticamente todos os historiadores da imprensa paulista ou da Academia de São Paulo se referem à existência de uma "imprensa acadêmica", sendo que Freitas Nobre, por exemplo, assim denomina o quarto capítulo de sua História da imprensa de São Paulo. São Paulo, Edições Leia, 1950, pp.67-94.

demais publicações estudantis, ou, enfim, comentários sobre eventos do cotidiano escolar.

Basta lembrar que, em sua grande maioria, os periódicos aqui arrolados foram editados por associações de alunos constituídas a partir da iniciativa de alguns estudantes, geralmente de uma mesma turma, que se reuniam sistematicamente para discutir os mais diversos assuntos (política, filosofia, direito, literatura, religião etc.). A maior parte dos textos publicados nestes periódicos tiveram origem nos debates e discursos realizados em tais reuniões.

Quanto aos termos "científico" e "literário", se é provável, e mesmo certo, que em seu emprego oitocentista possuíam nuances semânticas neste ou naquele contexto, é certo também que de lá para cá mantiveram a acepção com que são aqui empregados, isto é, o termo "científico" abarcando disciplinas como a matemática, a física, a biologia, a mineralogia, e também a história, a filosofia ou a política (lembramos que a academia denominava-se Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de São Paulo) e o termo "literário"* referindo-se à oratória, à narrativa de ficção e à poesia em geral. Aparecem como uma forma de distinguir, entre as publicações acadêmicas, as de interesse amplo daquelas de interesse estritamente político.

* Alexandre Eulálio, em seu "O ensaio literário no Brasil" (Escritos. Campinas: Unicamp/Unesp, 1992, p.18), nota que, no início do século XIX, o termo "literatura" possuía o sentido genérico de Saber, o que incluiria o termo "científico". Preferi, no entanto, manter ambas as denominações pelo fato de os próprios acadêmicos fazerem tal distinção.

Apesar de várias denominações existirem na época para apontar a diversidade de assuntos de uma publicação, como as folhas de "variedade", "curiosidade", "recreio", "artística", estes termos eram raramente empregados no âmbito acadêmico, sendo de uso mais corrente as denominações "científico" e "literário", utilizadas geralmente em conjunto.

Se hoje a coleção dos Ensaio Literários sobressai por trazer em suas páginas alguns dos grandes escritores românticos brasileiros, maior foi a sua importância no interior do publicismo acadêmico, reinaugurando, como veremos, toda uma verdadeira tradição de associações e publicações estudantis em São Paulo.

No primeiro capítulo, trataremos do surgimento das associações estudantis, acompanhando sua história até a década de 1860, quando chegam ao seu momento de maior expressão no interior da Academia.

O segundo capítulo está dividido em quatro partes. Na primeira, a coleção dos Ensaio Literários é descrita e comentada bibliograficamente, sendo também investigadas sua periodicidade e circulação. Na segunda parte, são analisadas as intenções dos redatores do periódico à luz do conjunto de publicações acadêmicas. Nas duas últimas, é exposto e comentado o conteúdo da revista.

No terceiro capítulo, serão examinadas as publicações oriundas tanto de associações estudantis como as de iniciativa particular de um ou outro acadêmico, procurando-

se identificar os modelos que as nortearam, delineando assim as características gerais do periodismo científico e literário paulistano.

Nas observações finais apresenta-se uma visão geral do tópicos tratados, no intuito de ressaltar o valor da tradição de publicações estudantis estabelecida na Academia de São Paulo e o papel dos Ensaio Literários em seu interior.

Segue em anexo um conjunto de notícias biobibliográficas sobre os colaboradores dos Ensaio Literários, o fichamento completo da coleção do periódico* e um índice de todos os autores citados nos Ensaio Literários pelos acadêmicos. Além disso, ao final, inclui-se um encarte com a reprodução fac-símile de textos selecionados do periódico.

* Realizado, em linhas gerais, de acordo com aquele presente no trabalho de Hélio Lopes: A divisão da água: contribuição ao estudo das revistas românticas "Minerva Brasiliense" (1843-1845) e "Guanabara" (1849-1856). São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia / Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas (Coleção Ensaio n.88).

ENSAIOS LITTERARIOS.

JORNAL

De uma Associação de Acadêmicos.

« Shall he alone, whom rational we call
« Be pleased with nothing, if not blis'd with what
« Possess.

1.^a SERIE — N.º 1.^o

SETEMBRO.



S. PAULO.

Typographia do Governo
(em Palácio.)

1847.

CAPÍTULO I

ASSOCIAÇÕES ACADEMICAS EM SÃO PAULO

(1833-1860)

1. A Sociedade Filomática e os primórdios das associações acadêmicas

A primeira publicação periódica acadêmica a aparecer em São Paulo, trazendo literatura em suas páginas, foi O Amigo das Letras, em 1830. Apesar de Sacramento Blake, Lafayette de Toledo e Afonso de Freitas¹ classificarem-na como "órgão exclusivamente literário", Hélio Lopes,² que consultou a coleção do periódico, observa que era uma publicação de intenção política e moralizadora, contendo apenas traduções

1. FREITAS, Afonso de. A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914. São Paulo: Imprensa do "Diário Oficial", 1915, p.37.

2. LOPES, Hélio. A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas "Minerva Brasiliense" (1843-1845) e "Guanabara" (1849-1856). São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia e Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, p.15, nota 16 (Coleção Ensaio n.88).

de escritores franceses, ingleses e alemães, além de algumas páginas sobre ficção e teatro.

Entre os redatores de O Amigo das Letras, encontrava-se Josino Nascimento Silva, que, dois anos depois, seria um dos redatores da Revista da Sociedade Filomática, esta sim, a pedra fundamental do periodismo científico e literário da Academia de São Paulo.

A Sociedade Filomática, juntamente com a hipotética Sociedade Epicuréia,³ é uma das mais citadas em nossa historiografia literária. A frequência de tais alusões deve-se ao fato de ter sido a primeira sociedade científica e literária existente em São Paulo e, também, por trazer nas páginas de sua revista nomes como os de Francisco Bernardino Ribeiro e Justiniano José da Rocha. A Revista da Sociedade Filomática, publicada de junho a dezembro de 1833 (seis exemplares), foi, entre todos os periódicos editados pelos

3. A Sociedade Epicuréia, responsável pelas macabras histórias que se tornaram clássicas em nossa historiografia romântica, acabou por merecer referência na grande maioria dos trabalhos que, direta ou indiretamente, trataram da geração dita byroniana no Brasil. Porém, durante as investigações em periódicos da década de 1840 em São Paulo, década na qual a Sociedade Epicuréia teria existido, não encontrei qualquer referência à sociedade. Em 1859, somente, na Revista da Academia, Couto de Magalhães faz severas censuras ao tipo de atividade que os "epicuristas" exerceriam, porém tratando-os já como pertencentes ao passado. O texto de Couto de Magalhães (reproduzido no anexo "Notícias sobre os colaboradores dos Ensaio Literários", no tópico sobre Alvares de Azevedo), posteriormente, tornou-se uma das principais fontes para a comprovação da existência da sociedade.

acadêmicos, o que mais estudos suscitou, chegando mesmo a merecer uma edição fac-símile.⁴

Retomemos um pouco de sua história. A Sociedade Filomática foi fundada entre em 1832 e 1833 pelos alunos Francisco Bernardino Ribeiro e José Inácio Silveira da Mota e pelos professores Carlos Carneiro de Campos, José Joaquim Fernandes Torres e Tomás Cerqueira, tendo ainda a participação de Justiniano José da Rocha, Antonio Augusto Queiroga, João Salomé Queiroga e José Marciano Gomes Batista, todos alunos da Academia. Teria como experiência antecedente as reuniões para discussões literárias e científicas realizadas na sede da chácara do então diretor da Academia, o coronel Arouche Randon, das quais participavam alguns lentes e os alunos que mais se destacavam no curso acadêmico. Nada relaciona diretamente as reuniões promovidas por Randon à Sociedade Filomática, mas

4. Além dos diversos comentários a ela dirigidos em nossa historiografia literária, temos como exemplos de trabalhos específicos: o estudo histórico de José Fery de Golvea, "Revista da Sociedade Filomática" e "Niterói, revista brasiliense" (USP, 1980), dissertação de mestrado que observa as relações de continuidade entre as duas revistas, e o trabalho, também tese de mestrado, de Gilberto Pinheiro Passos, Presença da literatura francesa na "Revista da Sociedade Filomática" (USP, 1983). Antes desses, temos o inaugural e minucioso estudo de José Aderaldo Castelo sobre a revista e a sociedade (A literatura brasileira: manifestações literárias da era colonial. São Paulo: Cultrix, 1962, pp.218-226) e a reedição parcial de seus artigos em, J. A. Castelo, Textos que interessam à história do romantismo (São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1963, v.2, pp.29-50). Posteriormente, surge a reedição fac-símile da coleção completa do periódico, viabilizada e apresentada por Soares Amora (São Paulo: Metal Leve, 1977), que foi o primeiro a fazer referência à revista (História da literatura brasileira: séculos XVI-XX. São Paulo: Saraiva, 1955, p.55).

sua prática demonstra que, mesmo antes da fundação da Sociedade, o espírito associativo já se instalara na Academia.

Assim iniciam os filomáticos o texto introdutório de seu periódico:

Associação! Tal é o destino da Humanidade. Tal a convicção universal, espontânea e instintiva do gênero humano.⁵

Pinheiro Passos identifica o lugar em que os filomáticos foram buscar o modelo para a publicação de seu periódico:

Já em 1830, Girardin publicava em Paris seu Journal des Connaissances Utiles; é possível que os filomáticos a tenham conhecido, embora não façam menção a ela. Outra publicação, mais antiga, pois seu primeiro número data de 1777, inspirou a iniciativa: tratava-se da Revue Encyclopédique, editada por H. Carnot e P. Leroux. E dele, de um artigo de Ad. Montigolfier, que tiram a apígrafe (...).⁶

Observa ainda que o lema da Revue Encyclopédique era "Liberté, Egalité, Association", vendo aí um estímulo aos acadêmicos para que se reunissem em torno de uma sociedade.

Hélio Lopes, comentando a tradição de nossas revistas românticas e referindo-se ao grupo da Sociedade, observa a

⁵. "Introdução". Revista da Sociedade Filomática. São Paulo, 1833, n.1, p.3.

⁶. PASSOS, Gilberto Pinheiro. Presença da literatura francesa na "Revista da Sociedade Filomática". Dissertação de mestrado, USP, 1983, p.50.

reivindicação, por parte dos filomáticos, da tradição das academias do século XIX.

Reportando-se à lembrança da malograda Sociedade Literária de Silva Alvarenga e Mariano José Ferreira da Fonseca, instintivamente procuravam reatar a linha interrompida de uma tradição. E só o julgavam possível no conagraçamento de uma sociedade de amigos animados pelos mesmos ideais literários (...)⁷

Reivindicam uma tradição não só nos nomes de Silva Alvarenga e do marquês de Maricá mas também na própria Sociedade Literária, isto é, buscam tanto uma tradição literária brasileira, quanto um espírito que estabelecesse as bases quase que materiais para a discussão e produção literária e científica nacionais.

Unindo tradição nacional, na lembrança das academias do século XVIII, tradição do pensamento iluminista francês, na presença do modelo da *Revue Encyclopédique*, e meio acadêmico, que garantia um restrito porém seletivo público leitor, puderam os filomáticos forjar um modelo associativo de produção intelectual e literária que será exemplo e estímulo para todas as associações vindouras. Porém, terão elas de esperar mais de uma década para se instalar, devido a fatores externos e internos à Academia.

7. LOPES, Hélio. A divisão das águas. Op.cit., p.15.

2. A extinção dos filomáticos e o arrefecimento da produção acadêmica - 1833-1847

Entre a extinção da Revista da Sociedade Filomática, em 1833, e o aparecimento, em 1847, dos Ensaio Literários, são transcorridos quatorze anos. Nesse período nada se produziu que pudesse preencher o lugar ocupado pela revista dos filomáticos.

Couto de Magalhães, ao realizar, em 1859, seu "Esboço sobre a história literária da Academia de São Paulo", assim se refere a esses anos:

Durante o período que vai de 1835 a 1845 sente-se, pelas obras publicadas, que o estudo vai se generalizando mais, e que os ramos das letras a que se dedicam as diversas inteligências são mais variados.⁸

Refere-se a Martim Francisco, Frei Francisco de Monte Alverne e Júlio Frank⁹ como expoentes intelectuais desse momento. No entanto, não cita qualquer publicação periódica.

⁸. Couto de Magalhães. "Esboço para uma história literária da Academia de São Paulo". Revista da Academia, 1859, n.4, p.261.

⁹. Júlio Frank publicou, em 1839, um Resumo de história universal para uso da aula de história e geografia, adaptação da obra do alemão H. L. Poelitz, que teve grande repercussão na formação histórica e filosófica de nossos primeiros acadêmicos (cf. Hallewell, O livro no Brasil. Op.cit., pp. 225).

Afonso de Freitas¹⁰ registra a existência de um periódico "jurídico, literário e noticioso" antes dos Ensaio Literários, intitulado Americano. Possuía entre seus editores um dos futuros diretores da Academia, Joaquim Inácio Ramalhos, e foi publicado durante os anos de 1844 e 1845. Não pude localizá-lo. Parece não ter sido órgão de nenhuma sociedade e, de qualquer modo, não fez época na Academia, já que, em publicações posteriores, em momento algum será lembrado pelos acadêmicos.

O período de interregno das publicações foi politicamente bastante agitado, ocorrendo rebeliões nas províncias do Pará (Cabanagem, 1835-1840), da Bahia (Sabinada, 1837-1838), do Maranhão (Balaiada, 1836-1841), do Rio Grande do Sul (Farroupilha, 1836-1845), sendo que, em São Paulo, a Revolução de 1842 certamente catalizou as atenções de toda a população paulistana. A insurreição e o seu fracasso, inflingido pelas tropas de Luís Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, na certa polarizaram as preocupações dos moradores da até então pacata cidade de São Paulo.

Também a Revolução Farroupilha e os constantes recrutamentos que a Guarda Nacional promovia entre a população paulistana, realizados de forma cada vez mais severa, provavelmente inquietaram os jovens literatos. Não que eles pudessem também ser recrutados, mas na certa tais

¹⁰. FREITAS, Afonso de. A imprensa de São Paulo. Op.cit., p.89.

espetáculos contradiziam ostensivamente o espírito liberal que tentavam ali imprimir. Tanto é que num futuro próximo, quando da eclosão da Guerra do Paraguai, os estudantes, já munidos de uma vigorosa imprensa acadêmica, expressarão seu protesto contra os métodos utilizados pelo governo para o recrutamento de "voluntários" em charges humorísticas bastante ácidas, assinadas em grande parte por Angelo Agostinho no Diabo-Coxo (1865-1866)¹¹ e no Cabrião (1866-1867).

Um segundo elemento, interno à Academia, aparece como forte argumento para a inexistência de associações e publicações estudantis naqueles anos: o esmorecimento das matrículas de 1830 a 1840. Venâncio Filho,¹² ao analisar a qualidade dos cursos jurídicos das Academias de São Paulo e Olinda, nota que, na primeira metade do século XIX, a qualidade do ensino decaiu continuamente, em função do

11. Lembremos aqui que o título Diabo-Coxo possivelmente se referia ao chanceler de Napoleão, Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838), que passou para a história assim apelidado. Segundo algumas versões, Talleyrand teria como filho ilegítimo Delacroix, fazendo com que a escolha do título Diabo-Coxo traga consigo uma informal referência à pintura - o que chama a atenção no caso de um periódico essencialmente ilustrado e satírico. Além disso, lembremos ainda que O Diabo-Coxo é o nome do romance picaresco de Alain René Lesage (1668-1747), que satiriza costumes contemporâneos, tal qual veio a fazer o periódico paulistano. E de se notar que o O Diabo-Coxo foi o primeiro romance a ser traduzido e editado pela Imprensa Régia em 1810 (cf. A tipografia no Brasil. São Paulo: Masp, 1979, p.30).

12. VENANCIO FILHO, Alberto. Das arcadas ao bacharelismo. São Paulo: Editora Perspectiva e Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, (1977), pp.28-29 (Coleção Estudos n.57).

despreparo e desinteresse tanto do corpo docente quanto discente. Sérgio Adorno, em Aprendizes do poder,¹³ oferece dados que revelam serem os anos de 1841 a 1845 os que apresentaram o número mais baixo de formandos de toda história da Academia: 56 bacharéis e um doutor. Uma média de 11,2 bacharéis e 0,2 doutor por ano.

Venâncio Filho¹⁴ realizou um apurado estudo sobre o ensino oferecido pelas Academias (depois Faculdades) de São Paulo e Olinda (depois Recife) a partir da consulta a programas curriculares, crônicas de época, documentos, cartas e diversas outras fontes, demonstrando, no que concerne ao período aqui tratado, a situação de precariedade dessas instituições, estabelecidas em edificações improvisadas, desprovidas de instalações adequadas, regidas por estatutos mal elaborados, constituídas por professores despreparados e muitas vezes relapsos, onde não havia lugar para o rigor acadêmico. O historiador cita um relatório, de 1851, do Visconde de Monte Alegre, Ministro do Império, que dá a medida do descaso com que as Academias eram tratadas, não só pelo Estado como também pelos próprios profissionais do ensino.

A instrução pública acha-se, em geral, no mesmo estado de desalento e abandono em que a têm descrito os três relatórios; sofre as mesmas necessidades, reclama as mesmas providências e, na

13. ADORNO, Sergio. Os aprendizes do poder. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988, p.180.

14. VENANCIO FILHO, Alberto. Das arcadas ao bacharelismo. Op.cit.

deficiência dos meios e autorizações indispensáveis para tirá-la desse estado desanimador, dando-lhe uma organização mais consentânea com os seus grandes fins e com as necessidades do País, tem-se o Governo limitado a providências especiais que passo a dar-vos conta.¹⁵

E mais adiante, após comentar a necessidade da reformulação dos estatutos que regiam as Academias jurídicas do Império, assim se refere aos profissionais do ensino:

O primeiro expediente para chamar os alunos das escolas ao cumprimento dos deveres é dar-lhes diretores zelosos e irrepreensíveis (apoiados); é dar-lhes os mestres que ao exemplo de seu regular comportamento reúnam a reputação de homens de talento e estudiosos.¹⁶

A desatenção do poder para com as recém-criadas Academias foi, sem dúvida, consequência de sua própria instabilidade. Preocupado em não permitir que as províncias adquirissem autonomia e que o país se desmembrasse, empenhou-se em executar seus objetivos, deixando os futuros legisladores à própria sorte. Com certeza, o fator político e o consequente descaso para com as Academias do Império foram os elementos primordiais do esvaziamento dos bancos acadêmicos.¹⁷ Tanto é que, alguns anos após o golpe de

15. Apud Venâncio Filho. Id., pp.62-63.

16. Apud Venâncio Filho, id., p.63.

17. Sergio Adorno (Os aprendizes do poder. Op.cit., p.175, em nota de rodapé), apesar de, explicitamente, não se propor apresentar uma explicação para essa interrupção na produção publicista acadêmica, além de referir-se ao "conturbado período regencial", lembra o total desconhecimento que se

maioridade que levou D. Pedro II ao trono, as matrículas se normalizaram. Já em 1845 o Imperador visita a Academia de São Paulo. Em 1846, a turma acadêmica de José de Alencar funda o Instituto Literário Acadêmico, associação responsável pela publicação dos Ensaio Literários.

3. O Instituto Literário Acadêmico e seus Ensaio Literários

Os Ensaio Literários (1847-1850) eram uma publicação mensal, que trazia em suas páginas uma grande diversidade de matérias: história, jurisprudência, filosofia, religião, relatos de viagem, crítica literária, poemas, narrativas, crônicas e charadas. Contava entre seus colaboradores com José de Alencar, Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, José Bonifácio de Andrada e Silva, Joaquim Felício dos Santos, entre outros.

O primeiro número dos Ensaio Literários vem a público em setembro de 1847. Traz por subtítulo: "Jornal de uma associação de acadêmicos". A capa traz a seguinte epígrafe, retirada do An Essay on man de Alexander Pope:

tem da ação da Bucha (*Burschenschaft*) durante esse período, notando que tal silêncio poderia estar relacionado com essa interrupção. A Bucha teria sido uma sociedade secreta com fins eminentemente políticos, à qual estaria ligado o nome de Julio Frank.

*Shall he alone, whom rational we call
Be pleased with nothing, if not bless'd with all?*¹⁸

A epígrafe de Pope foi extraída da epístola "Da natureza e estado do homem a respeito do universo". Denota a preocupação dos acadêmicos com o confronto entre a racionalidade, que acredita tudo poder, e a eterna insatisfação humana, que só a fé em Deus pode aplacar; tema do ensaio de Pope e assunto que irá perpassar todo o texto introdutório da publicação, como veremos no terceiro capítulo seguinte.¹⁹

A associação mencionada no subtítulo é, mais precisamente, o Instituto Literário Acadêmico, criado por iniciativa dos primeiranistas da turma de 1846. Entre seus fundadores, segundo José de Alencar,²⁰ encontravam-se, além do próprio Alencar: João Guilherme Whitaker, José Machado Coelho de Castro, João de Almeida Pereira e Antônio Lopes de Oliveira Araujo. Joaquim Felício dos Santos, não referido

¹⁸. Ele que Racional Ente chamamos
Satisfação não tem, senão tem tudo?

A versão portuguesa dos versos é do Barão de São Lourenço (Francisco Bento Maria Targini). Os acadêmicos possivelmente retiraram estes dois versos da edição bilingue do ensaio de Pope elaborada pelo seu tradutor português. Cf. Pope Alexander. Ensaio sobre o homem. Introdução, tradução e notas do Barão de São Lourenço. Dado a luz por uma Sociedade Literária da Grã-Bretanha. Londres: Tip. de Whittingham, College House, Chiswick, 1819, v.1, p.64.

¹⁹. Ver capítulo 3, item "As intenções dos idealizadores dos Ensaio Literários".

²⁰. ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Lauzinger, 1893, p.35.

por Alencar, possivelmente também se encontrava entre os fundadores, pois era integrante da turma de 1846 e colaborador do periódico.

O discurso proferido pelo presidente do Instituto Literário Acadêmico,²¹ e publicado nos Ensaio Literários, apresenta poucos dados sobre a história do Instituto: fundado em 23 de julho de 1846, promovia em suas sessões debates jurídicos e literários, porém, "não contentando-se (sic) com o recinto estreito em que se encerrava; almejou um espaço mais amplo, lançou-se na senda do jornalismo".²² Assim vieram a lume os Ensaio Literários.

Como todas as associações que serão aqui tratadas, o Instituto mantinha com dificuldade a publicação do periódico. Nada se diz sobre o modo como o empreendimento era financiado, embora, na associação que trataremos em seguida, poderemos vislumbrar como o obstáculo econômico era superado.

O discurso do presidente do Instituto Literário Acadêmico salienta o fato de os associados serem vítimas de censuras constantes e de desestímulo por parte de alguns segmentos da comunidade acadêmica. A existência de tais críticos, que no jargão próprio do Instituto recebiam a

21. Em nenhum momento é mencionado o nome do presidente do Instituto Literário Acadêmico.

22. "Discurso recitado pelo presidente por ocasião da abertura do Instituto Literário Acadêmico". Ensaio Literários, 1848, 2a. série, n.2, pp.2-3.

alcunha de "zoilos",²³ será referida de modo constante nos textos que abordam a história do associacionismo acadêmico, ainda que jamais explicitamente nomeados, ou revelado o teor dos reproches. Interessa, no entanto, chamar a atenção para a constância com que as publicações acadêmicas referiam-se a eles. Se, na prática, apontavam a existência de um grupo ou movimento de oposição à direção que buscam impingir à mocidade (o que sem dúvida era necessário no jogo oratório, nas réplicas, nas pelejas retóricas, vozes constitutivas da própria formação do jovem jurista), simbolicamente, deixavam transparecer a necessidade de possuir um constante e desarrazoado inimigo, como se assim o empreendimento se tornasse mais "homérico" e mais digno.

Ao tomar a sociedade brasileira como uma grande associação, têm por premissa - toda romântica - que o "progresso é sempre impelido pela mocidade" e a ação da mocidade encontra-se identificada com o movimento literário que ela própria engendra.

A quadra atual Srs. é uma quadra de movimento, de movimento literário que a mocidade criou e anima com seus sentimentos generosos; é a quadra precursora de um futuro brilhante, de uma civilização que nasce e que caminha a passos de gigante para um porvir cheio

²³. Zoilo foi um crítico de Homero (séc. IV a.C.) cujo nome tornou-se ridicularmente célebre pelo azedume e injustiça de suas diatribes. Lembrando que os redatores dos Ensaaios Literários retiraram a epígrafe do periódico de uma epístola de Pope, recordemos também que em An Essay on criticism (que possuía tradução do Conde de Aguiar, Ensaio sobre a crítica, Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1810) também aparece a figura do Zoilo como crítico sarcástico e injusto (cf. Alexander Pope. A selection by Douglas Grant. London, The Perguin Poets, 1950, p.27).

de esperanças. Quando o Brasil, Srs., arrojadas de si as algemas coloniais, saudava a liberdade e pugnava pela sua emancipação política, já pelo curso ordinário das coisas humanas podia ser deduzido esse pensamento, já podia julgar-se de seu futuro, por que os fatos vão sucedendo-se na mesma ordem, como se elos fossem de uma mesma cadeia. - Fraca e vacilante, mas nobre e orgulhosa, a associação Brasileira caminhava tímida e receosa pela estrada que lhe havia mostrado a sua independência: fraca e vacilante dormiu o sono solto cansada de seu letargo, a águia abandona o rochedo árido onde era pousada, e ei-la a esvoaçar na imensidão do espaço. A mocidade Brasileira nobre e inteligente lavra com esforço o campo do presente e desse campo há de germinar uma árvore frondosa, que deve com o tempo abraçar o espaço imenso contido entre o Amazonas e o Prata, que há de acolher sob seus ramos uma associação inteira. E então Srs. dirigida pela sua mocidade ao templo do progresso nossa pátria não desmentirá as estréias do presente, nem se olvidará de seu passado de glória e renome.²⁴

Vinculando mocidade acadêmica, movimento literário e "associação brasileira", concebiam uma micro-instituição, onde a literatura aí elaborada tomava o lugar do próprio movimento literário romântico, assim como o Instituto Literário Acadêmico, o lugar da nação.²⁵

Uma vez que são escassas as informações sobre o Instituto Literário Acadêmico, vejamos em associações que se

24. "Discurso recitado pelo presidente por ocasião da abertura do Instituto Literário Acadêmico". Ensaio Literários, op.cit., p.4.

25. Nada pude encontrar sobre as matérias discutidas nas sessões do Instituto. É possível que os acadêmicos, como de praxe, tivessem registrado suas sessões em atas. O lugar mais provável de depósito seria o arquivo da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Porém, este foi vítima de um incêndio em meados de 1880, o que resultou na perda da grande maioria de seus documentos. Nada pude encontrar, lamentavelmente, que dissesse respeito às atas de quaisquer das associações abordadas neste trabalho.

seguiram como funcionavam estas micro-instituições, guardadas, evidentemente, as distinções quanto a seus interesses específicos: algumas mais voltadas para a jurisprudência e para questões sociais e filosóficas; outras para a literatura, como foi o caso do Instituto Literário Acadêmico.

4. Como funcionava uma associação?

Podemos ter na Associação do Ensaio Filosófico Paulistano um paradigma para a atividade estudantil dentro dessas pequenas instituições. A revista publicada pela associação oferece extenso material para acompanharmos de forma cômoda as atividades e debates promovidos pelos estudantes.

Aos 3 de maio de 1850,²⁶ Alvares de Azevedo, Francisco Gomes dos Santos Lopes, Manoel Francisco Correia, Francisco da Costa Carvalho, todos colaboradores dos Ensaio Literários, fundam, juntamente com alunos recém-ingressos na Academia, a Associação Ensaio Filosófico Paulistano.²⁷ O ano

²⁶. Afrânio Coutinho em sua Tradição afortunada (São Paulo: Edusp/José Olímpio, 1968, pp.81-82) equivocou-se quanto ao ano em que surgiu a associação, registrando o de 1859. Possivelmente, houve erro de revisão, querendo o autor se referir ao ano de 1849. De qualquer modo, o ano correto do aparecimento da associação é o de 1850, vindo a luz o periódico no ano seguinte.

²⁷. Para delinear o perfil da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano consultei 62 exemplares de seu periódico, referentes aos anos de 1851 a 1864, que se

de 1850 é também o último em que aparecem os Ensaio Literários, fazendo supor que os demais integrantes do Instituto Literário Acadêmico também passaram para a nova associação. Sabemos que em 23 de maio de 1851, por exemplo, José Ramos Coelho, ex-colaborador dos Ensaio Literários, é admitido como membro da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano.

Inspiram-se na Episcopal Associação Ensaio Filosófico, da Corte, que tinha em Frei Francisco de Monte Alverne sua figura central. Aliás, em 1852, Monte Alverne dirige uma carta à associação, agradecendo os exemplares do periódico remetidos a ele pela diretoria e lembrando, sem falsa modéstia, a importância de sua pessoa na iniciativa dos estudantes. Assim diz:

A diretoria enviando-me o testemunho irrefreável do progresso do Ensaio Filosófico Paulistano - no árduo caminho da ilustração, e o troféu das briosas lides da inteligência, encheu para comigo um dever de rigorosa justiça. Ela não poderia esquecer que eu tive uma parte muito preeminente na criação, e prosperidade, deste Ensaio Filosófico do Rio de Janeiro, de que é filho primogênito o Ensaio Filosófico Paulistano.²⁸

Observemos que, somente após um ano de sua fundação, a Associação do Ensaio Filosófico Paulistano pôde iniciar a publicação de seu periódico, o que indica a soma de dificuldades implícita em tais iniciativas. A revista da

encontram parte na Biblioteca Nacional e parte no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

²⁸. Monte Alverne. Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1852, n.4, pp.66-67.

associação denominou-se, nos primeiros números (maio de 1851 a maio de 1852), Revista Literária - Jornal do Ensaio Filosófico Paulistano, tendo sido alterado seu título para Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, mantido até o término de sua publicação, em meados de 1864, pelo que se pode constatar em vista do material hoje disponível.

Todos os exemplares do periódico traziam, na capa, a seguinte epígrafe: "A Ciência é conquista da Inteligência, e, pois nós A conquistaremos: seja este o nosso Dogma.", anotado entre parênteses como sendo o artigo 11 do endecálogo da F.A.E.P.²⁹ Já pela epígrafe, nota-se que o objetivo da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano era o de voltar-se mais para a filosofia e para as ciências humanas que para as artes.

A partir da publicação em seu periódico das atas das sessões do Ensaio Filosófico Paulistano, podemos ter acesso ao funcionamento de uma associação acadêmica.

A associação possuía uma diretoria constituída por: diretor, vice-diretor, primeiro-secretário, segundo-secretário, tesoureiro e orador, eleitos anualmente. Muito em breve, a denominação dos dois primeiros cargos será a de presidente e vice-presidente. Havia também um diretor (depois presidente) honorário, que no caso da Associação do

²⁹. Não pude saber da existência de qualquer órgão sob tal sigla. No entanto, as iniciais F.A.E.P. contém exatamente as iniciais da Associação Ensaio Filosófico Paulistano, porém em outra ordem. Podemos supor um erro gráfico, o que era bastante comum. Se assim for, a referência é retirada dos próprios estatutos da associação.

Ensaio Filosófico Paulistano sempre foi Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, diretor da Academia no momento em que a associação foi fundada. Em algumas associações posteriores, também os presidentes honorários serão eleitos anualmente.

Além da diretoria, elegiam-se diversas comissões: de Redação, de Filosofia, de História, de Direito, de Literatura, Econômica, variando de ano para ano a quantidade e natureza das comissões. Em 1852, a associação contava com 60 associados, além de membros protetores, honorários e correspondentes, entre os quais se encontrava, segundo os próprios associados, "a maior parte de nossas ilustrações acadêmicas".³⁰ Beaurepaire-Rohan, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e ex-colaborador dos Ensaio Literários, contava entre elas.³¹

Em 1851, encontramos José Fernandes Moreira como diretor, Francisco Gomes dos Santos Lopes como vice, Manoel Francisco Correia como primeiro secretário e Francisco da Costa Carvalho e José Bonifácio integrando a comissão de redação; à exceção do diretor, todos ex-colaboradores dos Ensaio Literários.

Realizam ao menos duas sessões solenes ao ano: a de inauguração, no início das aulas, em março; a de encerramento, no fim do ano letivo, em outubro. Eram sessões

³⁰. "Relatório". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1853, n.2, p.24.

³¹. Para saber sobre os textos ali publicados por Beaurepaire-Rohan ver anexo "Notícias sobre os colaboradores dos Ensaio Literários".

muito concorridas, da qual participavam inclusive alguns professores e, por vezes, autoridades locais, sendo o presidente honorário, no caso o diretor da Academia, o responsável pela abertura da sessão. Realizavam também sessões extraordinárias em datas comemorativas nacionais e sessões fúnebres, por ocasião da morte de algum estudante.

Couto de Magalhães, em seu esboço sobre a história literária da Academia, chama a atenção para o culto da oratória nas associações acadêmicas e, tendo sido testemunha ocular das sessões solenes, assim as descreve:

Fazem-se do seguinte modo: forra-se de damasco vermelho, que é a cor das ciências, uma das salas do edifício da Academia: nesse dia os tradicionais bancos de pau, como os elfos dos Escandinavos nos dias de luar, abandonam os seus lugares, e são substituídos por finas mobílias; as mesas cobrem-se de formosos vasos, as paredes e teto de candelabros e lustres. O presidente da província, alguns lentes, o chefe de polícia, juizes, militares, todas as pessoas, enfim, que gozam de reputação e estima, são recebidas nesta sala ao som de música, e por uma comissão destinada para este fim. Nesse recinto o entusiasmo juvenil manifesta-se em belos discursos palpitantes de fé e esperança no futuro. Quantas vezes ouvindo-as não me lembrei dessas escolas de Atenas e Roma, em que educavam os Demóstenes e Décios?³²

Assim se refere às sessões fúnebres:

E uma cerimônia tocante de melancolia sublimada essa em que trezentos ou quatrocentos jovens, vestidos de negro, se unem para dizer o último adeus ao companheiro que abandonou a vida antes de ter chegado ao termo da viagem: a mocidade é um contraste de dor,

³². Couto de Magalhães. "Sobre um esboço da história literária da Academia". Revista da Academia, 1859, n.4, pp.265-166.

e esses quadros tornam-se tanto mais cheios de poesia profunda, quando os que nele figuram são moços pela maior parte imberbes. E a morte tem sido cruel para com a mocidade, ceifando ordinariamente aqueles a quem ela mais estima.³³

As sessões ordinárias do Ensaio Filosófico Paulistano eram realizadas semanalmente e dividiam-se, ao menos em 1851, em três partes. A primeira, denominada "Expediente", era dedicada a discussões de ordem burocrática, referentes à própria associação, isto é, ao ingresso de novos sócios, saída de outros, justificativas para o não comparecimento à sessão etc. A segunda, "Sessão Econômica", tratava de orçamentos, dívidas e cobranças: mensalidades, venda do periódico, relações com as gráficas etc. E, finalmente, a terceira parte, "Sessão Científica", era reservada aos debates científicos e literários.

Tanto o Ensaio Filosófico Paulistano como todas as outras associações acadêmicas regiam-se por estatutos estabelecidos pelos próprios sócios. No "Sumário das Atas" de 1851,³⁴ estão reproduzidos os artigos referentes à criação do periódico. Estabeleciam que:

Título Único
Da criação de um Jornal

Art. 1 - Todo o sócio poderá apresentar e ler em sessão, na segunda parte desta, e antes da discussão científica, qualquer artigo de composição sua, preferindo-se na leitura os de filosofia.

³³. Id. *ibid.*, p.226.

³⁴. "Sumário das atas". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1851, n.2, p.12.

Art. 2 - Estes artigos serão arquivados pelo 1.º secretário, e assinados pelos seus autores.

Art. 3 - A Associação, logo que puder, criará um jornal para a publicação desses artigos, de seus discursos e atas de suas sessões.

Art. 4 - Os artigos serão impressos, notando-se porém que em um mesmo jornal não serão publicados dois artigos do mesmo autor, enquanto houver matéria suficiente de outros, bem como que todo artigo, demasiado extenso, poderá ser impresso por partes.

Art. 5 - Para que qualquer artigo seja publicado deve:

1. Ser remetido ao exame da Comissão de Redação, cujas observações devem ser de muito peso para o autor, podendo este contudo prescindir de aceitá-las.
2. Não conter idéias, cuja publicação seja proibida pelas leis.
3. Levar por extenso o nome do autor, ou ao menos suas iniciais.

Art. 6 - Qualquer sócio pode obstar a que se imprima qualquer escrito seu, que esteja arquivado.

Art. 7 - A associação, sobre parecer da Comissão Econômica, assinará uma quota mensal para as despesas do jornal.

Art. 8 - Todo sócio é obrigado a assinar pelo menos um número em cada publicação, que se fizer do jornal, entendendo-se que nenhum número receberá gratuitamente.

Art. 9 - O tesoureiro ficará encarregado:

1. De receber as assinaturas dos sócios, e de todos aqueles que quiserem assinar o jornal.
2. De receber o imposto dessas assinaturas.
3. De entreter em nome da associação todas as suas relações com a tipografia, regularizando as publicações, e trazendo em dia os pagamentos.

Art. 10 - A Comissão de redação terá a seu cargo rever as provas da impressão.

Art. 11 - A Comissão de redação, bem como a associação, ficam isentas de responsabilidade pelas idéias emitidas nos artigos.

Art. 12 - Para se fazer publica a disposição do art. 11 será ele transcrito no frontispício do Jornal; bem como a disposição do Art. 5.1, em que se fundamente o art. 11.

Os Estatutos do Ensaio Filosófico Paulistano acabam por elucidar algumas distinções entre o Instituto Literário Acadêmico, dos Ensaio Literários, e essa associação. No artigo 3, por exemplo, afirmam que a criação do jornal tem por objetivo a publicação de matéria preferencialmente filosófica, além de discursos e de atas das sessões. O Instituto Literário Acadêmico, de acordo com as matérias publicadas nos Ensaio Literários, preocupava-se mais com a literatura, publicando um único artigo sobre filosofia, nenhuma ata de suas sessões e um número bastante restrito de discursos, se comparado com a quantidade destes presentes no periódico da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano.

Os membros da nova associação exigiam a identificação dos autores dos artigos (artigo 5) e não se responsabilizam pelas idéias por eles expressas (artigo 11). Nos Ensaio Literários, como veremos na segunda parte deste trabalho, os acadêmicos optavam pelo anonimato.

Naquilo que concerne à economia, no entanto, parece que todas as associações funcionavam do mesmo modo. Pode-se entrever nos artigos 7, 8 e 9 dos Estatutos do Ensaio Filosófico, e isso se confirma no conjunto das informações de diversas atas, que a sustentação financeira do periódico ficava a cargo única e exclusivamente dos associados. Era a

partir da assinatura obrigatória do periódico, o que correspondia a uma taxa mensal, que cada associado contribuía para a manutenção da publicação.

Esse autogerenciamento das finanças por parte dos acadêmicos resultava, possivelmente, numa seleção econômica dos associados, isto é, apenas aqueles acadêmicos que dispusessem de uma reserva de sua mesada para pagar a assinatura do periódico poderiam ingressar numa associação. Embora exista o pressuposto de que os acadêmicos não possuíam problemas econômicos, Couto de Magalhães³⁵ afirma que existia na Academia uma sociedade beneficente para ajudar os "estudantes desvalidos". Consideremos também que muitos, mesmo não sendo "desvalidos", tinham uma mesada bastante modesta, suficiente apenas para sua manutenção.³⁶

O que se chama aqui de seleção econômica dos associados provavelmente não chegava a excluir qualquer acadêmico empenhado em integrar uma associação, mas, com certeza, o custo das publicações impossibilitava alguns de integrar várias associações ao mesmo tempo, como era de praxe e

³⁵. Couto de Magalhães. *Op.cit.*, pp.269-270.

³⁶.O preço do exemplar avulso dos Ensaio Literários, por exemplo, era de 800 réis, ou 2\$000 por trimestre. Segundo Ferreira de Rezende, (Minhas recordações. São Paulo: Editora Itatiaia e EDUSP, 1988, p.262), um estudante, no início da década de 1850, recebia em média 40\$000 réis de mesada. Algumas mesadas chegavam a 80\$000 réis.

Porém, o próprio Ferreira de Rezende recebia somente 25\$000. Para se ter idéia de tais valores, basta lembrarmos os comentários do memorialista sobre o encarecimento do produtos após 1853, observando, assustado, que a libra do toucinho custara 800 réis (o preço do exemplar dos Ensaio Literários).

condição *sine qua non* para o reconhecimento literário e intelectual no interior da Academia.

Quanto à publicação de um periódico, sua criação significava legitimar a existência da associação. Era, por sinal, o único meio de se fazerem reconhecidos por outras associações. Dois anos após o aparecimento do primeiro número do periódico da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano, seus associados já mantinham contato, isto é, já trocavam as respectivas publicações com as seguintes associações: Auxiliadora da Indústria Nacional, Farmacêutica Brasileira, Literária Fluminense, do Ginásio Brasileiro e com a do Ateneu Paulistano. Neste mesmo ano de 1852 enviam a coleção de seu periódico para o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, travando contato com seu chefe de secretaria, Joaquim Manoel de Macedo. Recebem, em gratidão, a coleção da revista do Instituto, que acaba por extraviar-se. Posteriormente tentarão, sem sucesso, reatar o contato.

No que concerne aos debates científicos e literários, predominam nas sessões do Ensaio Filosófico os temas filosóficos, históricos e jurídicos, porém a literatura está sempre presente. Para se ter uma idéia daquilo que genericamente se discutia nas sessões, segue abaixo uma relação de alguns temas discutidos entre 1851 e 1853:

- Se a guerra é útil à civilização. (04/05/1851)
- Emancipação da mulher. (01/06/1851)
- A propriedade tal qual se acha hoje organizada é o resultado de um direito, ou abuso de força? (09/06/1851)

- O que pensar-se (sic) sobre a solidariedade de Fourier? (29/06/1851)
- A quem pertence de direito o território do Brasil? Ao indígena? Ao português? Ao brasileiro? - Isto é: ao povo autóctone ou ao emigrado em remotas eras? Ao povo conquistador? A fração dos dois povos que hoje o habita? (1851)
- A ordem dos jesuítas no Brasil merece as bênçãos da Nação pelos bens que fez, ou as censuras de ter feito mal? (03/08/1851)
- Pode-se conciliar intimamente a Filosofia com o Cristianismo? (10/08/1851)
- Qual o método verdadeiro para o alcance da ciência? (14/09/1851)
- Se o casamento encarado como contrato é ou não dissolúvel? (21/09/1851)
- Se o panteísmo em Filosofia oferece algum lado verdadeiro pelo qual deve ser abraçado pela razão? (28/09/1851)
- O suicídio pode em algum caso ser desculpado? (31/08/1851)
- Se a Filosofia mística é ou não verdadeira. (09/05/1852)
- Pode existir a ciência da História sem estes dois elementos - conhecimento dos fatos, e juízo sobre eles? Por outra - a Filosofia aplicada aos fatos é que constitue a ciência da História? (16 e 30/05/1852)
- O ceticismo universal é admissível? (6 e 13/06/1852)
- Existe na sociedade o direito de punir? Qual o seu fundamento? (20/06/1852)
- A literatura pátria tem um carácter nacional originário ou imitativo? (10 e 13/07/1853)
- Será possível que a sociedade empregue recompensas como um meio subsidiário das penas para impedir os crimes? (17 e 24/07/1853)

Dos dezessete pontos discutidos, apenas um refere-se diretamente à literatura: "A literatura pátria tem um carácter originário ou imitativo?". É curioso notar que as posições dos diversos debatedores desse tema (Rodrigues

Costa, Tomás Alves e Costa Pereira) não foram resumidas nas atas, como era de praxe, uma vez que, segundo o redator, estas já eram bem conhecidas de todos.³⁷ Isso pode significar que a matéria literária, ou ao menos aquilo que se referia a seu caráter nacional, era moeda tão corrente no meio acadêmico que uns dos outros sabiam das idéias que ali circulavam. De qualquer modo, constata-se a pouca presença de temas literários nas sessões da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano. No final da década de 1850 e início da de 1860, a situação vai se reverter, tomando a literatura e a estética o primeiro plano dos debates, em função, principalmente, da presença de Macedo Soares. Também Bernardo Guimarães e Fagundes Varela estarão colaborando com trabalhos literários. Mas, até então, predominavam os temas filosóficos e jurídico-sociais, fazendo jus ao nome da associação e ao fato de estar inserida no interior de uma academia de ciências sociais e jurídicas.

A estrutura e funcionamento da Associação Ensaio Filosófico Paulistano, como suas solenidades, seus estatutos e debates científicos e literários, vale, em regra geral, para todas as outras associações aqui abordadas ou mencionadas.

Recordando que esta associação teve origem em integrantes do Instituto Literário Acadêmico, é possível, e mesmo provável, considerar que a distinção entre uma e outra

³⁷. "Atas". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1853, n.4, pp.119-120.

está no aprimoramento da vida associativa que revelou ter alcançado o Ensaio Filosófico Paulistano, chegando mesmo a formalizar todo um código ritual para situações de caráter aristocrático, como revelam as descrições das solenidades comemorativas e fúnebres por eles realizadas. É importante frisar que as solenidades possuíam reconhecido valor social tanto dentro quanto fora da associação e da Academia, fazendo assim com que a relevância social de uma associação estudantil ultrapassasse os muros da Academia.

O aperfeiçoamento das relações associativas dos estudantes parece dever-se à maior proximidade tanto da associação quanto da publicação do Ensaio Filosófico Paulistano com o modelo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de sua revista. Se compararmos ambas instituições e publicações veremos que, à parte o critério qualitativo, o Ensaio Filosófico é em tudo semelhante ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, inclusive no formato de seu periódico, fazendo crer que não só a Episcopal Associação do Ensaio Filosófico do Rio de Janeiro serviu de modelo aos acadêmicos, ou que esta última já havia se constituído a partir do Instituto, o que parece bastante provável.

Existe, assim, uma certa distância entre a Associação Ensaio Filosófico Paulistano, com sua Revista Mensal, e o Instituto Literário Acadêmico, com seus Ensaio Literários. A sutil diferença entre as duas associações, e respectivas publicações, será melhor compreendida a seguir, ao ser

analisada a Associação do Ateneu Paulistano e seus Ensaio
Literários do Ateneu Paulistano, publicação que pretendia
reeditar os Ensaio Literários.

5. A discutível continuidade dos Ensaio Literários

Na passagem da década de 1840 para a seguinte, tem-se na Academia de São Paulo três periódicos cujos títulos se prestam a muitas confusões. São eles: os Ensaio Literários, objeto privilegiado deste trabalho; a Revista Literária - Jornal do Ensaio Filosófico Paulistano, publicado pela associação que acabamos de comentar; e os Ensaio Literários do Ateneu Paulistano, publicado pela Associação do Ateneu Paulistano.

Vimos que, em 1850, quando os Ensaio Literários já se encontravam em seu último ano de publicação, um grupo de seus colaboradores fundou a Associação Ensaio Filosófico Paulistano, que passou a editar a Revista Literária - Jornal do Ensaio Filosófico Paulistano, alterando o título para Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano em 1852.

Em 1852, um grupo desta nova associação resolve retomar a tradição dos Ensaio Literários e funda a Associação do Ateneu Paulistano. Retomam do Instituto Literário Acadêmico, que publicava os Ensaio Literários, apenas o título do periódico, acrescentado a este o nome da nova associação,

denominando seu periódico de Ensaio Literários do Ateneu Paulistano.

A cronologia correta dos periódicos destas três associações é a seguinte:

1847-1850 - Ensaio Literários

(Instituto Literário Acadêmico)

1851-1864? - Revista Literária - Jornal do Ensaio Filosófico Paulistano. Em 1852, muda seu título para Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano
(Associação do Ensaio Filosófico Paulistano)

1851-1866? - Ensaio Literários do Ateneu Paulistano
(Associação do Ateneu Paulistano)

A semelhança entre esses títulos não se deve à escassa fantasia dos acadêmicos, mas assinala, intencionalmente, uma espécie de "família" dentro do publicismo estudantil, que será referência para todas as outras associações e publicações vindouras, tendo o Instituto Literário Acadêmico e seus Ensaio Literários como ponto de partida.

Se a Associação do Ensaio Filosófico Paulistano surge sem sequer fazer referência aos Ensaio Literários, a Associação do Ateneu Paulistano, em contrapartida, procura retomar a tradição do periódico.

Os Ensaios Literários do Ateneu Paulistano³⁸ diziam-se verdadeiros "herdeiros" dos já póstumos Ensaios Literários. Assim é colocado na "Introdução" do seu primeiro exemplar:

Rompendo por entre os ataques do indiferentismo, transpondo os obstáculos criados pelo receio e incerteza de seguir a senda tão risonha de seu passado, eis renascidos os "Ensaios Literários". Animados de esperanças, cheios de vida prosseguirão eles em seu caminhar, se no mundo, onde são lançados no tropel dos acontecimentos, respirarem o mesmo ar benéfico, que lhes afagou a infância, dando-lhes forças para resistir aos golpes atirados pelos inimigos das letras.³⁹

A Associação do Ateneu Paulistano foi fundada em junho de 1852. Entretanto, devido a sentimentos patrióticos, seus fundadores adotaram o dia 7 de setembro como data de aniversário do Ateneu. Entre tais fundadores encontravam-se Francisco Gomes dos Santos Lopes, José Bonifácio de Andrada e Silva e Francisco da Costa Carvalho, todos ex-colaboradores dos Ensaios Literários e ex-membros do Ensaio Filosófico Paulistano. Além desses, Leonel de Alencar, também colaborador dos Ensaios Literários, deixou seu nome inscrito no periódico desta associação. Como presidente honorário, escolheram João da Silva Carrão, professor da Academia.

³⁸. Consultei, dos Ensaios Literários do Ateneu Paulistano, os 19 exemplares, que abrangem o período de 1852 a 1859, existentes no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, e alguns exemplares dispersos na Biblioteca Nacional.

³⁹. "Introdução". Ensaios Literários do Ateneu Paulistano, 1852, n.1, p.1 (grifo meu).

O nome com que batizaram a associação e seu periódico, "Ateneu", possivelmente foi inspirado na publicação alemã Athenaeum.⁴⁰ A nova associação possuía um perfil idêntico ao do Ensaio Filosófico Paulistano, mantendo-se atuante ao menos de 1852 a 1866, isto é, durante quinze anos, inteiramente contemporânea, então, da Associação Ensaio Filosófico.

Apesar de reivindicarem a tradição dos Ensaio Literários, em momento algum se tem a impressão de continuidade entre os dois periódicos. A matéria publicada nos Ensaio Literários do Ateneu Paulistano privilegia disciplinas jurídicas e sociais, com um pequeno espaço reservado para a literatura, situação exatamente contrária à dos Ensaio Literários. O Instituto Literário Acadêmico não é sequer citado.

Num relatório referente à sessão do primeiro aniversário do Ateneu Paulistano, fica evidente a intenção de grangear, através do título Ensaio Literários, o reconhecimento acadêmico da publicação homônima:

⁴⁰. O Athenaeum foi publicado de 1798 a 1801 e era o órgão mais importante dos escritores pré-românticos alemães, sediados em Iena, em torno dos irmãos Schlegel (Cf. BOESCH, Bruno. História da literatura alemã. São Paulo: Editora Herder/ Edusp, 1967, p.332).

Quatro anos depois, em Recife, aparecerá o periódico literário Ateneu Pernambucano (1856-1863), como nos lembra Wilson Martins em sua História da inteligência brasileira (São Paulo: Cultrix, 1977, v.3, p.27), mostrando que a publicação alemã inspirou não só os jovens literatos do sul ou, então, que a associação e publicação paulistanas já faziam escola no outro extremo do país.

O Ateneu Paulistano não aparece na arena literária só com a palavra; a pena também foi considerada. Em virtude de seus Estatutos apresentou um jornal com o modesto título de - Ensaio Literários. Era uma continuação do precioso jornal desse nome publicado por alguns distintos acadêmicos dos quais existem ainda alguns nesta Associação. Nada direi do mérito literário desse jornal pois é ele bem conhecido e acreditado entre os Acadêmicos e as pessoas ilustradas.⁴¹

Recuperam até a epígrafe de Pope que ia na capa dos Ensaio Literários. A estratégica retomada de uma publicação de renome não passa despercebida por um outro periódico que se publicava então no momento, O Acaia:

Teve a Associação (do Ateneu) o belo pensamento de continuar a publicação dos Ensaio Literários: - eles não têm de criar um nome na opinião, trazendo consigo adornado de gloriosas reminiscências.⁴²

O fato é que a Associação do Ateneu Paulistano parece ter surgido de um desentendimento em torno da reforma dos estatutos do Ensaio Filosófico Paulistano e, nesse contexto, a retomada do título Ensaio Literários possui sentido bastante peculiar.

Num relatório da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano, referente à sessão de 18 de junho de 1852,⁴³ afirma-se que uma reforma dos estatutos proposta dias antes

41. "Relatório da Associação - Ateneu Paulistano - apresentado na primeira sessão aniversária pelo 1.º secretário Ed. d'Andrade-Pinto". Ensaio Literários do Ateneu Paulistano, 1853, n.1,2 e 3, p.2.

42. "Crônica acadêmica". O Acaia, 1852, n.5, p.72.

43. Gerônimo José Teixeira Junior. "Relatório". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1853, n.2, p.24.

(nada se diz sobre sua natureza) provocou grande polêmica entre os associados, resultando no pedido de demissão de treze membros da associação, contrários à reforma.

Entre os que, naquelas circunstâncias, abandonaram a Associação do Ensaio Filosófico Paulistano, provavelmente constavam os nomes de Francisco Gomes dos Santos Lopes, José Bonifácio de Andrada e Silva e Francisco da Costa Carvalho, pois, dois meses mais tarde, em agosto do mesmo ano, sai o primeiro número dos Ensaio Literários do Ateneu Paulistano, tendo como presidente Francisco Gomes dos Santos Lopes, que anteriormente ocupava o cargo de vice-diretor de Ensaio Filosófico Paulistano. A associação contava, entre seus fundadores, os nomes de José Bonifácio de Andrada e Silva e Francisco da Costa Carvalho.⁴⁴

Considerando a trajetória dos três acadêmicos nas associações estudantis, a posição contrária à reforma dos estatutos da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano pode ser interpretada como uma tentativa de manter inalterados os estatutos que norteavam aquela associação em seu momento de fundação, estabelecidos, entre outros, por eles próprios.

⁴⁴. Lembremos que, sintomaticamente, no momento em que surgiram os Ensaio Literários do Ateneu Paulistano, em 1852, seus redatores mantinham longas polêmicas com os integrantes do Ensaio Filosófico. Santos Lopes fez ácidas críticas à série de artigos intitulados "Ensaio" de Tomás Alves, em torno das idéias de Victor Cousin (ver texto sobre Santos Lopes no anexo "Notícias sobre os colaboradores dos Ensaio Literários"). Antonio Ferreira Viana, pelo do Ateneu, e J. T. X. M. e Rodrigo A. da Silva, pelo Ensaio Filosófico, debateram os "destinos da alma humana" e "se Deus existe sujeito à condição do tempo".

Nesse sentido, podemos ler igualmente no primeiro número dos Ensaio Literários do Ateneu Paulistano o texto anônimo intitulado "Uma lembrança",⁴⁵ em memória de Alvares de Azevedo, desaparecido no início daquele ano. Lembrava-se ali o fato de ter sido ele um grande colaborador dos Ensaio Literários.⁴⁶ A evocação de Alvares de Azevedo, considerado apenas como um dos colaboradores dos Ensaio Literários e não como um dos idealizadores do Ensaio Filosófico Paulistano, pode ser interpretada, contextualmente, como um recurso por parte dos integrantes do Ateneu Paulistano para retomar, na memória de um sócio fundador do Ensaio Filosófico, a legitimidade dos antigos estatutos daquela associação, cuja alteração resultou no surgimento do Ateneu Paulistano. Desvinculavam, assim, o nome do Ensaio Filosófico de sua proposta inicial, trazendo para o Ateneu Paulistano a memória e a glória dos fundadores daquela associação, que possuíam em comum o fato de terem sido colaboradores dos Ensaio Literários. É como se afirmassem que o "verdadeiro" Ensaio Filosófico encontrava-se no Ateneu Paulistano.

45. "Uma lembrança". Ensaio Literários do Ateneu Paulistano, 1852, n.1, pp.20-21. O poema encontra-se reproduzido no texto sobre Alvares de Azevedo no anexo "Notícias sobre os colaboradores dos Ensaio Literários".

46. Lembremos que as obras de Alvares de Azevedo ainda não tinham sido impressas, o que só acontecerá a partir do ano seguinte, em 1853, sendo o autor de Macário tomado aqui como um entre tantos outros acadêmicos que tiveram morte prematura. Somente sua intensa participação nas associações estudantis fazia seu nome pairar entre as ilustrações acadêmicas, além do fato, é claro, de ter sido amigo daqueles que ora lamentavam sua ausência.

Os três ex-colaboradores dos Ensaio Literários, entretanto, logo deixaram a associação e, já no segundo aniversário de existência do Ateneu Paulistano, assim o então primeiro secretário João Batista Pereira referia-se a eles:

A sua existência (da associação) se acham ligados certos nomes, que resumindo sua história fazem o seu orgulho; caracteres tão brilhantes, que o recordá-los o coração se nos aperta de dor. A esse limitado número pertencem os Srs. Drs. José Bonifácio de Andrada e Silva, Francisco Gomes dos Santos Lopes, e Francisco da Costa Carvalho (...) ⁴⁷

No final da década de 1850, inicia-se a fase de maior dificuldade para a manutenção do periódico e da própria associação do Ateneu Paulistano. Em 1858, por exemplo, assim diz o relatório referente à sessão magna do sexto aniversário da associação, assinado por Emílio Valentim Barros:

E esta a primeira vez que o aniversário do Ateneu parece ter sido esquecido, pois que se não acha rodeado de suas costumadas flores e de suas vistosas galas, deixando assim passar, em silencioso e desapercibido, o dia que o viu nascer à sombra da árvore do Ipiranga, pelos louváveis esforços de alguns acadêmicos entusiastas da ciência e amantes de seu país. ⁴⁸

⁴⁷. João Batista Pereira. "Relatório". Ensaio Literários do Ateneu Paulistano, 1854, n.3, p.109.

⁴⁸. Emílio Valentim Barros. "Relatório". Ensaio Literários do Ateneu Paulistano, 1858, p.525.

Porém, naquele momento, a associação contava, entre seus colaboradores, com os nomes de Bittencourt Sampaio, Couto de Magalhães, Francisco Inácio Marcondes Homem de Mello, Tavares Bastos e Macedo Soares, que imprimem aos Ensaíes Literários do Ateneu Paulistano uma qualidade nunca vista anteriormente no que se refere a trabalhos históricos e literários. Depois desse produtivo período, a associação parece ter novamente entrado em crise, tendo se extinguido em meados da década de 1860,⁴⁹ momento em que também desaparecia a Associação do Ensaio Filosófico Paulistano.

Apesar de toda a disputa entre o Ateneu Paulistano e o Ensaio Filosófico Paulistano, as duas associações tiveram percurso e perfil praticamente idênticos, sendo que ambas se originaram do Instituto Literário Acadêmico. Sua particularidade maior, no entanto, é a de terem encontrado a "fórmula" de se perpetuarem no interior da Academia. Como foi observado, a grande maioria das matérias publicadas pela Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano e pelos Ensaíes Literários do Ateneu Paulistano era de natureza jurídica e social, o que permitia algo como uma ampliação ou

⁴⁹. Quanto aos últimos anos do Ateneu, vale observar a afirmação de Afonso de Freitas de que:

(...) os Ensaíes (do Ateneu Paulistano), de fato, deixaram de circular em 1863, mas a associação que o mantinha viveu ainda por mais alguns anos, como se depreende de referências à sua existência contemporânea, por nós encontradas em diversas edições do Diário de S. Paulo, correspondentes ao ano de 1866. (A imprensa de São Paulo, op.cit., p.808)

No entanto, o historiador cometeu um pequeno equívoco, pois a Biblioteca Nacional possui exemplares do periódico até 1864.

deslocamento das questões de sala de aula rumo às sessões da associação e às páginas dos periódicos. O associativismo acadêmico pôde funcionar, então, como apoio eficaz das atividades escolares, apresentando-se, possivelmente, como lugar ideal para a publicação de trabalhos de final de curso.

Por outro lado, as inúmeras atas, relatórios e discursos solenes, os regulamentos publicados exprimem, no caso de ambas as associações, a experiência concreta da vida agremiativa e do exercício legislativo. Também a partilha dos vários cargos e funções internos das associações constituíam, sem dúvida, adestramento adequado para a vida profissional futura.

Esses aspectos tornam compreensível a longevidade do Ensaio Filosófico e do Ateneu Paulistano no interior da Academia, tão ajustados à vida escolar, tão aptos a responder às suas especificidades. Serão esses, por sinal, os modelos para as várias associações que surgirão no início da década de 1860.

Ao contrário das outras associações orientadas por objetivos mais ou menos homogêneos por parte de seus integrantes, as duas associações passaram por várias fases, em função de sua longa duração e do revezamento de seus integrantes. Sendo assim, não é possível falar em uma única ação programática, mas sim de programas dominantes neste ou naquele período, sob tal ou qual diretoria.

Foram também algo como a coluna vertebral do associativismo acadêmico, responsáveis pela perpetuação do espírito de agremiação entre os estudantes, sustentando e consolidando sua tradição no interior da Academia.

7. O apogeu das associações acadêmicas em São Paulo

As associações surgidas na passagem para a década de 1860 trouxeram a público, entre outros,⁵⁰ os seguintes periódicos:

Ensaio da Sociedade Brasília (1859)

Exercícios Literários do Clube Científico (1859)

Murmúrios Juvenis, depois Trabalhos Literários da

Associação Amor à Ciência (1859)

Memórias da Associação Culto à Ciência (1859)

O Caleidoscópio (1860)

Revista da Associação Recreio Instrutivo (1861)

Revista Mensal do Instituto Científico (1862)

Anaes do Ensaio Acadêmico (1862)

⁵⁰. Além dos periódicos publicados por associações, surgiram vários outros a partir da iniciativa independente de alguns estudantes, como foram os casos da Revista da Academia (1859), editada por Couto de Magalhães e Joaquim Augusto de Camargo, ou do Forum Literário (1861), editado por Macedo Soares, Zoroastro Pamplona e Américo Lobo. Além desses, em 1860, aparecem o Lírio, A Legenda, a Revista Dramática e os Esboços Literários; em 1864, a Imprensa Acadêmica; em 1865, o Arquivo Literário.

Tanto os Murmúrios Juvenis quanto as Memórias da Associação Culto à Ciência foram publicados por associações fundadas por estudantes ainda não ingressados na Academia.

Os Murmúrios Juvenis foram uma publicação mensal que trazia a seguinte rubrica: "Jornal científico e literário publicado pela Associação Amor à Ciência, estabelecida no Colégio Brasileiro". Afonso de Freitas assim se refere a ela:

Orgão literário da associação "Amor à Ciência" quando esta ainda era composta de estudantes de preparatórios no "Colégio Brasileiro". No ano seguinte, 1860, com a entrada da maioria dos societários da "Amor à Ciência", os quais no curso superior ainda se mantiveram agremiados, para a Faculdade de Direito, desapareceu o Murmúrios Juvenis, substituído por outro periódico, também representante daquela associação, sob o título - Trabalhos Literários da Associação Amor à Ciência - mais em harmonia com as novas aspirações e o novo surto da associação nos dilatados horizontes acadêmicos.⁵¹

⁵¹. FREITAS, Afonso de. A imprensa de São Paulo. Op.cit., p.149. Estranho é que Afonso de Freitas, ao tratar dos Trabalhos Literários da Associação Amor à Ciência, se esqueça de fazer referência aos Murmúrios Juvenis, estabelecendo como primeiro número da coleção dos Trabalhos Literários o de 4 de junho de 1860, que leva em sua capa o número 4, por já terem sido publicados três números sob o título anterior. Ao que parece, Afonso de Freitas não teve acesso a qualquer exemplar dos Murmúrios Juvenis, obtendo a informação de sua existência através dos Trabalhos Literários. A continuidade do formato e disposição de matérias do periódico e a numeração dos exemplares, além da presença dos mesmos colaboradores, faz necessário tomar estes dois títulos como momentos distintos de uma única publicação. Afonso de Freitas ainda apresenta uma relação da primeira diretoria da Associação Amor à Ciência, de 1860, que, na verdade, é a segunda. A primeira aparece na contracapa do número um dos Murmúrios Juvenis, que aqui reproduzo:

Presidente Honorário: Dr. José Vieira Couto de Magalhães; Presidente Efetivo: Paulo Egydio de

Também a Associação Culto à Ciência surgiu fora da Academia. Fundada no Colégio Mamede de Freitas em 11 de agosto de 1857, datou o número 1 de seu periódico de 10 de maio de 1859, quando a maioria de seus associados já se encontrava no interior da Academia.⁵²

Observemos que já no início da década de 1850, o Colégio Brasileiro possuía uma associação estudantil, o que pôde ser constatado quando foi apresentada a relação de associações com as quais os membros do Ensaio Filosófico Paulistano se correspondiam. Recordemos ainda que a Episcopal Associação do Ensaio Filosófico do Rio de Janeiro, apesar dos poucos dados de que se dispõe a seu respeito,⁵³

Oliveira Carvalho; Vice-presidente: Antonio Benedicto Monteiro Vianna; Primeiro secretário: Manuel Gonçalves da Silva Rossi; Segundo secretário interino: Francisco da Paula Ferraz; Tesoureiro: Luiz Profírio da Rocha; Oradores: João Baptista de Assis Drummond, Antonio de Paula Ramos Júnior, Frederico José Cardoso A. Abranches; Comissão de redação: presidente: João Baptista de Assis Drummond; secretário, Alfredo José Vieira; Antonio de Paula Ramos Júnior; Henrique Antonio Alves de Carvalho, Antonio Benedicto Monteiro Vianna, Miguel de Godoy Moreira e Costa, Claro Monteiro do Amaral.

⁵². Cf. Freitas, *id. ibid.*

⁵³. A única informação que pude obter do Ensaio Filosófico do Rio de Janeiro foi em Raimundo Camara Bittencourt, que coligiu e prefaciou os Trabalhos oratórios e literários de Fr. Francisco de Monte Alverne. Assim diz Bittencourt:

Depois de ter vivido longo tempo em silêncio, nada menos que doze anos, (Monte Alverne) foi aclamado primeiro e mais genuíno representante da filosofia no Brasil, na associação *Ensaio Filosófico*, que se instituíra no Rio de Janeiro em 1847, sob a presidência do ilustrado Dr. Joaquim Pinto Brasil, conjuntamente com o falecido interessante cônego João Rodrigues de Araújo, irmão do atual venerando Bispo

funcionava no interior do Seminário Episcopal de São José, da Ordem Seráfica, onde Monte Alverne havia ministrado aulas.

A relação das associações acadêmicas com colégios paulistanos e com instituições religiosas de ensino apresentava-se como um fenômeno bastante revelador do caráter didático e formador inerente às associações.

Este caráter torna-se mais evidente quando constatamos o surgimento, em 1859, do Instituto Acadêmico. Na "Crônica da Academia de São Paulo", publicada nas Memórias da Associação Culto à Ciência, anuncia-se o aparecimento do Instituto, por iniciativa do professor Dr. José Tell Ferrão, afirmando tratar-se de uma associação dividida em:

(...) tantas seções quantos são os anos do curso (acadêmico), e estas, em subseções correspondentes ao número de cadeiras. Nela só se trata das matérias dadas nas aulas durante a semana, têm um caráter magisterial, é, por assim dizer, um reflexo da Academia.⁵⁴

No mesmo periódico, dois números adiante, aparece uma apreciação sobre o andamento do Instituto Acadêmico, onde F. C. de Abreu ressalta a grande aceitação, por parte dos estudantes, da nova associação:

do Rio de Janeiro, e por esta memorável ocasião recitou de improviso o magnífico discurso, que é o primeiro da coleção. (Rio de Janeiro, Eduardo e Henrique Laemmert, 1863, p.VIII).

⁵⁴. "Crônica da Academia de São Paulo". Memórias da Associação Culto à Ciência, 1859, n.1, p.8.

E nem podia deixar de ser assim, os auxílios que suas discussões prestam às sabinas, e ainda mais as bases sólidas em que fazem firmar os seus conhecimentos das matérias de aulas, necessariamente haviam de chamar a concorrência.⁵⁵

Assim, o que era uma iniciativa espontânea dos estudantes na década de 1840, transformou-se em composição curricular na de 1860. E não foi pela incorporação oficial das associações estudantis que os acadêmicos deixaram de fundar outras próprias, ao mesmo tempo que integravam o Instituto Acadêmico. A legitimidade institucional adquirida pelas associações estudantis na década de 1860 evidencia a importância que, pouco a pouco, estes pequenos órgãos passaram a obter no interior da Academia de São Paulo, tendo como resultado uma efetiva influência na formação intelectual e literária de seus integrantes.

Se a Sociedade Filomática e sua revista se colocam como a experiência inaugural do associativismo estudantil, o Instituto Literário Acadêmico e seus Ensaio Literários se mostram, por sua vez, como a origem para as duas mais importantes e perenes associações estudantis da Academia de São Paulo e como a primeira manifestação da epidemia associativista que assolou o meio acadêmico na década de 1860. E retomemos, oportunamente, o que diziam os filomáticos na introdução de sua revista:

⁵⁵. Id., 1859, n.3, p.40.

Não há pois erro que não contenha o germe de sua verdade; não há instituição que não tenha quando menos servido para satisfazer as necessidades de sua época. ⁵⁸

⁵⁸. "Introdução". Revista da Sociedade Filomática, 1833, n.1, p.5.

ENSAIOS LITTERARIOS.

JORNAL

DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ACADEMICOS

— 555 —

BOTANICA.

A Carnaúba.

A carnaúba pertence á bella e magestosa familia das palmeiras; é linda de ver-se, quando reverdece com as primeiras agoas do inverno:—seo tronco delgado, esbello, e direito sobe á altura de 50 palmos e mais no seo estado de perfeito crescimento:—sua ramagem é uma lindissima corôa de palmas alequeadas—de verde mar, que imitão o murmúrio do regato, quando a viração roça por ellas.—Esta palmeira multiplica-se com facilidade prodigiosa:—nos sertões de Pernambuco e Ceará ha varzeas immensas de carnaúbas extendidas por grande distancia de legoas, beirando as margens areentas dos corregos, e dos rios.—Tem uma força de vegetação robusta e poderosa, o que attesta alem de tudo a sua longa caducidade:—nestes tempos de longa e ardente sêcca, quando entra a calma por nossas planicies aridas, quando nem orvalho verte do ceo nas quentes noites do estio, a carnaúba abre suas palmas verdes e brilhantes entre a vegetação murcha e triste, como no seio das miserias d'alma sorri um pensamento de esperanza:—nestes tempos de desolação e indigencia, a carnaúba é a amiga, e a companheira do pobre morador dos campos:—é ella que da-lhe o sustento, porque estes homens rusticos soidos a viver á custa de seo braço e com o suor de seo rosto não sabem mendigar:—elles cortão as palmeiras pequenas que ainda rastejão pelo chão, e tirão-lhe o miolo verde, tenro, e composto de uma polpa amarellecinta:—este miolo é ralado como a mandiôca; da massa extrae-se uma gomma muito alva e agradável, preferivel á araruta:—da polpa que resta fazem farinha que apesar de grossa suppre maravilhosamente as necessidades urgentes d'a-

CAPITULO II

OS ENSAIOS LITERARIOS

(1847-1850)

1. Considerações bibliográficas

A coleção dos Ensaaios Literários aqui consultada pertence ao acervo da Biblioteca Nacional e compõe-se de treze exemplares, o primeiro com data de setembro de 1847 e o último, não datado, de publicação posterior a outubro de 1850. Essa coleção encontra-se incompleta; porém, como veremos, o que lhe falta não chega a comprometer, em absoluto, o caráter de seu conjunto.

1.1 Referências

Quanto às referências bibliográficas aos Ensaaios Literários, cabe notar que a parcimônia e imprecisão das mesmas fazem desse periódico uma publicação bastante desconhecida e, por muito tempo, de existência duvidosa.

Os equívocos em relação à publicação começariam alguns anos depois de sua extinção. Couto de Magalhães, por exemplo, no esboço sobre a história dos escritores acadêmicos, realizada em 1859,¹ inverte a ordem de aparecimento dos periódicos das associações do Instituto Literário Acadêmico e do Ensaio Filosófico Paulistano, afirmando que a Revista do Ensaio Filosófico Paulistano antecedeu os Ensaio Literários, enquanto o que ocorre é exatamente o contrário, como vimos anteriormente.

Também José de Alencar, em Como e porque sou romancista,² não se lembrou de citar o Instituto Literário Acadêmico, órgão estudantil responsável pela publicação do periódico, apenas se referindo à publicação dos Ensaio Literários. Além disso, equivocou-se quanto à periodicidade da publicação. O romancista lembra terem ele e alguns colegas da turma acadêmica de 1846 fundado uma "revista semanal sob o título de Ensaio Literários". No entanto, o periódico era apenas mensal e mesmo jamais conseguiu manter tal frequência.

Em 1898, Lafayette de Toledo, ao realizar o primeiro levantamento exaustivo da imprensa paulista, refere-se aos Ensaio Literários como sendo publicados em 1852, ao mesmo tempo que cita, em nota de rodapé, uma objeção do Dr. Antonio Piza. Ali faz menção aos Ensaio Literários do Ateneu

1. Couto de Magalhães. "Sobre um esboço...". Revista da Academia, 1859, n. 4, p.262-263.

2. ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Lauzinger, 1893, p.35.

Paulistano, perguntando-se se não seriam o mesmo periódico, ao mesmo tempo que afirma corretamente que:

(...) em 1847 havia uma revista em S.Paulo, intitulada Ensaio Literários, em que escrevera Bernardo Guimarães, e que, em 1850, ainda existia, conforme o testemunho de Sacramento Blake.³

De fato, Blake foi um dos poucos que consultou a coleção dos Ensaio Literários, pois faz referências corretas ao periódico quando cita trabalhos ali publicados por seus vários colaboradores. Em 1815, Afonso de Freitas⁴ reproduz trecho de um seu amigo, Dr.Alfredo de Toledo, no qual é citado novamente Sacramento Blake, além de dados sobre o periódico presentes no catálogo da Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo, sendo fixados corretamente os anos de início e fim da publicação. Porém, Afonso de Freitas observa que não pôde localizar qualquer um de seus exemplares naquela biblioteca.

Freitas Nobre, Paulo Duarte e João Gualberto de Oliveira,⁵ que possuem trabalhos específicos sobre a

3. TOLEDO, Lafayette de. Imprensa paulista: memória histórica da "Revista do Instituto Histórico de São Paulo", 1827-1896. São Paulo, Instituto Histórico de São Paulo, 1989.

4. FREITAS, Afonso de. A imprensa periódica de São Paulo.... São Paulo: Tip. do Diário Oficial, 1915, pp.91-92.

5. FREITAS NOBRE, José. História da imprensa em São Paulo. São Paulo: Edições Leia, 1950, p.68.

DUARTE, Paulo. História da imprensa em São Paulo. São Paulo: USP, Escola de Comunicação e Artes, 1972, p.12.

OLIVEIRA, João Gualberto de. Nascimento da imprensa paulista. São Paulo (sem ref. editorial), 1978, p.56 e 58.

imprensa paulista, apesar de fazerem referência ao periódico, não trazem qualquer informação além daquelas que já constam em Afonso de Freitas, em Sacramento Blake e em José de Alencar, depreendendo-se daí que também não puderam consultar diretamente a coleção dos Ensaio Literários. Nem mesmo José Aderaldo Castelo,⁶ que organizou três volumes de textos compilados em revistas literárias acadêmicas, pôde ter em mãos o periódico.

Aqueles que mais ampla e exaustivamente trataram da imprensa brasileira, como Hélio Vianna, Rizzini, Werneck Sodré, Wilson Martins, Juarez Bahia e, mais recentemente, Hallewell,⁷ geralmente se referem à grande vitalidade do

6. CASTELO, José Aderaldo. Textos que interessam à história do romantismo. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, v.1, 1960 e v.2, 1963 e v.3, 1964. Nesses três volumes, como já foi observado no capítulo anterior, encontram-se reproduções de diversos textos de revistas acadêmicas paulistanas de meados do século XIX.

7. VIANNA, Hélio. Contribuição à história da imprensa brasileira: 1812-1869. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945 (Coleção B1, v.4).

RIZZINI, Carlos. O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822. Rio de Janeiro: Kosmos, 1946.

WERNECK SODRE, Nelson. "A imprensa no império". A história da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, pp.208-286.

MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira. 2.ed. São Paulo: Cultrix, v.2, 1978.

----- História da inteligência brasileira. São Paulo: Edusp e Cultrix, v.3, 1977.

----- A crítica literária no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, v.1.

BAHIA, Juarez. Jornal, história e técnica. Rio de Janeiro: ministério da educação e Cultura, 1964.

HALLEWELL, Laurence. "O crescimento da atividade editorial em São Paulo". O livro no Brasil: sua história.

periodismo da Academia de São Paulo, citando de modo genérico algumas publicações da época, sem, contudo, nomeadamente lembrarem os Ensaio Literários.

O fato é que, apesar de possuir em suas páginas nomes consagrados de nossa literatura, os Ensaio Literários tiveram o mesmo destino da grande maioria das publicações científicas e literárias da Academia de São Paulo: o rápido esquecimento.

1.2 *Tipografias, tipógrafos e o atraso nas edições*

O periódico surge no cenário literário da época enfrentando grandes dificuldades e extingue-se em função do agravamento das mesmas. As dificuldades são diversas, predominando as de ordem prática, isto é, os altos custos que condicionavam a impressão de cada exemplar, a falta de disponibilidade de tipografias e de tipógrafos profissionais.

E bastante difícil precisar quantas máquinas tipográficas existiam em São Paulo em meados do século XIX. Isto acontece porque as máquinas tipográficas eram

São Paulo: Edusp, 1985, cap.XII, pp.223-233 (Col. Coroa Vermelha, Estudos Brasileiros n.6).

Vale lembrar que, em tais estudos panorâmicos, o que mais minuciosamente trata das publicações periódicas e literárias acadêmicas de São Paulo é A crítica literária no Brasil de Wilson Martins.

arrendadas, isto é, o proprietário de uma tipografia alugava sua máquina para outros tipógrafos. Assim, a partir do funcionamento de uma única máquina podíamos ter dois, três ou mais nomes de tipografias. Além disso, não raro o endereço da oficina tipográfica mudava, fazendo o pesquisador desavisado acreditar que, de fato, tratava-se de outra tipografia e de outra máquina tipográfica, visto apresentar nome e endereço diversos.

A Tipografia do Governo, onde os acadêmicos editavam os Ensaio Literários, é um bom exemplo desse uso "coletivo" de uma mesma aparelhagem tipográfica. De 1827 a 1835 essa tipografia pertencia ao Farol Paulistano, de propriedade de José da Costa Carvalho, depois Marquês de Montealegre. Em 1835, é comprada pelo governo para publicações oficiais. Em 1838, o governo autoriza o arrendamento da tipografia a contratantes. A partir daí, ao mesmo tempo que a máquina continuava imprimindo com a nome da Tipografia do Governo, também imprimia com o nome de Tipografia Imparcial, de José da Silva Sobral, mais tarde de Tipografia da Viúva Sobral, e posteriormente com o nome de Tipografia de Antonio Louzada Antunes.⁸ O fato é que nos anos de publicação dos Ensaio

⁸. Apenas para ter idéia da dificuldade em identificar a quantidade de máquinas tipográficas existentes em São Paulo nesse período, ofereço alguns dados da primeira metade do século retirados, em parte, de Afonso de Freitas (A imprensa

Literários a Tipografia do Governo possivelmente não tinha grande disponibilidade.

periódica de São Paulo. Op.cit.) e, em parte, oriundos de minhas próprias pesquisas:

- 1827 - Tipografia do Farol Paulistano
- 1832 - Tipografia Patriótica - Rua da Esperança n.9 e depois Rua dos Príncipe n.21
- 1831 - Tipografia de Costa Silveira (do Novo Farol Paulistano) - Rua São Gonçalo n.14 (depois Marechal Deodoro - segundo Afonso de Freitas)
- 1838 - Tipografia do Governo
Tipografia de Silva Sobral - Rua Nova de São José n.41
- 1841 - Tipografia Americana - Rua Nova de São José (hoje Libero Badaró - segundo Afonso de Freitas)
- 1842 - A Tipografia do Governo está arrendada a Costa Carvalho e instalada na Travessa do Quartel.
- 1844 - A Tipografia do Governo está arrendada a Silva Sobral, em Palácio - Rua do Imperador n.1 (depois Marechal Deodoro - segundo Afonso de Freitas)
- 1849 - Tipografia Liberal de Joaquim Roberto de Azevedo Marques - Rua das Flores n.9 e, depois, Largo da Sé n.3

Sem pretender desvendar este quebra-cabeça de nomes de tipografias, endereços e arrendamentos, fica evidente a dificuldade em precisar quantas máquinas existiam de fato nos anos que os Ensaíes Literários foram publicados. O certo é que O Arrebol era publicado na Tipografia Liberal, que publicava também o Ipiranga; os Ensaíes Literários, na Tipografia do Governo; e A Violeta, na Tipografia da Viúva Sobral (continuidade da Tipografia de Silva Sobral, que poderia ou não estar arrendando em tempo parcial a Tipografia do Governo). Lembremos que mesmo Hallewell, em seu O livro no Brasil (op.cit., p.224), que investiga o surgimento das casas editoriais em São Paulo, é obrigado a ser um tanto genérico em suas afirmações quanto às tipografias existentes e, ainda assim, parece que equivocou-se no que concerne aos anos de aparecimento da Tipografia Americana e da Tipografia da Lei. Assinala, para tanto, o final da década de 1860, quando em 1841 já surgia uma Tipografia denominada Americana e em 1857, uma denominada Tipografia da Lei, que publicava o jornal A Lei. Mas, como foi observado, esse é ainda um campo bastante obscuro para o pesquisador, podendo as tipografias por mim referidas não corresponderem às de mesmo nome assinaladas por Hallewell no final da década de 1860.

Desse modo, não é de espantar que os acadêmicos tivessem problemas com a impressão de seu periódico. Se conseguiam, bem ou mal, cobrir os custos da publicação, a falta de tempo disponível na tipografia tornava impossível a regularidade das edições da revista.

No primeiro exemplar da terceira série dos Ensaio
Literários, aparece uma "Advertência" que diz o seguinte:

Por causa de grandes ocupações na Tipografia, não têm saído regularmente os - Ensaio - , porém a lacuna existente esperamos em breve poder sanar.⁹

Entetanto, para infelicidade dos acadêmicos, a lacuna só fez aumentar.

É difícil supor que a referência à indisponibilidade da tipografia tenha sido apenas uma forma elegante de os acadêmicos desculparem-se pelos atrasos da publicação, pois, além da concorrência pelo uso das tipografias, a falta de tipógrafos profissionais acarretava de fato inevitáveis atrasos nas publicações. Lembremos que, naquele momento, nem mesmo a máquina de linotipo havia sido criada, sendo a composição gráfica realizada manualmente. Uma boa e rápida edição dependia integralmente da competência do tipógrafo. Daí a justificativa para o grande número de erros gráficos existentes nos Ensaio
Literários.

Era um problema sério, que pode ser constatado nas várias reclamações contra as gráficas presentes nos

⁹. Ensaio
Literários, 1848, 3a. série, n.1., p.24.

periódicos acadêmicos. Mais de dez anos depois, em 1859, encontramos Couto de Magalhães protestando contra a escassez de recursos da tipografia onde imprimia sua Revista Acadêmica, o que o obrigava a empregar tipos de tamanhos diferentes, resultando num "mosaico de péssimo gosto".¹⁰

Um exemplo dos malentendidos que erros gráficos podiam criar nos é oferecido em 1860, numa controvérsia entre O Caleidoscópio e O Cruzeiro do Sul. Ao notar uma gralha muito manifesta no exemplar de número três de O Caleidoscópio, o redator de O Cruzeiro do Sul teceu algumas considerações depreciativas sobre o periódico. Em resposta, assim escreveu o redator de O Caleidoscópio:

Pede-se, ao Revisor de jornais do n.3 do Cruzeiro do sul, que se dê ao trabalho de consultar a errata que vem no fim do n.3 do Caleidoscópio de 21 de abril. Se já tivesse lido, excusava dar-se ao incômodo sobre a palavra caprichos. Pois não vê S.S. que isto foi um admirável capricho do compositor, malgrado duas correções? O texto dizia capuchinos (...)¹¹

Se em 1860 as tipografias obrigavam as publicações a apresentarem uma considerável lista de erratas que, como se constata no caso acima, nem sempre tinham o efeito de corrigir os "caprichos" dos tipógrafos, pode-se imaginar as dificuldades enfrentadas mais de dez anos antes pelos redatores dos Ensaio Literários

10. Couto de Magalhães. Revista da Academia, 1859, n.4, p.319.

11. "Ao Cruzeiro do Sul". O Caleidoscópio, 1860, n.5, p.40.

A relevância do registro de tais contratempos está em revelar que a efemeridade dos Ensaios Literários, e da maioria das publicações acadêmicas, tinha origem tanto no limitado período em que os redatores dos periódicos permaneciam na Academia (cinco anos), como também, e talvez principalmente, nas dificuldades práticas de tais empreendimentos.

1.3 *Especulando sobre a coleção completa dos Ensaios Literários*

Como foi observado, a coleção dos Ensaios Literários aqui consultada encontra-se incompleta, fazendo-se necessário levantar hipóteses sobre quantos números do periódico teriam sido publicados além dos treze exemplares disponíveis na Biblioteca Nacional.

Da forma como foi concebida pelos acadêmicos, a publicação do periódico deveria ser mensal, sendo que a cada trimestre corresponderia uma série dos Ensaios Literários. Na contracapa de vários exemplares vinha a seguinte notificação:

Assina-se na rua da Constituição n.15. O preço da assinatura é de 2\$000 rs. pagos adiantados. Número avulso 800 rs.

Desse modo, a cada série do periódico correspondiam três exemplares, sendo sua identificação realizada do

seguinte modo: 1a. série, n.1; 1a. série, n.2; 1a. série, n.3; 2a. série, n.1; 2a. série, n.2... e assim por diante.

Os três primeiros números, datados de setembro, outubro e novembro de 1847, foram publicados corretamente, isto é, sem atrasos e com numeração, série e data. Compõem a primeira série da publicação.

A segunda série se inicia com o número de dezembro de 1847. Nesse, aparece uma "Advertência", que assim diz:

Por circunstâncias imprevistas não saíram os Ensaios com a regularidade devida: e agora nos obrigamos à publicação de dois n.os mensais até encher a lacuna que existe. E é por esta razão que este n.o escrito em Fevereiro (1848) aparece com a data de Dezembro (1847).¹²

Aqui, o atraso parece não ter ocorrido em função da falta de tipografias, mas sim das férias estudantis. De qualquer modo, pela declaração acima, é possível supor que esse número tenha saído no final de fevereiro ou início de março. Foram publicados os exemplares referentes aos meses de janeiro e fevereiro de 1848 desta série, não sendo possível determinar exatamente quando.

A terceira série, composta pelos exemplares referentes aos meses de março, abril e maio de 1848, já em seu primeiro número traz uma "Advertência" (reproduzida no item anterior), alegando a falta de disponibilidade da tipografia. Novamente afirmam que "não têm saído

¹². "Advertência". Ensaios Literários, 1847, 2a. série, n.1, p.23.

regularmente os - Ensaios - ", isto é, fazem notar que a série anterior, a segunda, também não havia saído com a regularidade prevista.

Nesse ritmo de atrasos, o último exemplar da terceira série, com data oficial de maio de 1848, saiu apenas em novembro/dezembro daquele mesmo ano, pois um texto de Francisco Otaviano, "Viagem ao Oriente", que se encontra no exemplar citado, está datado de "8 de outubro".

Após a terceira série, os exemplares existentes não apresentam mais ordem seriada, e a numeração e a indicação de mês ora aparecem, ora não, sendo possível identificar sua ordem cronológica apenas pelo ano de publicação (que vem no pé-de-página ao final de cada número, acompanhado de local e nome da tipografia) e pelos textos datados no interior dos exemplares. Também desaparece a denominação "Jornal de uma associação de Acadêmicos", substituída pela denominação "Jornal Acadêmico", fazendo supor que o Instituto Literário Acadêmico extinguiu-se junto com a publicação seriada dos Ensaios Literários. Porém, os redatores continuaram os mesmos.

O texto de abertura do primeiro número de 1849 afirma ser este um "segundo período da publicação", notando que os Ensaios Literários já completaram um ano de vida. Este exemplar ainda apresenta indicação de mês: maio. Entre esse exemplar, de maio de 1849, e o anterior (o último da terceira série), um ou mais exemplares foram publicados. É o que se depreende a partir de uma rubrica que acompanha o

poema "O dia", de Oliveira Araújo, publicado no número de maio. A rubrica assim diz: "Continuação do último número do 1.º período".¹³ No entanto, o início desse poema não se encontra no número três da terceira série.

Não há como saber com precisão quantos exemplares foram publicados entre o número três da terceira série e esse primeiro exemplar de 1849. É muitíssimo improvável que os acadêmicos tenham publicado ainda uma quarta série do periódico, pois isso possivelmente implicaria numa descontinuidade não só do poema de Oliveira Araújo mas também de outros textos que prometiam continuidade de um exemplar para outro, o que não acontece. O citado poema é o único texto que denuncia tal lacuna na coleção. Todos os demais textos que dependiam de continuidade não foram interrompidos, fazendo crer que apenas um único exemplar foi perdido. Além disso, é necessário considerar as dificuldades que os acadêmicos progressivamente vinham enfrentando em editar os Ensaio Literários, sendo difícil imaginar que tivessem conseguido publicar em tão curto tempo, de novembro/dezembro de 1848 (quando é lançado o número três da terceira série) a maio de 1849, mais três exemplares do periódico.

Mais razoável é considerar que o "1.º período" a que se refere Oliveira Araújo venha a ser o conjunto das três

¹³. Oliveira Araújo. "O dia". Ensaio Literários (maio de 1849), s.n., pp.19-22.

séries editadas do periódico, sendo provável que tenham editado um último exemplar como conclusão do "1.º período", no qual aparecia a primeira parte do poema "O dia".

Quanto ao exemplar de maio de 1849, parece ter sido o único a ter vindo a lume naquele ano. O exemplar seguinte traz como primeira matéria um discurso de Coelho Duarte sobre a solenidade de 11 de agosto de 1849, em comemoração ao aniversário dos cursos jurídicos.¹⁴ No entanto, sua data de impressão é de 1850. Parece que esses foram os dois únicos números elaborados em 1849, pois tanto a paginação quanto as matérias publicadas apresentam continuidade.

Em 1850, além da publicação atrasada do segundo exemplar de 1849, vêm a lume mais dois números. No primeiro, aparece a indicação "n.1" e, curiosamente, um evidente erro tipográfico: o nome do periódico vem em letras muito menores que o subtítulo "Jornal Acadêmico".

O texto de introdução do primeiro exemplar de 1850 diz:

E já é conhecido o nome do esforçado, mas fraco contendor, que vai novamente entrar na liça para pugnar pela causa das letras: herdeiro de seu irmão primogênito ele fará reviver suas idéias.¹⁵

Pelo trecho acima, constata-se que se consideravam "herdeiros" dos Ensaíes Literários, fazendo crer que o periódico já havia sido extinto, corroborando a idéia de que

14. Coelho Duarte. "Solenidade do dia 11 de agosto de 1849". Ensaíes Literários (1850), s.n., pp.25-29.

15. "Introdução". Ensaíes Literários (1850), n.1, pp.1-2.

passou o ano de 1849 quase em branco, com apenas aqueles dois exemplares referidos. No entanto, apesar de aparentar ser um novo grupo que retoma uma antiga publicação, os redatores ainda são os mesmos. A presença que se distingue, nesse momento, é a de Alvares de Azevedo, que até então não havia colaborado no periódico ou, ao menos, não tinha assinado qualquer matéria.

O segundo exemplar de 1850, e o último da coleção da Biblioteca Nacional, não leva na capa nenhuma numeração ou data, sendo que o poema "Uma virgem", de Leonel de Alencar, aparece datado de "8 de outubro de 1850", indicando que foi publicado apenas no final daquele ano. O exemplar, de 48 páginas, é mais volumoso que os anteriores, que possuem em média 25 páginas. Sua numeração dá continuidade ao exemplar anterior.

O fato de ter sido publicado com um número de páginas equivalente a de dois exemplares faz supor que realmente tenha sido o último exemplar dos Ensaio Literários. Os redatores, possivelmente, para cumprir o compromisso assumido com seus colaboradores e assinantes, resolvem esvaziar seus arquivos numa última edição.

Um outro aspecto delicado nos Ensaio Literários é o da autoria dos textos, visto que a maioria deles traz apenas as iniciais do autor ou mesmo em sem qualquer identificação. Os autores arrolados foram identificados ora a partir de reedições dos textos presentes nos Ensaio Literários, ora por referências de críticos literários, documentalistas e

historiadores, ora por consulta direta à lista de alunos da Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de São Paulo, confrontando as iniciais que aparecem no periódico com os nomes dos acadêmicos daqueles anos.

Não foi possível vislumbrar quem eram os autores que se identificavam sob algumas iniciais, quer por elas corresponderem a um grande número de nomes, como foram os casos das iniciais A., A.A., C., M., e X., quer por não corresponderem a nome algum, como os casos de R.F. e O.O.A.A. O pseudônimo "Indái", que assina o artigo "Estudos sobre os costumes nacionais - o pescador",¹⁸ fica à espera de um acaso bio-bibliográfico que venha esclarecer sua "etnia". Isso tudo se deveu ao fato de os idealizadores da publicação terem, ao menos no início, optado expressamente pelo anonimato.

Mas, para além dos problemas práticos que resultam da falta de identificação de autoria de grande parte dos textos, interessa tentar compreender a motivação que levou os acadêmicos a abrirem mão do justo contentamento de verem seus nomes impressos no periódico.

¹⁸. Indái. "Estudos sobre os costumes nacionais. O pescador". Ensaio Literários, 1847, 1a. série, n.2, pp.9-13.

1.4 Assinar ou não as matérias

Como foi comentado, a imprensa naqueles anos ainda se encontrava muito incipiente, assim como a legislação que a regulava. A obrigatoriedade de assinar matérias publicadas num jornal, revista ou panfleto era algo muito debatido no meio jurídico-acadêmico.¹⁷ No entanto, os redatores dos

17. Para ter a medida da preocupação dos acadêmicos com o aspecto da identificação autoral na imprensa, temos, alguns anos depois, em *O Acaia* (1852, n.4, pp.55-57), um artigo intitulado "A imprensa no Brasil", assinado por "K.", afirmando que aquela passou a prestar-se mais para difamar ou elogiar personalidades que informar e instruir a população. Dentro desse contexto, pergunta como moralizar a imprensa. Aborda duas propostas de censura para controlar a situação: a caução, que consistiria no depósito de uma certa soma em dinheiro nos cofres do Estado, caso o escritor se afastasse da "senda razoável" que deveria percorrer; ou a publicação obrigatória dos nomes dos escritores.

Vendo no anonimato o mal que possibilita os abusos cometidos na imprensa, ao mesmo tempo declarando-se contrário a qualquer forma de censura, não chega a decidir-se por nenhuma das duas opções sugeridas. É interessante notar que o próprio autor do artigo assina simplesmente "K.", revelando que, enquanto não se definisse a forma mais apropriada de censura, o melhor mesmo era identificar-se de forma velada.

A questão estava na ordem do dia de nossos acadêmicos (juristas e jornalistas), que não queriam abrir mão da livre expressão de idéias, ao mesmo tempo que se viam na obrigação de coibir aquilo que entendiam por abusos morais na publicação. Porém, apesar de essa discussão encontrar-se nas páginas de vários jornais científicos e literários da Academia, possuía por alvo principal os panfletos e periódicos políticos, que não mediam o verbo para agredir seus adversários. No que se refere ao publicismo científico e literário, a questão possuía um caráter mais ético ou jurídico que político, mesmo porque, nesse gênero de periódico acadêmico, os artigos políticos, quando existentes, geralmente não se pautavam pelo estilo panfletário. Além disso, sempre eram publicadas matérias anônimas ou assinadas com pseudônimos (e vai aí um bom número de poemas dedicados a outro tanto de musas), sem que isso, por sinal, garantisse o anonimato de quem quer que fosse, tão conhecidos eram uns dos outros.

Ensaaios Literários ignoraram o debate e, no texto introdutório da publicação, fazem a seguinte ressalva:

Uma última observação nos resta fazer, e é que não declaramos ao público os nossos nomes, não que nós temêssemos que a crítica pessoal e mesquinha, que só gera a alma do homem egoísta absorvida na contemplação de si, nos arrefecesse o ânimo e a crença: mas porque não enxergamos nisso a mínima utilidade. Por ventura nossos apelidos desconhecidos sem idéia alguma de merecimento imporia aos nossos escritos a pomposa autoridade dos grandes nomes? A fé de que nunca um tal pensamento nos perpassou pela mente. E a Pátria? A Pátria não exige o holocausto de nosso pejo, de nossa modéstia, um dos mais caros sentimentos do homem, ela exige as nossas luzes, e essas nós lhe votamos de alma e coração. E a Glória que reclama altamente um nome: e quando ela o reclama, vai buscá-lo, não é necessário impô-lo. Mas nós renegamos a glória, bem certo de que nunca virá ela favonear-nos no árduo desempenho de nossa tarefa.^{1B}

O texto dá-nos a medida da cautela com que os redatores estreavam nas lides literárias. Logo de início, evocam a figura do Zoilo e, apesar de o negarem, é razoável supor que se sentissem temerosos em se expor aos seus iguais. Também tão preocupados encontram-se em justificar o anonimato com a rejeição da glória, que esta glória estava longe de ser renegada, caso efetivamente tivesse vindo. Se o desprezo aos zoilos e a rejeição da glória transpira o seu pouco de retórica, o mesmo não se pode dizer da efetiva atitude de não assinarem as matérias, que, na prática, era um empecilho ao reconhecimento público.

^{1B}. "Introdução". Ensaaios Literários, 1847, 1a. série, pp.I-IV.

A opção pelo anonimato pode ser interpretada como indicativo de grande afinidade de idéias entre os fundadores do Instituto Literário Acadêmico que, com o tempo e a integração de novos sócios, teria se diluído, resultando na necessidade de identificação dos autores dos textos publicados. Realmente, o anonimato foi mantido nos nove primeiros exemplares que compõem as três séries completas do periódico, ao passo que, nos quatro exemplares posteriores, avulsos, a maioria dos autores identifica-se, quer com o nome completo, quer com o sobrenome.

Porém, uma outra hipótese seria considerar o anonimato como uma forma de se desobrigarem a responder pessoalmente pelo que publicavam, permitindo uma absoluta liberdade de expressão. Seria bastante razoável supor que recessassem assinar alguns artigos, principalmente aqueles referentes a idéias políticas e sociais, de cunho declaradamente liberal, uma vez que estavam destinados a ocupar cargos públicos e que qualquer deslize poderia ser comprometedor para suas carreiras futuras.

De um modo ou de outro, o fato de não assinarem as matérias resultava em colocar o próprio periódico em evidência, em detrimento de seus colaboradores. Isso só era possível pelo espírito gregário que norteava a atuação dos acadêmicos, crentes numa ampla congregação das letras, na qual estudantes e escritores de renome pudessem encontrar-se lado a lado em prol da constituição de um pensamento e uma literatura nacionais.

1.5 *O público visado e a circulação dos Ensaios Literários*

Mas qual era o público visado pelos primeiranistas de 1846 ao criarem o periódico e, de fato, quem lia os Ensaios Literários? Para responder tal questão, o texto introdutório da revista tem grande valia:

Ao estrearmos na árdua carreira do Jornalismo - nós os Redatores do Ensaios não nos podemos furtar ao imperioso dever de jurar a profissão de fé de nossos princípios. Não os proclamamos alto, nem os impomos como certos, revestidos do critério da evidência: não campeamos com as nossas idéias - e com os mesquinhos ensaios de nossas penas - e sim que os sujeitamos ao tribunal soberano da opinião pública, e para eles exigimos um juízo franco e ilustrado. Daqui, do humilde estádio onde vamos exercer nossas forças, daqui os enviamos às altas esferas das sumidades literárias, não porque se ufanem eles dessa honra - sim porque se enobreçam de uma escusa e de uma proteção.¹⁹

As "sumidades literárias", naquele momento, seriam Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre e outros que tinham livre trânsito na Corte, sendo possível perceber, na escolha desses interlocutores, a intenção dos membros do Instituto em fazer com que seus Ensaios Literários também ali circulassem. Em certa medida, chegaram a ser notícia no Rio de Janeiro, já que, como dá a entender

¹⁹. "Introdução". Ensaios Literários, 1847, 1a. série, n.1, p.1.

Alencar,²⁰ o surgimento do periódico foi saudado na Gazeta Oficial por Olímpio Machado e Francisco Otaviano. Este último, por sinal, acabaria algum tempo depois colaborando no periódico.

Se hoje, porém, é bastante difícil fixarmos a real medida da receptividade do periódico, podemos ao menos aventar alguns dos meios utilizados em sua difusão. Nesse sentido, tomam importância as relações constantes que entretinham as academias de São Paulo e Olinda, permitindo que, mesmo de modo informal, pudesse o periódico chegar até as províncias do nordeste brasileiro. A eficácia dessa "ponte" pode ser constatada a partir dos chamados "sócios correspondentes", assim denominados os sócios do Instituto que se encontravam fora de São Paulo. Foi o caso de José de Alencar, que em 1847 esteve em Pernambuco, cursando a Academia de Olinda. Dali enviou aos Ensaios Literários seu artigo "Botânica - A Carnaúba", publicado apenas em abril de 1848. E de supor que recebesse os exemplares do periódico e, em alguma medida, os divulgasse.

O trânsito de alunos entre as academias era frequente, bastando lembrar que também Fagundes Varela e Castro Alves foram alunos de uma e outra. Há ainda, especificamente em relação ao Instituto Literário Acadêmico, o caso de Cipriano Guedes Alcoforado, colaborador dos Ensaios Literários, e que frequentou os quatro primeiros anos acadêmicos em Olinda.

²⁰. ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. Op.cit., p.35.

A difusão via "sócios correspondentes" terá, no decorrer das publicações acadêmicas, uma significativa expansão, ao mesmo tempo que tais sócios passam a colaborar mais frequentemente, assinando colunas referentes às regiões onde se encontram. Basta lembrar que, quinze anos depois, em 1865, o Arquivo Literário, depois transformado em Arquivo Jurídico e Literário (1868), terá correspondentes em Santos, no Rio de Janeiro, em Pernambuco, em Minas, no Rio Grande do Sul, em Sergipe e no Espírito Santo.

Lembremos ainda que os integrantes do Instituto Literário Acadêmico eram filhos da pequena elite letrada brasileira, dispersa, algumas vezes, em várias localidades do país, propiciando uma espécie de divulgação "espontânea" do periódico. Apesar de a grande maioria dos integrantes do Instituto ser oriunda da Corte, como era o caso de José de Alencar, Antonio Lopes de Oliveira Araujo e José Machado Coelho de Castro, apenas para citar os sócios fundadores, outros provinham de localidades variadas, como era o caso de Bernardo Guimarães, que saíra de Ouro Preto; Joaquim Felício dos Santos, de Diamantina; João Cardoso de Menezes e Sousa, o barão de Paranapiacaba, e João Guilherme da Silva Whitaker, ambos de Santos; João Silveira de Sousa, de Desterro, hoje Florianópolis; Manoel Francisco Correa, de Paranaguá, Paraná; e Feliciano Coelho Duarte, de Piranga, Minas Gerais.

Considerando tais dados, é possível supor que os Ensaio Literários, sendo a primeira publicação científica e

literária da Academia a surgir após longo período de silêncio posterior à Revista da Sociedade Filomática, tenham suscitado alguns comentários nas rodas letradas do Império e nos meios acadêmicos, ao menos no momento de seu aparecimento.

No capítulo seguinte, ao ser comentada A Violeta (1848), revista contemporânea dos Ensaio Literários e dirigida ao público feminino, é suposto o virtual consumo dessas leitoras, o que ampliaria a aceitação do periódico.

Mas é óbvio que, por se tratar de uma publicação realizada por e para acadêmicos, sua divulgação, por mais ampla territorialmente que fosse, despertava o interesse de um público bastante restrito.

Importa assinalar aqui a distância entre aquilo que os acadêmicos idealizavam e o que efetivamente realizaram. Os Ensaio Literários, do modo como foram elaborados, eram uma publicação de consumo especializado. Longe de ser uma revista de entretenimento, visava ao seletto consumo de determinado estrato da sociedade letrada, a saber: os próprios acadêmicos e as referidas "altas sumidades literárias" do momento. Porém, em função do amadorismo da publicação e do anonimato de seus redatores, não tiveram a "escusa" e "proteção" dos grandes literatos, ficando seu público confinado aos próprios acadêmicos. Portanto, não causa espécie que seu exíguo sucesso editorial tenha se exaurido, caso efetivamente tenha existido, no momento mesmo de seu aparecimento.

2. As intenções dos idealizadores dos Ensaio Literários

2.1 *O povo de Lamennais*

Além dos acadêmicos e da elite letrada, o periódico se dirigia também ao povo, segundo afirmavam seus redatores no supracitado texto introdutório. Esse "povo", porém, era concebido de modo muito peculiar, bastando lembrar que a grande maioria da população brasileira em meados do século XIX era analfabeta e, provavelmente, pouco dada às luzes e, em especial, às publicações acadêmicas.

O "povo" de que falam os redatores não era, com certeza, o negro escravo, nem o índio, "selvagem" ou "civilizado", nem mesmo o trabalhador branco do campo ou da cidade; era, sim, pura virtualidade, aquele "povo" referido nos textos dos autores europeus lidos pelos acadêmicos.

O texto abre-se com a veemente afirmação de Chateaubriand:

Quelle misère, si cette vie d'un jour, n'était que la conscience du néant.

Nessa "Introdução", os acadêmicos centram sua argumentação no valor da publicação enquanto veículo civilizador. Tomam por maior inimigo do empreendimento o

ceticismo, identificado como resquício do pensamento do século XVIII. Por isso, assinalam a:

(...) necessidade de purificar a crença pela convicção profunda, e pela ilustração civilizadora ; e de purificar, na crença, o coração, o sentimento, e todas as afeições da alma. Nós compreendemos esta parte tão nobre da nossa missão, a de instruir o povo, pelo povo; assim nos votamos a um estudo especial dessas crenças; estudaremos os homens do povo no seu elemento, na sua esfera; havemos de conversá-los como a irmãos, e instruí-los como a amigos, franca e singelamente.²¹

Os redatores parecem entender por "civilização" a confluência de "ilustração" e "crença", sendo essa última a religiosidade cristã.

E lá à profundeza do século que vamos levar nossa alma entusiasta pelas sagradas reminiscências do passado e colher ao pé da cruz, regada pelo sangue do mártir, essa flor pura da Religião, para depositá-la, cingida da auréola de nossos sonhos e esperanças, no coração do povo. Ela aí se alentará com o suco de sua vida, porque o povo é essencialmente religioso - como a religião eminentemente popular.²²

Para realizar seu intento, os acadêmicos adotam *Le livre du peuple*, de Félicité de Lamennais, obra norteadora de suas ações:

Este livro cheio de uma compunção católica, respirando o entusiasmo de uma alma nobre, vibrando a palavra com essa concisão e simplicidade magestosa da frase bíblica, é o evangelho político dos povos. Nele saudamos com uma espécie de prazer e orgulho os nossos princípios políticos; nele bebemos as máximas

²¹. "Introdução". Ensaio Literários, 1847, 1a. série n.1, p.II.

²². Id., pp.I-II.

cordiais da comunhão católica. E assim será ele a nossa cartilha: com ele chegaremos talvez à realização da nossa missão filosófica. Com ele ensinaremos ao povo o que ele é, porque o povo soberano, admirável, e sublime nas suas concepções bizarras e no seu franco entusiasmo, se desconhece de grande, ignora a sua missão tão nobre neste mundo, e não a realiza à cabeça alta e o olhar soberano como que (sic) tem consciência de si, e se sente grande, e forte.²³

É a partir de Lamennais que os acadêmicos dialogam com o povo, isto é, com o "povo" de *Le livre du peuple*. Lembremos que, em nota de rodapé, afirmam só admitir os princípios políticos de Lamennais, isto é, quando instrui o povo em seus direitos e sua soberania, quando o ensina a "suportar a sua condição presente com toda a resignação evangélica, até chegar o momento de regeneração". No mais, afirmam que, apesar de considerarem as teorias de Lamennais belas e poéticas, pecam por ser pouco políticas.

Em artigo que se segue à "Introdução", intitulado "O Povo", reivindicando a participação mais ampla na escolha dos representantes políticos, o autor refere-se à "luz da redenção social" e afirma que:

(...) essa luz virá, uma fé toda cristã nã-la faz esperar: ela virá quando homens sinceros amigos do povo alcançarem o poder; quando eles levarem a civilização até a cabana do mais pobre campônio; quando obtiverem para o povo maior gozo como menor trabalho; quando facilitarem o meio de cada um poder dizer: - aquela reunião de homens que rege a pátria é minha escolha livre e espontânea: ela representa minha soberania, porque representa minha verdade. E para isso eleições diretas, e nada de fraudes e violências. Então sim haverá uma assembléia

23. Id., p.III.

representativa de toda nação, e não de meia dúzia de homens somente, que fizeram do poder um monopólio: então o povo será livre e soberano.²⁴

O tom e mesmo o estilo empregados no artigo lembram a prosa solene de Lamennais, ainda que o conteúdo pareça distanciar-se do pensador religioso francês. Segundo Bréhier, após ter publicado Les paroles d'un croyant, que lhe valeu uma severa condenação da Encíclica de 1834:

Lamennais via-se, assim, atirado para o lado do povo; todos os seus amigos eclesiásticos o abandonaram. Mas não se tornou democrata no sentido comum do termo; esperava pouco das leis e das constituições, e muito de "uma potente fé religiosa que nascerá, sem dúvida, mas de que apenas percebemos os germes".²⁵

Tudo indica que, apesar de se dizerem seguidores das doutrinas políticas de Lamennais, os acadêmicos empolgaram-se mais com seu verbo que com o sentido de suas idéias, pouco empenhadas na definição precisa e no funcionamento dos governos.²⁶ Esse fascínio pela eloquência de Lamennais é compreensível, se levarmos em consideração a afirmação de Ernest Renan, que, por sua própria perspectiva cientificista e, portanto, pouco simpática às doutrinas de Lamennais, faz

²⁴. C. "O povo". Ensaio Literários, 1847, 1.ª série, n.1, p.6.

²⁵. LAMENNAIS, Félicité Robert de. Le livre du peuple / Du passé et de l'avenir du peuple. Precedido de estudo sobre Lamennais de Ernest Renan. Paris: L. Lévy, s.d., p.27.

²⁶. Lembremos que em "Idéias íntimas" Alvares de Azevedo coloca o retrato de Lamennais entre os três que figuram na fictícia sala de estudo do poeta.

pertinentes e causticas observações sobre o autor de *Le livre du peuple*:

Un même système de haine éloquente appliqué aux objets les plus divers, voilà Lamennais (...) Le désir de voir partout des mystères d'iniquité, la conception d'un idéal satanique et pervers, qu'il imaginait tout express pour servir de prétexte à sa colère, lui inspiraient ces sombres images qui obsédaient et souvent égaraient sa raison. Son unité est dans sa rhétorique, elle tient à la forme et non au fond de ses idées; mais la forme chez lui est bien plus essentielle que le fond. Ce ne fut qu'un admirable poète, obéissant à une muse sévère et toujours irritée.²⁷

E mais adiante dirá:

(...) Lamennais est inexplicable, si l'on n'accorde que le même homme peut être à la fois un artiste supérieur, un philosophe médiocre et un politique insensé.²⁸

Apesar de nem todas as associações e publicações acadêmicas posteriores terem tomado Lamennais como mentor, os princípios de resignação do povo, a confiabilidade das instituições governamentais e a eloquência verbal fundamentam o pensamento político da maioria dessas micro-instituições, como Sergio Adorno, numa reflexão mais ampla sobre a formação de nossa elite política oitocentista também assinalou.²⁹

²⁷. RENAN, Ernest. Estudo introdutório sobre Lamennais. In: *Le livre du peuple*. Op.cit., p.5.

²⁸. Id., p.7.

²⁹. ADORNO, Sergio. *Os aprendizes do poder*. Op.cit.

2.2 *As imbricadas relações entre política e literatura*

Além de Lamennais, a "Introdução" é repleta de referências literárias. Após afirmarem que irão buscar "ao pé da cruz, regada pelo sangue do mártir, essa flor pura da Religião", os acadêmicos procuram caracterizar a religiosidade popular:

O povo tem gênio, e suas concepções são nobres, respirando esse toque de entusiasmo e exaltação que o faz soberano até nos seus instintos. Sua imaginação ardente reveste suas crenças religiosas de formas ideais, e místicas, de imagens fantásticas, e grandiosas, de expressões poéticas originais, e romanescas. Entre nós, essas crenças populares, que constituem o título mais solene de nacionalidade de um povo, se ressentem gravemente de um toque de fanatismo, e superstição.³⁰

É evidente a estetização das crenças populares que o texto acima promove. A adjetivação, a valorização do pitoresco e do nacional - aspectos tão caras à estética romântica -, a poesia e o romanesco inseridos no cotidiano, tudo isso vêm denotar a existência de um amálgama entre o pensamento político e o estético.

Ao inquirirem sobre a importância da crença, tomam como contra-exemplo a figura de Byron:

A crença é o alimento da alma: ela absorve toda a intensidade da vida. O homem cético, ralado de

³⁰. "Introdução". Ensaaios Literários, 1847, 1a. série, p.II.

tristeza, se tortura no espaço imenso que lhe vagou a ausência da fé: - e Byron, esse tipo da poesia frenética da nossa época, cheio de ironia e entusiasmo, de spleen, e esperança, agoniza entre a desolação e o desespero, porque ele sentia em si, em toda a intensidade a vitalidade do veneno; ele quis crer e duvidou; quis ter fé em alguma coisa, e descreu de tudo, desde as romanescas ilusões do poeta, até as altas e profundas realidades dos sábios; blasfemou de Deus, renegou o mundo e abjurou de si.³¹

Byron, aqui tomado como sinônimo do ceticismo, é a um tempo poeta e fenômeno social, modelo literário e inimigo moral da sociedade.

Também ao defender a necessidade da crença e considerar o progresso como elemento fundamental para a supressão do ceticismo, vislumbram, como alternativa, uma nova escola poética:

Outra escola de literatura se criou na reação contra esses princípios (os do espírito da dúvida): Lamartine, e Hugo, regenerando altamente a literatura byroniana, se lançaram na religião, e nas crenças misteriosas e poéticas da tradição, e exalaram seus cantos com mais doçura e placidez, mais suavemente ternos e melancólicos.³²

Nesse ponto, perguntam-se: "Qual dos dois elementos de literatura (Byron ou Lamartine/Hugo) se casará mais com a nossa nacionalidade?" Deixam em aberto a questão, porém, em vista do amálgama entre literatura e política, podemos ver na adoção do Livre du peuple uma tangente resposta à questão

³¹. Id., p.II (grifos do próprio texto).

³². Id., p.III.

formulada, isto é, a opção pela crença, por Lamartine e Hugo.

Se, na literatura propriamente dita, os acadêmicos estarão mais próximos do ceticismo byroniano, como veremos adiante, a velada opção pela crença aqui manifesta está inteiramente em consonância com o projeto civilizatório que intentavam empreender.

2.3 *Civilização e Academia*

Os redatores dos Ensaios Literários irão entrar em contato com as idéias de civilizar a nação a partir do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que naquele momento, segundo Salgado Guimarães, escrevia a história nacional. Em seu artigo "Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional",³³ Salgado Guimarães procurou revelar a existência da unidade de propósitos na escrita da história nacional no interior do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, visando criar uma imagem totalizante e integrada do país. Essa imagem, em realidade, fundamentava-se nas idéias de civilização que circulavam na Europa, as quais tinham na França seu centro irradiador.

³³. SALGADO GUIMARÃES, Manoel Luís. "Nação e civilização nos trópicos..." Estudos históricos, Rio de Janeiro, 1988, n.1, pp.5-27.

Segundo Salgado Guimarães, o Instituto, fundado em 1838, surgiu e atuou sob a influência do ideal iluminista supranacional da república das letras. Ao mesmo tempo, pretendia fundamentar historicamente um projeto nacional. Diante do antagonismo entre supranacional e nacional:

A leitura da história empreendida pelo IHGB está, assim, marcada por um duplo projeto: dar conta de uma gênese da nação brasileira, inserindo-a numa tradição de civilização e progresso, idéias tão caras ao iluminismo. A nação, cujo retrato o Instituto se propõe a traçar, deve, portanto, surgir como o desdobramento, nos trópicos, de uma civilização branca e européia. Tarefa sem dúvida a exigir esforços imensos, devido à realidade social brasileira, muito diversa daquela que se tem como modelo.³⁴

Para tanto, empenharam-se em

escrever a história brasileira enquanto palco de atuação de um Estado iluminado, esclarecido e civilizador (...)³⁵

Ao que tudo indica, nossos acadêmicos compartilharam tais concepções históricas e entenderam o Brasil a partir de tal prisma. Conscientes de sua condição de futura elite dirigente, imbuíram-se desde cedo do papel "iluminado, esclarecido e civilizador" do Estado, escrevendo para um "povo" branco e europeu.³⁶ Esse papel era reforçado pelas

³⁴. Id., p.8.

³⁵. Id., p.10.

³⁶. Em O fardo do homem branco, Southey, historiador do Brasil, de Maria Odila da Silva Dias (São Paulo: Nacional, 1974), temos um excelente trabalho que trata do que

leituras de cursos. Nas aulas de filosofia, o pensador mais lido no interior da Academia era Victor Cousin, como se pode constatar pelas citações de suas obras presentes nas várias publicações acadêmicas do período. Na segunda lição de seu Cours de l'histoire de la philosophie, Cousin assim relaciona história e civilização:

Le développement de l'espece humaine dans le espace et le temps, c'est l'histoire. Je dis le développement; car il n'y a point de l'histoire de ce qui ne se développe point. Et quelle est l'idée impliquée dans celle de développement? L'idée de progrès. Tout histoire implique donc un développement, une marche progressive. Qu'est-ce maintenant que le développement progressif de l'espece humaine dans l'histoire? La civilisation.³⁷

Para que o Brasil fizesse parte da História, seria necessário que progredisse e se desenvolvesse. Para tanto, seria necessário civilizar o "povo". Sergio Adorno, analisando esse ideal civilizador em periódicos políticos da Academia de São Paulo, avalia do seguinte modo seus resultados:

No período de 1846-70, o publicismo político acadêmico impôs-se porque se constituiu em instrumento de educação cívico-intelectual do bacharel. Os redatores decidiram inaugurar definitivamente a "cruzada civilizatória" e empreender, como verdadeiros almotacés da moralidade pública, o combate aos vícios e males que julgavam promover patologias quase incuráveis na autonomia do

poderíamos chamar de uma via inglesa para civilizar a nação brasileira, baseado num detalhado estudo que a autora realiza da História do Brasil de Robert Southey.

37. COUSIN, Victor. "Cours d'histoire de la philosophie". In: Oeuvres de... Bruxelas: Société Belge de Libraire, 1840-1841, v.1, p.12.

Estado Brasileiro. Estratégias políticas foram esboçadas no sentido de transformar bacharéis em cidadãos que sobrepujassem o amor à pátria acima do amor-próprio e dos interesses exclusivamente particulares, que nunca visualizassem a autoridade do Estado sob a forma repressiva e que, ao cumprirem seus deveres cívicos e obrigações jurídicas, reforçassem a soberania do Estado.³⁸

Essa crença incondicional no Estado pode ser melhor compreendida se nos lembrarmos mais uma vez de Victor Cousin, que, na primeira lição da obra mencionada, assim concebe o Estado:

L'Etat ne tient aucun compte de l'infinie variété des éléments humains qui étaient aux prises dans la confusion et le chaos de la société naturelle; il n'embrasse pas l'homme tout entier; il ne se considère que par son rapport à l'idée du juste et de l'injuste (...) De là, tous les devoirs et tous les droits légaux. Le seul droit légal est d'être respecté dans l'exercice paisible de la liberté; le seul devoir (j'entends dans l'ordre civil) est de respecter la liberté des autres. La justice n'est que cela; la justice, c'est la maintien de la liberté réciproque. L'Etat ne limite donc pas la liberté, comme on le dit, il la développe et l'assure.³⁹

É possível imaginar o quanto essa definição de um Estado justo e promotor de desenvolvimento podia fascinar os jovens acadêmicos juristas. Se ao analisar essa "cruzada civilizatória" Adorno chega a resultados pouco louváveis no que tange à constituição de nossa classe política, a versão literária dessa mesma cruzada resultou, como veremos

³⁸. ADORNO, Sergio. Os aprendizes do poder. Op.cit., p.181.

³⁹. COUSIN, Victor. Oeuvres de... Op.cit., pp.1-2.

adiante, numa produção de maior interesse e valor para a literatura brasileira.

Além disso, mesmo não revelando a mesma unicificidade de propósitos presente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o conjunto de publicações acadêmicas irá gerar, quanto à história, um considerável grupo de memorialistas, tais como Couto de Magalhães, Pires de Almeida, Ferreira de Rezende, Almeida Nogueira, Pessanha Póvoa e outros; boa parte dos quais Brito Broca⁴⁰ assinalou nos seus estudos sobre o Romantismo.

3. Os Ensaio Literários como veículo de "civilização"

Antes de abordarmos os textos literários do periódico, tomemos a matéria sobre jurisprudência, história, política, filosofia, imprensa, educação e associações estudantis. Vejamos como as idéias até aqui esboçadas se faziam presente.

⁴⁰. BROCA, Brito. Românticos, pré-românticos e ultra-românticos. Prefácio de Alexandre Eulálio. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1979, pp.88-95 (Estética 1).

3.1 *Jurisprudência*

Apenas quatro textos tratam diretamente questões jurídicas. O ensaio "Direito Público Constitucional",⁴¹ de R. F., reclama a liberdade de voto nas eleições e questiona a efetiva representatividade dos governantes eleitos indiretamente, propondo eleições diretas. Não defende o sufrágio universal, considerando ser necessário primeiro educar o povo e só depois dar-lhe o direito de voto. Apesar das críticas ao Estado, o autor deixa evidente sua crença nas instituições políticas, considerando a necessidade de algumas reformas para o cumprimento da missão do Estado em beneficiar a nação.

Já os textos "Sistema de equilíbrio e intervenção"⁴² e "Intervenção por officios de humanidade",⁴³ provavelmente do mesmo autor anônimo, discutem o direito das nações mais fortes de intervir nas mais fracas, ambos artigos se expressando de modo contrário a qualquer medida dessa natureza que não seja expressamente requisitada por uma nação à outra. A questão em pauta é a garantia da soberania nacional, tão cara aos olhos da jovem nação brasileira, que,

41. R.F. "Direito público contitucional". Ensaio Literários, 1847, 2a. série, n.1, pp.1-4; 1848, 2a. série, n.2, pp.5-10.

42. "Sistema de equilíbrio e intervenção". Ensaio Literários, 1847, 1a. série, n.1, pp.8-11.

43. "Intervenção por officios de humanidade". Ensaio Literários, 1847, 1a. série, n.2, pp.1-3.

alguns anos depois, em 1865, irá declarar guerra ao Paraguai "a pedido" da Inglaterra.

Um outro longo estudo jurídico, intitulado "Servidão da pena",⁴⁴ anônimo, discute a legislação sobre heranças dentro da área criminal e defende o direito do Estado em requisitar os bens de um criminoso que tenha cometido determinados delitos considerados graves. A questão contrapõe direito público e privado, privilegiando o primeiro. Nesse texto, que é o mais "técnico" quanto à argumentação, não há qualquer profissão de fé para com as instituições, mas resulta na defesa do direito do Estado contra o do cidadão.

A constante nos textos de jurisprudência é a questão do Estado, quer seja a reformulação do sistema representativo na busca de sua maior legitimidade, quer seja a manutenção da soberania nacional, quer ainda a garantia de direito de confisco, pelo Estado, de bens privados.

3.2 *História*

Como vimos na primeira parte do presente trabalho, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro não só foi um dos referenciais para as associações e publicações acadêmicas, como ainda teve dois de seus sócios atuando no publicismo estudantil: Machado de Oliveira e Beaurepaire-

⁴⁴. "Servidão da pena". Ensaio Literários, 1848, 2a. série, n.3, pp.9-18; 1848, 3a. série, n.1, pp.1-11.

Rohan. Ambos estrearam na imprensa acadêmica, nas páginas dos Ensaio Literários.

O primeiro, com seu artigo "Algumas considerações sobre o descobrimento do Brasil", defendendo a tese de ter sido o espanhol Pinzon e não o português Cabral quem primeiro chegou às terras brasileiras, coloca nas páginas acadêmicas um debate que percorrerá o século e que, **grosso modo**, poderia ser lido como uma forma de construirmos nossa gênese recusando a Portugal a glória de nossa pedra fundamental.⁴⁵

O segundo, dissertando sobre a cultura e a história dos índios guaicurus, "Os guaicurus - Notícia histórica de uma viagem inédita à Província de Mato Grosso, nos anos de 1844-1846", parece querer concretizar a primeira das três abordagens que Carl F. P. von Martius propõe no texto "Como se deve escrever a história do Brasil", publicado em 1845 na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.⁴⁶

⁴⁵. Lembremos que a hipótese defendida por Machado de Oliveira sobre o descobrimento do Brasil será retomada em 1883 por Capistrano de Abreu, porém, já no interior de uma outra historiografia. O texto de Machado de Oliveira é, provavelmente, a base de outro que publicará em 1855 na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1896, tomo 18, pp.292-302), intitulado "Memória sobre o descobrimento do Brasil", em que desenvolve as mesmas idéias. Por sinal, na mesma revista entra em debate com Duarte da Ponte Ribeiro sobre os critérios históricos utilizados na demarcação de nossas fronteiras (debate do qual o próprio Gonçalves Dias participará), denotando o valor político que possuía a história produzida pelo Instituto enquanto legitimadora de determinadas ações governamentais, como Salgado Guimarães nos fez notar.

⁴⁶. MARTIUS, Carl F.P. von. "Como se deve escrever a história do Brasil". Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1845, n.24 (cf. Martius, C.F.P.von. O estado de direito entre os autóctones do Brasil. Belo

Também Joaquim Ribas, em sua "História dos Paulistas", pretende estabelecer uma genealogia do povo paulistano, denotando a busca de uma identidade racial para os paulistas. Tal empreendimento pode ser interpretado tanto em seu aspecto regionalista, que redundaria mais tarde em formulações como a de Paulo Prado, como em seu aspecto nacionalista, buscando identificar uma "raça" peculiar da miscigenação nos trópicos.

Já Alencar, com "Traços biográficos sobre a vida de D. Antonio Filipe Camarão", vem revelar a preocupação em se elaborar um passado heróico para a incipiente nação, assim como o texto "Uma tradição de Januário Garcia",⁴⁷ assinado por "M.", busca romancear um hipotético herói popular de Minas Gerais.

As diferentes abordagens históricas confluem para a historiografia que imperava no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, mimetizando inclusive oposições ali presentes.

Os textos de Beaurepaire-Rohan e Joaquim Ribas se inserem entre os temas mais recorrentes da revista do Instituto, que, segundo Salgado Guimarães,⁴⁸ eram "a problemática indígena, as viagens de explorações científicas e o debate da história regional". Também Machado de

Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982 (Coleção Reconquista do Brasil, nova série, v.58).

⁴⁷. M. "Uma tradição de Januário Garcia". Ensaio Literários (out. 1850), s.d., s.n., pp.47-48.

⁴⁸. SALGADO GUIMARÃES, Manoel Luis. "Nação e civilização nos trópicos...". Op.cit., p.20.

Oliveira, como não poderia deixar de ser, é consonante com as diretrizes do Instituto, que se caracterizava, em relação a Portugal, pela recusa de fidelidade à casa reinante de Bragança.⁴⁹

Na oposição encontram-se Alencar, com o texto sobre o indígena Camarão, e o texto de "M." sobre Januário Garcia, pois procuram um passado heróico em tipos "bárbaros". Alencar, especialmente, situa-se no interior da oposição existente no Instituto, já que, alguns anos depois, irá colocar-se frontalmente contra a concepção da figura do índio vigente naquela instituição. Assim diz Salgado Guimarães:

Será, portanto, em torno da temática indígena que, no interior do IHGB, e também fora dele, travar-se-á um acirrado debate em que a literatura, de um lado, e a história, de outro, argumentarão sobre a viabilidade da nacionalidade brasileira estar representada pelo indígena.⁵⁰

Desse modo, podemos ver nos artigos históricos dos Ensaio Literários uma ramificação das concepções vigentes no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o que vem corroborar a idéia de que o Instituto Literário Acadêmico realmente funcionava, ao menos quanto às diretrizes historiográficas, em consonância com aquela instituição.

Porém, além dos artigos comentados, também o "Das afeições de povo a povo", de autoria de Manoel Francisco

⁴⁹. Id., p.10.

⁵⁰. Id., p.11.

Correia, pode ser integrado entre os históricos. O autor pretende estabelecer uma linha evolutiva, da Antiguidade até o século XIX, enfocando a compreensão e tolerância entre os povos. Bastante obscuro, histórica e sintaticamente, chega à conclusão de que no século XIX as afeições entre os povos atingiu seu ápice.⁵¹

Dois dos quatro artigos sobre jurisprudência, como vimos anteriormente, abordam o tema da autonomia do Estado. Porém, se lá a questão era tratada de modo bastante objetivo, condenando os abusos das nações mais fortes contra as mais fracas, no artigo de Manoel Francisco Correia existe uma forte crença na congregação universal entre as nações. Isso vem revelar que a questão da autonomia nacional se pautava não só pela vontade de nos diferenciarmos, mas também, e talvez sobretudo, pela vontade de nos integrarmos harmoniosamente na sinfonia das nações.

⁵¹. Também o texto que irá publicar na Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano (1852, 2a.série, n.5, p.72), intitulado "Os heróis", irá retomar a questão:

Para nós - o herói é aquele que se empenha em resolver o reputado insolúvel problema de confraternizar os povos e os indivíduos (...)

3.3 Política

Quanto à política, aparecem apenas três artigos: "O povo",⁵² de C.; "Minhas reflexões - II. O abuso dos governos",⁵³ também de C.; e "Ciência", de Joaquim Felício dos Santos.

O artigo "O povo", já citado no início o capítulo, apresenta uma eloquência vizinha à de Lamennais e reivindica eleições diretas nos mesmos termos que o supracitado "Direito Público Constitucional".

Em "Minhas reflexões - II. O abuso dos governos", apesar do título provocativo, o anônimo C. disserta de modo bastante genérico sobre tais abusos, fazendo incursões por toda a história universal, procurando demonstrar a supremacia dos sistemas políticos oriundos do interior da cultura cristã em relação a outras culturas.

F. dos Santos, ou melhor, Joaquim Felício dos Santos, trata de uma questão política realmente delicada ao defender a extinção de cargos vitalícios para senadores.

Mesmo considerando as críticas, em linhas gerais os três artigos concebem o povo como eminentemente pacífico e bom e fazem profissão de fé numa sociedade justa e cristã. A legitimidade do poder do Estado em momento algum é questionada, sendo suas falhas delegadas ora a um modelo

⁵². C. "O povo". Ensaios Literários, op.cit.

⁵³. C. "Minhas reflexões. O abuso dos governos". Ensaios Literários, 1847, 2a.série, n.1, pp.6-9.

inadequado de representação, ora à má fé de alguns governantes.

Vale ressaltar o texto "Ciência" de Joaquim Felício dos Santos, tanto pela seriedade que demonstra em suas críticas, como por preludiar a atuação que o futuro cronista do distrito diamantino terá na Assembléia Geral de 1864, na qual irá propor, de fato, a extinção da vitaliciedade do cargo dos senadores.

3.4 *Religião*

Os artigos "A religião e a humanidade", de Andrada e Silva, e "Tolerância", de Almeida Pereira, parecem se inspirar no estilo retórico de Lamennais e nas idéias de Cousin.⁵⁴ Consideram o cristianismo como a única religião que se harmoniza com a razão, não se caracterizando pelo fanatismo e propiciando o progresso.

O texto de Andrada e Silva aborda a relação entre a religião e a razão no decorrer da história da humanidade, num tom profundamente lírico e repleto de metáforas. É o que

⁵⁴. Na quinta lição do Cours de l'histoire de la philosophie assim se refere Cousin à relação entre a fé religiosa e razão:

La foi, quelle que soit sa forme, quel que soit son objet, vulgaire ou sublime, la foi ne peut pas être chose quelle consentement de la raison à ce que la raison comprend comme vrai, c'est là le fond de toute foi (COUSIN. Victor. Oeuvres de... op.cit., v.1, p.38)

naquele momento denominava-se de "fantasia". Em meio ao que parece nada mais que simples verborragia romântica, está presente a defesa do cristianismo como única religião que traz consigo a razão. Está em jogo a convivência pacífica entre religião e ciência.

O mesmo tema aparece no texto "Tolerância", de Almeida Pereira. O texto ataca o racionalismo intolerante presente no ideário da Revolução Francesa e professa a importância do cristianismo. Apesar de opor razão e cristianismo, não deixa de considerar que é através da razão que se conhece a divindade.

A liberdade de culto é outro aspecto presente nos artigos sobre religião. "Reflexões de um judeu",⁵⁵ de X., e "Minhas reflexões - O cristianismo",⁵⁶ de C., defendem o direito individual de liberdade de culto, questionando a existência de uma religião de Estado.

O ceticismo é tematizado em "Meus pensamentos", de Almeida Pereira. O texto traça o percurso de homem na terra, onde tudo é provação e sofrimento, sendo a salvação divina a única esperança:

A fé santa e profunda lhe embala agora seus sonhos, e ele descrê do mundo sempre egoísta e satânico como o

⁵⁵. X. "Reflexões de um judeu". Ensaíes Literários, 1848, 2a. série, n.3, pp.1-6.

⁵⁶. C. "Minhas reflexões. O cristianismo". Ensaíes Literários, 1847, 1a. série, n.3, pp.1-3; 1847, 1a. série, n.2, pp.4-9.

riso do demônio; e Deus, e só Deus, é agora seu único pensamento nesta vida de provações.⁵⁷

Mas o texto sobre religião mais piamente cristão denomina-se "Pobreza" de Ferreira Vale. É um texto de forte caráter moralizador. Inicia dirigindo-se com desprezo aos ricos por não conhecerem a pobreza. Passa a pintar a situação de um pai miserável que se vê obrigado a esmolar por seus filhos. Fala do trabalhador pobre e do futuro de seus descendentes, questionando a indiferença dos governantes e dos sábios.

Interessante é a descrição do percurso e do fim destinado aos filhos dos pobres. Com a morte do pai, a família miserável se dissolve. Dos filhos, uns tornar-se-ão ladrões, outros, soldados, muitas vezes inválidos de guerra (tema de seu segundo texto, o conto moral "Justiça e Amor"). A filha, pura e sonhadora, é enganada, violada e abandonada por algum aventureiro, acabando seus dias no remorso e na dor. Lembra mais um romance de um Camilo Castelo Branco que uma análise social.

Finaliza o texto convocando os ricos a repartirem sua riqueza com os pobres, dando-lhes esmolas.

Toda essa especulação sobre a crença era muito cara a uma nação que acabara de surgir e tinha apenas na projeção do futuro a realização de seus propósitos. A concordância entre preceitos cristãos, exercício da razão e progresso é

⁵⁷. Id., p.9.

tomada em perfeita harmonia. De acordo com os textos supracitados, a crença no cristianismo é a crença na razão e no progresso. Ao mesmo tempo, expressa-se a necessidade da liberdade de culto, o que, antes de criar um paradoxo, releva mais uma vez a supremacia da sociedade cristã em ser tolerante com as diferenças. O cristianismo é tomado como o conjunto de preceitos morais que irão nortear a nova nação e terá, especialmente via Lamartine, uma significativa expressão literária, que poderemos constatar mais adiante.

3.5 *Filosofia*

No único artigo sobre filosofia, intitulado "Ecletismo moderno", Santos Lopes faz um apanhado geral do pensamento de Victor Cousin (1792-1867). Elege as idéias do ministro da educação pública francesa como aquelas que deveriam nortear a filosofia dali em diante. Mais do que a argumentação filosófica do texto, na verdade uma resenha escolar das idéias de Cousin, interessa a presença do afamado professor de filosofia nos Ensaíes Literários.

Emile Bréhier assim comenta a influência de Cousin durante o século XIX:

(...) é o fundador desse ecletismo espiritualista que, após breve eclipse de influência durante a Restauração, iria tornar-se, durante todo o governo de julho, a doutrina oficial da Universidade, que, então, detinha o monopólio do ensino. Professor de filosofia da Escola Normal, desde 1814; a seguir, sob Luis Filipe, par de França, conselheiro de Estado,

diretor da Escola Normal, reitor da Universidade e, finalmente, Ministro da Instrução, teve ele todas as oportunidades de impor sua doutrina.⁵⁸

Tal imposição também se fez, e talvez com maior intensidade, sobre as colônias do império intelectual francês. Os periódicos da Academia de São Paulo aqui relacionados possuem vários artigos sobre o "ecletismo moderno", além de o nome de Cousin aparecer citado em praticamente todos os textos que tratam de filosofia.

Na 13a. lição de Cours de l'histoire de la philosophie, Cousin assim define sua "filosofia eclética":

*Qu'est-ce, en effet, que la philosophie que j'enseigne, sinon le respect pour tous les éléments de l'humanité et des choses? Notre philosophie, messieurs, n'est point une philosophie mélancolique et fanatique qui, préoccupée de quelques idées exclusives, entreprend de tout réformer sur elles: c'est une philosophie essentiellement optimiste, dont le seul but est de tout comprendre, et qui, par conséquent, accepte tout et concilie tout.*⁵⁹

E mais adiante afirma:

*L'éclectisme est la philosophie nécessaire du siècle (...) je sais bien que je parle aujourd'hui, en 1828, et non pas en 1850.*⁶⁰

⁵⁸. BREHIER, Emile. História da filosofia. São Paulo: Mestre Jou, 1977, v.3, p.78.

⁵⁹. COUSIN, Victor. Oeuvres de ... Op. cit., p.103.

⁶⁰. Id., p.109.

Lembremos que o artigo de Santos Lopes é publicado nos dois últimos exemplares que dispomos dos Ensaio Literários, ambos sem data de capa, porém impressos exatamente em 1850.

A importância de Victor Cousin na formação de nossos românticos é algo que ainda está à espera de um estudo atento, pois é lugar comum referir-se ao fato de nossos acadêmicos estudarem as estéticas de Kant e de Hegel, assim como toda a tradição filosófica, através da teoria "ecclética" de Cousin, porém pouco se sabe sobre o como e em que grau isso se deu e influenciou a produção de nossas crítica e literatura românticas. Lembremos que também em Portugal o pensamento de Cousin teve presença marcante, mantendo-se mesmo na geração de setenta, como evidenciam os textos filosóficos de Antero de Quental.⁵¹

No decorrer da pesquisa, foi possível perceber o quanto o nome do pensador francês é invocado ao menos por três décadas, de 1840 a 1860, fazendo crer que, na história da "aclimatação" da civilização no Brasil, na expressão de Bernardo Guimarães, Cousin possui seu pedestal garantido por direito de conquista, visto ter fascinado praticamente todo o pensamento nacional em meados do oitocentos.

Junto a Cousin, também têm seus nomes registrados no periodismo acadêmico Laromiguière, Joffroy e Royer-Collard, que, segundo Bréhier, constituem o espiritualismo ecclético francês. Porém, de acordo com as citações bibliográficas dos

⁵¹. Cf. Medeiros, Fernando Saboia de. Antero de Quental. Rio de Janeiro: Editora S.A.A. Norte, 1938, p.379.

próprios acadêmicos, é via Cousin que tais nomes passam a ser arrolados.

Na Biblioteca do Departamento de Filosofia da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, isto é, na antiga Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de São Paulo, encontram-se várias obras de Cousin que datam do período dos Ensaio Literários, o que reforça a efetiva presença ali das idéias desse professor de filosofia.⁶²

⁶². São estas, por ano de publicação:

- 1840-1841 - Oeuvres de Victor Cousin. Bruxelas: Société Belge de Libraire, 3v.
 1840- De l'instruction publique, 3 ed. Paris: Pitois-Levrault e Cie, 2v.
 1841 - Cours d'histoire de la philosophie morale aux dix-huitième siècle. Paris: Landrage.
 1845 - Fragments de la philosophie cartésienne. Paris: Adolphe Delahays.
 1846 - Cours de l'histoire de la philosophie moderne. Paris: Landrage, 5v. (nova edição revista e corrigida)
 1847 - Cours de l'histoire de la philosophie moderne. 2. ed. Paris: Didier, 3v. (Segunda série, nova edição).
 1852 - Fragments de philosophie cartésienne pour faire suite aux fragments philosophiques. Paris: Didier (ilustrado).

Também encontram-se naquela biblioteca os seguintes artigos de Cousin publicados na Revue des deux mondes:

- 1851 - "Des principes de la Révolution Française et du gouvernement representatif". Paris, v.10, p.5 (novo período)
 1859 - "La fin de la Fronde(?) a Paris - Scènes historiques". Paris: v.20, pp. 178-257 (segundo período).
 1860 - "Le jeunesse de Mazarin". Paris, v.26, pp.81-257 (segundo período).

Além desses artigos e obras, tem-se ainda:

- 1841 - Marie François Pierre Maine de Biran - Oeuvres philosophiques. Paris: Jules Renouard, 3v. (publicado por Victor Cousin).
 1851 - "Adam Smith - La sua vita et le sue opere(?)". In: Biblioteca dell'Economista. Tirum, 1a. série, v.2, pp. VII, LXVIII e LXXIII.

A presença do pensamento de Victor Cousin chegou a inspirar, já em 1843, uma tradução de seu Cours de l'histoire de la philosophie, realizada por A. P. Figueiredo e publicada em Pernambuco pela Tipografia M. F. Faria, sob o título Curso da história da filosofia. Esse texto é a reprodução das aulas ministradas por Cousin em Paris em 1828. Se relembrarmos aqui a precária situação do ensino na Academia de São Paulo naqueles anos, é fácil concluir o quanto esse manual de filosofia, que trazia um bem estruturado programa de curso, fez sucesso tanto entre os docentes quanto entre os estudantes.

3.6 *Imprensa, educação e associações*

Os textos sobre imprensa, educação e associações podem ser lidos em conjunto, na medida em que se unem aos propósitos da fundação do Instituto Literário Acadêmico e da publicação dos Ensaio Literários.

No artigo "Imprensa", de Almeida Pereira, o trabalho jornalístico é concebido como elo indestrutível entre o passado e o futuro, denotando que as publicações tinham como horizonte o registro da história do país.

Não há por essas ruínas d'um passado, para qual o observador lança suas vistas sem poder medir a extensão, muitos fatos que estejam em paralelismo de importância e grandeza para a humanidade como a invenção da imprensa. - Ela veio assegurar aos gênios que suas obras não sossobriariam no naufrágio dos tempos, sem que as gerações vindouras tivessem delas

conhecimento, e colhessem úteis lições: veio aplainar-lhes a estrada do progresso - destruindo os obstáculos, que impediam ou dificultavam seus passos. A imprensa foi uma espécie de cadeia, que ligou os tempos pretéritos ao futuro, foi uma ponte lançada entre dois mundos, que se uniam para repelir-se, e que chocavam-se para harmonizar-se (...)

As ciências e as artes pagam também o seu tributo de homenagem a esse grande móvel da civilização: a imprensa, democratizando o conhecimento, levou-o ao alvergue do proletário, e pô-lo ao alcance do povo: e a instrução não constitui mais o privilégio das classes elevadas da sociedade (...)⁸³

O jornalismo, concebido desse modo, além de um veículo de informação, é a escrita da história nacional e o instrumento difusor da civilização.

E tendo por referência tais idéias que os acadêmicos irão buscar no passado e no presente do ensino no país os fundamentos para o futuro da educação e ilustração nacional. A meta a ser atingida seria um sistema de ensino universitário, como os vigentes em países europeus, o francês em especial. Victor Cousin possui um extenso estudo sobre o assunto, intitulado Rapport sur l'état de l'instruction publique dans quelques pays de l'Allemagne et particulièrement en Prusse,⁸⁴ fazendo pensar que também nesse caso os acadêmicos consultaram o mestre francês.

Porém, a fragilidade de nossa tradição educacional e ilustrada, somada ao igualmente frágil sistema de ensino vigente, leva-os inevitavelmente a fazer a apologia das

⁸³. Almeida Pereira Filho. "Imprensa". Ensaio Literários, maio de 1849, s.n., pp.6-8.

⁸⁴. COUSIN, Victor. Oeuvres de... Op.cit., v.3.

associações científicas e literárias autônomas, expressa no "Discurso lido na inauguração da Associação Ensaio Filosófico Paulistano", de Almeida Pereira, no "Discurso" de Guedes Alcoforado sobre a fundação da Associação Ensaio Parlamentar, e no já citado "Discurso recitado pelo Presidente por ocasião da abertura do Instituto Literário Acadêmico", anônimo.

A associação, Srs., a associação dos homens estudiosos vence dificuldades quase insanáveis, dispõe de maior soma de meios, de vontade mais tenaz - é o símbolo da força - e desde o apostolado até nós, que os frutos da associação se espalham pelo Universo, e tende a tornar irmãos, iguais, e livres todos os homens...

(...)

Srs., hoje um dos meios mais usuais do estudo, adotado por vós e por vossos colegas (quero falar dos nossos colegas de Olinda e das mais Academias do Império) é a associação, algumas das quais, tendo em vistas a publicação de periódicos, têm entre outros publicado o Mosaico, o Crepúsculo, o Fileidemon, o Polimático, o Cruzeiro do Sul, os Ensaio Literários, o Ateneu; é portanto do aturado estudo, dos esforços combinados da mocidade Acadêmica, que têm nascido estes valentes campeões, que, hasteando a bandeira do progresso, justificam a divisa que tomaram - o querer é poder.⁶⁵

Esse elogio às associações possui, porém, seu contraponto no "Curso Jurídico de São Paulo - Discurso recitado por ocasião da solenidade do dia 11 de agosto de 1848", de Almeida Arêas, e no texto sobre a "Solenidade de 11 de agosto de 1849", de Coelho Duarte.

⁶⁵. C.F. Guedes Alcoforado. "Discurso". Ensaio Literários, op.cit., pp.30 e 31.

O discurso de Almeida Arêas, como ele mesmo afirma, visa buscar uma razão histórica e uma explicação científica e social para os cursos jurídicos no Brasil. É muito bem articulado, se comparado com o estilo superficial e laudatório que caracteriza a grande maioria dos discursos acadêmicos sobre o assunto. Traça um histórico das instituições de ensino no Brasil e propõe reformas em âmbito nacional. Apesar de também fazer o elogio às associações, privilegia, em sua argumentação, o aspecto institucional do ensino, ressaltando a necessidade de uma padronização dos currículos das instituições de ensino em todo o país, além de chamar a atenção para a urgência de centralizar a educação, chegando a evocar a constituição de uma universidade brasileira.

(...) O pensamento de centralização e de uniformidade de ensino é um pensamento de ordem e de civilização num país qualquer e não redundando em prejuízo dos interesses especiais das localidades: o pensamento de centralização e de uniformidade do ensino - no Império - seria ainda um pensamento político coerente com os princípios que nos regem - seria um pensamento político de prosperidade e de ilustração para o grande todo da Monarquia Brasileira.

Para realizá-lo - fôra necessário, a nosso ver, tomar as coisas de mais alto, e entender com o sistema que atualmente vigora - na sua origem legal. Importaria essa reforma a criação de um Ministério de Instrução Pública; - de Conselhos de Instrução, quer gerais, quer locais; - de um ou mais grandes centros Universitários; - de centros parciais de ensino: importaria um plano geral e uniforme de estudos, um sistema de ensino regular e completo em todas as instituições, quer nas superiores, quer nas secundárias e primárias: importaria ainda a vigilância atenta e cuidadosa da administração sobre

aqueles a quem tem de ser confiada a instrução da mocidade nos Institutos particulares.⁸⁸

Também o discurso de Coelho Duarte, que foi recitado na comemoração do vigésimo segundo aniversário das Academias de São Paulo e Recife, aborda a necessidade de uma centralização do sistema de ensino em todo o país.

Os dois discursos revelam uma certa homogeneidade na concepção acadêmica sobre as diretrizes a serem tomadas na política educacional, visto não aparecer nos outros textos aqui arrolados (quer nos Ensaios Literários, quer nas publicações vindouras) opinião contrária a essa concepção.

De qualquer modo, todos os textos buscam uma fundamentação para afirmar a existência de um pensamento nacional. Na falta de universidades e tendo em vista a pouca integração entre as instituições imperiais de ensino, o fenômeno das associações é o que mais se presta a tanto, principalmente por levarem em conta serem essas iniciativas autônomas e, portanto, oriundas de uma vontade "natural" de saber dos brasileiros. Isso, no entanto, não eliminava a preocupação institucional com o ensino, como fica evidenciado no discurso de Almeida Arêas.

Ao utilizarem-se das associações como principal argumento da vigência de um pensamento nacional, os acadêmicos, por um lado, revelam o lugar privilegiado que ocupou esse modo para-acadêmico de produção de conhecimento

⁸⁸. Almeida Arêas. "Curso Jurídico de São Paulo...". Ensaios Literários, op.cit., pp.54-55.

durante o século XIX; por outro, evidenciam a quase inexistência de uma tradição de letras no país e a displicência do Estado para com o ensino.

Salgado Guimarães, ao comentar a relação entre historiografia e nacionalidade, assim se refere ao também para-acadêmico Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

O caso brasileiro não escapará, nesse sentido, ao modelo europeu (...), ainda que deste lado do Atlântico outro será o espaço da produção historiográfica. Não o espaço sujeito às competições acadêmicas próprias das universidades européias, mas o espaço da academia de escolhidos e eleitos a partir de relações sociais, nos moldes das academias ilustradas que conheceram seu auge na Europa nos fins do século XVII e no século XVIII.⁶⁷

Era o que acontecia mesmo no interior da Academia de São Paulo, sendo o estudo e o trabalho associativos um modo de distinguir determinada elite no interior daquela instituição. Como vimos, a Academia já era vislumbrada como parte de um iniciante processo de massificação do ensino, traçado em linhas gerais pelos próprios acadêmicos.

No mesmo texto, mais adiante, ao comentar detalhadamente o modelo do Instituto, afirma Salgado Guimarães que:

As semelhanças com o modelo francês parecem bastante evidentes: da mesma forma que as academias literárias e científicas provinciais francesas do século XVIII articulavam-se na teia mais ampla do processo de centralização levado a cabo pelo Estado, sediado em Paris, do Rio de Janeiro as luzes deveriam expandir-

⁶⁷. SALGADO GUIMARÃES. "Nação e civilização nos trópicos". Op.cit., p.1.

se para as províncias, integrando-se ao projeto de centralização do Estado e criando os suportes necessários para a construção da nação brasileira.⁸⁸

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que aqui, efetivamente, em humanidades, ocupava o lugar que as universidades possuíam na Europa, tornou-se o paradigma de instituição de saber. Apesar de as academias de Direito do Império hipoteticamente estarem na contramão desse modo elitista de produção de conhecimento, na medida em que eram virtualmente abertas a qualquer cidadão brasileiro, os acadêmicos retomam nas associações esse elitismo intelectual.

Na falta de um Instituto Histórico e Geográfico na província de São Paulo, que só aparecerá no final do século, é razoável afirmar que as associações acadêmicas buscaram fazer as vezes de tal empreendimento.

4. A literatura nos Ensaio Literários

A vontade dos integrantes do Instituto Literário Acadêmico em civilizar a nação passava também pela produção literária. Concebendo a literatura como o termômetro pelo qual seria possível medir o grau de civilização de um povo, os acadêmicos empreenderam esforços no sentido de constituir uma literatura nacional que fosse a expressão mais viva e

⁸⁸. Id., p. 8.

sincera da nação. A partir daí, a discussão sobre a nacionalidade literária ganha espaço.⁸⁹

Como veremos, a nacionalidade literária aparece no periódico, principalmente num texto de Bernardo Guimarães. Porém outras preocupações literárias lhe fazem frente, como, por exemplo, a questão do emprego do estilo quinhentista.

No que concerne à literatura propriamente dita, lembremos que, no texto introdutório do primeiro exemplar dos Ensaio Literários, os acadêmicos colocaram-se entre os modelos Hugo/Lamartine e Byron, fundamentados na oposição crença **versus** descrença. Tomaremos aqui esta oposição estabelecida pelos próprios acadêmicos para apresentar a poesia e a prosa ali publicadas.

Visto que o intuito da apresentação da matéria literária publicada no periódico é ressaltar aquilo que, em linhas gerais, preocupava esteticamente os jovens escritores (assinalando, sempre que possível, aspectos individuais da escrita de cada um dos seus colaboradores) buscar-se-á depreender dela aquilo que foi literariamente mais representativo para a geração dos Ensaio Literários. Primeiramente, atentemos a um gênero bastante praticado na

⁸⁹. Nossa historiografia sobre o período romântico já abordou de modo exaustivo a constituição da nacionalidade literária. Antonio Candido, por exemplo, em "A consciência literária" (In: Formação da Literatura Brasileira. São Paulo: Martins, 1964, cap.VIII, pp.313-351), reproduz de modo exemplar o enfrentamento entre os que se batiam por uma literatura nacional e os que pretendiam que devêssemos reivindicar a tradição literária portuguesa, destacando-se, neste caso, Alvares de Azevedo.

época, mas que pouco sobreviveu e também poucos estudos suscitou: o texto laudatório romântico.

4.1 *A oratória e o texto laudatório romântico*

Como foi visto quando se tratou das associações acadêmicas, a oratória era uma das práticas literárias mais correntes e, muitas vezes, justificava a própria existência de uma associação estudantil. Basta lembrar a constância com que os periódicos das associações *Ensaio Filosófico Paulistano* e *Ateneu Paulistano* publicavam os discursos proferidos em suas reuniões para constatar o valor preeminente da oratória nessas associações.

Nos Ensaios Literários, a prática da oratória transparece claramente nos seis discursos ali publicados⁷⁰ e nos três textos de apresentação dos vários momentos do periódico,⁷¹ além de vários outros de caráter laudatório, como é o caso das sete orações fúnebres⁷² em memória de dois

70. A saber: "Discurso recitado pelo Presidente por ocasião da abertura do Instituto Literário Acadêmico", anônimo; "O dia 11 de agosto", anônimo; "Curso jurídico de São Paulo. Discurso recitado por ocasião da solenidade do dia 11 de agosto de 1848", de Almeida Arêas; "Solenidade do dia 11 de agosto de 1849", de Coelho Duarte; "Discurso", de Guedes Alcoforado; "Discurso lido no dia da inauguração da Associação Ensaio Filosófico Paulistano", de Almeida Pereira.

71. A saber: Ensaios Literários: "Introdução", 1a. série, n.1, pp.I-IV; "São Paulo: - maio de 1849", s.n., pp.1-3; "Introdução" (1850), s.d., s.n., pp.1-2. Todos anônimos.

72. A saber: Ensaios Literários: "Necrológio acadêmico", 2a. série, n.1, pp.9-13; Francisco Otaviano, "Oração fúnebre"; M.A. Alvares de Azevedo, "A morte de Feliciano Coelho

estudantes e dos poemas "A morte prematura do Ilmo. Sr. Joaquim Antonio Pinto Peixoto", estudante da Academia, de José Bonifácio de Andrada e Silva, o moço, e "Ao príncipe imperial",⁷³ anônimo. Os poemas "O dia", de Oliveira Araújo, "harmonia oferecida ao insigne artista e poeta o Sr. Manoel de Araújo Porto-Alegre" e "O destino do vate", poema "A memória de F. Dutra e Mello", de Bernardo Guimarães, também podem ser considerados laudatórios.

Salta aos olhos a grande quantidade de orações fúnebres presentes nos Ensaio Literários e nas publicações acadêmicas posteriores. Consiste num tipo de texto de largo emprego e orientado por critérios que vão além de uma simples homenagem póstuma aos que se foram. Tais critérios evidenciam-se na "Crônica literária"⁷⁴ que comenta o surgimento da publicação Anuário do Brasil. O cronista crítica, em dado momento, o necrológico do novo periódico, que "mais transpira pelas dores e lágrimas da família, do que por interesse moral ou político, científico ou literário". Isto é, a valorização da oração fúnebre decorre do fato de que esses textos devem ultrapassar o sentimento de pesar frente à morte e constituir algo mais que a simples adulação aos familiares daqueles que se foram. O leitor do

Duarte"; três "Orações fúnebres" de João d'Almeida Pereira filho, João Pires da Silva Junior e Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

73. "Ao Príncipe Imperial". Ensaio Literários, 1848, 3a. série, n.1, pp.21-24.

74. "Crônica literária". Ensaio Literários, 1847, 1a. série, n.2, p.23.

século XIX buscava ali, ao que parece, ou alguma ilustração sobre a pessoa em questão, ou algum ensinamento moral, ou mesmo algum prazer estético.

A poesia é outro campo fértil para o exercício do louvor, sendo um exemplo curioso do valor estético de tais homenagens póstumas o poema "A morte de um poeta", de Pedro Correia, publicado no periódico acadêmico Trabalhos Literários,⁷⁵ em memória de Casimiro de Abreu, seguido da seguinte nota:

Paulo Egídio, dedico-te esta poesia inspirada
pela falsa notícia do falecimento de Casimiro
de Abreu.

E inicia o poema:

Silêncio! enxuga o pranto! ele dormita!
Se poeta ele viveu, morreu cantando
Qual cisne em lago azul!

Casimiro estava doente, porém vivo. Mesmo assim, Paulo Egídio resolve publicar seu texto sem levar em consideração a situação real do próprio poeta por quem derrama lágrimas. Caso se recuperasse, Casimiro poderia ler sua homenagem póstuma. Conclui-se desse episódio que a morte efetiva de uma personalidade pública importava menos que os textos que a tomariam por mote. Isso não significa, no entanto, que também não pudesse ser a expressão verdadeira da perda de um

⁷⁵. Pedro Correia. "A morte de um poeta". Trabalhos Literários, 1860, n.5, pp.96-98.

ente querido, bastando lembrar que, alguns anos depois, teremos Fagundes Varela e seu "Cântico do Calvário - A memória de meu filho morto em 11 de dezembro de 1863".⁷⁶

Também entre os poemas laudatórios supracitados o que predomina é a homenagem póstuma. A exceção do poema "O dia", dedicado a Araújo Porto Alegre, que só terá suas homenagens póstumas após 1879, os outros três trazem a lembrança de alguém que já não se encontrava entre os vivos. O primeiro a aparecer é escrito em memória de um estudante. O segundo, "Ao príncipe imperial", é uma homenagem tardia em memória da prematura morte de D.Afonso (1845-1847), filho primogênito de D.Pedro II.⁷⁷ O último a aparecer é o poema de Bernardo Guimarães em memória de Dutra e Mello, sendo que a versão

⁷⁶. Segundo José Aderaldo Castelo, foi Domingos Borges de Barros (1779-1855), Visconde de Pedra Branca, quem

(...)transfere para a literatura brasileira, pela primeira vez (Os Túmulos, 1825), uma das correntes de inspiração mais intensa dos albores do romantismo europeu, a chamada 'literatura dos túmulos'. No caso dele, é motivada pela morte do filho, poesia realmente sentida, subjetiva, não obstante a tendência reflexiva, certo conteúdo filosófico, o desencanto total da vida e a volta para a morte, embora ligados à idéia de Deus. Poesia fúnebre, carregada de atmosfera sombria, só o Romantismo realmente a conheceria (...) (A literatura brasileira: manifestações da era colonial. São Paulo: Cultrix, 1962, pp.211-212).

⁷⁷. Morto em 11 de junho de 1847, ainda na primeira infância, recebeu esta homenagem póstuma no exemplar número um de 1848 do periódico. Na "Fundação Maria Luísa e Oscar Americano" encontra-se um retrato em óleo de D.Afonso, realizado por Claude Joseph Barandier (? - 1847).

aqui apresentada e bastante distinta daquela hoje presente em suas obras completas.

Basta lembrar a descrição que Couto de Magalhães faz das solenidades fúnebres na Academia (aqui reproduzida quando foi descrito o funcionamento da Associação Ensaio Filosófico Paulistano), para imaginar o quanto a morte apresentava-se como um privilegiado momento de inspiração.

Os modelos para tais homenagens fúnebres se encontravam, certamente, em publicações portuguesas e francesas. Lembremos que o próprio Victor Cousin,⁷⁸ mentor filosófico dos acadêmicos, possuía entre suas obras algumas orações fúnebres. Também Camilo Castelo Branco, mais tarde, exercitou tal forma literária. Entre os seus textos dispersos encontram-se três do gênero, que fazem compreender o interesse que os textos laudatórios suscitavam quando bem elaborados. Refiro-me especialmente ao "Necrológio"⁷⁹ escrito por ocasião da morte de Antonio Joaquim Xavier Pacheco, onde Camilo atinge a excelência no gênero.

E certo que as homenagens fúnebres constituem uma forma literária muito antiga. No Brasil, como é possível constatar no exemplar sobre os festejos públicos da coleção O movimento academicista no Brasil,⁸⁰ de José Aderaldo

⁷⁸. COUSIN, Victor. Oeuvres de..., op.cit., 1845, v.4, pp.18-28.

⁷⁹. CASTELO BRANCO, Camilo. Dispersos de Camilo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928, v.4, pp.454-460.

⁸⁰. CASTELO, José Aderaldo. O movimento academicista no Brasil. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1974, v.3, tomo I.

Castelo, as exéquias, epitáfios e orações fúnebres percorrem nossa literatura de 1641 a 1821, isto é, do Descobrimento à Proclamação da Independência.

Temos aqui o romantismo dando continuidade a esta tradição. No entanto, como foi observado, o interesse por tais homenagens, no entendimento dos próprios românticos, está em poder apresentar, concomitante à expressão da dor, algo que viesse a servir à moral, à política, à ciência e, possivelmente, sobretudo à literatura.

Entre as orações fúnebres dos Ensaio Literários, Alvares de Azevedo parece ser o que revelou maior sensibilidade para o gênero. Seus dois textos em memória à morte de Feliciano Coelho Duarte são muito bem elaborados, chegando a utilizar-se de prosa e verso.

Se é certo que o texto laudatório cultivado pelos acadêmicos está longe de se constituir numa completa missa de réquiem, ao menos entoa um constante lamento que nos faz indagar em relação ao gênero, tal como Alvares de Azevedo em relação a Feliciano Coelho Duarte, "porque morreu?".

4.2 *Reflexão literária*

Apesar do debate sobre a nacionalidade ter sido visceral para os românticos, fazendo-se também presente nos Ensaio Literários, o que mais chama a atenção no conjunto

dos textos de reflexão literária do periódico é a preocupação estilística que denotam.

Se, por um lado, esta preocupação encontra-se atrelada ao debate da nacionalidade literária, por outro, aponta para diferentes concepções da obra literária, implicando em modos distintos de sua elaboração no interior dos pressupostos estéticos românticos.

Os textos de reflexão literária restringem-se a quatro: "Reflexões sobre a poesia brasileira", de Bernardo Guimarães; "Breves considerações sobre o romance", de Almeida Pereira; "O estilo na literatura brasileira", de José de Alencar; e o já citado ensaio de Alvares de Azevedo, "Alfred de Musset - Rolla".⁸¹

Chama a atenção o fato de três dos quatro textos referidos terem sido escritos por autores de primeira linha do nosso romantismo: Bernardo Guimarães, Alencar e Alvares

⁸¹. Dos textos aqui citados, encontram-se no "Encarte fac-similar de textos selecionados dos Ensaíes Literários" os de Bernardo Guimarães e de Almeida Pereira. O de Alvares de Azevedo aparece em suas obras completas organizadas por Homero Pires e o de Alencar foi recentemente reproduzido por Valéria DeMarco em O império da cortesã.

Além desses, deixemos aqui registrado um estudo de Andrada e Silva, "Literatura Brasileira - a poesia do século XVII", publicado em O Arrebol. Como só pude encontrar um único número deste periódico, o artigo é tomado aqui em seu andamento. Andrada e Silva observa que a literatura brasileira do século XVII estava "batizada nas nuances e costumes de Portugal", sendo uma literatura "rica, opulenta e cheia de viço". Destaca Soares de França e seu poema "Brasiléia", notando que mesmo não sendo uma verdadeira obra-prima "cumpre dizer que há belos versos e às vezes originalidade". Lamenta não ter o autor empregado maior cor local. Julga a literatura do século XVII como o atestado de um grande futuro para o meio literário brasileiro. O artigo prometia continuidade.

de Azevedo, reafirmando o caráter do escritor-crítico que caracterizou a grande maioria dos autores românticos. Mesmo Bernardo Guimarães, que posteriormente irá publicar poucos textos de reflexão literária, aqui participa com um trabalho extenso e interessante.

Tomados em conjunto, esses textos formam como que um apanhado geral das teorias estéticas românticas, ora opondo-se uns aos outros, ora conciliando-se, em função dos diversos tópicos literários por eles abordados.

Bernardo Guimarães

O inconcluso texto de Bernardo Guimarães, "Reflexões sobre a poesia brasileira", foi publicado em quatro exemplares dos Ensaio Literários e se apresenta como uma das poucas investidas do futuro romancista e poeta na atividade crítica. É o texto mais longo e polêmico dos quatro supracitados, apresentando um panorama das concepções estéticas em voga sobre a nacionalidade literária.

Bernardo Guimarães inicia pelo comentário da relação entre a filosofia e a poesia na constituição das nacionalidades. A poesia faria parte da infância das nações, seria o momento da imaginação, vindo a expressar a verdade de um povo. A filosofia só viria posteriormente, quando o espírito nacional já não mais pudesse ser pura espontaneidade. Os países europeus encontravam-se nesta

segunda fase, céticos e sem originalidade, enquanto o Brasil ainda se encontrava na primeira. Nestas observações, percebe-se uma crítica velada aos "byronianos", que estariam imitando essa imaginação cética dos europeus. Lembremos que, se o autor dos Cantos da solidão é geralmente incluído entre os "byronianos", isso decorre mais de sua veia satírica que de suas investidas pelo ceticismo.

Leitor de Ferdinand Denis, possivelmente a partir de Magalhães, Pereira da Silva, Joaquim Norberto, enfim dos colaboradores da Minerva Brasiliense (publicação por ele citada), Bernardo Guimarães enumera as razões de nosso povo ser eminentemente poético: 1. clima tropical; 2. abundância de alimentos, o que geraria o ócio e conseqüentemente o exercício da imaginação; 3. o passado glorioso, isto é, o passado indígena. Refere-se a Ferdinand Denis como o "amigo da literatura Brasileira" e, fazendo-lhe coro, afirma que nossa literatura encontrava-se sob o signo da imitação aos europeus, vendo aí um mal irreversível que alteraria definitivamente nossa originalidade. É interessante notar que Bernardo Guimarães leva às últimas conseqüências os efeitos "nocivos" da influência literária, denotando, por um lado, uma concepção purista de nacionalidade literária e, por outro, muita perspicácia em compreender a importância do jogo de influências no interior do sistema literário, pois toda obra, uma vez aí inserida, jamais deixará de dialogar com a tradição e com o devir.

Defende que a nossa poesia deveria ser popular (ingênua) e não idealista (filosófica) e afirma que a influência da poesia francesa entre nós era mais perniciosa que a da poesia portuguesa. A partir desse juízo, vê os Suspiros poéticos e saudades como o grande responsável pela difusão da poesia francesa no Brasil, notando que a obra de Magalhães não representaria a índole e o caráter nacionais, mas uma "funesta influência" da literatura francesa. Do classicismo português teríamos passado ao romantismo francês, sem que vislumbrássemos uma literatura própria. Reconhece, no entanto, que Magalhães é ao menos um grande imitador. Elogia seu estilo fluente e fácil e cita a Confederação dos Tamoios como tardia tentativa de reconciliação com a musa nacional. Suas afirmações sobre a obra de Magalhães constituem uma espécie de prefácio do que será a polêmica entre Alencar e o "anjo tutelar do Brasil", na expressão, ou concessão, de Bernardo.

Vislumbra dois caminhos para a musa nacional: o nosso passado (a "raça extinta") e o nosso presente (a "raça dominadora"). No presente, a aura da liberdade poética. Chama a atenção para o uso indevido que estaria sendo feito destes ricos materiais nacionais em nossa literatura "romântica"(sic), propondo uma retomada dos clássicos portugueses. Esta mesma consideração será o pressuposto do texto de Alencar, que contrapõe o estilo quinhentista português ao estilo moderno brasileiro, optando pelo segundo sem deixar recomendar o emprego do primeiro. Também se fará

presente no texto de Alvares de Azevedo, que faz a crítica ao uso abusivo da recuperação da linguagem quinhentista.

Segundo Guimarães, nossas letras pecavam por uma série de servilismos: 1. desprezo pelo que é nosso; 2. consumo excessivo de literatura estrangeira; 3. falta de civilização aclimatada. Destas afirmações, que constituíam senso comum entre os que se batiam pela nacionalidade literária, chama a atenção o termo "aclimatada" aplicado à civilização, que, quer tenha ou não sido forjado por Bernardo Guimarães, o seu feliz emprego denota a precisão do crítico em definir o como a civilização era concebida por todos à época, isto é, como um processo de sedimentação da cultura européia nos trópicos, no qual o clima (a natureza física) apresentava-se como principal elemento diferenciador.⁸²

E fundamentado neste elemento diferenciador que Guimarães idealiza uma literatura nacional, segundo variações relativas à: 1. região geográfica; 2. diversidade das três raças; 3. diversidade de ocupações próprias de cada

⁸². Como medida de até onde iam as idéias que estabeleciam uma relação determinante entre a natureza física e a cultura de um país, Victor Cousin, na oitava lição de seu *Cours de histoire de la philosophie*, assim diz:

Oui, monssieurs, donnez-moi la carte d'un pays, sa configuration, son climat, ses eaux, ses vents, et toute sa géographie physique; donnez-moi ses productions naturelles, sa flore, sa zoologie, etc., et je me charge de vous dire à priori quel sera l'homme de ce pays et quel rôle ce pays jouera dans l'histoire; non pas accidentellement, mais nécessairement, non pas à telle époque, mais dans toutes, enfin l'idée qu'il est appelé à représenter. (Oeuvres de..., op.cit., 1840, v.1, p.63)

região. Tem-se aqui, em linhas gerais, o plano de atuação literária de Bernardo Guimarães. A preocupação para com estes três aspectos irá perpassar toda sua obra - na qual o aspecto regionalista tomará o primeiro plano.

Lembrando a falta de um gênio nacional, propõe um nome "não contaminado pela epidemia da imitação": o Sr. Odorico Mendes. Cita o poema "Hino à tarde" de Odorico Mendes e elogia o estilo, o espírito nacional e a beleza e melancolia ali presentes. Lembremos que Bernardo Guimarães escreverá um poema com o mesmo título, publicado primeiramente em O Acaiaba (1852), e depois inserido nos Cantos da solidão, revelando que a consideração que tinha por Odorico Mendes integrava o procedimento de emulação de sua obra.

Evoca também Manoel Araújo Porto Alegre, notando que o ilustre sócio de Magalhães empreendeu alto vôo literário em Voz da natureza ou Canto sobre as ruínas de Cumas, mas teria enfraquecido visivelmente em suas Brasilianas, tornando-se árido e seco. Observando que os dois primeiros foram escritos na Europa e o segundo no Brasil, procura fazer valer o caso de Magalhães a Porto Alegre, quer dizer, bom imitador quando trata com a musa européia, mas não quando intenta a nacional.

Comenta ainda os gênios precoces que a literatura brasileira teve a desventura de perder: Francisco Bernardino Ribeiro e Dutra e Melo. Do primeiro, elogia a erudição, a sensibilidade, o talento. Refere-se genericamente a certos ensaios sobre o drama que Bernardino teria escrito. Estes

são os "Ensaio sobre a tragédia", de autoria conjunta de Bernardino, Antonio Augusto Queiroga e Justiniano José da Rocha, publicados na Revista da Sociedade Filomática em 1833. Presume que, se Bernardino tivesse chegado a conhecer a reforma literária ocorrida na Europa, aderiria ao "liberalismo" literário. Quanto a Dutra e Mello, elogia suas qualidades de poeta, citando os poucos cantos que publicou na Minerva Brasiliense: "parecia realizar o romântico ideal do poeta".

O ensaio prometia continuidade, mas pelo que ficou se constata que Bernardo Guimarães estava fundamentalmente preocupado com a nacionalidade literária, evocando as idéias de Denis, Garret ou Madame de Stael para relacionar estilo literário e nação.

Almeida Pereira

O texto de Almeida Pereira, "Breves considerações sobre o romance", publicado de modo segmentado em três exemplares do periódico, apresenta uma classificação do romance a partir da distinção entre romance de ficção e romance histórico. Tendo por verdade que o fim último do romance é instruir e moralizar a sociedade, e descrevendo o romancista como aquele que pode retratar qualquer realidade (descrição que pinta o romancista como um Deus onipotente e onipresente), comenta de forma geral suas dificuldades

práticas: a necessidade de conhecer profundamente diversos tipos sociais, quer do presente, quer do passado, e a obrigação de dominar seus respectivos estilos de linguagem. Isso implicaria que o trabalho do romancista fosse também o de historiador, psicólogo e filósofo.⁸³ Eis aqui o escritor concebido como "gênio", empreendedor de uma tarefa monumental, capaz de retratar toda e qualquer sociedade e atuar em várias frentes do conhecimento.

Almeida Pereira distingue, em seguida, romance histórico e romance de ficção, julgando o primeiro mais adequado e agradável à classe elevada da sociedade, pois historicamente instrutivo e o segundo, mais adequado à classe "proletária", que, por desconhecer os fatos históricos, sente-se mais à vontade frente a um romance ficcional. Contudo, considera o romance de ficção de mais difícil realização que o histórico, na medida em que é integralmente imaginado. Refere-se também a outras categorias de romances, como o político, o social, o filosófico, o cômico, considerando-as subdivisões dessas duas primeiras. Ao final, acaba por eleger o romance filosófico e social como o mais interessante, por conjurar

⁸³. Lembremos que Victor Hugo, em seu Shakespeare, publicado mais de uma década após estas considerações, irá afirmar quanto ao trabalho poético que "Quem diz poeta diz, ao mesmo tempo e necessariamente, historiador e filósofo". Portanto, tal caráter de saber universalizante do escritor, delegado por Almeida Pereira ao romancista, encontrava-se em perfeita sintonia com as concepções vigentes na Europa. É curioso também notar a referência ao conhecimento da psicologia por parte do escritor. Esta vinha, com certeza, das leituras de Victor Cousin que, em seu "ecletismo moderno", dá lugar de destaque à então nova ciência.

beleza e sabedoria, ressaltando a função moralizadora deste gênero literário e tomando como exemplo de romance histórico e social Maria, ou A escravidão na América, de Gustave de Beaumont.

Esta reflexão genérica sobre o romance não denota, por parte de Almeida Pereira, qualquer preocupação em estabelecer um caráter nacional para o gênero, atendo-se exclusivamente às dificuldades formais e conteudísticas da elaboração de um romance. Apesar de escolher o romance de Gustave de Beaumont como obra exemplar do que denomina de romance social e filosófico, revelando o gosto por um tema que terá grande presença em nossa literatura oitocentista (bastando lembrar a futura Isaura de seu colega Bernardo Guimarães), sequer sugere que o exemplo seja seguido pelos escritores nacionais.

Quanto à discussão estilística, o autor segue a classificação tradicional da retórica clássica, interpondo-a a explicações de tipo sociológico:

O seu estilo é pobre, mediano e elevado, segundo a posição do indivíduo que descreve: ora reveste-se de flores e reflete a frase concisa e profunda do filósofo, ora traja simples vestidos, e deixa ver através do seu véu diáfano e singelo a palavra chã do plebeu, ora respira mediania, coloca-se entre o sublime e rasteiro, e mostra a linguagem enérgica e inteligível da classe média cheia de cores vivas e de simplicidade.⁸⁴

⁸⁴. A.P.F. "Considerações sobre o romance". Ensaio Literários, op. cit., p.7.

Almeida Pereira considera aqui a adequação da linguagem empregada pelo romancista em relação ao tipo social retratado, aproximando-se muito das idéias estilísticas de Bernardo Guimarães.

Curiosas também são algumas das observações de Almeida Pereira sobre a tarefa do romancista, que chegam a sugerir princípios da estética naturalista. É o caso da afirmação de o escritor ter de "vivenciar" as experiências dos personagens que pretende retratar. É claro que ainda estamos longe de um Aluísio de Azevedo, mas a necessidade desta vivência por parte do romancista sugerida por Almeida Pereira faz pensar nas pesquisas minuciosas sobre as quais os naturalistas se debruçavam para construir seus personagens.

No conjunto, Almeida Pereira, diferentemente de Bernardo Guimarães, não relaciona estilo literário e nacionalidade, mostrando-se bem mais preocupado com as universais questões do "gênio" e da genealogia da obra literária.

Alencar

Já o curto e inconcluso texto de Alencar, "O estilo na literatura brasileira", trata especificamente da questão estilística em nossa literatura, contrapondo o estilo quinhentista e o estilo "moderno" na busca daquele que mais

se harmonizaria com a "nova literatura", isto é, a literatura romântica (e brasileira).

Ao dissertar genericamente sobre estilo, cita Garrett comentando a superioridade da poesia sobre as outras artes.⁸⁵ Alencar acentua o papel fundamental do estilo como elemento que favorece a compreensão das idéias - sendo a palavra tomada como "eco do pensamento".

Fundamentado no Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa, faz um apanhado histórico da língua portuguesa e, notando que o estilo quinhentista é tradicionalmente considerado o verdadeiro, puro e clássico de nossa língua, cita Felinto Elísio, em sua Arte poética e a história da literatura portuguesa de Garrett, para analisá-lo. Os textos referidos são textualmente citados em nota por Alencar, o que revela um rigor acadêmico pouco comum naquele momento. Chega mesmo ao preciosismo de discutir em nota o emprego da palavra "nuança", considerada galicismo, evocando Francisco Manoel e Frei Francisco de S.Luiz, o que denota uma autovigilância filológica também pouco comum.

Identificando, tal como Garrett, o estilo quinhentista ao bíblico, critica sua falta de flexibilidade na expressão

⁸⁵. É certo que a idéia de superioridade da poesia tinha tido à época vários adeptos. Ela aparece como um dos postulados do "*Cours de philosophie sur les fondement des idées absolues du vrai, du beau et du bien*" (*Oeuvres de...*, op.cit., 1840, v.1, pp.351-452) de Victor Cousin, ministrado entre 1815 e 1818 em Paris, no qual a poesia é tomada como a primeira das artes. Se não podemos concluir daí que Garrett tenha lido Cousin, ao menos é possível constatar uma identidade entre estes dois pensadores da literatura e da arte, tão caros aos acadêmicos.

do pensamento, ao mesmo tempo que elogia sua "simplicidade magestosa". Quanto ao estilo moderno, considera-o de uma "fluidez, uma elasticidade admirável", capaz de exprimir todo e qualquer pensamento, no qual "a imaginação se retrata ao vivo".

Ao notar que o estilo de uma época é a expressão de seu pensamento, conclui que "a expressão ardente e animada de nossa literatura não casa com essa lenta e pausada inflexão da frase antiga".

(...) - a precisão de elocução antiga martirizaria os enlevos de nossas almas, nossas diversas inspirações entusiastas, profundas como o seio de nossas florestas, e como os abismos de nossas montanhas, inquietas(,) e delirantes como o menear das orlas de nossas moitas: - a frase clássica gelaria os toques abrasados de nossa poesia ardente, vacilante, e (sic) com a frieza de austeridade de sua palavra rígida e severa.⁸⁸

Apesar de tais considerações, chama a atenção para a elegância do estilo quinhentista, a qual, adicionada ao estilo moderno, poderia dar a este último um "encanto supremo", emprestando-lhe "o respeito, e autoridade das coisas velhas". Cita os Quadros históricos de Castilho como bom emprego do estilo antigo no interior do moderno, comentado que "até mesmo seria natural e encantador apreciar os contrastes desse estilo, com a expressão indígena". O ensaio prometia continuidade.

⁸⁸. Alencar, "O estilo na literatura brasileira" Ensaio Literários, op.cit., p.35.

Tal qual no caso de Bernardo Guimarães, temos aqui o escritor em busca das diretrizes de sua futura atuação literária. O interesse de Alencar pelo gênero histórico na literatura foi a característica de seus primeiros trabalhos.

Também a lembrança de Alencar de confrontar o estilo quinhentista com a "expressão indígena" vem bem a propósito, pois, somado ao seu interesse pela narrativa histórica - e, não por acaso, retratou a vida do herói indígena Filipe Camarão -, nos apresenta os "ensaios" para a concepção de Q Guarani.

A preocupação central de Alencar é estabelecer os parâmetros de um estilo literário nacional. Neste sentido, tal qual Bernardo Guimarães, vincula a literatura à nacionalidade, tendo por matéria de reflexão o estilo em sua dimensão histórica. Se não leu, possivelmente tomou contato com as idéias do texto "Da nacionalidade", de Santiago Nunes Ribeiro, publicado na Minerva Brasiliense.⁸⁷ Ambos não criticam o quinhentismo em sua expressão original, mas apenas o seu emprego na literatura que se fazia no Brasil.

Outro aspecto que salta aos olhos no texto de Alencar é a ostensiva presença de Garrett, utilizado não apenas como fonte de informação histórica sobre a língua portuguesa, mas também, e sobretudo, como mentor da concepção de estilo que o futuro romancista buscava então estabelecer.

⁸⁷. Ver Antonio Candido (Formação da Literatura Brasileira. Op.cit., v.2, pp.330-332), onde o historiador ressalta que Santiago Nunes faz observações em relação à adequação da expressão literária a cada momento histórico.

Alvares de Azevedo

Quanto ao ensaio de Alvares de Azevedo, "Alfred de Musset - Jacques Rolla", publicado nos dois últimos exemplares do periódico, dividido em três partes, é o mais conhecido dos textos de reflexão literária aqui presentes. Trata-se da tradução comentada de alguns trechos do longo poema de Musset.⁸⁸ E o mesmo que se encontra nas obras completas do autor,⁸⁹ editado nos Ensaio Literários apenas parcialmente.

A introdução do texto de Alvares de Azevedo fundamenta-se na identificação da "dupla face" do gênio literário. Ao comentar as obras de Homero, Goethe, Byron, Tom Moor⁹⁰ e Musset, identifica esta dupla face, de modo distinto em cada um dos autores, ora opondo trágico e cômico, ora crença e descrença, ora ternura e ironia, trabalhando porém todos

⁸⁸. O poema de Musset foi publicado pela primeira vez em 1833, ano em que o poeta conhece e se envolve com George Sand. É um poema narrativo, contando a história de Jacques Rolla, jovem cético e libertino, completamente disiludido com a vida. Passa sua derradeira noite nos braços de Marion, jovem e bela virgem filha de uma pobre senhora enferma, que é obrigada a prostituí-la para que ambas não morram de fome. E a primeira noite de Marion é, ao que tudo indica, a última de Rolla. O poema fez muito sucesso quando apareceu, chegando a ser reescrito por Alfred de Vigny segundo Jorge de Sena (A literatura inglesa. São Paulo, Cultrix, s.d. p.248).

⁸⁹. Alvares de Azevedo. Obras completas. Org. Homero Pires. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942, 2v.

⁹⁰. Thomas Moore (1779-1852).

igualmente sobre estruturas dicotômicas, amalgamadas em maior ou menor grau.

O fascínio de Alvares de Azevedo pela binomia, que Antonio Candido⁹¹ identifica como a base do pensamento crítico do autor de Macário, aqui se revela de modo complementar à obra e ao autor analisado. Não só o poema de Musset estaria construído segundo várias "binomias" (pobreza/riqueza, virgem/prostituta, amor/morte etc.), como também a imagem do próprio poeta é concebida a partir da coexistência e choque dos contrários.⁹²

Ao traduzir e comentar o poema Jacques Rolla, Azevedo organiza sua análise a partir de um jogo de oposições também

⁹¹. CANDIDO, Antonio. A educação pela noite. São Paulo: Atica, 1987, p.10.

⁹². Jean Giraud, em sua L'école romantique française, reproduz trecho de uma carta de Mme. Allan-Despréaux, apaixonada por Musset, que assim caracteriza o poeta:

Je n'ai jamais vu de contrastes plus frappants que les deux êtres enfermés dans ce seul individu. L'un, bon, doux, tendre, enthousiaste, plein d'esprit, de bon sens, naïf (chose étonnante), naïf comme un enfant, bon homme, simple (...)

Retournez la page et prenez le contre-pied, vous avez affaire à un homme possédé d'une sorte de démon, faible, violent, orgueilleux, depotique, fou, dur (...) (L'école romantique française. Paris: Librairie Armand Colin, 1931, p.78)

Se Musset se aproximava ou não desta caracterização, não nos cabe aqui perguntar. Importa notar primeiramente a coerência do pensamento crítico de Alvares de Azevedo, que, além de selecionar uma obra que se enquadrava em seus critérios estéticos, e com certeza colaborou para reforçá-los, escolheu também um autor que se prestava a uma relação simbiótica com aquilo que produzia, permitindo a Azevedo um trânsito livre entre o escritor Musset e a personagem Rolla.

Já assinalado por Antonio Candido.⁹³ Porém, é importante notar que a par deste procedimento, Azevedo estabelece relações entre o personagem de Musset e vários outros no interior do repertório romântico, que aí vai de Marlowe a Eugène Sue, delineando um complexo entrelaçamento entre obras, escritores e personagens. As relações estabelecidas são pouco exatas, inseridas quase sempre a partir de digressões. Porém, o resultado é a constituição de algo como grupos, famílias e dinastias no interior da literatura romântica, tendo o leitor a sensação de encontrar-se em meio a um sarau literário repleto tanto de escritores como de personagens. Conduzido por um *habitué* do local, ora fica sabendo das relações entre esta e aquela personagem, ora um aspecto desagradável de determinado escritor, ora presencia um elogio desmesurado a outro.

Em momento algum Azevedo evoca a nacionalidade literária como critério de qualidade, nem faz qualquer relação entre obra e realidade social. A única (e subjetiva) aproximação que faz de Rolla com o real é sugerir Werner, Marlowe ou Bocage como possíveis personificações deste.

Mas não só de escritores e personagens se constitui o texto de Azevedo. Atenta para o verso de Musset e valoriza sua musicalidade, chegando a evocar Mme. de Stael para comentar a relação entre literatura, música e pintura, na busca de "traduzir o incerto do sentimento".

⁹³. CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Op.cit., v.2: 355.

Quanto ao estilo, afirma, filia-se a Buffon - "quando quisermos estudar um poeta, ir-lhe-emos ao estilo" -, notando que é precisamente pelo estilo que Musset mais se aproxima da "poesia Byrônica". Esta aproximação estilística entre Musset e Byron vem de encontro a uma afirmação que Azevedo faz logo no início do texto. Ao negar que Musset tenha sido um vulgo imitador de Byron, considera que a íntima relação entre os dois deveu-se ao fato de Musset ter sido "um cérebro que se esbraseou a sonhos de outro cérebro". A frase, que, no texto de outro que não Azevedo poderia servir apenas para justificar retoricamente a semelhança entre os dois poetas, em Azevedo tem grande relevância, visto a obra que posteriormente deixou. A ponderação de Azevedo se fazia, antes de tudo, em causa própria.

Considerando o estilo como aquilo que há de essencial num poeta, ao mesmo tempo que aproxima estilística e "cerebralmente" Byron e Musset, Azevedo procura estabelecer uma espécie de relação modelar de Musset para com Byron, na qual, hoje podemos saber, também se incluía. Esta relação modelar, que envolve a essência do poeta, faz pensar que concebia a relação de Byron com Musset e consigo próprio como aquilo a que os clássicos chamaram de imitação por emulação, isto é, imitar-se o mestre não para simplesmente reproduzir sua obra, mas para realizar outra que se iguale àquela ou a supere. Este procedimento, como quer que seja denominado, era moeda corrente no romantismo, em que, como

foi visto anteriormente, se não era Byron, era Hugo, se não era Hugo, era Lamartine e assim por diante. Ao que parece, Azevedo foi quem melhor percebeu esta relação modelar dos autores românticos, valorizando-a desde que não se opusesse à criação original do poeta, quando se tornaria "imitação servil".

Ao comentar a métrica empregada por Musset, detém-se em considerações sobre o emprego do *enjambement*, tendo-o por de extrema beleza; refere-se a obras de vários autores e compara seus estilos. Comenta, então, o emprego de arcaísmos a partir da lei do "fluxo e refluxo das línguas", referindo-se a Victor Hugo. Possivelmente essa expressão foi forjada pelo próprio Azevedo conforme as observações que Hugo faz no prefácio de Cromwell sobre a mutabilidade das línguas vivas. Azevedo entra aqui na questão já aventada por Bernardo Guimarães e discutida por Alencar: o "refluxo" do estilo quinhentista na literatura daquele momento. Valoriza tal procedimento e o identifica nos mais ilustres poetas de língua portuguesa; no entanto, considera que seu emprego excessivo pode resultar no "abandono da láurea de bardo pela glória do antiquário" e sintetiza:

A combinação dos elementos da dicção moderna com os da envelhecida pode ser um progresso: a imitação servil do estilo dos primeiros séculos é um regresso.⁹⁴

⁹⁴ M. A. Alvares de Azevedo. "Jacques Rolla. Alfred de Musset". Ensaio Literários, (out. 1850) s.d., s.n., p.33.

Cita entre aquelas obras que considera um "exercício erudito de antiquaria" as Cem novelas de Balzac e As sextilhas do Frei Antão de Gonçalves Dias, entre outras. A ousadia de Azevedo ao tratar desta questão contrasta com o comedimento de Alencar, na mesma medida que a obscuridade do texto alvaresiano⁹⁵ contrasta com a clareza do alencariano.

É já bastante conhecida a posição de Alvares de Azevedo frente à nacionalidade literária, optando pela manutenção do vínculo à literatura portuguesa. Esta posição, que aparece potencialmente no texto de Bernardo Guimarães, toma em Azevedo a dimensão inversa da intenção de Bernardo: buscando defender a literatura nacional da imitação aos franceses, considerava que, não sendo possível evitar a imitação à literatura européia, deveríamos imitar então a portuguesa, por estar mais próxima de nossa identidade nacional. Já o próprio motivo do texto de Azevedo, a análise do poema de Musset, tomado como escritor exemplar, funciona como resposta ao antigalicismo de Bernardo. Se ambos se aproximam

⁹⁵. A escrita de Alvares de Azevedo é efetivamente obscura e mesmo confusa, apresentando trechos nos quais é difícil ter claro o que o autor está discutindo ou o quê ou a quem está se referindo. De qualquer modo, como observa Antonio Candido em relação a este ensaio:

O que diz é geralmente de boa qualidade, embora vá jogando tudo um pouco de cambulhada. Por isso o ensaio é ao mesmo tempo definição da poesia romântica, estudo do poeta romântico como indivíduo psicologicamente dividido e moralmente contraditório, análise da obra de Musset, indicação da influência de Byron sobre ele, relação da poesia com as condições do tempo. De tudo há um pouco, à roda do tempo central, que é a análise do poema. (op.cit., v.2, p.355)

da literatura portuguesa é por intenções e trajetórias bastante distintas.

O último artigo que compõe deste texto de Alvares de Azevedo nos Ensaio Literários apenas dá continuidade à tradução do poema de Musset, sem acrescentar observações em relação à literatura em geral e encerrando-se sem mesmo finalizar a análise do poema (que, mais tarde, foi integralmente editada em suas obras completas).

Alvares de Azevedo se mostra aqui interessado quase que exclusivamente com questões formais da literatura. É claro que a própria proposta do texto, traduzir e principalmente comentar o poema de Musset, leva-o a proceder desse modo. Porém, é sabido o quanto Azevedo preocupava-se mais com a concepção mesma da obra literária que com o emprego ou lugar social que esta deveria ter. O estilo aqui não é concebido a partir da adequação da linguagem ao referencial de realidade da obra, como em maior ou menor grau se apresentava nos três textos anteriores, mas sim a partir da interação desta com outras que lhes são estilisticamente distintas ou similares. Estamos, com Azevedo, imersos integralmente no cenário literário, no qual a realidade palpável não é mais que o conjunto de obras evocadas para a tradução e discussão do poema de Musset.

4.3 Poesia

Ao considerarmos os poemas publicados nos Ensaio Literários a partir das categorias tradicionais da literatura, evidencia-se que predomina o gênero lírico, contando com trinta poemas. Afora estes, tem-se ainda três poemas que poderíamos classificar como épicos e quatro que se aproximam do gênero laudatório.

A predominância do gênero lírico não causa espécie em se tratando de poesia romântica, principalmente quando nos encontramos no interior daquela que convencionou-se chamar de segunda geração romântica no Brasil, a dos "byronianos". "Introspectivos", "subjetivos", "ensimesmados" constituem a adjetivação mais recorrente na caracterização desses poetas.

Mas, de fato, essa não é a melhor classificação para os poemas aqui arrolados, já que os românticos pouco respeitavam tais categorias. A preocupação dos acadêmicos recaí sobre os temas literários abordados, isto é, sobre o binômio crença *versus* descrença. Esta parece ser uma oposição visceral naquele momento, pois, como foi visto na primeira parte deste trabalho, a crença em Deus, nas intuições, na ciência, era o elemento que os impulsionava a criarem associações científicas e literárias, a pugnarem pela causa das letras, a procurarem civilizar toda uma nação. Tentemos, pois, aplicar este binômio na classificação das composições poéticas.

Antes de mais nada, é curioso notar que afora a tradução comentada que Alvares de Azevedo faz do Jacques Rolla de Musset, as únicas traduções de poemas publicadas no periódico são: um trecho de um poema de Victor Hugo, inserido no poema "Harmonias" de Oliveira Araújo; "Meditação XII - A tristeza", de Lamartine, pelo mesmo Oliveira Araújo; e "A Inês - tradução de Lord Byron do 1.º canto do Childe-Harold", por Cardoso de Menezes, supracitado. As traduções correspondem exatamente aos três escritores aventados na introdução do periódico: Byron, Hugo e Lamartine, denotando que a admiração e a distinção entre Byron e Hugo/Lamartine não se faziam sem o efetivo conhecimento destes poetas.

Porém, já nas traduções, Byron ocupa um lugar de destaque, visto que, entre os colaboradores do periódico, além de Cardoso de Menezes, também Francisco Otaviano e Almeida Arêas irão traduzir o poeta inglês. Otaviano, por sinal, ganhará fama de grande tradutor de Lord Byron.⁸⁸

Partindo do binômio Byron/descrença e Hugo/Lamartine/crença, conforme os acadêmicos, poderíamos dizer que mais da metade dos poemas publicados são "byronianos", uma vez que seu tema central é o ceticismo em relação à vida, ou em relação a Deus ou, principalmente, em relação ao amor e à mulher. Dos restantes, apesar de não tematizarem a descrença, nem todos respiram a crença nos moldes de

⁸⁸. Sobre as traduções de Byron realizada por estes escritores ver BARBOZA, Onédia Célia C. Byron no Brasil - Traduções. São Paulo: Editora Atica, 1975.

Hugo/Lamartine e nenhum deles explicitamente tematiza a crença, quer na religião, quer na pátria, quer no homem.

Ao que parece, ao menos na poesia, a oposição estabelecida tinha como elemento definidor a descrença, isto é, Byron, ficando delegado à crença, a Hugo/Lamartine, tudo aquilo que não se referisse à primeira. Exemplo do que seria reportado à crença são os poemas: "*Vers écrits sur mon album par Mlle. L.G.*",⁹⁷ "*Réverie*" de Oliveira Araújo, "O Lírio", de Whitaker, "O estro"⁹⁸ de Andrada e Silva ou "Uma virgem" de Leonel de Alencar. Neste último, a crença é explicitamente referida quando da visão de uma virgem. Eis o poema:

Era um emblema de magia etérea,
De poesia de Deus idealidade;
Era um arcanjo revelando ao mundo
Um mistério no céu depositado.
Divina estátua, concepção sublime,
Encanto de seu Deus zeloso dela,
Quanta vez ele próprio não pasmara,
Satisfeito não rira contemplando
A imagem de seus sonhos infinitos?
Anjo indiscreto do segredo aéreo
Da safira angélica morada
Se evadira veloz... baixou à terra
Os arcanos de Deus descortinando.
Virgem ou anjo, aparição fantástica!
Seus olhos eram negros diamantes
Mais brilhantes que a luz da eternidade
Engastados em globos luminosos

⁹⁷. "*Vers écrits sur mon album par Mlle. L.G.*". Ensaio Literários, 1848, 2a. série, n.2, pp.18-19.

⁹⁸. "O estro" e "Flor sem perfume" encontram-se reproduzidos no "Encarte fac-similar de textos selecionados dos Ensaio Literários", pois não se encontram entre aqueles cologidos por Bosi e Scalzo (sobre outros oito poemas do autor dispersos em outros periódicos ver anexo "Notícias sobre os colaboradores dos Ensaio Literários", no item sobre Andrada e Silva).

Sob amortecidas pálpebras de jaspe;
 E diáfana venda d' inocência
 Dessa cor que não vê-se e que se sente
 Nublava-os de languet voluptuosa.
 Quem pode vê-la e duvidar ainda
 Do criador d' essência onipotente?
 Se ateu - se curvaria convertido
 E martir pela fé se tornaria
 Quem vê real sua mística beleza,
 Suas faces de neve imaculada,
 A linda palidez do rosto dela
 Reflexo da candura de sua alma,
 Não pode mais descrever, a firme crença
 Concebe por aquele que formou-a
 Que traçou nessa estátua de Donzela
 O perfeito infinito, aéreo tipo.
 Os cabelos macios como seda
 Tão negros como o véo que veste a noite,
 Ora tocam-lhe a testa de alabastro
 A cabeça de virgem tão mimosa;
 Outras vezes cobrindo os brancos ombros
 Caídos se reclinam sobre o colo
 De mais pura gardenia assetinado,
 Se visses o seu corpo delicado,
 A flexível cintura feiticeira
 Sensitiva do Empíreo pensareis;
 E as mãozinhas mais alvas que açucena
 De célico primor de tantos mimos
 Só Deus imaginara tão perfeitas.
 E eu vi-lhe um riso lhe roçar ligeiro
 O nacar perfumado de seus lábios
 Candente pelo mel voluptuoso
 Pelo néctar divino que referve
 Na boca que possui virgem tão linda.
 Tanta beleza pareceu-me um sonho:
 Quis dizer-lhe que a amava... mas sumiu-se,
 Na campa do mistério sepultou-se.

Como se vê, o poema retrata o ideal da virgem romântica: linda, pura, etérea, misteriosa. E a beleza que espelha a verdade, a bondade e que faz crer.⁸⁸

⁸⁸. Em seu *Cours de philosophie sur le fondement des idées absolues du vrai, du beau et du bien*, op.cit., Victor Cousin concebe a relação verdade/belo/bem de modo bastante imbricada, sugerindo que os versos de Leonel de Alencar se apoiavam em idéias filosóficas bastante conhecidas na época. Lembremos ainda que Cousin era um fervoroso combatente do ceticismo.

Já os poemas de Silveira de Sousa, "Uma noite na ponte do Acu" e "Oferecida", parecem não se integrar nem numa nem noutra classificação, respirando uma atmosfera byroniana que no entanto não tematiza a descrença.¹⁰⁰

De qualquer modo, privilegiar esta dicotomia só resulta na constatação daquilo que numa primeira passagem de olhos pelos Ensaio Literários não podemos ignorar: o fascínio dos académicos pelo tema do ceticismo.

Exemplar desse fascínio são dois poemas que já no título trazem à tona seu "byronismo". O primeiro, "Descrença", de Andrada e Silva, publicado anonimamente, tematiza exatamente o ceticismo generalizado e a vida como fardo. O eu-poético situa-se entre aqueles que tomam o ceticismo em seu sentido amplo, não se apresentando outra solução que não a morte. Eis o poema reproduzido na íntegra:

Repousemos minha alma! - não ficou-te
De teu passado todo uma saudade:

¹⁰⁰. Cabe notar que Silveira de Sousa era, a um tempo, crente e lírico, cético e pornográfico. Ferreira de Rezende (Minhas Recordações, op.cit., p.238) conta que Silveira de Sousa dedicou a uma musa - Laura Milliet - um poema de amor que ficou célebre na Academia e que assim se iniciava:

*Tens nas faces de neve a cor do pejo,
Nos languos olhos a do céu pintada;*

Mas, após constatar que mesmo lhe dedicando tão singelo poema, Laura não lhe dedica senão perfídia e ingratidão, não vacilou em fazer dos mesmos versos uma "indecente e tremendíssima paródia". E assim Ferreira de Rezende reproduz, pudicamente, os dois primeiros versos da também afamada paródia:

*Tens nas faces de m..da a cor do p..do,
Nos laxos olhos a do c. pintado;*

Iludiram-te os sonhos - na existência
Só tiveste ilusões - fumo ou vaidade.

Quiseste amigos; procuraste amores,
Mas quem ouviu-te as queixas desgraçadas? -
As estrelas do céu, da tarde as sombras
- E as noites sossegadas...

Sonhaste glórias, ambições tão belas!
E o que te deram sonhos tão floridos? -
No cemitério a flor, na rosa espinhos
E lá nas campas ossos carcomidos...

E eu contigo descri! - no mundo ingrato
- O estigma na fronte - o fel no peito -
Irei deitar-me só na dura terra(,)
No meu gelado leito(.)

Quanto sofri! - quanto penei na vida! -
Meu Deus! - meu Deus!- tu sabes que eu não minto!...
Era a dor pungente, eram torturas
Que ainda me doem n'alma que ainda sinto!

E ninguém há de a morte lamentar-me!
Sobre a lousa que aos homens esconder-me
Virá somente à noite ave dos túmulos
Uma prece dizer-me(.)¹⁰¹

Já o poema "Amor e descrença", de Almeida Pereira, partindo do ceticismo em relação à própria existência, direciona-o para o amor e, conseqüentemente, para a mulher:

Oh! quisera vazar todo o meu sangue,
Em troca de um riso dar-te a vida:
Mas não, não posso; é vão, oh minha fada,
Escrito está no livro do destino
O curso de meus dias sobre a terra.
Triste flor! o tufão roubou-lhe a seiva;
O seu sol da manhã foi sol ardente,
O crepúsculo da tarde a sua aurora!

Oh (!) quisera poder dizer-te apenas -
Eu te amo, como o bardo ama seus sonhos:
Dera tudo no mundo - altar e tronos,

¹⁰¹. "Descrença". Ensaios Literários, 1848, 3a.série, n.3, pp.71-72.

Em minha alma um vulcão, vulcão no peito.
 Mas não, não posso; é tarde, ó meu arcanjo,
 Nas lides do pensar lancei-me agora;
 A razão sufocou meu sentimento -
 Minha sina é descrever - e o amor é crença. -

Oh (!) talvez quando o corvo do infinito
 Por teu rosto passar as negras asas,
 E na campa verter fingido pranto
 A turba, que te segue hoje no mundo;
 Talvez contigo e Deus falando apenas -
 Eu te conte baixinho o meu segredo:
 Talvez eu diga então - eu te amo ó virgem,
 Nos olhos da finada eu tenho crença. -

Mas enquanto dourar o sol os vales,
 Os róseos lábios não cerrar-te a morte -
 Amar-te?! não te enfades, minha virgem,
 E vão esforço: espera, deixa o tempo
 Sobre nós peneirar o pó dos séculos. -
 Amanhã ou depois - talvez em pranto
 Meu segredo na campa irei depor-te:
 Mas hoje?!... ainda não creio - é cedo ainda!¹⁰²

O eu-poético realiza o percurso de Fausto com a ironia de Byron. No entanto, a ironia aqui presente é uma exceção. A grande maioria dos poemas publicados nos Ensaio Literários que tematizam a descrença no amor e na mulher cantam no coro dos mal-amados, dos traídos, dos desenganados. E lembremos aqui que Almeida Pereira, autor do poema, se mostra na poesia um "byroniano" de primeira linha.¹⁰³ Além dele, Francisco da Costa Carvalho, José Ramos

¹⁰². J. d'Almeida Pereira filho. "Amor e descrença". Ensaio Literários (out. 1850), s.d., s.n., pp.52-53.

¹⁰³. Os outros poemas de Almeida Pereira publicados nos Ensaio Literários são: "Uma saudade", "Desengano" e "Anjo-demônio". O primeiro versa sobre a morte da amada; o segundo, sobre a traição; e o terceiro sintetiza a figura da mulher-medusa romântica de que fala Mario Praz.

Coelho e mesmo Andrada e Silva revelaram talento para versar em torno do ceticismo.¹⁰⁴

Mas a predominância do ceticismo como tema não implicava homogeneidade de produção poética em torno da figura de Byron. Vejamos o caso de Oliveira Araújo. O primeiro poema seu a aparecer nos Ensaíes Literários foi "O cacique",¹⁰⁵ que assim se inicia:

Entre tantos cabeços, que granizam
Essa dos Orgãos cordilheira imensa,
Do mais alto da bronca serrania
Quem jaz sentado no empinado píncaro?
Doura-lhe o sol do ocaso as tranças negras,
E a sussurante brisa do crepúsculo
Lhe embala as plumas do cocar dourado;
Em faces cor de jambo enrubecidas
Cavam sulcos profundos duas lágrimas,
Como essas que deslizam de nossa alma,

¹⁰⁴ Francisco da Costa Carvalho apresenta apenas dois poemas nos Ensaíes Literários, "Sonho e vida" e "Virgem", sendo que o primeiro estaria melhor enquadrado entre os "descrentes". Porém, em O Acaíaba e nos Ensaíes Literários do Ateneu Paulistano possui diversas publicações poéticas, tais como "Minha morte" e "Rosa desfolhada", que trabalham temas céticos.

José Ramos Coelho, apesar da exígua produção literária, tanto nos Ensaíes Literários como nas demais revistas acadêmicas, revela-se um "byroniano" de bastante sensibilidade em composições como "Desengano", publicada em O Arrebol, ou "Um suspiro", publicada na Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano.

Mesmo Andrada e Silva se "sacrificou no altar do byronismo", na expressão de Sílvio Romero (História da literatura brasileira, 2.ed. melh. Rio de Janeiro: H.Garnier, 1903, v.2, p.251), com o poema "Flor sem perfume", publicado nos Ensaíes Literários.

¹⁰⁵ Oliveira Araújo escreveu ainda um outro poema indianista intitulado "O gemido do índio", publicado por Paulo Antonio do Vale, em 1881, no Parnaso Acadêmico Paulistano.

Quando a mão da saudade vibra a corda
D'harpa do coração, e a despedaça!¹⁰⁶

A imagem do cacique sobre a montanha, com tranças e cocar, mais parece a descrição de um índio de Cooper. Chama a atenção o fato de "O Cacique" ser o único poema indianista publicado nos Ensaio Literários, fazendo supor que, se a estética que iria consagrar José de Alencar era bem aceita no interior da Academia, poucos de fato se aventuravam a exercê-la.

Já no segundo poema, "Harmonias", Oliveira Araújo troca Tupã por Victor Hugo, inserindo entre seus versos a tradução de algumas estrofes do poeta francês.

A Victor Hugo segue-se a descrença delegada a Byron; no poema "Adeus...", o amante, à beira da morte, lamenta-se à amada por ter de deixar a vida ainda tão jovem.

E a Byron segue Lamartine, com a anteriormente citada tradução "Meditação XII - (Lamartine) - A tristeza".

Aparece então "*Réverie*", poema de amor, em francês, dedicado à Mlle. L.G.

Finalmente, Oliveira Araújo estampa o poema "O Dia", dedicado a Araújo Porto-Alegre.

O poeta ora reivindica o ideário indianista, ora busca o universo byroniano, ora o lirismo de Victor Hugo, ora a fé de Lamartine. Além disso, traduz e compõe ele próprio em francês e tanto dedica versos a uma musa desconhecida,

¹⁰⁶. O.A. "O cacique". Ensaio Literários, 1847, 1a. série, n.1, pp.16-21.

quanto a um artista e intelectual de renome. É notável a grande versatilidade deste poeta, que se revela também possuidor de uma erudição acima da média. Mas, deixando os dotes pessoais de Oliveira Araújo de lado, a relação de seus poemas nos oferece a medida da diversidade de modelos poéticos que os acadêmicos tinham à disposição, ao mesmo tempo que é emblemática do livre-trânsito entre crença e descrença que praticavam, apesar do predomínio da segunda.

Em relação à prosa teremos uma situação distinta, em que Hugo/Lamartine, isto é, a crença, encontram-se em pé de igualdade com Byron, a descrença.

4.4 *Prosa*

A prosa literária presente nos Ensaio Literários pode ser dividida entre: narrativas ficcionais e textos em prosa poética, denominados estes muitas vezes de "fantasias" ou de "imaginação".

As narrativas ficcionais resumem-se a sete. Cinco delas são de cunho dos próprios colaboradores do periódico e duas são traduções. O emprego aqui da denominação genérica "narrativa" é devido ao fato de algumas delas apresentarem-se somente enquanto fragmentos, não sendo possível saber sua real extensão e caráter.

Se retomarmos a oposição crença *versus* descrença em relação às cinco narrativas escritas pelos próprios

colaboradores do periódico, encontraremos uma situação bem mais complexa, na medida em que sua prosa pouco se enquadra em tal oposição.

O conto de Andrada e Silva, "Folhas de minha carteira - Fatalidade", supracitado, é a expressão máxima do ceticismo delegado a Byron. O cenário é o de um banquete orgiástico, com abundância de vinho, incenso e mulheres. Pratica-se todo o tipo de vícios. Um poeta, um músico e um escultor, já velhos, discutem sobre os meios de se alcançar a felicidade. A partir de suas experiências pessoais, discorrem sobre a sensualidade, os vícios, as guerras revolucionárias e a simplicidade da natureza, chegando a conclusão de que só na morte reside a felicidade. Envenenam-se com arsênico. O narrador comenta o ocorrido como "fatalidade", pois a arte é como Fedra: "paga com a morte as crenças no amor".

Sobre este texto, lembra-nos Couto de Magalhães em seu esboço da história literária da Academia:

José Bonifácio durante sua vida acadêmica escreveu em diversos jornais: entre seus escritos em prosa fez-se notável um fragmento que publicou nos Ensaios Literários (outubro de 1850) sob o título: Folhas de minha carteira. É um conto no gosto de Byron, e semelhante aos que Alvares de Azevedo escrevia provavelmente nessa época, e que não tinha ainda publicado.¹⁰⁷

Afora este conto de Andrada e Silva, as narrativas de autoria dos colaboradores do periódico pouco ou nada

¹⁰⁷. Couto de Magalhães. "Sobre um esboço da história literária da Academia". *Op.cit.*, p.298.

focalizam o ceticismo.¹⁰⁸ Almeida Pereira, que estampa dois fragmentos narrativos "Conversas entre um pintor e um poeta" e "O dois poetas ou A primeira hora do dia", não se apresenta descrente tal qual em seus poemas. O primeiro fragmento narra parte da história de um pintor italiano que sai em busca de inspiração em novas paisagens e de novos costumes em terras distantes. O segundo fragmento narra a conversa entre dois poetas que se encontram à meia-noite (sugerindo um clima byroniano) para discutir literatura indianista. Revela-se aqui a face "crente" de Almeida Pereira, não tanto ao modo de Hugo/Lamartine, porém mais à moda de Denis e Chateaubriand.

Mas além de crença e descrença, o que realmente chama a atenção nos três contos até aqui considerados é a discussão literária aí inserida. As narrativas funcionam mais como tratados de princípios estéticos do escritor do que como obras ficcionais propriamente ditas. Evocando novamente Alvares de Azevedo, lembremos que tal procedimento era muito frequente, além de ser, na maioria dos casos, o que trazia interesse e valor à obra.

Já o conto "Justiça e amor - Conto moral" de Ferreira Vale é a própria expressão da crença religiosa. Narram, em tempos imemoriais, uma história que contrapõe a avareza de um rico à bondade de um pobre, à maneira de uma parábola

¹⁰⁸. Também Leonel de Alencar se revelará um interessante prosador cético com seu conto "A confissão de um suicida", publicado em O Acaiaíba em 1853. Em A sonâmbula de Ipojuca, de 1861, ainda aparecem traços desse universo sombrio e tenebroso referente à descrença e a Byron.

bíblica. Lamartine finalmente se faz presente, mas a carolice do conto não faz jus ao seu virtual modelo.

Finalmente, temos o conto "Traços de minha vida de estudante - A tarde de hoje",¹⁰⁹ anônimo, que nada tem a ver com crença ou descrença, mas sim com um tipo de narrativa muito próximo do de Bernardo Guimarães. Aqui se narra as galhardias de três estudantes da Academia de São Paulo, comentando a preguiça para com os estudos, as relações amorosas, as disputas entre os três personagens-estudantes, e enfim, acentuando o aspecto irreverente do meio estudantil. Se há Byron nisso tudo, não é o cético e sim, o galhofeiro.

Mas, se nas narrativas escritas pelos acadêmicos percebe-se uma inadequação à oposição estabelecida pelos acadêmicos, na escolha que fizeram das duas narrativas traduzidas, o "byronismo" mais uma vez invade a cena.

O conto "Uma orgia de Lord Byron em Veneza",¹¹⁰ de Léon Gozlan, traduzido por A., narra a lendária história do crânio em forma de taça de Byron. O bardo inglês teria mandado esculpir o crânio de uma de suas ex-amantes para que pudesse utilizá-lo em suas orgias. O outro conto traduzido é de S. Henry Berthoud e intitula-se "As duas coroas de

¹⁰⁹. "Traços de minha vida de estudante - a tarde de hoje". Ensaio Literários, 1848, 3a. série, n.3, pp.62-67.

¹¹⁰ Léon Gozlan. "Uma orgia de Lord Byron em Veneza". Ensaio Literários, 1848, 3a. série, n.1, pp.19-21.

espinho".¹¹¹ Tematiza o destino trágico a que os artistas sempre estão relegados, tendo como personagem central o pintor espanhol Zurbarán, além de Camões e de um padre. A vida como local de sofrimento e a fatalidade são as tónicas do conto, remetendo-nos de imediato ao conto de Andrada e Silva.

Genericamente, acerca das narrativas ficcionais dos Ensaio Literários, podemos dizer que, apesar da pouca pertinência do critério da oposição crença versus descrença para algumas narrativas, a descrença e Byron ainda continuam sendo o tema preferido.

A situação só será equânime entre crença e descrença naquele gênero que aqui se denominou de prosa poética - chamado na época "fantasia" ou "imaginação". Estes textos se constroem a partir de uma abordagem bastante livre de um tema qualquer, político, social, filosófico, religioso etc., tendo por único ponto em comum o fato de jamais argumentar racionalmente sobre o assunto escolhido; visam, pelo contrário, transmitir ao leitor os sentimentos ali implicados a partir da criação de um esboço poético-argumentativo que delinieie a atmosfera a ser apreendida.

¹¹¹. S. Henry Berthoud. "As duas coroas de espinho". Ensaio Literários (1850), s.d., s.n., pp.40-44.

Nos Ensaios Literários temos como exemplo de tais textos: "Um recordar"¹¹² e "Imaginação - Um meditar",¹¹³ ambos assinados por C.; e "Imaginação, O poeta" e "Fantasias", de Oliveira Araújo.

O autor que assina com a inicial "C." se revela um verdadeiro "byroniano", uma vez que seus dois textos têm por medida a descrença. Em "Um recordar" o protagonista fala dos encantos de sua amada adormecida, sendo que, ao final, descobre-se que o sono da amada é, de fato, a metáfora de sua morte. Já no texto "Imaginação - Um meditar", o personagem devaneia, numa noite de insônia, acerca do seu passado, seu presente e seu futuro. Depois de rememorar um percurso de devassidão e luxúria, finaliza descrente de tudo, proclamando "o esquecimento do mundo, e o nada para a eternidade".

Já a prosa de Oliveira Araújo parece estar mais próxima daquela identificada a Hugo e Lamartine. Em "Imaginação - O poeta" define a figura do bardo como homem que vive da ilusão, tendo a esperança como religião e possuindo uma alma que espelha o universo. Cita Byron, Lamartine e Chenier. Seu texto "Fantasias" encontra-se dividido em duas partes, sendo que a primeira traz uma longa epígrafe com versos de Victor Hugo e trabalha o tema do amante que pede à amada a dádiva de escutá-lo dizer o quanto a ama. A segunda parte traz uma

¹¹². C. "Um recordar". Ensaios Literários, 1848, 2a. série, n.2, pp.10-13.

¹¹³. C. "Imaginação. Um meditar". Ensaios Literários, 1847, 1a. série, n.2, pp.7-9.

nota afirmando que o texto que segue é uma imitação de um artigo que o autor leu versando sobre o mesmo tema; trata das várias manifestações amorosas, como a do marinheiro pelo seu barco, do soldado pela batalha, do escravo pelo liberdade e assim por diante, concluindo ao final que é a soma de todas essas manifestações amorosas que oferece à sua amada, a quem dedica esta "fantasia".

Em suma, nem tanto a Hugo/Lamartine, nem tanto a Byron, somente nas "fantasias" encontramos o equilíbrio entre crença e descrença.

5. Observações gerais

Na investigação dos textos publicados nos Ensaios Literários, deparamo-nos com um complexo diálogo entre os princípios políticos e sociais que nortearam a constituição do Instituto Literário Acadêmico, a literatura propriamente dita publicada no periódico e a reflexão literária a que se dedicaram alguns dos seus colaboradores.

Grosso modo, a geração dos Ensaios Literários se via, por uma lado, impelida a harmonizar nação e literatura e, por outro, fascinada pela figura mestra do bardo inglês. De um lado, uma literatura programática nacionalista nos moldes de Denis e Garrett; de outro, a imitação enquanto emulação: primeiramente de Byron e depois de Hugo e Lamartine. Se a emulação de Byron imperava, não era motivo para alguns não

se aventurarem ora pela de Hugo, ora pela de Lamartine, ora pelas propostas de Denis e Garrett.

Apesar de todo o ânimo em torno do então novo e promissor país, idealizado como progressista, letrado e cristão, os acadêmicos elaboram nos Ensaio Literários uma poesia e uma prosa em que se constata fortemente a presença do ceticismo (sobretudo na poesia). Mas o conflito entre as idéias de crença que nortearam a criação do Instituto Literário Acadêmico e o fascínio pelo ceticismo como tema literário não chega a criar um paradoxo, visto a expressão da descrença ser de natureza quase que exclusivamente intimista, não se confrontando, de fato, com as idéias sociais e políticas por eles manifestadas. A existência mesma dos Ensaio Literários e dos demais periódicos demonstra que a afirmação da prática literária pode conter, pacificamente, enquanto tema literário, sua própria negação.

Daí que a oposição crença *versus* descrença proposta pelos acadêmicos, já na introdução do periódico, expõe o problema de modo a deixá-lo deliberadamente em aberto, possibilitando assim o trânsito entre a crença social e a descrença como motivo estético.

Importa salientar que essa aparente mas aceita contradição permitiu ainda que os Ensaio Literários se tornassem um lugar receptivo para as mais variegadas tendências da estética romântica. Tanto é que, nos textos de reflexão literária, as questões aventadas vão muito além da

oposição mencionada. Almeida Pereira, Alencar, Azevedo e Bernardo Guimarães nos apresentam cada qual uma concepção peculiar da obra literária e mantiveram, para além do debate no periódico, uma coerência estética aqui delineada e cumprida, em maior ou menor grau, nas diretrizes de suas obras.

LITTERATURA

ALFREDO DE MUSSET—JACQUES ROLLA.

1.º Artigo.

I.—O POEMA.

O genio é como o Jano Latino: tem duas faces. No Homero daquela Grecia inda vibrante das tradições selvaticas dos autochtones—dos mythos romances dos Pelasgios, que a colonisação Egypciaca viera nublar do seu mysticismo—ha a Iliada, e entre o canto de guerra e a Batrachyomachia, entre a tragedia com seu entrecho epico, e a comedia em embryão com sua satyra Aristophanica—a fundir-se a meio n'uma e n'outra, a abraçar uniformados n'um monumento só os dous typos, a Odysséa.

Goethe é assim—como aquellas medalhas de Pompeia a soterrada—N'um dos versos é o sorrir juvenil que se apura nos sonhos, que se embebêra de esperanças, sempre fresco de uma gotta—de lagrima doce, ou de orvalho—como as folhagens do rosasólis: são as fronteiras que se embebem no liquido d'ambar que se gottêa de amículos de anjo—é Faust que hesita ante o leito de Margarida, ao arregaçar do cortinado—ao sentir seus sonhos de moço que lhe vaguêão no delirio. A outra face é a amarellidez atrabilaria da testa que enton-tece ás febres do descrido: é Orestes que blasfema no seu ourar que queima, é Henrique Faust entre os hymnos da Pascoa erguendo a taça negra do suicidio.

Em Byron ha Childe Harold e Don Juan: Lara, Conrad—são os vislumbres do soffredor erradio. Childe Harold naquelle molde perfumado do antigo de Beattie e Spencer, é o fel da blasphemia, tressuando da esponja prene—é a vida que se estorce como a serpe na vasca moribunda—é o sangue que rebenta mais vivo, o pulso tufoso que bate mais a tropel como nos peitos do cavallo estafado do deserto—o coração que afana ao derramar das véas. Don Juan é a satyra hervada de todo o veneno do lambo: mas o stylo ferreo do poeta não se repassa apenas de gottas negras: ha nelle, pelo cauterio da ironia sardônica, um porejar vermelho que alembra as garras da aguia dos Alpes, ou do condor selvagem desses

CAPÍTULO III

PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS

(1848-1861)

Serão aqui comentados os periódicos acadêmicos, de interesse literário, contemporâneos ou posteriores aos Ensaio Literários, quer tenham sido editados pelas associações estudantis, quer tenham origem obscura (veja, a seguir, quadro cronológico). O intuito primeiro deste capítulo é precisar o tipo de publicação que foram os Ensaio Literários, confrontando-os com publicações similares e coevas.

O conjunto destes periódicos constitui per se uma radiografia dos interesses da mocidade letrada de meados do século XIX. Aponta sua oscilação intelectual, ora voltada para a filosofia, ora para história, ora ainda para a literatura, oferecendo também indícios sobre o público virtual destes moços.

CRONOLOGIA DOS PERIODICOS

TRATADOS NESTE CAPITULO

- 1848 - A Violeta
(encerrou sua publicação no mesmo ano)
- 1849 - O Arrebol
(ao que tudo indica, encerrou sua publicação no mesmo ano)
- 1851 - Revista Literária - Jornal do Ensaio Filosófico Paulistano, depois Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano (existiu com esse título ao menos até 1864)
- 1852 - O Acaiaba
(encerrou sua publicação em meados de 1853)
- Ensaio Literários do Ateneu Paulistano
(existiu ao menos até 1866)
- 1856 - Guaianá
(encerrou sua publicação no mesmo ano)

1. Publicações literárias contemporâneas dos Ensaio Literários¹

1.1 A Violeta e o virtual público feminino

Em abril de 1848, a seção "Crônica Literária" dos EnsaioLiterários² anuncia o surgimento de A Violeta: jornal modesto, dedicado ao "belo sexo" e inteiramente literário, lembrando que "a literatura é a bitola por onde se mede a civilização de um povo". Pude localizar apenas três exemplares de A Violeta (1848): dois na Biblioteca Nacional e um na Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

A Violeta era um semanário com apenas quatro páginas, dirigido às senhoras porém, muito provavelmente, redigido em sua maior parte por cavalheiros. Trazia abaixo do título a inscrição: "*Dames et Fleurs*". Distintamente dos periódicos acadêmicos do momento, revela uma certa preocupação gráfica, aparecendo aqui e ali arabescos com motivos florais. Os textos e poemas publicados tematizam o "amor" ou a "mulher", sendo anônimos ou assinados apenas por iniciais. Ficava, assim, em aberto, a possível colaboração feminina, ou dissimulada a autoria masculina.

¹. Além de A Violeta e de O Arrebol Afonso de Freitas relaciona os seguintes periódicos acadêmicos e literários: Piratininga, Iris (dois jornais com esse título) e Palestra Literária (os quais não constavam nos acervos por mim pesquisados).

². "Crônica literária". EnsaioLiterários, 1848, 3a. série, n.2, pp.47-48.

Apesar de nada indicar que tenha sido um periódico publicado por iniciativa dos acadêmicos, interessa assinalar aqui a existência de A Violeta por ser uma publicação paulistana coeva dos Ensaio Literários e, ainda, a primeira exclusivamente literária, trazendo em suas páginas, segundo Afonso de Freitas,³ nomes como Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Francisco Otaviano de Almeida Rosa, ambos recém-formados pela Academia de São Paulo, o último também colaborador dos Ensaio Literários.⁴ O mais interessante, no entanto, é o fato de A Violeta indicar, na São Paulo de meados do século XIX, a existência de um público de leitoras merecedoras de uma publicação exclusiva. Até onde pude averiguar, este é o primeiro jornal dedicado ao público feminino surgido em São Paulo.

Os redatores dos Ensaio Literários, no artigo citado, aplaudem o aparecimento do periódico, chegando a afirmar que é "mais um padrão de glória para a mocidade brasileira", já que "deleitando ela (A Violeta) instrui a sociedade". Apesar dos elogios dirigidos a A Violeta, seu modelo, com certeza, não era igual ao adotado pelos Ensaio Literários, além de as leitoras de A Violeta também não serem exatamente o público visado pelos acadêmicos. No entanto, é provável que as leitoras paulistanas pudessem formar um virtual público

³. FREITAS, Afonso de. A imprensa de São Paulo. Op.cit., p.95.

⁴. Francisco Otaviano estampa em A Violeta um folhetim intitulado "Um pai" (1848, n.3, pp.1-4), que relata uma história de amor e intrigas familiares, bem ao suposto gosto das damas.

consumidor para os periódicos estudantis, o que sugere os dois poemas em francês publicados nos Ensaio Literários, em fevereiro de 1848, intitulados "*Vers écrits sur mon album par Mlle. L. G.*"⁵ e "*Réverie, A Mlle. L. G.*",⁶ assinado por Oliveira Araujo. Neste caso, o periódico cumpre a função de algo como um "correio sentimental", tornando pública a simpatia existente entre o acadêmico e a anônima L.G.⁷

Se tomássemos o conjunto dos poemas amorosos publicados nos Ensaio Literários como endereçados às diversas musas paulistanas, veríamos delineado um imprevisto público leitor em relação sugestiva com a vida social da capital da província.

Quanto a A Violeta, vale registrar ainda o folhetim intitulado "Conversa entre uma filha da Cidade de São Paulo, e outra da cidade de Santos",⁸ assinado por F.V., de que pude consultar apenas um pequeno trecho incluído nos exemplares disponíveis do periódico. Em estilo coloquial, o autor compara a vida social santista com a paulistana, notando que em Santos esta é bem mais intensa. No trecho consultado, nota-se que os componentes da velada descrição

5. "*Vers écrits sur mon album par Mlle. L.G.*". Ensaio Literários, 1848, 2a. série, n.3, pp.18-19.

6. Oliveira Araújo. "*Réverie, A Mlle L.G.*". Ensaio Literários, id., pp.19-21.

7. Sobre os poemas supracitados ver texto sobre Oliveira Araujo no anexo "Notícias sobre os colaboradores dos Ensaio Literários".

8. F.V. "Conversa entre uma filha da cidade de São Paulo, e outra da cidade de Santos". A Violeta, 1848, n.6, pp.1-4.

feita por Alvares de Azevedo, em Macário, da cidade de São Paulo, com suas péssimas calçadas, sua vida social quase inexistente, o tédio - o terreno ideal para o culto do *spleen* -, também estão ali presentes, guardadas as necessárias distinções entre a crônica de costumes e o elaborado texto literário.

Outras publicações dirigidas ao público feminino surgiram em São Paulo em meados do século XIX, como A Camélia (1852) e o Lírio (1860), ambas com a participação de acadêmicos, corroborando a idéia de este público manter-se sempre no horizonte de nossos jornalistas de primeiras águas.⁹

9. Em 1852 surge A Camélia, que terá entre seus colaboradores Homem de Melo e Lindorf Ernesto Ferreira França. Infelizmente não pude localizar sequer um de seus exemplares. Tais informações obtive em Afonso de Freitas (A imprensa periódica em São Paulo. Op.cit., p.808), que apenas dá notícia da existência de A Camélia, reproduzindo um texto de Homem de Melo que afirma ter sido Lindorf Ernesto Ferreira França seu principal redator.

Em 1860, aparecerá o Lírio, que Afonso de Freitas registra como um "jornal de variedades dedicado às famílias" (id., p.153), apresentando um perfil muito semelhante ao de A Violeta, com a maioria das matérias dedicadas ao "belo sexo". Segundo Afonso de Freitas, o Lírio era redigido por Francisco Quirino dos Santos, Francisco Rangel Pestana e João Antonio Barros Junior - todos acadêmicos. Pude consultar apenas o n.5, de 18 de agosto de 1860, único exemplar presente na Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Ali aparece um texto muito interessante, intitulado "Carta de Mathilde à sua amiga E..." (pp. 47-49), onde O Guarani de José de Alencar é citado e elogiado. Também Nísia Augusta (Nísia Floresta) e Atabalipa de Bivar (Violante de Bivar) são citadas como talentos intelectuais do sexo feminino. Quer seja um autor, quer uma autora, quem redige o texto revela uma preocupação com a emancipação feminina que já se encontrava presente entre os acadêmicos de São Paulo desde o início da década de 1850, como é possível constatar na relação de questões

1.2 O Arrebol: uma publicação correlata aos Ensaio
Literários

"Para que o espírito possa libertar-se da ignorância é necessário que pulule o germe da literatura". A epígrafe, na versão original em língua alemã, seguida da tradução aqui reproduzida, ilustra a capa de O Arrebol, periódico acadêmico nos mesmos moldes dos Ensaio Literários, seu contemporâneo. Nada pude averiguar sobre o vínculo deste com qualquer associação.

Nos Ensaio Literários, na seção "Crônica Literária", exemplar sem numeração de maio de 1849,¹⁰ Almeida Pereira anuncia o aparecimento do O Arrebol. Nota ser um periódico redigido por "acadêmicos inteligentes e afeitos a um pensamento patriótico e generoso", o mesmo, segundo ele, que regou a produção dos Ensaio Literários. Aconselha os redatores do novo periódico a desconsiderar a crítica injusta e descabida (eis novamente os "zoilos"), notando ser ela uma grande inimiga de tais empreendimentos.

debatidas nas sessões da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano (que serão comentadas adiante).

Cabe ainda registrar a presença, em o Lírio, de Pires de Almeida, que assina um texto intitulado "Liriorama" (pp.49-51). É o primeiro artigo do que viria a ser uma coluna sobre moda feminina. Prometendo manter o público feminino a par da moda estampada em periódicos estrangeiros, faz descrições dos modelos mais em voga e dos adereços mais valorizados no momento, sugerindo, por exemplo, a utilização de fitas escocesas, de contas ou apreciando o uso de tecido branco.

10. Almeida Pereira Filho. "Crônica Literária". Ensaio Literários, 1849, s.n., s.d., p.17.

Só pude localizar um único exemplar da publicação, o de número 3 de julho de 1849, contendo 25 páginas, que se encontra na Biblioteca Nacional. No entanto, já ali nos deparamos com quatro nomes que também constam nos Ensaíes Literários: José Bonifácio de Andrada e Silva, Joaquim Felício dos Santos, João Silveira de Sousa e José Ramos Coelho.¹¹ Chega mesmo a ser intrigante Almeida Pereira referir-se aos redatores de O Arrebol sem notar serem muitos deles os mesmos que os dos Ensaíes Literários.

Ao que parece, um mesmo grupo de acadêmicos produzia ambos os periódicos. A proximidade entre os Ensaíes Literários e O Arrebol chega ao ponto de Joaquim Felício dos Santos iniciar a publicação de seu texto "Ciências" no primeiro e continuá-lo no segundo.

Além dos nomes acima, vale ressaltar em O Arrebol a presença de Aureliano Lessa, que apresenta um texto narrativo de caráter fantasioso, intitulado "Visão".¹² Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa, fortemente onírica, tendo por tema a busca da felicidade, em meio a visões históricas e divagações. Finaliza com o protagonista se deparando com o Cristo na cruz, que representa "a fé, a esperança e a caridade". Após a morte de Aureliano, em 1861, este mesmo texto foi parcialmente publicado no Arquivo

11. Para saber o que estes quatro autores publicaram em O Arrebol ver ao final deste trabalho o anexo "Notícias sobre os colaboradores dos Ensaíes Literários".

12. Aureliano Lessa. "Visão". O Arrebol, 1849, n.3, pp.39-40.

Literário (1865-1868), com prefácio de Bernardo Guimarães, prefácio que hoje se encontra em suas obras completas.

Levando em consideração serem praticamente os mesmos os redatores dos Ensaio Literários e de O Arrebol, a presença de Aureliano Lessa neste faz supor que pudesse ter colaborado também naquele, sob a inicial "A.", por exemplo, que assina vários textos nos Ensaio Literários. Se não é o caso de os delegarmos a Aureliano, ao menos faz-se necessário assinalar a possibilidade de ter sido um dos colaboradores do periódico.

Há ainda no número aqui consultado de O Arrebol um interessante texto de Vieira de Mattos, "O cristianismo e a poesia",¹³ que se presta ao estudo da nossa poesia romântica de cunho cristão.

Ao que tudo indica, O Arrebol conheceu vida muito breve. Juntamente com os Ensaio Literários, teria, muito provavelmente, suas fileiras esvaziadas com o surgimento da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano.

¹³. Vieira de Mattos. "O cristianismo e a poesia". O Arrebol, 1849, n.3, pp.34-36.

2. Periódicos posteriores aos Ensaio Literários

2.1 O Acaiaba e os Ensaio Literários: duas publicações verdadeiramente similares.

No momento imediatamente posterior aos Ensaio Literários, resta ainda assinalar a existência de um outro periódico, O Acaiaba, que também traz entre seus colaboradores alguns nomes que estiveram presentes nos Ensaio Literários, além de ser uma publicação que privilegiava a matéria literária.

Consultei seis exemplares de O Acaiaba, referentes aos anos de 1852 e 1853, existentes na Biblioteca Municipal de São Paulo e na Biblioteca Nacional. O Acaiaba foi uma publicação acadêmica que não se apresentava como porta-voz de qualquer associação. Publicava algumas notícias sobre as associações do Ensaio Filosófico Paulistano e do Ateneu Paulistano, mantendo-se porém distante dos debates "filosóficos" ocorridos nos anos de 1852 e 1853. Por sinal, estes parecem ter sido os dois únicos anos de vida de O Acaiaba. Em 1854 já não aparece sequer notificado nos relatórios daquelas associações.

Era publicado mensalmente e possuía entre seus colaboradores sócios de ambas as associações, tais como Felix Xavier da Cunha, Manoel Antonio Duarte de Azevedo, Leandro Barbosa de Castilho, Rodrigues Costa, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, Quintino Bocaiuva e José

Fernando da Costa Pereira. Aparecem também três antigos colaboradores dos Ensaio Literários: José Bonifácio de Andrada e Silva, Francisco da Costa Carvalho e Leonel de Alencar.

O periódico contou ainda com a colaboração de Bernardo Guimarães. O poema "Hino à tarde", que será publicado em 1860 pela Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, aparece primeiramente no terceiro exemplar de O Acaiaba.¹⁴

Couto de Magalhães, ao elaborar seu texto sobre a história literária acadêmica, assim se expressa em relação a O Acaiaba:

Um outro jornal houve em 1851,¹⁵ que fez grande influência e que há de ser lembrado algum dia quando se escrever a história, é o O Acaiaba. Os vícios inerentes ao estilo da mocidade, isto é, o abuso das metáforas, a prolixidade dos períodos, a declamação, são neles substituídos por uma linguagem simples, clara, e elegante, salvas as exceções. A escolha dos artigos e dos assuntos para as poesias é ordinariamente de muito bom gosto; nas composições líricas que nele existem sente-se a influência de Gonçalves Dias. Este jornal viveu dois anos, que não de ser sempre lembrados na vida da Academia.¹⁶

14. Para referência bibliográfica, conferir texto sobre Bernardo Guimarães no anexo "Notícias sobre os colaboradores dos Ensaio Literários".

15. Couto de Magalhães provavelmente equivocou-se ao dar o ano de 1851 para o aparecimento do periódico, pois refere-se corretamente aos dois anos de duração da publicação. O número um da primeira série de O Acaiaba, supracitado, data de maio de 1852.

16. Couto de Magalhães. "Sobre um esboço da história literária da academia". Revista da Academia, 1859, n.4, pp.262-263.

A apreciação estilística do autor de Os guaianazes é sem dúvida bastante pertinente, tendo em vista que, naquele momento, o contraponto a O Acaiaba são a Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano e os Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano. Embora fossem idênticos os colaboradores que circulavam entre os três periódicos, os resultados apresentam-se distintos em função dos próprios objetivos das publicações: os periódicos das duas associações têm por horizonte exclusivo a Academia, preocupados com questões corporativas, enquanto O Acaiaba, apesar de vinculado à vida acadêmica, pretende-se um periódico de interesse geral, nos moldes, como foi dito, dos Ensaaios Literários, ou mesmo da Guanabara.

Assim, se fosse o caso de elegermos uma publicação que tivesse dado continuidade aos Ensaaios Literários, com certeza O Acaiaba teria maior direito a esse lugar que os Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano.¹⁷

17. A maior e mais significativa parcela dos textos de crítica literária e de interesse para a historiografia romântica deste periódico foram reproduzidos por José Aderaldo de Castelo (1963). Merecem ser mencionados a série de artigos intitulados "Literatura pátria" (1852, n.2, pp.24-25; n.3, pp.39-40; n.4, pp.57-60; n.6, pp.87-89; 1853, n.1, pp.107-109; n.3, pp.152-154), redigidos pelos recém-ingressado na Academia, Manoel Antonio Duarte de Azevedo, e o texto sobre o então muito afamado poeta francês "Gilbert" (1852, n.2, pp.25-27; n.3, pp.40-42; n.5, pp.69-70), assinado por J. Além destes, também reproduz um texto intitulado "Fragmentos" (1853, n.2, pp.120-122), tematizando a condição do poeta, de Costa Pereira, um discurso de Viriato Catão em memória de Alvares de Azevedo e uma crítica do livro Minhas Canções, de Silveira de Sousa.

Porém, em função dos exemplares de O Acaiaba que pôde consultar, Aderaldo de Castelo não dá notícia dos trechos dos exemplares de n.6 de 1852 e de n.3 de 1853 do texto "Literatura pátria". Também quanto ao texto "Gilbert",

Em O Acaiaba, interessa registrar a presença dos três textos em memória de Alvares de Azevedo, ex-colaborador dos Ensaio Literários, morto, como é sabido, em 5 de abril de 1852: de Felix Xavier da Cunha, o "Discurso recitado na sessão fúnebre do Ensaio Filosófico Paulistano a 23 de maio pela morte de Manoel Antonio Alvares de Azevedo, estudante do 5.º ano jurídico"; o poema de Francisco Costa Carvalho intitulado "A morte do bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo"; e o "Discurso proferido por A.C.C. Viriato Catão na sessão fúnebre do Ensaio Filosófico Paulistano pela morte do bacharel M. A. Alvares de Azevedo, estudante do 5.º ano jurídico".¹⁸

Também um outro texto apresenta-se aqui de especial interesse. Trata-se da crítica literária, de G. D. Q., "As minhas canções do Sr. Silveira de Sousa".¹⁹ O ensaio destaca o poema "Uma noite na ponte do Acu", publicado originalmente nos Ensaio Literários.

assinado por J., reproduz apenas os trechos dos números 2 e 3 de 1852 (pp. 25-27 e 40-42), deixando aquele presente no n. 5 deste mesmo ano (pp. 69-70).

¹⁸. Felix Xavier da Cunha. "Discurso recitado na sessão fúnebre do Ensaio Filosófico Paulistano a 23 de maio pela morte de Manoel Antonio Alvares de Azevedo, estudante do 5.º ano jurídico". O Acaiaba, 1852, n.1, p.13.

Francisco da Costa Carvalho. "A morte do bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo". O Acaiaba, 1852, n.1, p.13.

"Discurso proferido por A.C.C. Viriato Catão na sessão fúnebre do Ensaio Filosófico Paulistano pela morte do bacharel M. A. Alvares de Azevedo, estudante do 5.º ano jurídico". O Acaiaba, 1852, n.3, pp.42-43. Este último reproduzido por J.A.Castelo em Textos que interessam..., v.2, pp.206-207.

¹⁹. G. D. Q., a "As minhas canções do Sr. Silveira de Sousa". O Acaiaba, 1852, n.4, pp.60-62. Cf. Castelo, id., pp.207-211.

2.2 *O Guaianá: os seguidores de Alvares de Azevedo e aspectos do periodismo acadêmico.*

Após dois anos de desaparecimento de O Acaiaba, surge o Guaianá, "jornal científico, político e literário", como indica seu subtítulo. Com periodicidade mensal, publicou apenas seis exemplares, de abril a setembro de 1856. Tal qual O Acaiaba, o Guaianá não se apresenta como porta-voz de qualquer associação acadêmica, mas sim como expressão da participação acadêmica no meio jornalístico. No entanto, na contracapa do último exemplar aparecem alguns artigos de um estatuto não especificado, referentes à assinatura do periódico. Entre esses, aparece o seguinte:

Art. 11 - Os Senhores Assinantes poderão mandar artigos, que serão publicados, sem prejuízo dos artigos de seus sócios.²⁰

A presença de "sócios", distintos de "assinantes", faria prever a existência de uma associação encarregada da publicação do periódico. No entanto, em nenhum momento surge qualquer referência explícita a ela. Ao que parece, o periódico era produzido por um grupo de acadêmicos que financiava sua publicação, sendo eles considerados "sócios", distintos, portanto, daqueles que viessem a assiná-lo.

²⁰. Contracapa do exemplar n.6 do Guaianá, referente a setembro de 1856.

O Guaiana avizinha-se do formato dos Ensaio Literários e de O Acaiaba, e não dos periódicos das associações do Ensaio Filosófico e do Ateneu Paulistano. Quanto aos colaboradores, encontramos nomes como Couto de Magalhães, Manuel Duarte de Azevedo, Felix Xavier da Cunha, Bittencourt Sampaio, Gentil Homem de Almeida Braga, Tavares Bastos, J.B. Cortines Laxe, R. Milagres, Luis Joaquim Duque Estrada Teixeira, Francisco Inácio Homem de Mello, Alberto Antonio Soares e Tamandaré.

Como se vê, já nenhum dos ex-colaboradores dos Ensaio Literários está presente. Daqui em diante, encontraremos apenas algumas participações esporádicas de José Bonifácio ou Bernardo Guimarães. No entanto, Alvares de Azevedo começa a fazer escola no interior do periodismo acadêmico.

Nesse sentido, o Guaianá interessa sobremaneira pela presença de um autor que se pode considerar exemplo típico dos seguidores de Alvares de Azevedo:²¹ Lindorf Ernesto Ferreira França. Publicou no Guaianá diversos poemas, como "A maldição do vate", "A perjura" ou "Desventura", além de um curiosíssimo conto intitulado "A confissão do moribundo", que, fazendo eco a "A confissão do suicida"²² de Leonel de Alencar, editado em O Acaiaba, retraca a terrível trajetória de um personagem comparável aos frequentadores de Noite da taverna, de Alvares de Azevedo. A filiação de Lindorf

²¹. Lembremos que desde 1853 Garnier já passara a publicar a obra do autor de "Lembrança de morrer".

²². Sobre o texto de Leonel de Alencar no anexo "Notícias sobre os colaboradores dos Ensaio Literários".

Ernesto Ferreira França ao autor de Macário é confessada em seu texto "Duas palavras sobre M.A. Alvares de Azevedo",²³ em meio aos mais calorosos elogios à obra e às lamentações por sua morte prematura, assim diz Lindorf:

M.A.A de Azevedo é um dos poucos nomes do Brasil, que o velho deve repetir com amor e o mancebo com entusiasmo; um desses nomes que ficará esculpido nos bronzes da história, entre galhos de saudades e o reflexo irisante das glórias!²⁴

Conhecendo as produções de Lindorf Ferreira França, vê-se que tais palavras não devem ser meramente entendidas como exercício de oratória escolar, mas sim como protesto de verdadeira admiração do discípulo. Curiosamente, Lindorf Ferreira França morrerá tão cedo quanto o poeta. Em 1858, com 22 anos, já funcionário da secretaria de polícia no Rio de Janeiro, morre sem deixar sequer um livro publicado. Só em 1863 sai, postumamente, Sempre-vivas, uma coletânea de poemas.²⁵

23. Lindorf Ernesto Ferreira França. Guaianá, 1856: "A maldição do vate" (n.3, pp.89-93); "A perjura" (n.4, pp.123-124); "Desventura" (n.6, p.194); "A confissão do moribundo" (n.4, pp.110-116; n.5, pp.141-146; n.6, pp.164-172); "Duas palavras sobre M.A.Alvares de Azevedo" (n.5, pp.146-148). Para este último, cf. Castelo, id., pp.219-222.

24. Lindorf Ernesto Ferreira França. "Duas palavras sobre M.A.Alvares de Azevedo". Guaianá, n.5, p.148.

25. Os dados sobre Lindorf Ernesto Ferreira França foram coligidos em José Aderaldo Castelo (Textos que interessam à história do romantismo. Op.cit., v.2, p.215) em Luis Correia de Melo (Dicionário de autores paulistas. São Paulo: Comissão do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo, 1954). As datas de nascimento e morte do autor divergem nas obras citadas, porém, com certeza, José Aderaldo Castelo oferece os dados corretos, visto que Correia de Melo dá como data de

Lindorf Ferreira França é um dos primeiros, na Academia, a comentar a obra de Alvares de Azevedo, reproduzindo inclusive, nas "duas palavras" sobre o autor, alguns versos de "Lembrança de morrer". Até então Alvares de Azevedo era recordado muito mais como um ilustre e brilhante acadêmico morto na flor dos anos e não como poeta. Lindorf é, nesse sentido, figura típica do escritor que, naquele momento, penetrava no universo de referências delegados a Byron, que a obra de Alvares de Azevedo então filtrava.

Além de o Guaianá abrigar em suas páginas aquele que pode ser considerado o primeiro seguidor de Alvares de Azevedo dentro da Academia de São Paulo, o periódico também revela, através do cuidado de um de seus colaboradores, um aspecto até aqui não aventado do periodismo acadêmico: o valor social de verdadeira entrada na vida pública para seus colaboradores.

A coleção por mim consultada do Guaianá pertenceu a um de seus autores de grande projeção futura: Francisco de Inácio Marcondes Homem de Melo. É uma coleção encadernada em capa dura, encontrando-se na contracapa algumas observações manuscritas de Homem de Melo sobre sua vida escolar, datadas de 7 de novembro de 1856. Homem de Melo assim se refere ao Guaianá:

morte de Lindorf o dia 10 de março de 1852, o que o impossibilitaria de colaborar com o Guaianá em 1856. Lembremos que Couto de Magalhães, em seu "Esboço sobre a história literária da Academia de São Paulo (Revista da Academia. Op.cit., pp.311-313) inclui Lindorf em sua galeria de autores.

Eis aí está uma página das minhas recordações acadêmicas. O ano de 1856 despontou para mim sob felizes auspícios: marca minha vida literária o seu mais vigoroso período. Estreara eu em 1854 com um discurso, que apareceu nos Jornais do tempo; o ano de 1855 assinalou um progresso de mais em meus rudes exercícios literários. Diversos discursos, e alguns trabalhos históricos publicados no Ipiranga, e uma série de artigos amorosos, dados à luz na Camélia (Jornal do Belo Sexo, em que colaborara) encheram-me o ano de 1855, e habilitaram-me a poder continuar este ano com resultado lisonjeiro. Aí está o Guaianá, fruto de minhas fadigas deste ano: é um marco, que deixo em minha vida de mancebo: possa ele algum dia recordar-me o meu viver descuidoso de hoje, e as minhas nobres aspirações, que todas se cifram no descobrimento da verdade! Possa sempre a mesma luz alumiar-me os passos na carreira fatigosa da existência!²⁶

Além disso, Homem de Melo teve o cuidado de relacionar na página de rosto da encadernação todos os artigos por ele publicados, indicando que foi o redator-chefe do periódico. Também fez algumas anotações e correções nos textos de sua autoria. Tal procedimento revela um apurado cuidado em preservar documentalmente as primeiras manifestações, não do acadêmico Homem de Melo (autor de bom número de trabalhos jurídicos escolares), mas sim do homem público Homem de Melo, estreante redator-chefe de um periódico e autor de diversos artigos. Em se tratando de alunos de uma academia formadora da inteligência do país, nada mais lógico que essa preocupação em, dentro dos muros escolares, adquirir experiência e até um certo renome antes de conquistar as

²⁶. Homem de Melo. Manuscrito existente no volume encadernado dos exemplares do Guaianá pertencente ao acervo de obras raras na Biblioteca Municipal de São Paulo "Mário de Andrade".

verdadeiras cidadelas, fosse a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fossem as das assembleias provinciais ou geral. Homem de Melo, por sinal, subjugou-as todas, tendo sido sócio honorário do Instituto Histórico e de várias outras associações, ocupado diversos cargos públicos e políticos, chegando a angariar o título de barão.²⁷

2.3 As duradouras Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano e Ensaios Literários do Ateneu Paulistano

Como vimos no início deste trabalho, as associações do Ensaio Filosófico Paulistano e do Ateneu Paulistano tiveram longa vida, conheceram várias diretorias e, por conseguinte, momentos bastante distintos quanto às matérias publicadas em seus periódicos. Acompanhemos, **grosso modo**, o que publicaram de literatura, procurando identificar os modelos nos quais se espelharam, pois, como veremos, são ligeira mas significativamente distintas das publicações até aqui comentadas.

²⁷. Homem de Melo, no texto acima reproduzido, cita O Ipiranga e o A Camélia, fazendo-se necessário aqui notar que o primeiro era um periódico eminentemente político, e, do segundo, como já foi assinalado, não pude localizar qualquer exemplar. Neste mesmo ano de 1856 também publicou-se um outro periódico acadêmico intitulado A Academia, "jornal filosófico, jurídico e literário", redigido por Couto de Magalhães e outros estudantes, segundo Sacramento Blake (apud Afonso de Freitas. A imprensa periódica em São Paulo. Op.cit., p.135), do qual, como Afonso de Freitas, também nada encontrei.

Tomemos, primeiramente, a Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano. O artigo "Oeslan",²⁸ de Antônio Simplicio de Sales, publicado em 1852, foi o primeiro texto de crítica da revista. Porém, no início da publicação, a reflexão literária tem lugar bastante minguado. Excetuando-se a literatura propriamente dita, quase sempre poemas, vale ressaltar somente a série de textos sobre Monte Alverne, incluindo um "Anuário histórico"²⁹ de bastante valor para o conhecimento da vida desse mestre de retórica.

Somente após 1854 aparecem artigos de reflexão literária com certa frequência, como é o caso de: "A literatura",³⁰ de G. Silveira Martins; "Perfis literários: Manoel Antônio Álvares de Azevedo",³¹ de Lopes de Mendonça; "O que é a mulher perante à poesia?",³² de Couto de Magalhães; "As poesias de J. Fernandes Madrid", anônimo.³³

Porém, a partir de 1858, devido, em grande parte, à presença de Antônio Joaquim Macedo Soares, a discussão literária e das artes em geral ocupará espaço regular nas páginas da Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano.

²⁸. Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1852, n.3, pp.39-42. Reproduzido, em 1963, em Textos que interessam à história do romantismo, v.2, coleção organizada por José Aderaldo Castelo.

²⁹. Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, n.4,5 e 6, pp.219-227.

³⁰. Id., 1854, n.2, pp.144-148; n.4,5 e 6, pp.228-233.

³¹. Id., 1855, n.4, pp.61-65.

³². Id., 1855, n.6, pp.105-106.

³³. Id., 1856, n.3, pp.1-6; cf. Castello, id.

Ja neste ano, Macedo Soares publica a tradução de um trecho dos Essais de Littérature et de Morale de St. Marc Girardin intitulado "Estética - da inspiração e da expressão"³⁴ e também os "Apontamentos sobre a propriedade literária".³⁵ No n.1 do ano seguinte, inaugura sua série de artigos sobre música, traduzidos de revistas francesas. Revelando conhecer a história da associação, assim inicia seu artigo:

Nove anos de existência conta a Revista Mensal do Ensaio Filosófico, e entretanto pena nenhuma, dentre as habilíssimas que há tido, se tem exercitado em assuntos artísticos, além da poesia; e mesmo aqui, a não serem alguns estudantes críticos literários, que de algum tempo a esta parte vão-se tornando - seja Deus louvado! - mais frequentes, nada tem aparecido sobre questões estéticas.³⁶

Seus "Ensaio de análise crítica" sobre os livros Sombras e sonhos de Teixeira de Mello³⁷ e Flores silvestres de Bittencourt Sampaio,³⁸ assim como os três artigos "Tipos literários contemporâneos - I. Gonçalves Dias"³⁹ encontram-se também reproduzidos por José Aderaldo de Castelo.

Em 1862, Pessanha Póvoa, uma outra grande figura do momento, responsável pela criação da Revista Dramática

³⁴. Id., 1858, n.3, pp.21-23.

³⁵. Id., 1858, n.2, pp.4-8; n.4, pp.25-28.

³⁶. Id., 1859, n.1, pp.8-12.

³⁷. Id., 1959, n.6, pp.87-94. Cf. Castelo, id., pp.76-87.

³⁸. Id., 1860, n.5, pp.65-72. Cf. Castelo, id., pp.87-97.

³⁹. Id., 1861, n.1, pp.27-31; n.2, pp.39-43; n.4, pp.58-62. Cf. Castelo, id., pp.97-116.

(1860), publica na Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano uma série de artigos intitulados "Bibliografia e crítica literária"⁴⁰ e, em 1863, faz um balanço da produção acadêmica no ano anterior, intitulado "O ano acadêmico de 1862 - São Paulo",⁴¹ ambos compondo um panorama da literatura e crítica produzidas na Academia de São Paulo. Essa preocupação em registrar a produção literária acadêmica é uma tendência desses anos, observada também por Couto de Magalhães em sua Revista da Academia (1859).

Além destes, outros, como A. Silva Prado, Pedro Luis, Cirilo de Lemos, Rangel Pestana, Quirino dos Santos, Moraes Costa e Luís Ramos de Figueira imprimem às sessões do Ensaio Filosófico Paulistano o caráter de uma academia de letras. Silva Prado, por exemplo, debate com Macedo Soares e Salvador de Mendonça sobre "Qual o caráter da poesia moderna em geral, e da poesia brasileira, em especial?",⁴² sendo publicada apenas a argumentação de Silva Prado. Cirilo de Lemos, por sua vez, debate com Rangel Pestana e Quirino dos Santos o tema "A arte é a realização de um tipo ideal ou a imitação da natureza?",⁴³ defendendo a segunda proposição. Luís Ramos Figueira, por sua vez, publica um curioso parecer sobre a questão: "É justo o título de chefe da literatura

⁴⁰. Id., 1862, n.1, pp.6-7. Cf. Castelo, *op.cit.*, v.3.

⁴¹. Id., n.3, pp.29-34. Cf. Castelo, *op.cit.*, v.3.

⁴². Id., 1860, n.3, pp.37-40. Cf. Castelo, *op.cit.*, v.2, pp.18-22.

⁴³. Id., 1863, n.1 e 2, pp.5-10. Cf. Castelo, *id.*, pp.154-162

brasileira, dado ao Sr. Domingos Jose Gonçalves de Magalhães?".⁴⁴ Segundo o crítico, o lugar ainda estava vago. Chama a atenção o fato de Ramos Figueira manter em aberto o lugar de "chefe da literatura brasileira". Isso provavelmente era muito bem recebido por aqueles que então se iniciavam nas lides literárias.

Enfim, a passagem da década de 1850 para a de 1860 foi o momento áureo, no que concerne ao debate literário, da Associação Ensaio Filosófico Paulistano. Na literatura, contou com a colaboração de nomes como Bernardo Guimarães e o estreante Fagundes Varela, que já começava a fazer época na Academia. De Bernardo Guimarães, publicam em primeira mão os poemas "A uns anos" e Ela",⁴⁵ que ainda hoje não se encontram em suas obras completas, e também o poema "Hino à tarde",⁴⁶ que já havia sido publicado por O Acaiaíba em 1852. De Fagundes Varela, aparecem os então inéditos "Não te esqueças de mim"⁴⁷ e "Elegia",⁴⁸ que passaram a integrar o volume de Vozes da América em 1864.

Na seção "Crônica - de junho a julho",⁴⁹ assinada por "Aldo", comenta-se o drama biográfico-acadêmico, em três

⁴⁴. Id., 1864, n.1, pp.11-15. Cf. Castelo, id., pp.171-176.

⁴⁵. Ambos os poemas se encontram reproduzidos no anexo "Notícias sobre os colaboradores dos Ensaio Literários" no texto sobre Bernardo Guimarães.

⁴⁶. Id., 1860, n.5 e 6, pp.83-84.

⁴⁷. Id., 1862, n.2, p.32.

⁴⁸. Id., 1862, n.3, pp.47-48.

⁴⁹. Id., 1864; n.2, pp.37-40.

atos, intitulado Fernando, de Pires de Almeida. O drama tematiza a história de "amor e morte" de Feliciano Coelho Duarte, ex-colaborador dos Ensaio Literários, que, segundo se dizia, ter-se-ia suicidado pelo repúdio da musa Laura Milliet. O tema era bom, mas, segundo o cronista, Pires de Almeida carregou nas tintas, o que não causa espanto, se lembrarmos ser ele próprio o autor de A escola byroniana no Brasil.⁵⁰

Nos Ensaio Literários do Ateneu Paulistano a situação da literatura segue, em linhas gerais, o mesmo percurso do periódico do Ensaio Filosófico. No início da década de 1850 publicavam (em mesmo gênero, número e grau que os da Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano) alguns poemas e narrativas, fazendo-se praticamente ausente a crítica literária. Vale assinalar a colaboração de Machado de Oliveira e de Beaurepaire-Rohan, membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que já tinham colaborado nos Ensaio Literários, sendo que o segundo também estava presente, nesses anos, nas páginas da Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano.⁵¹ No final da década de 1850,

⁵⁰. Pires de Almeida publicou no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, entre 1903 e 1905, uma série de artigos intitulados "A escola byroniana no Brasil", coligidos depois em livro por sugestão de Afrânio Coutinho e editados em 1962 na coleção "Textos e Documentos" do Conselho Estadual de Cultura.

⁵¹. Para saber sobre os textos publicados por eles, ver anexo "Notícias sobre os colaboradores dos Ensaio Literários".

a equipe de redatores e das mais respeitáveis e temos, por exemplo, Ferreira Dias com os artigos "As letras no Brasil", "Breve notícia da arte do século XIX" e "Um tipo literário" (sobre Basílio da Gama),⁵² ou F.I. de Rezende com "Duas palavras à propósito do artigo - Morte de Marília de Dirceu - do Sr. Lopes de Mendonça",⁵³ ou ainda alguém que assina H.M. rubricando o artigo "Literatura brasileira - As letras no Brasil".⁵⁴ Encontramos Homem de Melo com "História geral do Brasil por Francisco Adolfo de Varnhagen",⁵⁵ criticando os dois volumes saídos em Madrid, em 1854 e 1857, por ser uma história pouco nacional, e Macedo Soares com "Considerações sobre a atualidade da nossa literatura", "Cantos da solidão - impressões de leitura" e os seus "Esboços de estética"⁵⁶ fundamentados nas idéias de Hegel, lidas a partir de Victor Cousin e V.Prévost, segundo a bibliografia citada. Além desses, Macedo Soares publica dois artigos intitulados "Ensaio de análise crítica", um sobre

⁵². Ferreira Dias:

"As letras no Brasil". Ensaio Literário do Ateneu Paulistano, 1857, n.3-4, pp.379-385.

"Um tipo literário", id., 1857, n.5-6, pp.436-437.

"Breve notícia da arte do século XIX", id., 1858, n.2-3, pp.474-476.

⁵³. Id., 1858, n.1-5, pp.474-476.

⁵⁴. Id., 1859, n.1-2, pp.553-557.

⁵⁵. Id., 1858, n.1 a 5, pp.457-474.

⁵⁶. Macedo Soares:

"Considerações sobre a atualidade da nossa literatura", id., 1857, n.1-2, pp.363-369; n.3-4, pp.391-397.

"Cantos da solidão - impressões de leitura", id., 1857, n.3, pp.386-391.

"Esboços de Estética", id., 1858, n.2, pp.477-483.

os Cantos da Solidão de Bernardo Guimarães.⁵⁷ outro sobre Inspirações do Claustro de Junqueira Freire.⁵⁸ Os dois artigos fazem parte da mesma série de ensaios que Macedo Soares publica na Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano. Mais uma vez vemos que a figura de Macedo Soares apresentava-se como a do crítico literário por excelência da Academia, além de suas atividades como tradutor de crítica musical e de estética.

Não pude consultar os exemplares dos Ensaio Literários do Ateneu Paulistano posteriores ao ano de 1860. Porém, tanto o periódico como a própria associação continuam sendo mencionados pelas publicações da primeira metade da década de 1860, demonstrando a continuidade de sua existência ao menos até 1866.⁵⁹

Os perfis da Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano e dos Ensaio Literários do Ateneu Paulistano muito se assemelhavam. Ambas, inicialmente, publicam pouca literatura e apenas no final da década de 1850 passam a assumir um perfil mais próximo dos outros periódicos aqui comentados.

⁵⁷. Id., 1858, n.4, pp.513-524.

⁵⁸. Id., 1859, n.1, pp.557-574.

⁵⁹. Foi durante estes anos, mais precisamente em 1854, que as Academias de São Paulo e Olinda passaram a ser denominadas de Faculdades (decreto 1386 de 28 de abril de 1854).

3. Especificidade e diversidade nas publicações acadêmicas

O discurso inaugural da Associação do Ateneu Paulistano, proferido por Santos Lopes, apresenta o horizonte de referência de todas as publicações aqui tratadas:

Voltai agora as vistas para os cursos de Ciências Sociais e Jurídicas, de Matemática, de Marinha, e para as faculdades de Medicina do Império. Vede como se multiplicam, e umas após outras se vão elevando as Associações científicas e literárias. O Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, a Academia de Medicina, a sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e a sociedade Veloziana levantam-se gigantescas. Notai finalmente como se propagam as idéias, dissemina-se a instrução e cresce cotidianamente o número dos jornais científicos, artísticos e literários, à cuja frente fulgura e brilha o Guanabara. E a inteligência que desperta; que pouco a pouco se ergue de seu leito de infância e que nele se move. E a ela que vindes oferecer fervoroso culto, mas em templo humilde e modesto que levantais; é perante ela que se curva o Ateneu Paulistano, cheio de amor e devoção.⁶⁰

Se podemos confrontar os Ensaio Literários, O Arrebol ou O Acaiaíba com o periódico fluminense, à medida que tratam de matérias diversas e não se apresentam repletos de atas e discursos, não há termo de comparação com os Ensaio Literários do Ateneu Paulistano e com a Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano. Os periódicos dessas duas associações editavam quase que exclusivamente o histórico das atividades agremiativas e davam nítida preferência a

⁶⁰. Santos Lopes. "Discurso inaugural". Ensaio Literários do Ateneu Paulistano. 1852, n.2, p.27.

matérias jurídicas, históricas e filosóficas. Somente com o grupo de Macedo Soares, no final da década de 1850, como vimos, é que a matéria literária conquistou lugar de destaque.

Tais características deram origem a publicações voltadas especificamente para os acadêmicos e, dentre estes, para os associados, não alcançando a dimensão de uma Guanabara, como Santos Lopes sugere. A referência às várias associações e em especial ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro já parece mais pertinente, na medida em que também a revista publicada pelo Instituto trazia em suas páginas atas e relatórios de suas atividades, ao mesmo tempo que possuía uma certa homogeneidade de matérias.

Não se trata de estabelecer aqui dois tipos puros e antagônicos de publicações, colocando de um lado a Guanabara, como modelo de publicação com diversidade de matérias de interesse geral, e de outro a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como publicação especializada de interesse restrito. Eram ambas revistas científicas e literárias, que visavam um conhecimento dessa natureza enciclopédica tão cara ao século XIX. Porém, é inegável a maior versatilidade da primeira, dirigida ao grande público, sendo a segunda bem mais homogênea, voltada, inclusive, para interesses políticos bastante determinados.⁶¹

⁶¹. GUIMARAES, Manoel Luís Salgado. "Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional". Estudos Históricos,

Desse modo, a aproximação entre a Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano e os Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano com a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de um lado, em oposição à aproximação entre os Ensaaios Literários, O Arrebol, O Acaiaba com a Guanabara, de outro, aqui se faz somente a partir de uma gradação da distância entre uma publicação de caráter e propósitos específicos e outra de caráter e propósito mais gerais.

4. Os Ensaaios Literários e aspectos do periodismo paulistano

Apesar de, no contexto dos periódicos acadêmicos, podermos classificar os Ensaaios Literários como uma publicação de interesse geral, não devemos esquecer que os modelos que possuíam eram oriundos da Corte.

Se compararmos as publicações paulistanas com as fluminenses, temos, desde a Revista da Sociedade Filomática, dois aspectos que caracterizaram o conjunto das publicações acadêmicas aqui tratadas:

- a literatura como praticamente a única expressão artística cultivada e comentada, havendo algumas referências ao teatro, poucas à música e praticamente nenhuma às artes

Rio de Janeiro, n.1, 1988, pp.5-27. O historiador procura demonstrar como as atividades do IHGB estavam social e financeiramente vinculadas ao imperador e serviam, na maior parte das vezes, à legitimação de objetivos políticos de D.Pedro II.

plásticas (o que acontecerá a partir da década de 1860; mesmo assim de modo muito incipiente);

- as ciências restringindo-se às humanidades, sendo privilegiadas a jurisprudência, a filosofia, a religião e a história, inexistindo artigos sobre matemática, física, astronomia, economia ou biologia. A geografia, a etnologia e a mineralogia terão algum espaço em artigos sobre viagens e expedições.⁶²

A Minerva Brasiliense ou a Guanabara, revistas contemporâneas aos Ensaio Literários, possuíam um horizonte literário, artístico e científico bem mais amplo que o das publicações paulistanas do mesmo gênero. Apenas a título de ilustração, lembremos que as publicações fluminenses contaram, por exemplo, com constantes colaborações de Araújo Porto-Alegre, escrevendo sobre pintura, arquitetura, escultura, matérias de raríssima presença nos periódicos paulistanos. Quanto à ciência, a grande quantidade de

⁶². Assim dizem os filomáticos no final do texto introdutório da revista:

Com estas vistas nós abaixo assinados, Redatores nomeados, pretendemos distribuir a Revista da Sociedade Filomática em duas divisões: - Literatura - Ciências - E cada uma destas se subdividirá em três classes - trabalhos da Sociedade - trabalhos nossos - trabalhos oferecidos.

Na parte Científica daremos maior apreço às Ciências Sociais, e procuremos expender as mais sólidas idéias que se tem discutido na Europa acerca da Economia Política, do Direito Público, e da Metafísica da organização Social. ("Introdução". Revista da Sociedade Filomática, 1833, n.1, p.16)

artigos sobre química, física, estatística, medicina, astronomia, economia, biologia publicados nas revistas fluminenses faz com que o adjetivo "científico" empregado pelos acadêmicos de São Paulo para designar as matérias sociais e jurídicas em seus periódicos deva ser tomado em sentido mais restrito.

Lembremos que, na Corte, além dos diversos teatros, salões, recepções reais, eventos sociais e culturais, havia a Escola de Medicina, a de Música, a de Engenharia, e o próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que acabavam por constituir um lugar de cultura impar no cenário nacional.

Os estudantes de São Paulo não podiam contar com tanto. No interior das limitações supracitadas, os colaboradores dos Ensaio Literários se esforçaram para editar uma publicação de interesse geral. De fato, conseguiram cumprir tal projeto, levando a público, por quatro anos, um periódico com assuntos diversos e, acima de tudo, de grande interesse literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida, o que mais chama a atenção nos Ensaios Literários é o fato de uma publicação bastante amadora contar com a colaboração de vários nomes que se consagraram em nosso romantismo. Porém, quando os acadêmicos afirmavam que:

É a Glória que reclama altamente um nome: e quando ela o reclama, vai buscá-lo, não é necessário impô-lo^{es},

é certo que não podiam imaginar que, entre eles, tantos seriam por ela procurados. Parafraseando Andrada e Silva, a equipe dos colaboradores dos Ensaios Literários é *per se* o maior elogio que o periódico poderia ter.

Neste trabalho, no entanto, o Instituto Literário Acadêmico e toda a tradição associativista da Academia reclamam sua parte de glória. Sem o espírito gregário, os Ensaios Literários não teriam existido. Foi a presença dessa vontade agremiativa que inspirou a turma de 1846 a criar o

^{es}. "Introdução". Ensaios Literários, 1847, 1a. série, n.1, p.IV.

Instituto Literário Acadêmico. O Instituto cumpriu o importante papel de revitalizar e renovar a dinâmica do associativismo, ao trazer o germe das duas maiores associações da Academia: a do Ensaio Filosófico Paulistano e a do Ateneu Paulistano. É esse mesmo espírito associativo que, ao final da década de 1860, irá interferir objetivamente no reforço de várias disciplinas do currículo acadêmico, fazendo com que os estudantes se tornassem agentes transformadores do ensino do Império.

Assim, temos no associativismo acadêmico as condições para o surgimento dos Ensaio Literários, ao mesmo tempo que o periódico e o Instituto Literário Acadêmico cumprem um papel de suma importância na história dessas micro-instituições.

Tanto os Ensaio Literários como as outras publicações acadêmicas foram responsáveis pela formação de um lugar privilegiado para a discussão e produção literárias. Oratória, crítica e história literária, além de literatura a mancheia, foram os resultados desta busca de expressar nosso grau de civilização através da literatura, de debater as idéias estéticas que circulavam na época, fazendo com que a Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de São Paulo funcionasse também, e talvez sobretudo, como uma academia de belas letras. Apenas nos Ensaio Literários temos nomes como José de Alencar, Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, José Bonifácio, Joaquim Felício dos Santos, Francisco Otaviano, Cardoso de Menezes, Silveira de Sousa.

Posteriormente, em publicações futuras, teremos nomes da grandeza de um Fagundes Varela ou de um Castro Alves.

Foi tendo em vista esta virtual academia de belas letras que se abordou os Ensaio Literários no interior da tradição de publicações acadêmicas, cuja complexidade nos faz pensar que muito dos procedimentos estéticos românticos possuem vínculos estreitos com o meio acadêmico. A influência de Cousin nas idéias literárias de nossos românticos é, sem dúvida, algo a ser investigado mais detidamente, pois foi pelo filtro de filósofo francês que muitos entraram em contato com os fundamentos da estética hegeliana. A estrutura fragmentada do texto romântico, chegando, muitas vezes, próximo à desestruturação, pode ser relacionada à prática discursiva e oratória dos acadêmicos. Também o texto fúnebre tem, aos olhos dos acadêmicos, mais valor estético que à primeira vista pode parecer. Esses são tópicos que apontam caminhos alternativos para a abordagem de nossa literatura romântica, contextualizando-a no mais comezinho cotidiano de seus adeptos e debatedores.

Além disso, a literatura presente nesses periódicos é de grande interesse tanto para nossa historiografia literária - apresentando, por exemplo, primeiras versões de poemas de José Bonifácio, o moço - quanto para a revisão crítica de alguns autores - como é o caso de Bernardo Guimarães, que se revela aqui um estusiasmado crítico da poesia de sua época.

Para os que pretendem investigar as chamadas literaturas "byroniana", "indianista", "condoreira", muito pode contribuir a compilação das diversas obras que se encontram em periódicos acadêmicos, da qual foi dada uma amostra no terceiro capítulo deste trabalho. Em sua grande maioria anônimas, ou de autores que apenas eventualmente enveredaram pela literatura, os contos, fragmentos de romances e poemas que acompanham as "modas" estéticas acima referidas formam um considerável conjunto de obras que, às vezes, surpreende por sua diversidade e por sua qualidade.

Pelo que pude constatar no trajeto aqui realizado através dos periódicos acadêmicos, ao estudo de nossa literatura romântica falta ainda a análise e crítica mais apurada da contribuição dos mesmos, fazendo-se necessário um trabalho amplo e sistemático, do qual José Aderaldo Castelo já há algum tempo nos deu exemplo.

NOTÍCIAS SOBRE OS COLABORADORES DO PERIÓDICO

Em função do anonimato de muitos colaboradores dos Ensaaios Literários, apresento aqui algumas informações sobre suas biografias e bibliografias, na medida em que as pude agrupar. Estão relacionadas em ordem alfabética pelo último nome do colaborador.

O objetivo primeiro é compilar os vários escritos desses acadêmicos que se encontram dispersos nas publicações periódicas aqui consultadas. Além disso, ressaltarei um ou outro aspecto biográfico de cada autor tratado: ora suas relações com os Ensaaios Literários, ora uma anedota de época que o envolvia, ora um caso do cotidiano acadêmico, e assim por diante. Entra aqui, também, a reprodução de textos de periódicos, que não os Ensaaios Literários, da autoria de escritores de maior renome.

Alcoforado, Cipriano Fenelon Guedes

Cipriano Fenelon Guedes Alcoforado (Ceará, 1828 - ?) cursou os quatro primeiros anos na Academia de Olinda, transferindo-se para São Paulo em 1849, onde completou o último ano do curso. Segundo Almeida Nogueira,¹ possuía "inteligência regular" e "pouca aplicação ao estudo".

Sobre a colaboração de Guedes Alcoforado nos Ensaaios Literários, temos, na seção "Crônica Literária"² do periódico, a seguinte notificação:

No dia 26 de maio, instalou-se a sociedade Acadêmica - Ensaio Parlamentar: - o título dessa associação explica suficientemente o seu fim. É mais um pensamento nobre, um protesto solene da mocidade pela causa do progresso: a imprensa tinha inaugurado um monumento nos Ensaaios Literários, - no dia 26 de maio a tribuna, essa outra alavanca do progresso, e de civilização, consagrou na sociedade - Ensaio Parlamentar, a influência da palavra nas idéias e princípios. - No dia da instalação o Presidente, o Sr. G. Alcoforado num brilhante discurso, desenvolveu o fim da sociedade, e o pensamento que lhe havia dado

¹. ALMEIDA NOGUEIRA, José Luis. A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências. São Paulo: Saraiva, 1977, v.3, p.99.

². "Crônica Literária". Ensaaios Literários, maio de 1849, s.n., pp.17-18.

nascimento. - Foram sorteados para discussão na sessão seguinte dois pontos, um de direito, outro de literatura: 1.º Destino da Diplomacia, - sua posição no quadro de revoluções modernas, e suas tendências no futuro. - 2.º Caráter da poesia antiga e moderna, - sua diferença.

A única contribuição de Guedes Alcoforado nos Ensaio Literários é justamente o discurso supracitado,³ publicado já na fase final do periódico, que anuncia a instalação da nova associação.

Em 1850, Guedes Alcoforado transfere-se para o Rio de Janeiro e passa a exercer o cargo de juiz municipal. Retorna a Pernambuco e dedica-se à advocacia, trabalhando para a Companhia Recife Drainage. Segundo Sacramento Blake, Alcoforado foi ainda comissário na exposição internacional de higiene e educação em Londres. Cita, como dele, as seguintes publicações:

- Exposição internacional de higiene e educação em Londres: Trabalhos da associação brasileira. Rio de Janeiro, 1885, 67 págs. in-8.º - Contém, depois do ofício da legação do Brasil em Londres ao ministro dos estrangeiros, o relatório do autor e também o do adjunto à comissão, C. E. Gerard.
- A Companhia Recife Drainage, defendida perante os tribunais do Império. Rio de Janeiro, 1879, 61 págs. in-4.º. ⁴

Sobre Cipriano Fenelon Guedes Alcoforado só resta aqui fazer coro com Almeida Nogueira que, após traçar algumas parcas linhas sobre o autor, afirma: "Não temos a respeito dele mais circunstanciada notícia".⁵

³. C.F. Guedes Alcoforado. "Discurso". Ensaio Literários, (1850) s.d., s.n., pp.30-34.

⁴. BLAKE, Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. Op.cit., v.2, p.149.

⁵. ALMEIDA NOGUEIRA. A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências. Op.cit., v.3, pp.99-100.

Alencar, José Martiniano de

José Martiniano de Alencar (Mecejana, CE, 1829 - Rio de Janeiro, 1877), apesar de ter sido um dos fundadores do Instituto Literário Acadêmico, viaja para o Ceará em setembro de 1847, justamente quando sai o primeiro exemplar dos Ensaíes Literários. Devia assistir o pai, gravemente doente, acabando por cursar o terceiro ano acadêmico em Olinda. Mesmo afastado da Academia de São Paulo, envia para os Ensaíes Literários o texto sobre a carnaúba, publicado no exemplar de abril de 1848 e assinado apenas por "Al. (Sócio Corresp.)".⁶ Em 1849, retorna a São Paulo. Nesse ano publica nos Ensaíes Literários os "Traços biográficos da vida de D. Filipe Camarão".⁷ Ainda em 1849, colabora nos Ensaíes Literários com uma simples charada, composta por quadras de versos.⁸ Eis a charada⁹ que Alencar nos propõe:

⁶. Al. (Sócio Corresp.). "Botânica - A carnaúba". Ensaíes Literários, 1848, 3a.série, n.2, pp.25-28.

⁷. "Traços biográficos da vida de D. Antonio Filipe Camarão". Ensaíes Literários, maio de 1849, s.n., pp.8-12. Luis Viana Filho em A vida de José de Alencar (2.ed. rev. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979, p.42) dá o texto acima como de autoria de Alencar.

⁸. Em Como e porque sou romancista (Rio de Janeiro: Tipografia de G. Lauzinger, 1893, pp.22-23), assim diz:

(...) Se a novela foi minha primeira lição de literatura, não foi ela que me estreou na carreira de escritor. Este título cabe a outra composição, modesta e ligeira, e por isso mesmo mais própria para exercitar um espírito infantil.

O dom de produzir a faculdade criadora, foi a charada que a desenvolveu em mim, e eu teria prazer em referir-lhe este episódio psicológico, se não fosse o receio de alongar-me demasiado, fazendo novas incursões fora do assunto que me propus.

⁹. O esquema padrão das charadas é o seguinte: de cada quadra de versos aparecem números referentes às sílabas que devem ser consideradas da palavra deduzida. Somando-se as sílabas encontradas, ter-se-á a palavra desejada. Para ajudar na dedução, a última quadra sem numeral oferece uma síntese ou uma pista da palavra desejada. O problema com a charada de Alencar é que também a primeira quadra não traz qualquer numeral, o que pode ser uma variante do gênero, como também um erro gráfico do periódico.

Ternas queixas
 Desse amor
 Tem perfume
 Qual a flor.

São bem tristes
 Maviosos
 Pungem alma
 Tão queixosos - 2a. e 1a.

Es lindeza
 Graciosa
 Feiticeira
 Mais qu'a rosa - 3a. e 1a.

Es faceira
 Moreninha,
 Linda graça
 Trigueirinha

No último ano de Alencar no interior da Academia, 1850, os Ensaios Literários publicam seu estudo "O estilo na literatura brasileira".¹⁰ Apesar do exemplar trazer a data de 1850, a primeira matéria deste número refere-se à solenidade de 11 de Agosto de 1849, aniversário da fundação das Academias de São Paulo e Olinda. O exemplar em que é publicado "O estilo na literatura brasileira" deveria ter saído, a rigor, em setembro de 1849, isto é, no mesmo ano que Alencar publicou o relato sobre a vida de Filipe Camarão e a charada acima mencionada. Assim é possível afirmar que é o ano de 1849 o momento de maior participação de Alencar nos Ensaios Literários. O estudo prometia continuidade, a qual não se encontra nos dois números posteriores do periódico.

Araripe Júnior¹¹ fala de "vários trabalhos sobre o estilo" que teria o autor publicado nos Ensaios Literários. Já Luís Viana Filho,¹² apesar de não citar a data do exemplar por ele consultado, refere-se ao título e a trechos do estudo de Alencar que confirmam ter sido exatamente o que

¹⁰. Alencar. "O estilo na literatura brasileira". Ensaios Literários, (1850) s.d., s.n., pp.34-36. Este texto foi comentado e reeditado na sua íntegra, mantendo a grafia original, por Valéria De Marco em O império da cortesã: Lucíola, um perfil de Alencar. São Paulo: Martins Fontes, 1986 (Coleção Leituras).

¹¹. ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. "José de Alencar, perfil literário". Obras críticas de... Comp. de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: MEC, 1958, v.1, p.142, em nota.

¹². VIANA FILHO, Luis. A vida de José de Alencar. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979, pp.42-43 (Coleção Documentos Brasileiros v.187).

aqui se apresenta. O mais provável é que o trecho aqui existente do ensaio tenha sido o único levado a público pelos Ensaíes Literários, sendo a promessa de continuidade, que aparece ao final do texto, o que sugeriu a existência dos "vários trabalhos" de que fala Araripe Junior.

Sobre Alencar, nos periódicos acadêmicos aqui tratados, há ainda, em 1860, um artigo de José Rodrigues Coelho sobre a comédia As asas de um anjo, presente na Revista Dramática.¹³ No mesmo ano O Lírio publicava um folhetim no qual Mathilde, que assina a matéria, recomendava a uma sua amiga O Guarani, tecendo vários elogios ao livro.¹⁴

Alencar, Leonel Martiniano de

Leonel Martiniano de Alencar (Rio de Janeiro, 1832 - idem, 1921), irmão de José de Alencar e barão de Alencar, foi mais um da família fluminense que veio cursar a Academia de São Paulo.¹⁵

Sua colaboração nos Ensaíes Literários resume-se a um único poema, intitulado "Uma virgem".¹⁶ Além deste, Leonel de Alencar publicou três outros nos Ensaíes Literários do Ateneu Paulistano, em 1852 e 1853: "Esvaeceu-se",¹⁷ "Independência ou morte"¹⁸ e "Para sempre talvez".¹⁹ Este último foi reproduzido posteriormente no Parnaso Acadêmico

¹³. José Rodrigues Coelho. "As asas de um anjo". Revista Dramática, 1860, n. 13: 49-51; n. 14, pp.53-55.

¹⁴. Ver, na primeira parte deste trabalho, o texto sobre A Violeta, onde é textualmente citada a referência a O Guarani.

¹⁵. REZENDE, Carlos Penteado de. In: Almeida Nogueira. A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências. Op.cit., v.3, p.211.

¹⁶. Leonel M. de Alencar. "Uma virgem". Ensaíes Literários, (out. 1850) s.d., s.n., p.72.

¹⁷. Leonel de Alencar. "Esvaeceu-se". Ensaíes Literários do Ateneu Paulistano, 1852, n.2, pp.78-79.

¹⁸. Leonel de Alencar. "Independência ou morte". Id., 1853, n.1-2-3, p.45-47.

¹⁹. Leonel de Alencar. "Para sempre talvez". Id., p.17-19. E depois em: Paulo Antonio do Vale. Parnaso Acadêmico Paulistano, 1881, pp.191-193.

Paulistano. Publicou ali também um pequeno conto intitulado "O talismã".²⁰

Em O Acaiaba, Leonel de Alencar deixou três poemas, "Recordação",²¹ "O se te amei"²² e "Corina",²³ além de um conto, "A confissão de um suicida".²⁴

Em 1861, já há algum tempo fora da Academia, publicará, primeiramente no Correio Mercantil do Rio de Janeiro e depois em forma de livro, A sonâmbula de Ipojuca.²⁵

Há ainda uma elegia sua por ocasião da morte de Alvares de Azevedo, citada por Spencer Vampré e publicada nas Obras de Alvares de Azevedo, numa das edições de Garnier.²⁶

Em 1854, no ano seguinte ao término de seu curso acadêmico, entrou para a carreira diplomática, passando a residir em Montevidéu. Exerceu posteriormente outros cargos públicos, chegando a ministro plenipotenciário do Brasil na América e Europa.²⁷

²⁰. Leonel de Alencar. "O talismã". Ensaio Literários do Ateneu Paulistano, 1852, n.4-5-6, pp.113-120.

²¹. Leonel de Alencar. "Recordação". O Acaiaba, 1852, n.4, p.64.

²². Leonel de Alencar. "O se te amei!". O Acaiaba, "1853, n.4, p.159.

²³. Leonel de Alencar. "Corina". O Acaiaba, 1853, n.3, p.143.

²⁴. Leonel de Alencar. "A confissão de um suicida". O Acaiaba, 1853, n.5, pp.163-171.

²⁵. ALENCAR, Leonel Martiniano de. "Prefácio". A sonâmbula de Ipojuca. Rio de Janeiro: Tipografia do Correio Mercantil, 1861.

²⁶. VAMPRE, Spencer. Memórias para a história da Academia de São Paulo. São Paulo: Saraiva, 1924, v.1, p.234. Vampré não dá a data da edição de Garnier.

²⁷. Sacramento Blake ainda relaciona as seguintes obras de Leonel:

- Direito internacional. Rio de Janeiro, 1893, in B.
- "Um livro anotado pelo Sr. D. Pedro II: carta lida perante o Instituto Histórico etc. Ao distinto literato Sr. Martins Garcia Merou, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da República Argentina no Peru." - Na Revista do Instituto, tomo 59, parte I, págs. 401 a 405. Refere-se ao livro "Perfis e miniaturas", do mesmo ministro.

O conselheiro Alencar tem muitas poesias - tanto na língua vernácula, como na castelhana que lhe é familiar, as quais nunca colecionou. (Sacramento

Araújo, Antônio Lopes de Oliveira

Carlos Penteado de Rezende nos oferece uma curtíssima nota sobre a vida de Antonio Lopes de Oliveira Araújo (Rio de Janeiro, 1822 - ?) durante seu período acadêmico:

Era poeta e afirma-se que fecundo. Em 1846, ainda calouro, recitou uma bela ode na ocasião em que o Imperador visitou a Academia de Direito.²⁰

Paulo Antonio do Vale reproduz em seu Parnaso Acadêmico Paulistano²⁹ dois poemas de Oliveira Araújo intitulados "A esposada de um dia" e "O gemido do índio".

Os textos que aqui deleigo a Oliveira Araújo estão assinados apenas com as iniciais "O.A.", havendo apenas uma harmonia oferecida a Porto-Alegre que aparece assinada por "O. Araújo",³⁰ pertencente a um dos exemplares do periódico em que os colaboradores já não buscavam o anonimato. Oliveira Araújo contribui nos Ensaio Literários quase que exclusivamente com poemas.

Possui apenas dois textos em prosa: "Imaginação - O poeta"³¹ e "Fantasias".³² Os poemas são: "O cacique"³³

Blake, Dicionário biblio-gráfico brasileiro. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902, v.5, p. 300-301).

²⁰. ALMEIDA NOGUEIRA. A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências. Op.cit., v.3, p.120.

²⁹. VALE, Paulo Antonio do. Parnaso Acadêmico Paulistano: coleção de produções líricas dos poetas da Academia de S.Paulo desde a sua fundação... São Paulo: Correio Paulistano, 1881, pp.135-146.

³⁰. O. Araújo. "O dia, harmonia oferecida ao insigne artista e poeta o Sr. Manoel Araújo Porto-Alegre". Ensaio Literários, maio de 1849, s.n., pp.19-22.

³¹. O.A. "Imaginação. O poeta". Ensaio Literários, 1847, 1a. série, n.1, p.11-13.

³². O.A. "Fantasias". Ensaio Literários, 1847, 1a. série, n.3, pp.14-19.

³³. O.A. "O cacique". Ensaio Literários, 1847, 1a. série, n.1, pp.16-21. Vem com a indicação de ser uma "Harmonia extraída das - três cordas de minha harpa". Provavelmente, "três cordas da minha harpa" trata-se de um livro de poemas de Oliveira Araújo, do qual não vi outra referência que não esta, fazendo supor que, se se constituía num livro de sua autoria, provavelmente não chegou a ser publicado.

"Harmonias"³⁴ "Adeus..."³⁵ "Meditação XII. (Lamartine). A tristeza"³⁶ "Réverie",³⁷ em francês, "O dia", supracitado.

Em "Crônica literária",³⁸ o poeta "O.A." é mencionado como autor de uma crítica literária, escrita juntamente com A., sobre os seis primeiros cantos da obra poética Independência do Brasil de Teixeira e Sousa. Prometiam publicar tal crítica no número seguinte do periódico, o que infelizmente não ocorreu.

José de Alencar, em seu Como e porque sou romancista, ao comentar o surgimento dos Ensaios Literários, vem nos informar sobre o fim de Antonio Lopes de Oliveira Araújo:

Dos primitivos colaboradores desse periódico, saudado no seu aparecimento por Otaviano e Olímpio Machado, já então redatores da Gazeta Oficial, faleceu ao terminar o curso o Dr. Araújo, inspirado poeta.³⁹

Arêas, José Carlos de Almeida

José Carlos de Almeida Arêas (Rio de Janeiro, 1825 - Bagneres du Bigorre, França, 1892), Barão e depois Visconde de Durém, foi figura de grande projeção nas ciências jurídicas. Era bacharel em letras pelo Colégio Pedro II e em ciências sociais e jurídicas pela Academia de São Paulo, formando-se em 1849. Foi conselheiro da Ordem de Cristo, membro da sociedade de Legislação comparada, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros. Ocupou diversos cargos no funcionalismo público, participando de comissões e conselhos do governo imperial. De 1868 a 1872, exerceu o cargo de ministro plenipotenciário do Brasil em Londres. Posteriormente, passou a superintendente de imigração na

³⁴. O.A. "Harmonias". Ensaios Literários, 1847, 1a. série, n.2, pp.20-23.

³⁵. O.A. "Adeus...". Ensaios Literários, 1847, 1a. série, n.3, pp.19-21.

³⁶. O.A. "Meditação XII (Lamartine). A tristeza". Ensaios Literários, 1847, 1a. série, n.3, pp.21-22 (tradução de quatro estrofes das Meditations).

³⁷. O.A. "Réverie. A Melle. L.G.". Ensaios Literários, 1848, 2a. série, n.3, pp.19-21.

³⁸. "Crônica Literária". Ensaios Literários, 1847, 1a. série, p.23.

³⁹. ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. Op.cit., p.35.

França, conservando o cargo mesmo após a proclamação da República.

Almeida Arêas publicou grande quantidade de textos jurídicos e sobre o Brasil enquanto esteve em Paris, enumerados por Sacramento Blake.⁴⁰ Foi também um dos tradutores de Byron no Brasil.⁴¹

O único trabalho de Almeida Arêas presente nos Ensaaios Literários é o "Curso Jurídico de São Paulo - Discurso recitado por ocasião da solenidade do dia 11 de agosto de 1848, por Almeida Arêas".⁴² Sacramento Blake⁴³ faz referência a este discurso e no próprio Ensaaios Literários assim é assinalado em artigo anônimo, intitulado "O dia 11 de agosto":

A esquerda do Diretor sentaram-se por ordem os seis escolhidos para discursarem acerca do dia, representando as classes de que se compõe a Academia: - eram os Srs. do 5.º ano José Carlos de Almeida Arêas: - do 4.º Joaquim Ferreira Valle: - 3. João d'Almeida Pereira Filho: - 2.º Aureliano José Lessa: - 1.º Antonio José Leite Lobo: - de Preparatórios José Bonifácio de Andrada e Silva.⁴⁴

Lembrando aqui um caso típico da vida acadêmica narrado por José de Alencar, temos em Almeida Arêas a vítima de uma brincadeira do autor de Iracema. Conta Alencar que:

Em 1845 voltou-me o prurido de escritor; mas esse ano foi consagrado à mania que então grassava de *baironizar*. Todo estudante de alguma imaginação queria ser um Byron; e tinha por destino inexorável copiar ou traduzir o bardo inglês.

⁴⁰. Cf. BLAKE, Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. Op.cit., v.4, pp.368-371.

⁴¹. ALMEIDA NOGUEIRA, José Luis de. A Academia de São Paulo : tradições e reminiscências. Op.cit., v.3, p.68. PIRES de ALMEIDA. A escola byroniana no Brasil. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962, pp.110-111, em nota. BARBOZA, Onédia C. Byron no Brasil - Traduções. São Paulo, Atica, 1974, pp.40 e 42.

⁴². "Curso Jurídico de São Paulo. Discurso recitado por ocasião da solenidade do dia 11 de agosto de 1848 - por Almeida Arêas". Ensaaios Literários, 1848, 3a. série, n.3, pp.57-62.

⁴³. BLAKE, Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. Op.cit., v.4, p.369.

⁴⁴. "O dia 11 de agosto". Ensaaios Literários, 1848, 3a.série, n.2, pp.39-42.

Confesso que não sentia o menor jeito para essa transfusão; talvez pelo meu gênio taciturno e concentrado, que já tinha em si melancolia de sobrejo, para não carecer desse empréstimo. Assim é que nunca passei de algumas peças ligeiras, das quais não me figurava herói e nem mesmo autor; pois divertia-me em escrevê-las com o nome de Byron, Hugo, ou Lamartine nas paredes do meu aposento (...)

Que satisfação íntima não tive eu, quando um estudante, que era então amigo de Otaviano e seu irmão em letras, mas hoje chama-se Barão de Durém, releu com entusiasmo uma dessas poesias, seduzido sem dúvida pelo nome do pseudo-autor!⁴⁵

Azevedo, Manoel Antônio Álvares de

Álvares de Azevedo (São Paulo, 1831 - Rio de Janeiro, 1852), após passar a infância no Rio, chega a São Paulo em 1848 para cursar a Academia de Direito. O pouco que Álvares de Azevedo publicou em vida foi no interior da Academia. Em 11 de agosto de 1849 pronunciou um discurso nas comemorações ao aniversário de criação das Academias de São Paulo e Olinda, do qual "tirou em folheto".⁴⁶ Em 9 de maio de 1850, segundo Homero Pires, proferiu um outro discurso por ocasião da instalação da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano,⁴⁷ além de uma oração fúnebre em memória de João Batista da Silva Pereira, em 15 de setembro de 1851.⁴⁸ Não pude localizar os referidos textos nos exemplares da Revista do Ensaio Filosófico Paulistano, fazendo supor que ou foram "tirados em folheto" ou permaneceram apenas em manuscritos, ou, ainda, foram publicados no(s) exemplar(es) que não pude localizar dos Ensaio Literários. Lembremos que, apesar de o discurso de Álvares de Azevedo na edição de Homero Pires datar de 9 de maio de 1850, a Associação do Ensaio Filosófico Paulistano inaugurou-se em 3 de maio do mesmo ano, sendo possível supor um lapso de Homero Pires ou da fonte da qual retirou tal texto. Lembremos ainda que Homero Pires não pôde consultar os manuscritos de Álvares de

⁴⁵. ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. Op.cit., pp.33-34.

⁴⁶. Cf. AZEVEDO, Álvares de. Obras completas de... org. pref. e notas de Homero Pires. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1942, v.1, p.XXI.

⁴⁷. Id., v.2, pp.426-427.

⁴⁸. Id., v.2, pp.431-432.

Azevedo,⁴⁷ fixando seus textos a partir das primeiras edições de suas obras, o que autoriza confrontações com as fontes aqui averiguadas.

Nos Ensaaios Literários aparecem três textos de Alvares de Azevedo: um sobre o poema Jacques Rolla, de Alfred de Musset;⁵⁰ outro descrevendo as honras fúnebres ao acadêmico Feliciano Coelho Duarte,⁵¹ seguida de algumas estrofes de versos; e ainda uma oração fúnebre em memória do mesmo.⁵²

Quanto ao texto sobre Jacques Rolla, detalhadamente analisado por Maria Alice de Oliveira Faria,⁵³ foi publicado nos Ensaaios Literários em três partes, interrompido após o trecho que leva por subtítulo "Ao pé do leito".⁵⁴

O trecho do estudo presente nos Ensaaios Literários corresponde quase que exatamente ao que se encontra na edição de Homero Pires, à exceção de algumas distinções quanto à pontuação, grifos de títulos de obras ou mesmo certas palavras como "rhima" ("rithma" nas Obras completas), além da existência de um verso a mais na tradução do poema de Musset.

Tendo em vista que os manuscritos de "Alfred de Musset - Jacques Rolla" encontram-se desaparecidos e que a edição do mesmo nos Ensaaios Literários antecedeu à primeira edição em livro e ocorreu durante a vida do autor, faz-se necessária uma nova fixação do texto de Alvares de Azevedo, a partir do confronto dessas duas edições.

⁴⁷. Em nota posterior à biografia de Alvares de Azevedo, Homero Pires (id., pp.XXVII-XXIX) observa ter obtido apenas o manuscrito do trecho "Lábio e Sangue", terceira parte de "O livro de Fra-Gondicário", sendo todo o restante da obra fixada a partir das primeiras edições em 1853 e 1855, levando em consideração as distinções com as que se seguiram.

⁵⁰. M.A. Alvares de Azevedo. "Alfred de Musset - Jacques Rolla". Ensaaios Literários (1850) s.d., n.1, pp.5-9; (out. 1850) s.d., s.n., pp.28-33 e pp.66-70.

⁵¹. "A morte de Feliciano Coelho Duarte". Ensaaios Literários (out. 1850) s.d., s.n., pp.53-56. Este texto é publicado anonimamente no periódico, porém consta no v.2 das obras completas do autor organizadas por Homero Pires.

⁵². Manoel Antonio Alvares de Azevedo. "Orações fúnebres". Ensaaios Literários (out. 1850) s.d., s.n., pp.59-60.

⁵³. FARIA, Maria Alice de Oliveira. Astarte e o espiral: um confronto entre Alvares de Azevedo e Alfred de Musset. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1973.

⁵⁴. O que vem a ser, na edição de Homero Pires, a página 299 do segundo volume.

Sobre os dois textos por ocasião da morte de Feliciano Coelho Duarte, primeiramente é necessário observar que Homero Pires⁵⁵ classifica de modo um tanto inusitado aquele intitulado "A morte de Feliciano Coelho Duarte". Situa-o entre os estudos literários de Alvares de Azevedo, o que só pode ser explicado por um equívoco da edição, visto o texto tratar da descrição dos atos fúnebres em memória de Coelho Duarte, morto em 21 de setembro de 1850, sendo que, de literário, nada mais possui que a reprodução de algumas estrofes de versos que ornavam a sala. O segundo texto, intitulado, em Homero Pires, "Necrologia de Feliciano Coelho Duarte",⁵⁶ encontra-se corretamente situado entre os discursos de Alvares de Azevedo.

Quanto à publicação desses textos nos Ensaíes Literários, várias distinções se fazem notar. O texto "A morte de Feliciano Coelho Duarte" apresenta-se no periódico anônimo, sendo aqui delegado a Alvares de Azevedo a partir da edição de Homero Pires. Como foi observado, trata da descrição das honras fúnebres a Feliciano Coelho Duarte, na noite de 22 de setembro de 1850, reproduzindo versos que estariam ornamentando as colunas na sala onde foi velado. Na edição de Homero Pires o texto se encerra após a reprodução dos versos, enquanto que nos Ensaíes Literários aparecem ainda mais cinco parágrafos. Esses descrevem a cerimônia que o Ensaio Filosófico Paulistano realizou em 3 de outubro em memória do acadêmico. Deste modo, tem-se aqui um trecho inédito de Alvares de Azevedo que, se não prima pelo valor literário, ao menos traz um indício de ter sido ele membro ativo da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano. Comprovação que se faz necessária se considerarmos que, enquanto vivo, seu nome jamais tenha constado em atas e relatórios da associação e nenhum texto seu tenha sido publicado pela Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, só aparecendo referências a seu nome após sua morte.⁵⁷

No que concerne ao texto que Homero Pires coloca sob o título de "Necrologia de Feliciano Coelho Duarte", nos Ensaíes Literários aparece sob o genérico título de "Orações

⁵⁵. Homero Pires in AZEVEDO, Alvares de. Obras completas de... Op.cit., v.2, pp.392-395.

⁵⁶. Id., pp.428-430.

⁵⁷. Muitos autores afirmam que Alvares de Azevedo publicou na Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulitano, entre eles, Afrânio Coutinho (Caminhos do pensamento crítico, Rio de Janeiro: Pallas S.A., 1980, v.2, p.347-353), apenas para citar um dos mais respeitáveis historiadores de nossa literatura. No entanto, nada pude encontrar de Alvares de Azevedo nos exemplares de 1851 e 1852 do periódico, momento em que o escritor ainda se encontrava na associação. Mesmo nos exemplares posteriores não me deparei com qualquer texto delegado a Azevedo.

Fúnebres", sendo o texto de Alvares de Azevedo (então rubricado com o nome completo do autor) o último de três textos que se apresentam sob este título. Os dois outros são assinados por J. d'Almeida Pereira Filho e J.P.S.J. (José Pires da Silva Júnior). Estas três orações fúnebres vêm publicadas imediatamente após o texto "A morte de Feliciano Coelho Duarte", supracitado. O título reproduzido por Homero Pires tem origem, provavelmente, na primeira edição das obras de Alvares de Azevedo, patrocinada pelo pai do poeta.

Quando Alvares de Azevedo morre, em 1852, a Associação Ensaio Filosófico Paulistano realiza uma sessão fúnebre na qual são pronunciados discursos em sua memória, como era de praxe. Num "Sumário da ata", publicado no periódico da associação, aparece a seguinte relação de acadêmicos que então discursaram:

Paulino José Soares de Souza, José Diogo de Menezes Fróes, Antonio Carlos Carneiro Viriato Catão, João Pires da Silva Júnior, José Maria Correia de Sá, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Jerônimo José Teixeira Júnior, Felix Xavier da Cunha, Paulo José de Mello Rodrigues Costa, José Fernandes da Costa Pereira, Manoel Ribeiro de Almeida, Manoel Francisco Correia e Sebastião José Pereira.⁸⁸

Homero Pires⁸⁹ cita ainda Duarte de Azevedo e José Bonifácio constando entre esses oradores. Além destes, Antonio Ferreira Viana também discursou em memória de Azevedo, o único, por sinal, que teve seu discurso publicado nas páginas da Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano.⁹⁰

⁸⁸. "Sumário da ata". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1852, n.1, pp.13-16.

⁸⁹. Homero Pires in AZEVEDO, Alvares. Obras completas de... Op.cit., v.1, p.XXV.

⁹⁰. "Oração fúnebre, em memória de A.de Az. pelo Bacharel Ferreira Viana". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1852, n.1, pp.10-12. Reproduzido por José Aderaldo Castelo em Textos que interessam à história do romantismo. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1963, v.2., p.147-150.

Também Felix Xavier da Cunha teve, ao mesmo tempo, seu discurso estampado em O Acaiaba⁴¹ e, logo depois, neste mesmo periódico, aparece o de A.C.C. Viriato Catão.⁴²

Deparei-me também com dois poemas em memória a Alvares de Azevedo, publicados ainda no ano de 1852: um de Francisco da Costa Carvalho⁴³ e outro de Manoel Ribeiro de Almeida,⁴⁴ que vale a pena serem reproduzidos. Eis os poemas:

A morte do bacharel Manoel Antônio Alvares de Azevedo

*E ainda uma aurora sem dia
que perdeu-se na noite de uma
tempestade d'inverno.*

Alvares de Azevedo

Por que morreu? A aurora entre sorrisos
E o sol do amanhecer límpido e sereno
Deram-lhe há pouco a saudação do dia!

Inda tão cedo! - flor aberta apenas
Bem pouco olhou o céu, pendeu à terra,
Nas fúrias de um tufão caiu pra sempre
E a fria lage de uma campã o encerra!

Era o porvir o sonho de sua alma,
Sonhava n'ele à noite adormecido,
Ao nascer da manhã, à tarde, sempre
Dos vapores da glória embevecido!

Tinha as asas do gênio! e foi tão rápido
O seu vôo no mundo... ei-lo, mirrou-se!
Nem uma esperança! sua lousa é muda
E o branco cisne em seu cantar finou-se

⁴¹. Felix da Cunha. "Discurso recitado na sessão fúnebre do Ensaio Filosófico Paulistano a 23 de maio pela morte de Manoel Antonio Alvares de Azevedo, estudante do 5.º ano jurídico". O Acaiaba, 1852, n.1, pp.9-10.

⁴². A.C.C. Viriato Catão. O Acaiaba, 1852, n.3, p.42-43. Reproduzido por José Aderaldo Castelo em Textos que interessam à história do romantismo, op.cit., v.2,p.206.

⁴³. F.C. Carvalho. "A morte do bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo", O Acaiaba, 1852, n.1, pp.13.

⁴⁴. Manoel Ribeiro de Almeida. "Canto Inaugural - A memória do Sr. Bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1852, n.4, pp.65-66. Segue a seguinte nota: "Impressão recebida em um canto inaugural do Dr. Gonçalves Dias à memória de J. da Cunha Barbosa".

Erguera-se do luto, a fronte pálida
 E o coração sem forças pra viver;
 Mandou um triste adeus à natureza,
 Cantou inda uma vez e foi morrer!

Deixou no mundo o coração sem vida,
 A quem na vida o coração lhe deu
 Alou-se ao céu e ao senhor nas nuvens
 Sua alma pura, humilde ofereceu.

Por que morreu? E a tarde inda o espera
 Para entoar-lhe o canto da saudade;
 Aí! não mais voltará - Deus quis ouvi-lo
 Deu-lhe um poema no céu - a Eternidade.

Francisco da Costa Carvalho

***Canto inaugural - A memória do Sr. Bacharel Manoel Antônio
 Alvares de Azevedo***

Onde o poeta ardente, esperançoso,
 que ao limiar da vida inda sentado
 Hinos soltava de harmonia cheios
 Desvendando futuros?

Onde essa alma ardente, e generosa,
 Essa fronte de gênio erguida ao alto,
 Que o cento e cento borbilhava ousada
 Idéias Gigantescas

Onde pára também esse destino,
 Essas vindouras glórias deslumbrantes
 Que a mente esclarecida debuchava
 Nas vestes do porvir!

Tudo, tudo no abismo foi sumir-se!
 Com o sopro da tarde a flor murchou-se
 Que pétalas abria rescendentes
 De celeste perfume!

Quando teu nome em caracteres d'oiro
 No horizonte da pátria burilavas,
 Onde foste mundano peregrino,
 Onde a sorte arrojou-se?

Caminheiro a lutar foi sempre ufano
 Pelos infintos campos da existência,
 Ora dormes no crepe mortuário
 Dos vivos desterrado!

Tu subiste às alturas sublimadas
 Onde fulgura a Deus e falam anjos

Os amores roteando da ciencia
Com olhos aquilinos.

Mas da morte a secure ceifadora
Veio os vãos cortar, arreceiosa
Que zombando mais um de seus estragos
Imorredor ficaste!

Caminhoneiro a lutar foi sempre ufano
Pelos infindos campos da existência,
Ora dorme no crepe mortuário
Dos vivos desterrado!

Dorme, oh poeta, o sono eterno,
O véu da vida para ti correu-te
Novas cenas pr'a ti vão desdobrar-se
Dos justos na mansão.

Dorme! - tuas noites pertubar não quero,
Deixa qu'espalhe apenas sobre a lousa
Estas flores mirradas que bem mostram
Minha dor e Saudade.

Manoel Ribeiro de Almeida

Em julho de 1855 aparece na Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano o artigo "Perfis literários em 1854 - Manoel Antonio Alvares de Azevedo",⁶⁵ de Lopes de Mendonça, sendo ali observado que foi primeiramente publicado na revista portuguesa Revolução de Setembro. No mesmo exemplar em que é publicado o artigo de Lopes de Mendonça, aparece um poema intitulado "Descrença",⁶⁶ de J.S.Ferreira, com versos de Alvares de Azevedo em sua epígrafe.

Em 1857, Macedo Soares estampa nas páginas dos Ensaio Literários do Ateneu Paulistano um poema intitulado "Uma lembrança", dedicado a Azevedo, de muito interesse para o entendimento da imagem byroniana do poeta e que, portanto, aqui reproduzo.

⁶⁵. Lopes de Mendonça. "Perfis literários em 1854 - Manoel Antonio Alvares de Azevedo". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1854, n.4, pp.61-65.

⁶⁶. J.S. Ferreira. "Descrença". Revista Mensal do Ensaio filosófico Paulistano, 1855, n.4, pp.78-80.

*Em memória de Alvares de Azevedo.
Uma lembrança*

Cantor da morte, filho da tristeza,
Que vai nas tumbas modular teu canto,
Vem de amores morrer junto a meu peito
Vem no meu seio derramar teu pranto
Não chores pela vida... Esse delírio,
Esse afan pelas glórias do porvir,
Como o fumo dissipam-se. Olha ao longe,
Que além novo horizonte vai surgir

Filho da dor, não vês que ao sol da vida
Se dispersam as nuvens da tristeza?
Adormece em meu colo; ao despertares,
Vive, sorri, contempla a natureza.

Nas regiões etéreas do infinito
Deixa livre teu gênio espaiar-se;
Lá, há glórias, amores e venturas;
Aqui, tristes lembranças de morrer.

Não crês em Deus? maldizes teu futuro?
Nem crês no meu amor?.. Por que sentidas
Estas lágrimas tristes se deslizam
Pelas faces na cor elanguescidas?

Poeta louco por amante e glória,
Viajor pela noite surpreendido,
Ah! Não chores pelo mundo; em seus banquetes
Só libamos a taça do amargor

Cantor da morte, filho da tristeza,
Não vá nas tumbas modular seu canto,
Vem de amores viver junto a meu peito,
Vem nos meus braços enxugar teu pranto

Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1857

Macedo Soares

Os esboços sobre a história literária da Academia, de Couto de Magalhães, publicados na Revista da Academia, são uma das fontes primárias da qual se utilizaram vários historiadores de nossa literatura para comprovar a efetiva existência da Sociedade Epicuréia e da participação nela de Alvares de Azevedo. Segue, abaixo, um longo trecho de Couto de Magalhães por ser, creio eu, um dos principais documentos, senão o principal, que deu origem a uma infinidade de histórias fantásticas sobre a chamada geração byroniana, tendo em Alvares de Azevedo sua figura central:

Composta de um grande número de moços talentosos, tinha ela (a Sociedade Epicuréia) por fim realizar os sonhos de Byron. Um dos sócios que vive hoje em Minas narrou-me o seguinte: "Eram diversos os pontos em que nos reuníamos: ora nos Ingleses, ora n'algum outro arrabalde da cidade. Uma vez estivemos encerrados 15 dias, em companhia de perdidos, cometendo(sic) ao clarão de candeeiros, por isso que todas as janelas eram perfeitamente fechadas desde que entrávamos até sair, e toda sorte de desvarios que se pode conceber!"

Eu tinha tomado nota dos nomes dos fundadores, mas não as encontro agora, e assim não posso apresentá-las; se porém aparecerem irão no fim do volume em forma de apêndice.

Alguns estudantes, que se entregaram mais doidamente a estes excessos, ou que eram dotados de uma constituição menos robusta, de lá saíram com moléstias de que depois morreram.

Esta associação teve grande influência na poesia de nossa mocidade; quem ler sucessivamente os diversos jornais sente acentos desesperados nos versos que correspondem a essa época. Dizem que Alvares de Azevedo na sua Noite na Taverna descreveu, em parte, uma dessas cenas.

A par desta, outras (sociedades) houveram do mesmo gênero, mas que não tiveram consequências tão fatais.⁶⁷

Além do que até aqui se anotou sobre a presença de Alvares de Azevedo na Academia de São Paulo, vale ainda registrar que, em 1860, nos Esboços Literários, aparece um artigo intitulado "Alvares de Azevedo",⁶⁸ de autor anônimo, e no Forum Literário, em 1861, um denso artigo de Macedo Soares: "A literatura byrônica",⁶⁹ que abre evocando o autor de "Lembrança de morrer".

Beaurepaire-Rohan, Henrique de

Henrique de Beaurepaire-Rohan, ou melhor, Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire-Rohan (Niterói, 1812 - ? ,

⁶⁷. Couto de Magalhães. "Sobre um esboço da história literária da Academia". Revista da Academia, 1859, n.4, pp.264-265.

⁶⁸. "Alvares de Azevedo". Esboços Literários, 1860, n.2, pp.59-62.

⁶⁹. Macedo Soares. "A literatura byrônica". Forum Literário, 1861, n.2, pp.11-14 e n.3, pp.17-19.

1894), Visconde de Beaurepaire, foi militar, integrou o corpo de engenheiros do exército e chegou ao posto de marechal. Presidiu as províncias do Pará (1856) e da Paraíba (1857), ocupando ainda a pasta da Guerra do gabinete de 31 de agosto de 1864 e sendo comandante das armas de Pernambuco (1866). Era bacharel em ciências físicas e matemáticas, logo distinguindo-se por seus trabalhos cartográficos. Realizou explorações fluviais e determinou o traçado de estradas. Participou de várias associações ligadas à sua área, como a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Fluminense de Agricultura, entre outras.

Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pode-se encontrar grande parte de sua obra histórica. Suas publicações compõem-se, em sua grande maioria, de relatórios sobre agricultura, abastecimento de água, condições geográficas de diversas regiões. Interessa aqui destacar a autoria de um Dicionário de vocábulos brasileiros (1889), no qual registra grande quantidade de termos de falas regionais coligidos em suas viagens. Destaca-se também um trabalho histórico sobre os reis de Portugal.⁷⁰

O texto publicado nos Ensaios Literários, "Os Guaicurus",⁷¹ resultou possivelmente da mesma expedição sobre a qual Beaurepaire-Rohan publicou um relato intitulado "Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro pelo Paraguai, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina em 1846", editado em São Paulo em 1847, isto é, dois anos antes do artigo "Os Guaicurus" aparecer no periódico acadêmico.⁷² No relato da viagem Beaurepaire-Rohan refere-se apenas de passagem aos Índios Guaicurus, enquanto que no texto dos Ensaios Literários faz diversas reflexões sobre o modo de vida, a cultura e a língua daquele povo.

As "Considerações acerca da conquista, catequese e civilização dos selvagens no Brasil", publicada em São Paulo em 1852, sairá também na Revista do Ensaio Filosófico Paulistano.⁷³ Também aqui reaparecem "Os Guaicurus",

⁷⁰. Cf. BLAKE, Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. Op.cit., v.3, pp.213-216 e Enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1977, v.2, pp.817.

⁷¹. "Os Guaicurus. Notícia histórica de uma viagem inédita à Província de Mato Grosso, nos anos de 1844-1846, pelo Major de Engenheiros Henrique de Beaurepaire-Rohan". Ensaios Literários, (out. 1850) s.d., s.n., pp.25-28.

⁷². Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1900, tomo 19, pp.434-447.

⁷³. Beaurepaire-Rohan. "Considerações acerca da conquista, catequese e civilização dos selvagens no Brasil". Revista do Ensaio Filosófico Paulistano, 1852, n.6, pp.89-105.

apresentando, porem, uma síntese do texto dos Ensaaios Literários.

Na Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano⁷⁴ publicará também a narrativa de viagem "A serra dos Martírios", tratando-se do "extrato de uma viagem à província do Mato Grosso, por Henrique de Beaurepaire-Rohan", como indica uma rubrica colocada abaixo do título. Em nota de rodapé aparece o seguinte:

Devemos este trabalho à bondade de nosso consoeio (sic) protetor - o Ilmo. Sr. Tenente-Coronel Henrique Beaurepaire-Rohan, a quem cordialmente agradecemos.

Beaurepaire-Rohan era sócio-protetor da Associação do Ensaio Filosófico, aparecendo aqui a demonstração de estima dos acadêmicos para com ele.

Também os Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano irão publicar um trabalho de Beaurepaire-Rohan, "Estudos morais - Os irmãos João Leme e Lourenço Leme da Silva. Episódio da história da província do Mato Grosso".⁷⁵ Blake nos informa que tais "estudos" também saíram na coleção Biblioteca Brasileira.⁷⁶

Carvalho, Francisco da Costa

Francisco da Costa Carvalho (Bahia?, 1831 - Campinas, 1901), que assina F.C. Carvalho, completou o curso acadêmico em 1853, dedicando-se inicialmente à magistratura e, posteriormente, exercendo o cargo de juiz de direito em Constituição, província de São Paulo. Acabou por se tornar renomado advogado e jurisconsulto na cidade de Campinas.

Nos Ensaaios Literários, Costa Carvalho publicou apenas dois poemas: "Sonho e vida" e "Virgem".⁷⁷ Nas páginas dos Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano, em 1853, podemos

74. Beaurepaire-Rohan. "A serra dos martírios - Extrato de uma viagem à província do Mato Grosso, por Henrique de Beaurepaire-Rohan". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1852, 2a. série, pp.53-54.

75. Beaurepaire-Rohan. "Estudos morais - Os irmãos João Leme e Lourenço Leme da Silva. Episódio da história da província do Mato Grosso". Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano, 1852, n.1, pp.15-21.

76. Blake afirma que saiu no tomo 1, n.3, pp.191-208.

77. F.C. Carvalho. "Sonho e vida". Ensaaios Literários, (out. 1850) s.d., s.n., p.71.

F.C. Carvalho. "Virgem", id., p.70.

encontrar os poemas: "Minha morte", "A minha mãe", "O suicida", "Estrela d'alva" e "Visão".⁷⁸

Colaborou também em O Acaiaba, estampando ali outros cinco poemas: "Que são risos", "Sabes o que desejo", "Rosa desfolhada", "Flor", "Amor em segredo", além de um intitulado "A morte do Bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo".⁷⁹

Este último poema, publicado em maio de 1852, menos de dois anos após a morte de Azevedo, faz de Costa Carvalho um dos primeiros a delinear por escrito a figura daquele que se transformará no "Byron brasileiro".

Também num folheto publicado em 1857 pela Tipografia 2 de dezembro, intitulado Poesias recitadas no dia 7 de setembro de 1857, aparece um poema de Costa Carvalho, "Ao dia 7 de setembro".⁸⁰ Este e outros que ali constam foram, segundo o próprio folheto, recitados numa sessão da Associação do Ateneu Paulistano.

Paulo Antonio do Vale reproduz três poemas de Costa Carvalho em seu Parnaso Acadêmico Paulistano,⁸¹ todos aqui já referidos; "Minha morte", "Que são risos" e "Rosa desfolhada".

Francisco da Costa Carvalho restringe-se, tanto nos Ensaíes Literários como em outros periódicos, a colaborar com poemas. Não pude localizar qualquer incursão sua pela prosa ou pela crítica.

⁷⁸. Francisco da Costa Carvalho. Ensaíes Literários do Ateneu Paulistano:

- "Minha morte" (1852, n.1, pp.21-22)
- "A minha mãe" (1852, n.4-5-6, pp.111-112)
- "O suicida" (1853, n.1-2-3, pp.56-58)
- "Estrela d'alva" (1853, n.1-2-3, pp.53-54)
- "Visão" (1853, n.1-2-3, pp.58-60)

⁷⁹. Francisco da Costa Carvalho. O Acaiaba:

- "Que são risos" (1852, n.1, p.12)
- "Sabes o que desejo" (1852, n.2, pp.30-31)
- "Rosa desfolhada" (1852, n.4, pp.62-63)
- "Flor" (1853, n.3, p.46)
- "Amor em segredo" (1853, n.5, p.13)
- "A morte do Bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo" (1852, n.1, p.13)

⁸⁰. Este folheto encontra-se na Biblioteca Municipal de São Paulo, acervo de obras raras, encadernado com o periódico O Acaiaba, sendo que o poema de Francisco da Costa Carvalho é o primeiro (pp.1-2).

⁸¹. VALE, Paulo Antonio do. Parnaso Acadêmico Paulistano. Op.cit., pp.175-180.

Costa Carvalho teve uma atuação bastante significativa no interior das associações acadêmicas. Já tendo colaborado nos Ensaíes Literários, foi um dos fundadores do Ensaio Filosófico Paulistano, sendo em 1852 um dos responsáveis pela Seção de Direito da associação. Depois, junto a Santos Lopes, Andrada e Silva e outros, formou o grupo do Ateneu Paulistano.

Castro, João Machado Coelho de

Não há nos Ensaíes Literários qualquer texto assinado por João Machado Coelho de Castro (Rio de Janeiro, 1827 -?). Seu nome aqui aparece devido a José de Alencar citá-lo em Como e porque sou romancista. Ao comentar sobre o destino dos integrantes dos Ensaíes Literários, refere-se a João Machado Coelho de Castro como um de seus fundadores. No momento em que Alencar escreve, Coelho de Castro encontra-se, segundo o escritor, ocupando o cargo de presidente do Banco do Brasil.⁸² Carlos Penteado de Rezende afirma que Coelho de Castro ocupou ainda os seguintes cargos: deputado geral pelo Rio de Janeiro, diretor do Montepio geral da corte em 1858, membro do Conselho, inspetor e fiscal do Monte de Socorro da Corte em 1862.⁸³

Mesmo em outros periódicos, nada pude encontrar de Coelho de Castro. Pode ser que textos por ele assinados se encontrassem no(s) número(s) inexistente(s) do periódico, ou jamais assinou suas matérias, estando entre os anônimos. De qualquer modo fica aqui registrada sua participação como um dos fundadores dos Ensaíes Literários.

Coelho, José Ramos

Nada consegui saber sobre a vida ou obra de José Ramos Coelho. Nem mesmo na lista de alunos da Academia de São Paulo pude encontrar seu nome, o que faz supor que por algum motivo não pôde concluir seu curso ou tenha se transferido para a Academia de Recife.⁸⁴

Porém, nos periódicos acadêmicos teve participação até que significativa. Nos Ensaíes Literários publicou em 1850 um único poema, com epígrafe de Victor Hugo ("C'est le

⁸². ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. Op.cit., p.35.

⁸³. REZENDE, Carlos Penteado de. In: Almeida Nogueira. A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências. Op.cit., v.3, p.131.

⁸⁴. Nesta lista constam apenas os bacharéis, isto é, aqueles que terminaram o curso, exceção feita aos que morreram antes de terminá-lo ou que de algum modo ali se destacaram, como Alvares de Azevedo ou Feliciano Coelho Duarte.

reveil du Dieu vengeur"), intitulado "O gênio das ruínas"⁶⁵. No ano anterior já havia publicado em O Arrebol⁶⁶ o poema "Desengano".

Em 1851, é aprovado como sócio efetivo da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano, na sessão de 25 de maio, como se pode ler no "Sumário das atas" publicado na Revista Literária - Jornal do Ensaio Filosófico Paulistano.⁶⁷ Neste mesmo ano estampa dois poemas neste periódico: "Um suspiro" e "Homenagem".⁶⁸ E isso é tudo.

Correia, Manoel Francisco

Desde que tornou-se bacharel, Manoel Francisco Correia (Paranaguá, 1831 - ?) ocupou empregos e cargos de confiança no governo, tornando-se finalmente conhecido como o senador Correia. Como bibliografia, Sacramento Blake⁶⁹ oferece uma lista de relatórios, conferências e discursos oficiais, sem qualquer interesse literário e mesmo de reflexão social ou histórica.

Se nos Ensaaios Literários teve sua participação restrita a um único texto, "Das afeições de povo a povo",⁷⁰ no periódico da associação do Ensaio Filosófico Paulistano apresentou vários textos e grande atuação, constando inclusive entre seus fundadores, ao lado de Alvares de Azevedo, Santos Lopes e outros. Ocupou, em diferentes momentos, os cargos de diretor, primeiro secretário e orador oficial da associação. Foi ele, por sinal, que propiciou em 1853 a Ferreira de Rezende, o autor de Minhas recordações (livro muitas vezes aqui citado em função de seu valor documental), publicar suas primeiras matérias na Revista

⁶⁵. J.Ramos Coelho. "O gênio das ruínas". Ensaaios Literários, (out. 1850) s.d., s.n., pp.37-40.

⁶⁶. J.Ramos Coelho. "Desengano". O Arrebol, 1849, n.3, p.43.

⁶⁷. "Sumário das atas". Revista Literária - Jornal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1851, n.1, p.12.

⁶⁸. J. Ramos Coelho. "Um suspiro". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1851, n.2, p.10.

J. Ramos Coelho. "Homenagem", id., 1851, n.5, p.7-8.

⁶⁹. BLAKE, Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. Op.cit., v.6, pp.84-86.

⁷⁰. M.F. Correia. "Das afeições de povo a povo". Ensaaios Literários, (out. 1850) s.d., s.n., pp.60-64.

Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano.⁷¹ Eis a relação dos textos que publicou na Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano:

1851 - 1a.série

"Amizade" - texto dissertativo sobre o tema proposto no título (n.5, pp.5-8)

1852 - 2a.série

"Relatório" - sobre as atividades da associação (n.1, pp.1-2)

Obs.: neste mesmo número, em texto intitulado "Sumário das Atas", pp.13-16, aparece uma relação de associados que discursaram em memória de Alvares de Azevedo, entre os quais encontra-se Manoel Francisco Correia).

"Os heróis" - trata da figura do "herói" no decurso da história (n.5, pp.72-74).

1853 - 3a.série

"O Império Francês" - trabalho histórico (n.1, pp.15-18)

"Discurso proferido na sessão de encerramento do Ensaio Filosófico Paulistano em 3 de outubro de 1852" - assume como novo orador efetivo da associação (n.1, pp.19-20)

"Discurso proferido na sessão solene do Ensaio Filosófico Paulistano de 12 de maio de 1853, pelo diretor efetivo o Bacharel Manoel Francisco Correia" - assume a diretoria da associação (n.2, pp.26-29)

"Necessidade de um código civil no Brasil" - texto jurídico (n.3, pp.50-53)

"Os dois Brunegold" - drama em 4 atos (n.4, pp.61-88)

"Discurso proferido na sessão do Ateneu Paulistano, no dia 7 de setembro de 1853, pelo orador da comissão do Ensaio Filosófico Paulistano, o Bacharel Manoel Francisco Correia" (n.4, pp.97-99) e o poema "No álbum da Exma. Sra. D.F.LO. da V." (n.4, pp.117-118). Obs.: este único poema de Francisco Correia explora o inusitado tema da encarnação de um sábio anjo em uma menina recém-nascida, tendo sido reproduzido no Parnaso Acadêmico Paulistano (op.cit., pp.231-237).

Quanto a "Os dois Brunegold", assinalemos ainda que o dramaturgo refere-se a Mamede José Gomes da Silva como aquele que compôs o "Canto dos salteadores", que se apresenta em dado momento do drama.

Duarte, Feliciano Coelho

Feliciano Coelho Duarte (Piranga, MG, 1828 - São Paulo, 1850), de quem são estampadas nos Ensaio Literários três orações fúnebres em sua memória, é, provavelmente, o autor

⁷¹. FERREIRA de REZENDE, Francisco de Paula. Minhas recordações. Belo Horizonte: Editora Itatiaia e Edusp, 1988, p.257-258.

do discurso "Solenidade do dia 11 de agosto de 1849",⁷² publicado no mesmo periódico.

Não tive conhecimento de qualquer outra publicação por parte de Feliciano Coelho Duarte. Porém, se não ficou conhecido pela autoria de poemas ou romances, sua vida, ou melhor, sua morte rendeu a seu nome uma grande fama, a qual poderia ser resumida na afirmação de ter sido Coelho Duarte o Werther da Academia de São Paulo.

Segundo contam os cronistas da Academia, apaixonou-se por uma tal Laura Milliet, com idade entre 16 e 18 anos, olhos azuis, cabelos louros, graciosa e bem educada.⁷³

Laura, que parecia corresponder ao protótipo da mulher medusa de que fala Mário Praz,⁷⁴ teria rejeitado amor do estudante e ele, em função disso, teria se suicidado tomando algum tipo de veneno. O certo é que foi uma verdadeira tragédia na Academia e, nos Ensaíes Literários, Alvares de Azevedo, João Pires da Silva Junior e João de Almeida Pereira Filho estamparam orações fúnebres em memória de Feliciano. Também o acadêmico Bernardo Avelino Gavião Peixoto compôs um poema em sua memória intitulado "A morte do desventurado", reproduzido por Almeida Nogueira⁷⁵ sem maiores esclarecimentos sobre sua publicação. Um poema narrativo, no gênero fantástico, intitulado "D. Laura" e publicado no O Acaíaba,⁷⁶ em 1852, de Duarte Azevedo, versa sobre uma história que pode ser lida tendo como pano de fundo o suicídio de Feliciano Coelho Duarte. Um ano depois, também um dos que colaboravam nos Ensaíes Literários, Francisco da Costa Carvalho, publica o supracitado poema "O suicida", versando sobre o ocorrido. Em 1864,⁷⁷ Pires de Almeida publica em livro seu drama Fernando, tendo explicitamente por cenário a vida de Coelho Duarte. Todos esses textos demonstram como a história de amor entre o infeliz Coelho Duarte e a medusiana Laura Milliet manteve-se na memória da Academia por muito tempo, ficando Feliciano

⁷². Coelho Duarte. "Solenidade do dia 11 de agosto de 1849". Ensaíes Literários, (1850) s.d., s.n., pp.25-29.

⁷³. Cf. FERREIRA de REZENDE, Francisco de Paula. Minhas recordações. Op.cit., p.237-240.

⁷⁴. PRAZ, Mario. La chair, la mort et le diable dans la littérature du 19e. siècle: le romantisme noir. Trad. Constance Thompson Pasquali. Paris: Editions Denoel, 1977, pp.41-65.

⁷⁵. ALMEIDA NOGUEIRA. A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências. Op.cit., v.3, p.105.

⁷⁶. Duarte Azevedo. "D.Laura". O Acaíaba, 1852, n.6, p.96.

⁷⁷. Ver nota 48 do primeiro capítulo.

presente na história acadêmica mais como "personagem" que como autor.

Guimarães, Bernardo Joaquim da Silva

Bernardo Guimarães (Duro Preto, 1827 - idem, 1884) ingressou na Academia de São Paulo em 1847 e concluiu o curso em 1852, por ter sido reprovado em 1851. No último ano de sua vida acadêmica, publicou seus Cantos da solidão. Colabora desde o primeiro exemplar dos Ensaio Literários, fazendo crer que, juntamente com Alencar, tenha sido um dos fundadores do Instituto Literário Acadêmico.

Nos Ensaio Literários publica suas "Reflexões sobre a poesia brasileira",⁹⁸ parcialmente editadas, e o poema "O destino do vate, em memória a F. Dutra e Mello",⁹⁹ que irá dois anos depois integrar os Cantos da solidão. O poema aparece aqui com várias distinções em relação àquela presente nas Poesias completas do autor, organizada por Alphonsus de Guimaraens Filho (1959). Elas se devem a alterações feitas por Bernardo Guimarães quando da segunda edição dos Cantos da solidão, em 1858, como o próprio poeta relata em prefácio.¹⁰⁰ Não pude consultar a edição de 1852, ficando aqui em aberto se o poema presente nos Ensaio Literários é o mesmo que o desta primeira edição ou se ainda dela se distingue. De qualquer modo, os Ensaio Literários apresentam a primeira versão publicada de "O destino do vate".

O mesmo acontece com os poemas "Esperança", publicado na Revista Literária - Jornal do Ensaio Filosófico Paulistano,¹⁰¹ e "Hino à tarde", que aparece em primeira mão em O Acaiaba,¹⁰² e depois na Revista Mensal do Ensaio

⁹⁸. Silva Guimarães. "Reflexões sobre a poesia brasileira". Ensaio Literários, 1847, 1a. série, n.1, pp.13-15 e n.2, pp.13-20; maio de 1849, s.n., pp.12-14; (1850) s.d., s.n., pp.37-38.

⁹⁹. "O destino do Vate, à memória de F. Dutra e Mello". Ensaio Literários, (1850) s.d., n.1, pp.20-24.

¹⁰⁰. Cf. GUIMARAES, Bernardo. Poesias Completas. Org. intr. cron. e notas de Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura - Instituto Nacional do Livro, 1959, p.11-12.

¹⁰¹. Bernardo Guimarães. "Esperança". Revista Literária - Jornal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1851, n.5, pp.8-10.

¹⁰². Bernardo Guimarães. "Hino à tarde". O Acaiaba, 1852, n.3, pp.45-46.

Filosófico Paulistano.¹⁰³ Ambos integram os Cantos da solidão. Também o poema "A uma filha do campo", foi primeiramente publicado na Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano¹⁰⁴ e depois inserido entre as "Poesias diversas" do volume Poesias de 1865.

Quanto à primeira edição dos Cantos da solidão cabe ainda assinalar que, em seu esboço da história literária da Academia, Couto de Magalhães afirma ter consultado um exemplar que possuía alguns versos manuscritos da lavra do próprio Bernardo. Ei-los aqui transcritos:

Quereis um som de minha lira inglória?
Em vão as cordas roucas lhe tenteio;
Sai um soluço fúnebre de morte;
Meu coração outrora vaso puro
Rescendente de amor e de poesia
Hoje quebrou-se aos golpes do infortúnio,
E entornou todo o aroma que continha
E só tem, ai de mim! a ofertar-vos
Uma lágrima de dor e amargura,
E uma palavra extrema e triste - Adeus!¹⁰⁵

Nota, corretamente, que o volume possuía 21 poemas, reproduzindo trecho do poema "O sabiá". Estampa ainda dois famosos "bestialógicos", o soneto "Eu vi dos pólos o gigante alado", com algumas distinções em relação ao que se encontra na edição de Alphonsus de Guimaraens, e o "Com grande desgosto dos povos da Arábia", que não aparece na edição acima citada, mas que já se encontra reproduzido em vários estudos sobre o poeta. Em 1858, Macedo Soares tece comentários à segunda edição dos Cantos da solidão, publicando-os nos Ensaios Literários do Ateneu Paulistano.¹⁰⁶

¹⁰³. Bernardo Guimarães. "Hino à tarde". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1860, n.5-6, pp.83-84.

¹⁰⁴. Bernardo Guimarães. "A uma filha do campo". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano. 1859, n.1, p.16.

¹⁰⁵. Couto de Magalhães. "Sobre um esboço da história literária da Academia". Revista da Academia, 1859, n.4 p.304.

¹⁰⁶. Macedo Soares:

"Cantos da Solidão - impressões de leitura". Ensaios Literários do Ateneu Paulistano, 1857, n.3, pp.379-385.

"Ensaio de análise crítica - I. Cantos da Solidão - poesias do Sr. Bernardo J. da Silva Guimarães", id., 1858, n.1-5, pp.513-524.

Porém, mais interessam os dois poemas intitulados "Ela"¹⁰⁷ e "A uns anos",¹⁰⁸ publicados na Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, pois ainda não se encontram nas Poesias Completas organizadas por Alphonsus de Guimaraens Filho. Caso não tenham tido outra publicação, fato que não pude averiguar, apresentam-se como uma significativa contribuição das revistas acadêmicas para a fixação da obra poética de Bernardo Guimarães.¹⁰⁹ Eis os poemas:

A uns anos

Sê bem vinda, sê bem vinda,
Aurora saudosa e linda,
Que nos céus raias agora;
Tu, que ao mundo um anjo deste
de formosura celeste,
Sê bem vinda, ó linda aurora.

Nunca mais leda manhã
Nunca aurora mais louça
Despertou aos olhos meus;
Tu és p'ra meu coração
Como celeste visão,
Como um sorriso de Deus.

Se lá da mansão celeste
Um anjo baixar fizeste
Na forma de uma donzela;
Para mim, com seus fulgores,
Tu trouxeste um céu de amores
Nos ternos sorrisos dela.

Tu a encontras na existência
Em seus sonhos de inocência
Suavemente embalada;
Tu a encontrar leda e pura
No regaço da ventura
Pelo destino afagada.

Sê bem vinda, sê bem vinda
Aurora ditosa e linda,

¹⁰⁷. Bernardo Guimarães. "Ela", Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1859, n.2, p.36.

¹⁰⁸. Bernardo Guimarães. "A uns anos". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1859, n.3, pp.52-53.

¹⁰⁹. Quanto à colaboração de Bernardo Guimarães em periódicos, vale assinalar que, no tempo que residiu no Rio de Janeiro, colaborou com artigos de crítica literária, folhetins e versos no Atualidade (1860).

Envolta em teu róseo céu;
 Tu, que ao mundo um anjo deste,
 Ao meu coração trouxeste
 Todas as ditas do céu.

Na flor dos anos, tão bela,
 Tu me sorríste, ó donzela,
 Como um astro de esperança;
 Tu fizeste o meu porvir
 Risonho e calmo luzir
 De ventura e de bonança,

Nesta vida transitória
 Só quero gozar a glória
 De possuir teu amor;
 Teu amor - que d'outra sorte
 Eu antes quisera a morte,
 Antes das campas o horror.

Teu amor é meu farol,
 E minha estrela, meu sol,
 Que me aquece, e me alumia;
 Ah! sem ele, - eu foragido
 Vagarei triste e perdido
 Em noite feia e sombria!

Teu olhar me enche de amor
 Como o saudoso fulgor
 De linda estrela sem céu;
 De teus lábios de rubim
 Um sorriso de mim
 E a ventura do céu.

Tu és a flor mais mimosa
 A mais linda e fresca rosa
 Dos jardins da Paulicéia;
 Um tão perfeito modelo,
 Não podia concebê-lo
 Dos homens a fraca idéia.

Formosura mais completa
 Nem no ideal do poeta
 Poderia ser sonhada;
 Nem na tela do pintor
 Obra de maior primor
 Foi jamais delineada.

Tu és a luz que me guia
 Pela vereda sombria
 De tenebroso porvir;
 Virgem pura de meus sonhos,
 que os horizontes risonhos
 Da vida que vens abrir.

Surja sempre venturoso,
 Sempre puro e radioso,
 Este dia benfadado;
 E possa de hoje em diante
 Teu fiel e terno amante
 Encontrar(sic) sempre a teu lado

Possa eu sempre, como agora,
 Saudar a linda aurora,
 A aurora dos anos teus;
 Pois nela, o anjo adorado,
 Em amor todo inflamado
 Canto a ventura dos meus.

B. Guimarães

Ela

Oh como é bela! nunca olhar de virgem
 Coou-me n'alma tanto amor assim!
 Nunca amor me sorriu com tanta graça
 Nuns lábios de carmim!

Nunca um seio mais puro, palpitando
 De sob o véu em que o envolve o pejo,
 Me fez assim arder perdido e louco
 Nas chamas do desejo.

Ela é o anjo puro que meu peito
 Sequioso de amor ao céu pedira.
 Estrela de fulgor, por quem minh'alma
 Há tanto em vão suspira.

Pio romeiro irei aos pés depor-lhe
 Uma ofrenda singela, porém fida!
 A ela a lira e o coração do bardo,
 A ela minha vida!

Assim pensei comigo nesse dia
 O mais belo talvez da minha vida,
 Em que meiga luz desses teus olhos
 Minh'alma vi perdida.

Foi um sonho talvez, breve delírio!...
 De novo tenho o coração vazio;
 E se no peito meu o coração pousares
 Acha-lo-ás bem frio.

Caíste enfim da região dos encantos,
 A que meus puros sonhos te elevaram...
 Desfez-se o talismã, foram-se enganos
 Que outrora me embalaram.

Perdeste um coração que te adorava;
 Porém que importa, se por um que esfria,
 Mil outros corações, após teus risos,
 Vão correndo à porfia?

Mas não receies que eu maldiga aquela
 Que num momento a vida me dourara,
 Que pelo vago de emoções bem doces
 Outrora me entranhara?

Sim, não receis, não, que eu te maldiga:
 Graças a tí aprendo hoje por fim
 A fiar menos nos fagueiros risos
 De uns lábios de rubim.

Proveitosa lição nos fica n'alma
 Quando a ilusão se esvai;
 Deixa um fruto no ramo onde nascera
 A flor que murcha e cai!

B.J. da Silva Guimarães

Lopes, Francisco Gomes dos Santos

Francisco Gomes dos Santos Lopes (Rio de Janeiro, ? - São Paulo?, 1873) era fluminense e filho de Antonio Gomes dos Santos Lopes. Recebeu o grau de bacharel no dia 21 de outubro de 1853. Recebeu, em 1860 ou 1862, o grau de doutor. Foi deputado provincial na legislatura de 1862-1863 e deputado geral na de 1864-1866, vindo a falecer aos 23 de março de 1873.¹¹⁰

O único texto de Santos Lopes publicado nos Ensaios Literários intitula-se "Ecletismo moderno".¹¹¹ Dois anos depois de sua publicação, isto é, em 1852, irá provocar um "debate filosófico" com Tomás Alves Junior, centrado nas idéias de Cousin e estampado nos Ensaios Literários do Ateneu Paulistano e na Revista Literária - Jornal do Ensaio Filosófico Paulistano (depois Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano). Tomás Alves Junior publicou no periódico da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano uma série de artigos intitulados "Ensaios".¹¹² No quarto

¹¹⁰. ALMEIDA NOGUEIRA. A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências. Op.cit., v.3, p.200.

¹¹¹. Santos Lopes. "Ecletismo moderno". Ensaios Literários, (1850) s.d., n.1, pp.2-4; (out.1850) s.d., s.n., pp.45-47.

¹¹². Tomás Alves Junior. "Ensaios". Revista Literária - Jornal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1852, 1a. série, n.6, pp.1-5; Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano,

artigo, o do exemplar n.3 da 2a. serie de 1852, sabendo de críticas aos seus textos dirigidos por Santos Lopes (talvez receoso de perder sua primazia sobre as doutrinas de Cousin), refere-se a este com a expressão de "zoilo covarde e oculto".

Em agosto e setembro, nos dois primeiros números dos Ensaio Literários do Ateneu Paulistano, associação na qual aparece como um dos fundadores e presidente, Santos Lopes revê o "zoilo covarde e oculto" com suas "Cartas ao autor dos artigos 'Ensaio' da Revista Literária".¹¹³ Enquanto Tomás Alves Júnior fundamenta sua argumentação nas idéias de Cousin, Santos Lopes fundamenta sua argumentação em princípios retóricos, visando desqualificar mais a argumentação que as idéias expressas por seu adversário e, a rigor, acaba por dirigir suas críticas mais ao autor do que ao próprio texto. Trata Tomás Alves Junior como se estivesse a falar com um estudante estúpido, arrogante e necessitado de uma repreensão paternal. Assim diz ao finalizar sua terceira e última carta:

Remato esta carta que já vai longa impondo-vos a obrigação de responder-me às observações até aqui feitas e principalmente às da primeira carta que nem sequer mereceram a honra de serem por vós mencionadas; sob pena de não ter férias.

Este é o castigo que vos ameaça o

Vosso afeiçoado

Santos Lopes¹¹⁴

Tomás Alves Junior ainda publicará, no mês seguinte, sua "Defesa do artigo 'Ensaio'",¹¹⁵ talvez, com medo de realmente perder as férias remoendo as críticas de seu adversário. Porém, nesta altura o debate já havia finalizado com larga vantagem retórica para Santos Lopes.

Além da mencionada polêmica, Santos Lopes publica nos Ensaio Literários do Ateneu Paulistano o "Discurso com que o Sr. Francisco Gomes dos Santos Lopes, presidente efetivo da Associação 'Ateneu Paulistano', abriu a sessão inaugural

1852, 2a. série, n.1, pp.3-7; n.2, pp.17-20; n.3, pp.33-37; e n.4, pp.49-52.

¹¹³. Santos Lopes. "Cartas ao autor dos artigos 'Ensaio' da Revista Literária" Ensaio Literários do Ateneu Paulistano, 1852, n.1, pp.3-6; 1852, n.2, pp.35-40 e pp.57-64.

¹¹⁴. Id., p.64.

¹¹⁵. Tomás Alves Junior. "Defesa do artigo 'Ensaio'". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1852, 2a.série, n.5, pp.82-84.

da mesma Associação".¹¹⁶ Há também neste número um poema seu intitulado "Lá se foi".¹¹⁷

Temos também em Santos Lopes uma figura de destaque no interior da história das associações estudantis da Academia de São Paulo, tendo atuado no Instituto Literário Acadêmico, dos Ensaíes Literários, e estando entre os fundadores de duas associações estudantis, a do Ensaio Filosófico Paulistano e a do Ateneu Paulistano.

Oliveira, José Joaquim Machado de

O Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira (São Paulo, 1790 - idem, 1867) é figura de grande destaque nos anos do império. Membro de uma tradicional família paulista, a qual lhe deve grande parte de seu prestígio, foi o pai do professor, jurista e jornalista Basílio Augusto Machado de Oliveira (1849-1919), avô do professor e político José de Alcântara Machado de Oliveira (1875-1941) e bisavô do cronista da cidade de São Paulo dos anos de 1920 e 1930, Antônio de Alcântara Machado (1901-1935).

Sacramento Blake nos informa que Machado de Oliveira fez carreira militar e foi reformado no cargo de brigadeiro em 1844. Além da carreira militar, fez também carreira política: foi membro do governo provisório do Rio Grande do Sul e de seu primeiro Conselho; representou essa província na primeira legislatura geral, e sua província natal na sexta legislatura; foi deputado nas assembleias de São Paulo e Santa Catarina; encarregado de negócios e cônsul geral do Pará, de Alagoas, do Espírito Santo e de Santa Catarina.¹¹⁸

Sacramento Blake ainda lista uma grande quantidade de obras publicadas por Machado de Oliveira - em sua grande maioria, trabalhos históricos e geográficos sobre diversas regiões do país. Era, como foi observado, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em cuja revista encontra-se a maior parte de sua obra. Segundo Blake, possui publicações em muitos periódicos: Minerva Brasiliense; Arquivo Literário; Industrial Paulistano; Auxiliador da Indústria Nacional e Ipiranga.

Deparei-me com três textos de Machado de Oliveira em periódicos acadêmicos. Nos Ensaíes Literários, como vimos, publicou o estudo histórico "O Brasil - I (Algumas

¹¹⁶. "Discurso com que o Sr. Francisco Gomes dos Santos Lopes, presidente efetivo da associação 'Ateneu Paulistano', abriu a sessão inaugural da mesma Associação". Ensaíes Literários do Ateneu Paulistano, 1852, n.2, pp.26-27.

¹¹⁷. Santos Lopes. "Lá se foi!". Ensaíes Literários do Ateneu Paulistano, 1852, n.2, pp.79-80.

¹¹⁸. BLAKE, Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. Op.cit., v.4, pp.485-486.

considerações sobre o seu descobrimento)".¹¹⁷ Nos Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano há mais dois textos assinados por Machado de Oliveira. Um deles, intitulado "Os índios - sua catequese e civilização nos primeiros tempos do Brasil",¹²⁰ divide-se em duas partes: uma publicada em agosto de 1852 e outra em outubro de 1853. Um outro texto seu, "A emigração dos Caiuás",¹²¹ que traz por subtítulo "Narracão coordenada sob apontamentos dados pelo Sr. J.H. Elliot, por Machado de Oliveira", publicado no mesmo periódico, também trata da questão indígena.

Este último texto foi posteriormente (1856) publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,¹²² o que confere aos acadêmicos de São Paulo a honra de terem se antecipado à revista mais importante do país.

Nenhuma destas publicações em periódicos acadêmicos constam no trabalho de Sacramento Blake. Porém, Blake, supracitado, faz referência a uma tradução de O novo Gil-Blaz, de Hertzberg, realizada pelo autor e publicada no Ypiranga, entre 1849 e 1854. Infelizmente não consegui localizar tal tradução, que poderia revelar um Machado de Oliveira mais literário.

Pereira Filho, João de Almeida

João de Almeida Pereira Filho (Campos, Rio de Janeiro, 1826 - ? , 1883) foi, segundo Sacramento Blake, deputado pelo círculo de seu nascimento, encarregado da pasta dos Negócios do Império no gabinete organizado pelo Conselheiro Angelo Ferraz, tendo acompanhado suas majestades imperiais na viagem que fizeram ao norte do Império em 1859. Foi, ainda, deputado em outras legislaturas até a décima-oitava.

¹¹⁷. Machado de Oliveira. "O Brasil (Algumas considerações sobre o seu descobrimento)". Ensaaios Literários, (out.1850) s.d., s.n., pp.49-52.

¹²⁰. Machado de Oliveira. "Os índios - sua catequese e civilização nos primeiros tempos do Brasil". Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano, 1852, n.2, pp.40-45; 1853, n.1-2-3, pp.3-15.

¹²¹. "A imigração dos Caiuás. Narracão coordenada sob apontamentos dados pelo Sr. J.H. Elliot por Machado de Oliveira". Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano, 1854, n.1-2, pp.61-69.

¹²². Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1900, tomo 19, pp.434-447.

Era do conselho do imperador, viador da Casa Imperial e comendador da Ordem de Cristo.¹²³

Como bibliografia do autor, Sacramento Blake cita corretamente três textos presentes nos Ensaio Literários; um livro de poemas, Poesias "oferecidas ao Barão de Araruama", publicado no Rio de Janeiro em 1851; duas necrologias, uma do Visconde de Araruama, Rio de Janeiro, 1864, outra de D. Maria Isabel de Velasco Correia, Rio de Janeiro, 1849; além de um texto sobre agricultura, Auxílios à lavoura, 1875, apresentado para a comissão especial da Câmara dos Deputados.

Se a biografia e a bibliografia de Almeida Pereira não se destacam por grandes feitos ou muitos escritos, a quantidade de textos que apresenta nos Ensaio Literários impressiona à primeira leitura. Contribui com dezesseis textos. Disserta sobre o romance, a imprensa, o cristianismo e as publicações estudantis. Estampa quatro poemas e dois fragmentos de narrativas ficcionais. Colabora ainda com um discurso, uma oração fúnebre, enigmas e charadas. Eis os textos: "Tolerância";¹²⁴ "Meus pensamentos";¹²⁵ "Discurso lido no dia da inauguração da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano";¹²⁶ "Crônica literária";¹²⁷ "Imprensa";¹²⁸ o texto crítico "Breves considerações sobre o romance";¹²⁹ as narrativas "Conversas entre um pintor e um poeta" e "Os dois poetas ou A primeira hora do dia";¹³⁰ os

¹²³. BLAKE, Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. Op.cit., v.3, p.317.

¹²⁴. A.P.F. "Tolerância". Ensaio Literários, 1847, 1a.série, n.1, pp.7-8.

¹²⁵. A.P.F. "Meus pensamentos". Ensaio Literários, 1848, 2a.série, n.2, pp.6-9; 3a.série, n.2, pp.28-30.

¹²⁶. "Discurso lido no dia da inauguração da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano - por J.d'Almeida Pereira filho". Ensaio Literários, (1850) s.d., n.1, pp.17-20.

¹²⁷. Almeida Pereira Filho. "Crônica Literária". Ensaio Literários, maio de 1849, s.n., p.17.

¹²⁸. Almeida Pereira Filho. "Imprensa". Ensaio Literários, maio de 1849, s.n., pp.6-8.

¹²⁹. A.P.F. "Breves Considerações sobre o romance". Ensaio Literários, 1847, 1a. série, n.2, pp.3-7; 1847, 1a. série, n.3, pp.3-7; 1847, 2a. série, n.1, pp.9-13.

¹³⁰. J. d'Almeida Pereira filho. "Os dois poetas ou A primeira hora do dia (Fragmentos)". Ensaio Literários, (1850) s.d., n.1, pp.13-17.

poemas "Uma saudade", "Desengano", "Amor e descrença" e "Anjo-demônio";¹³¹ duas "Charadas" e um "Enigma".¹³²

José de Alencar, em Como e porque sou romancista,¹³³ faz referência a Almeida Pereira como um dos fundadores do Instituto Literário Acadêmico. Também no texto inaugural da Revista Mensal do Instituto Científico,¹³⁴ Almeida Pereira é citado como um daqueles que saíram de associações acadêmicas para cumprir uma respeitável carreira política. Ao que tudo indica, foi escritor apenas no período acadêmico.

Ribas, Antônio Joaquim

Antônio Joaquim Ribas (Rio de Janeiro, 1818 - Petrópolis, 1890)¹³⁵ ou o conselheiro Ribas, como ficou conhecido, ingressou na Academia de São Paulo em 1835 e bacharelou-se em 1839. Anteriormente havia estudado filosofia, história, literatura, latim, grego, francês, inglês e alemão com Julio Frank, imigrante alemão bastante erudito e algo misterioso, detentor de grande prestígio no meio acadêmico da época.

Doutorando-se no ano seguinte à sua formatura, Joaquim Ribas passou a lecionar história universal nos cursos preparatórios. Ingressou na Academia como professor

¹³¹. A.P.F. "Uma saudade". Ensaios Literários, 1847, 2a. série, n.1, pp.19-22.

Almeida Pereira Filho. "Desengano". Ensaios Literários, (1850) s.d., s.n., pp.45-46.

J. d'Almeida Pereira filho. "Amor e descrença", id., pp.52-53.

J. d'Almeida Pereira filho. "Anjo-demônio", id., pp.64-65.

¹³². A.P.F. "Charadas". Ensaios Literários, 1848, 2a. série, n.3, pp.23-24.

Almeida Pereira. "Enigma", id., maio de 1849, s.n., p.24.

¹³³. ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. Op.cit., p.35.

¹³⁴. "Introdução". Revista Mensal do Instituto Científico, 1862, n.1, pp.1-2.

¹³⁵. Blake, em seu Dicionário bibliográfico brasileiro, op.cit., v.1, p. 203, dá o ano de 1820 como o de seu nascimento. Vampré, em suas Memórias para a história da Academia de São Paulo, op.cit., v.1, p.280, dá o de 1819, e Almeida Nogueira, em A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, op.cit., v.2, p.136, o de 1818. Sobre Joaquim Ribas ver também Francisco de Paula Ferreira de Rezende, Minhas recordações, op.cit., p.271.

substituto em 1854 e efetivou-se como catedrático apenas em 1860.

Para ter-se a medida da popularidade alcançado por Joaquim Ribas na Academia, Sacramento Blake relata que:

(...) em 1863 os estudantes, que concluíam o curso da faculdade, mandaram tirar a óleo seu retrato em tamanho natural para ser colocado no salão de atos, e litografar em Paris o mesmo retrato para ser distribuído pelos amigos do distinto mestre.¹³⁶

Foi ainda deputado na assembléia de São Paulo por várias legislaturas. Orador de reconhecido talento, participou de diversas comissões do governo, tanto provinciais quanto gerais.

Suas publicações são muitas e, em sua grande maioria, trabalhos jurídicos.¹³⁷ Blake afirma que o conselheiro possui ainda diversos discursos, artigos e poemas publicados em periódicos acadêmicos, dos quais cita a Revista da Academia (1859), O Caleidoscópio (1860) e o Album Literário (1862). Este último não pude consultar. No que se refere aos dois primeiros, nada encontrei em O Caleidoscópio assinado por Joaquim Ribas e na Revista da Academia o conselheiro está presente apenas enquanto integrante da galeria de escritores acadêmicos organizada por Couto de Magalhães, que assim comenta as atividades intelectuais do catedrático:

Exercendo o jornalismo político tomou a redação do Piratininga e Constitucional, que primaram pela correção da linguagem, e pompa do estilo: hoje é um dos redatores da Imprensa Paulista.

Conta-nos que se acha atualmente ocupado com uma obra de direito administrativo pátrio: oxalá que não tenha ela o mesmo destino que teve a História dos paulistas, isto é - o esquecimento de seu próprio autor.¹³⁸

¹³⁶. BLAKE, Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. Op.cit., v.1, p.204.

¹³⁷. Cf. VAMPRE, Spencer. Memórias para a história da Academia de São Paulo. Op.cit., v.1, p.282.

¹³⁸. Couto de Magalhães. "Esboço sobre a história literária da Academia". Op.cit., p.285.

Também Blake e Lafayette de Toledo¹³⁹ afirmam que Joaquim Ribas dirigiu e redigiu, em 1849, um periódico político e literário intitulado Piratininga. Nenhum deles faz mais que referendá-lo. Este periódico seria contemporâneo dos Ensaio Literários. O Constitucional (1853), por sua vez, era o jornal que publicava os trabalhos da Assembléia provincial. Além de ter sido um dos redatores de A Imprensa Paulista (1859-1861?), teve ainda um discurso publicado na Revista Paulistana, "pronunciado na Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo, por ocasião da colação do grau de Dr. ao Bacharel Domingos de Andrada Figueira".¹⁴⁰

No Parnaso Acadêmico Paulistano¹⁴¹ há dois poemas de Joaquim Ribas: "Quem é da cecém alvíssima e formosa..." e "A poesia". Possui também uma publicação póstuma, Perfil biográfico do Dr. Manuel de Campos Salles, de 1896, editada no Rio de Janeiro pela gráfica Leuzinger.

A História dos paulistas, que, como afirma Couto de Magalhães em texto supracitado, foi abandonada pelo próprio autor, teve um de seus trechos publicado nos Ensaio Literários, sendo o único texto de Joaquim Ribas no periódico.¹⁴²

Rosa, Francisco Otaviano de Almeida

Francisco Otaviano de Almeida Rosa (Rio de Janeiro, 1825 - idem, 1889)¹⁴³ cursou a Academia de São Paulo, porém

¹³⁹. BLAKE, Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. Op.cit., p.204.

LAFFAYETE apud FREITAS, Afonso de. A imprensa periódica de São Paulo. São Paulo: Imprensa do Diário Oficial, 1915, p.97.

¹⁴⁰. Joaquim Ribas. "Discurso". Revista Paulistana, 1857, n.9, p.3.

¹⁴¹. VALE, Paulo Antonio do. Parnaso Acadêmico Paulistano, 1881, pp.79-82.

¹⁴². Dr.Ribas. "História dos Paulistas (Fragmento) 1628". Ensaio Literários, (out. de 1850) s.d., s.n., pp.41-45.

¹⁴³. Sobre a atividade acadêmica e jornalística do autor ver: MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira. 2.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, v.2, p.464. BARBOZA, Onédia C. Byron no Brasil - traduções. Op.cit., pp.130 e segs. BLAKE, Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. Op.cit., v.3, p.64 e segs. ROMERO, Sílvio. História da literatura brasileira. 2.ed. melh. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903, v.2, p.112 e segs. LACOMBE, Américo Jacobina. "Literatura e jornalismo". A literatura no Brasil.3.ed. Org. Afrânio Coutinho & Eduardo Faria Coutinho. Rio de Janeiro:

concluiu seu curso em 1845, dois anos antes de sair o primeiro número dos Ensaíes Literários. Em 1847, encontrava-se no Rio de Janeiro e já possuía fama de grande poeta e jornalista. Quando colabora nos Ensaíes Literários, já é poeta e jornalista de prestígio, sendo diretor e redator do Diário Oficial. José de Alencar nota que o aparecimento dos Ensaíes Literários foi saudado naquele periódico por Otaviano.¹⁴⁴

Há três trabalhos de Otaviano nos Ensaíes Literários: a narrativa "Viagem ao Oriente", uma "Oração Fúnebre" e a tradução de um fragmento de um poema do espanhol Zorrilla; este último reproduzido no interior do texto anônimo intitulado "Necrológico Acadêmico".¹⁴⁵

A tradução do trecho de um poema de Zorrilla e a "Oração Fúnebre", publicadas em 1847, chegam aos Ensaíes Literários devido à morte de Joaquim Antonio Pinto Peixoto, quintanista da Academia de São Paulo, ocorrida quando passava suas férias junto à família no Rio de Janeiro. O "Necrológico Acadêmico", que antecede o texto de Otaviano, faz o seguinte comentário:

A mocidade brasileira de que ele (Joaquim Antonio Pinto Peixoto) era um dos mais belos ornamentos, também assistiu a seus funerais dignamente representada. O Sr. Dr. F. Otaviano, nosso especialíssimo amigo, recitou junto ao féretro a seguinte oração fúnebre, de elevadas considerações e de íntimos sentimentos. O escritor público deixava as tarefas do jornalismo, entregando-se d'alma às memórias do seu passado, luzido de triunfos acadêmicos também, para lamentar a perda de um amigo e de um antigo companheiro; o homem de gênio enlutava-se com a geração atual dos jovens de talento pela flor que se desenlaça murchada da árvore frondosa a que ele pertence, e em que ocupa um lugar distinto como jurista e literato e poeta.¹⁴⁶

José Olímpio Editora e Universidade Federal Fluminense, 1986, v.4, pp.80-84. FERREIRA de REZENDE, Francisco de Paula. Minhas recordações. Op.cit., pp.290-291. ALMEIDA NOGUEIRA. A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências. Op.cit., v.3, p.314 e v.2, pp.319-320.

¹⁴⁴. ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. Op.cit., p.35.

¹⁴⁵. F. Otaviano. "Viagem ao Oriente". Ensaíes Literários, 1848, 3a. série, n.3, pp.57-62.

Dr. Oct. "Oração fúnebre", id., 1847, 2a. série, n.1, pp.17-18.

Tradução do trecho de poema de Zorrilla in "Necrológico acadêmico", id., 1847,, 2a. série, n.1, p.14.

¹⁴⁶. "Necrológico acadêmico". Op.cit., p.16.

Ao final deste texto, encontram-se os versos de Zorrilla, vindo indicação, em nota, de terem sido traduzidos por Otaviano. Segue, então a "Oração Fúnebre" que Otaviano proferiu junto ao túmulo do estudante.

No ano seguinte, Otaviano será convidado para colaborar no periódico e enviará o texto "Viagem ao Oriente". Promete enviar a continuidade do texto, sem, contudo, cumprir tal promessa. Precedendo seu texto, temos uma rubrica na qual Otaviano agradece o convite feito pelos estudantes para participar do periódico, ao mesmo tempo fazendo notar que não se encontra bem de saúde, o que o impediria de enviar algo mais substancial aos acadêmicos.

Santos, Joaquim Felício dos

O autor que assina "F. dos Santos" é, muito possivelmente, Joaquim Felício dos Santos (Diamantina, 1828 - idem, 1895), o consagrado historiador e escritor mineiro. Ingressou na Academia de São Paulo no mesmo ano que José de Alencar e Bernardo Guimarães.

Publicou nos Ensaio Literários o fragmento "Ciências", que traz a assinatura de "F. dos Santos". Antecedendo-o, uma rubrica com a seguinte relação de matérias:

Soberania do povo; - Como se realiza. - Sistema representativo - Duas forças que impelem a civilização. - Divisão da Representação nacional em duas Câmaras - O que representam elas.¹⁴⁷

Em O Arrebol aparece um outro fragmento com o mesmo título, "Ciências", assinado por "J. F. dos Santos", o qual também é antecedido por uma rubrica, indicando que ali serão tratadas as seguintes matérias:

Responsabilidade dos corpos representativos - A vitalidade do senado o faz irresponsável - A insuficiência dos tribunais da consciência e da opinião pública - Preponderância dos senadores vitalícios - Incompetência do povo para a sua eleição - Comoções eleitorais - Esforços dos candidatos.¹⁴⁸

São, evidentemente, partes de um mesmo texto. Trazem, acima da rubrica, a mesma indicação de constituírem o parágrafo I de um estudo mais abrangente. O fragmento dos Ensaio Literários foi publicado em maio de 1849 e prometia

¹⁴⁷. F. dos Santos. "Ciências". Ensaio Literários, maio de 1849, s.n., pp.3-6.

¹⁴⁸. "Ciências". O Arrebol, 1849, n.3, pp.29-30.

continuidade; o de O Arrebol só veio a lume em julho. Porém, como só pude encontrar o n.3 de O Arrebol, é possível que haja alguma outra parte do texto "Ciências" no n.2 desse periódico, referente ao mês de junho.

Se é pequena a colaboração de Felício dos Santos, tem, no entanto, grande valor, por marcar sua estréia no mundo do jornal, do qual será um grande mestre.

Silva Junior, João Pires da

Uma das orações fúnebres publicadas nos Ensaio Literários vem assinada pelas iniciais "J.P.S.J.", que muito possivelmente abreviam o nome de João Pires da Silva Junior (Rio de Janeiro, 1825 - ?), de cuja biografia só pude saber que teve por pai Salvador Pires da Silva, tendo sido, após a conclusão do curso em São Paulo, advogado em Campos.¹⁴⁷

A oração fúnebre de João Pires é a segunda das três orações escritas em memória de Feliciano Coelho Duarte,¹⁵⁰ também colaborador dos Ensaio Literários.

Em outros periódicos, não me deparei com qualquer texto de João Pires. No entanto, em um "Resumo das atas"¹⁵¹ da Associação do Ensaio Filosófico Paulistano, publicado em sua revista, registra-se a aprovação de João Pires da Silva Junior como sócio efetivo dessa associação. Seu nome reaparecerá num outro "Sumário das atas",¹⁵² como um dos que discursaram por ocasião da morte de Alvares de Azevedo. É possível que seu texto tenha sido publicado em folheto. Com certeza, seria de interesse para a biografia do autor de Macário.

Silva, José Bonifácio de Andrada e

José Bonifácio de Andrada e Silva (Bordeaux, França, 1827 - São Paulo, 1886). Ingressou na Academia de São Paulo em 1848, onde tornou-se bacharel em 1852. Dois anos depois, ocupou o cargo de professor na Academia de Recife, onde adquiriu o título de Doutor. Retorna a São Paulo em 1858, sendo nomeado catedrático da Academia.

¹⁴⁷. ALMEIDA NOGUEIRA. A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências. Op.cit., v.3, p.187.

¹⁵⁰. J.P.S.J. "Orações fúnebres". Ensaio Literários, (out. 1850) s.d., s.n., pp.58-59.

¹⁵¹. "Resumo das atas". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1852, 1a. série, n.6, p.11-12.

¹⁵². "Sumário das atas". Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, 1852, 2a. série, n.1, pp.13-16.

Ainda calouro na Academia, publicou seu primeiro livro de poemas, Rosas e goivos (1849). Enquanto estudante, e mesmo depois como professor, exerceu intensa atividade literária. É um dos nomes mais constantes na imprensa acadêmica.

Nos Ensaaios Literários contribui com cinco trabalhos: os poemas "Descrença", "Flor sem perfume", "O estro" e "A morte prematura de Antonio Pinto Peixoto"; o conto "Folhas de minha carteira - Fatalidade"; e o texto "A religião e a humanidade".¹⁵³ Os poemas "Flor sem perfume" e "O estro" não se encontram na coletânea de poemas do autor organizada por Nilo Scalzo e Alfredo Bosi,¹⁵⁴ sendo aqui reproduzidos no "Encarte fac-similar de textos selecionados dos Ensaaios Literários".

Além de suas publicações nos Ensaaios Literários, colaborou em diversos outros periódicos:

O Arrebol

1849 - o estudo "Literatura brasileira - a poesia do séc. XIX" (n.3, pp.36-37) e o poema "Lágrimas" (n.3, p.44).

O Acaiaba

1852 - os poemas "Minha Mortalha" (n.4, p.62) e "Arvore Seca" (n.5, p.77);

1853 - os poemas "Anjo no exílio" (n.1), "Canto proscrito" (n.1) "A memória de meu irmão José Amador Ferreira Torres" (n.3), "A noite" (n.3), "Soneto" (n.4), "Visão" (n.5, pp.174-175) e "Liberdade" (n.5, pp.173-174).

Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano

1852 - o artigo "O comunismo e a propriedade" (n.1, pp.9-15 e n.2-3, pp.64-70), o conto "Derradeiro Sonho" (n.2-3, pp.51-57), o poema "Ao 7 de Setembro" (n.2-3, pp.72-75); o conto/crônica "Estrela da morte" (n.4-5-6, pp.101-111), "Soneto" (n.4-5-6, p.127), o "Discurso proferido na sessão do aniversário da criação do Ateneu Paulistano pelo Sr. José

¹⁵³. Ensaaios Literários:

"Descrença", 1848, 3a.série, n.3, pp.71-72.

Andrada e Silva. "Flor sem perfume", (1850) s.d., n.1, p.10-11.

Andrada e Silva. "O estro", (1850) s.d., n.1, p.12.

(publicado anonimamente) "A morte prematura de Antonio Pinto Peixoto", 1848, 2a.série, n.2, pp.13-16.

Andrada e Silva. "A religião e a humanidade", maio 1849, s.n., pp.14-16 e (1850) s.d., s.n., pp.38-40.

Andrada e Silva. "Folhas de minha carteira -Fatalidade", (out.1850), s.d., s.n., p.33-37.

¹⁵⁴. SILVA, José Bonifácio de Andrada e (o moço). Poesias de... Org. de Nilo Scalzo e Alfredo Bosi. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962.

Bonifácio de Andrada e Silva" (n.4-5-6, pp.133-135), o poema "No corcovado" (n.4-5-6, pp.135-138).

Revista Paulistana

1857 - o poema "Desejos" (n.1,p.3)

A Legenda

1860 - os poemas "Gaturamo" (n.4,p.32), "A Rodrigues dos Santos" (n.5, pp.38-40)

O Caleidoscópio

1860 - o poema "Na serra do Cubatão" (n.1, p.7)

Fórum Literário

1861 - "Amor do céu" (n.3, pp.19-20)

Suas colaborações literárias em periódicos não pararam aí. Numa passagem de olhos sobre periódicos já mais para o final do século, aparece, em 1881, um número especial do Americano¹⁵⁵ em memória de Antônio de Castro Alves, no qual colabora Andrada e Silva. Pode-se ainda encontrar alguns de seus poemas num "semanário de instrução e recreio" santista, de 1850, intitulado Revista Literária, no qual se encontram alguns de seus poemas como "Oh fui louco, mulher",¹⁵⁶ "O naufrágio"¹⁵⁷ e "Camões",¹⁵⁸ esse último dedicado "ao meu amigo F. M. Raposo d'Almeida autor do drama Camões".¹⁵⁹ Mais tarde, também estará presente no Parnaso Acadêmico Paulistano, de Paulo Antonio do Vale, com os poemas "A morte prematura do Ilmo. Sr. J. Antonio Pinto Peixoto", "Gaturamo" e "A Rodrigues dos Santos".¹⁶⁰ Os dois últimos foram primeiramente publicados em A Legenda (supracitados), sendo

155. O Americano, 1881, n.6.

156. Andrada e Silva. "Oh fui louco, mulher". Revista Literária, 1850, n.6, p.46.

157. Andrada e Silva. "O naufrágio". Revista Literária, 1850, n.7, p.35.

158. "Camões". Revista Literária, 1850, n.12, pp.94-95; n.13, pp.100-102.

159. Este drama, por sinal, encontra-se encadernado junto à Revista da Academia (1859) no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

160. VALE, Paulo Antonio do. Parnaso Acadêmico Paulistano. Op.cit., pp.155-164.

que o primeiro foi publicado anonimamente nos Ensaíes Literários.¹⁶¹

Vale ainda registrar que em 1860 Andrada e Silva é consagrado com o título de presidente honorário da Associação Culto à Ciência, revelando o quanto, já como professor da Academia, era estimado pelos acadêmicos.

De todos os poemas citados, oito não se encontram na supracitada coletânea organizada por Scalzo e Bosí. Quatro deles ("Canto proscrito", "Em memória de meu irmão José Amador Ferreira Torres", "A noite" e "Amor do céu") encontram-se em exemplares de O Acaiaba disponíveis apenas na Biblioteca Nacional. Os quatro restantes são os abaixo reproduzidos:

Minha mortalha

Na poesia da campa ressequidos
Meus ossos dormirão,
Quando, cerrando as portas do futuro,
Parar-me o coração.

Do grande enfatuado enjeito as pompas,
Enjeito mausoléu;
Depositem meu corpo em cova escura
- Na terra em que nasceu.

Quero somente bem unido ao seio
O retrato que amei,
A flor que respirou, as cartas dela,
- E as prendas que lhe dei.

Das mãozinhas de neve eu quero as luvas
Que nas salas perdeu,
- Que um olhar indiscreto, olhar de amante
Depressa conheceu.

Quero seu fino lenço de cambraia
Que Deus enfeitiçou,
- Qu'em tempo mais feliz meu pranto e o dela
Tanta vez enchugou!

Isto me basta só - guardem-me intacto
No meu leito de palha -
Que um corpo que animou - viveu por ela
Só quer esta mortalha.

Andrada e Silva

¹⁶¹. "A morte prematura do Ilmo.Sr. Joaquim Antonio Pinto Peixoto". Ensaíes Literários, 1848, 2a. série, n.2, pp.13-16.

*Contribuição do Exmo. Sr. Dr. José
Bonifácio de Andrada e Silva*

Na Serra de Cubatão

Em leito de pedras cascata gigante
O corpo distendes no teu rressonar;
A luz te rebenta da escama brilhante
Em chuva de pér'las, subindo, prá o ar.

Na esteira tremenda te cobrem ligeiros
Os densos vapores que descem d'além;
Saúdam-te as aves nos cantos fagueiros
Os ventos saúdam-te, as nuvens também!

No cimo do monte, na mata sombria
Rebõa longinquo teu grito de dor!...
Quem sabe se tremes?! - às luzes do dia
Desmaias de gozo num leito de amor!

No vasto concerto do val e da serra
Campeias contente, coroa-te a luz;
Penando saudades, tu tens sobre a terra
O templo nos montes, nos troncos a cruz.

Mistérios que escondes - que há de exprimi-los?
Rasgar-te as entranhas- quem é que ousará?
Tens alma, ó montanha? - tu só de senti-los
Torrentes de prantos soltaste de lá?!...

Do vento nas asas que meigos perfumes
Do bosque trazidos bebeste, ó cascata?!
Que viço de folhas, que mimos, que lumes
Nos céus e na terra, no ar e na mata?!

No dorso encrespado de erguida montanha
Que vagos murmúrios, que mágoas são estas?!
Suspiras? Soluças? - Saudade tamanha!
Aos beijos de aragem que vêm das florestas?

Oh! longe, bem longe - no vasto horizonte
Meus olhos cansados vagueiam nos ares!
Ai céus azulados! Ai troncos do monte!
Ai sombras que dançam - lá embaixo nos mares!

Tu vives, tu vives - não creio que morta
Sentida chorasses num leito formoso!
As águas são prantos? - do templo na porta
As pedras são homens em mudo repouso!

Um dia despertos do férreo dormir
A luz das estrelas, ao sol que aviventa,

Gigantes erguidos - dirão ao porvir
As glórias da pátria - na voz da tormenta.

1859

Oh Fui louco, mulher!

*...Adieu donc, roman évanoui!
Dans un rayon du soir, beau rêve épanoui!
(Ponsard - Charlotte Corday)*

Oh fui louco, mulher! - gastei minh'alma,
Meus verdes sonhos, minha vida e tudo
Contigo... só contigo! -

Se te amei - tu o sabes!... neste mundo
Flores de um dia à sombra deste peito
Sequei-as todas no queimor das noites
- Das noites em que a fronte afogueada
No martírio da cruz se arroxava!
Oh fui louco, mulher! - tonteei na terra
Como um ébrio, que sente refugir-lhe
Sob os pés o terreno... - embalde as ânsias
De dentro comprimidas rebentavam,
Como as chamas do incêncio - era loucura! -
Meus sonhos... pobres sonhos!...

Oh fui louco, mulher! - que há neste mundo
Que me valha um amor - amor primeiro,
Murmúrio d'alma virgem titubante (sic)
Do coração nas cordas - nota escassa
Dos concertos de Deus, quando se apinham
Vozes da terra e do Céu - ou quando a lua
Mais dócil paira sobre a lousa em prantos -
Que há pois no burburinho desta vida,
Que me valha um amor?!

E pois avante! - o teu caminho flóreo
Em finíssima tela borda a sorte;
Lá te reluz o baile, e fulgurante
Lá te espera o salão; mas quando um dia,
Rugosa a face, o braço descaído,
Olhares para trás - então sem forças
Verás a várzea nua, a fonte seca,
Baço o clarão do sol, a noite escura;
Morrerás, como a triste à quem na Itália
A tarântula morde - e após na dança
Louqueja até morrer! -

Pelo Sr. José Bonifácio d'Andrada e Silva

O naufrágio

Sibila a ventania, o mar estala
 E se encastela ousado - entre negrumes
 Rebenta o raio na enxofrada nuvem;
 Além nos revelins da vaga em iras
 Fosforece a ardentia (sic) - e o bardo, arfando,
 Ora nos vales vai roçar no abismo,
 Ora nos montes com o céu intesta.

Oh conchega-te a mim! - teu lábio, ó virgem,
 Vem aquecer no meu... Que importa o mundo
 A procela a mugir, o vento, a noite?
 Oh conchega-te a mim! - há de ser belo
 Num só corpo morrer a morte d'ambos
 O relâmpago ser e a tempestade
 A orquestra do noivado!

E o tufão continuava,
 Rugindo temeroso;
 E o barco varzeava
 Sobre as ondas vagaroso.

Es feliz? - sim feliz, responde a triste,
 Sinto os palpites do teu peito, e os meço
 Das ondas a bater.. - Mas porque choras
 Tornei-lhe aflito, nessa face imóvel
 - Por que, meu anjo, debulhada em prantos
 Teus olhos garços, se arrasando d'água,
 Desmaiam no prazer? - Oh Deus! a morte,
 A morte... quando o sonho começava,
 Quando o torrão da vida luxúria (sic)
 No viço das paixões.. - Oh que me importa?
 Eu tenho para mim teu niveo rosto,
 Teu seio cristalino, o corpo aéreo,
 Teus róseos braços em febril delírio...
 E n'oceano a morte...

Cortou-lhe a voz um trovão
 No vaso o mastro caiu;
 Mas a nave em seu caixão,
 Se gemeu, não se sumiu.

Não vês a meio a lua e perto dela
 Aquele turbilhão de negro fumo
 Que se enrola? - Que dor! eu vejo tudo,
 Pretos sonhos a mente me enxameiam
 Ai que desmaio!.....

A mim - quero-te unida
 Bem conchegada ao peito.. - oh como es doce!
 Como treme-te um ai à flor dos lábios?

Oh que macia boca! oh que famintos
 Beijos febricitantes! que aperturas!
 Ferve-lhe o sangue, o coração lhe rompe,
 Em catadupas salta e o corpo inteiro
 Pula treme, convulsa e cai e morre!

Da embarcação no costado
 Um vagalhão se quebrou,
 E um corpo a outro ligado
 Nas ondas sobreaguou.

Pelo Sr. José Bonifácio de Andrada e Silva

Sousa, João Silveira de

"S. de Sousa" é, muito possivelmente, João Silveira de Sousa (Desterro, hoje Florianópolis, 1824 - Recife, 1906). Ingressou na Academia em 1845 e diplomou-se em 1849, retornando à sua terra natal para exercer a função de fiscal do Tesouro. Em 1855, juntamente com José Bonifácio, tornou-se professor na Academia de Recife. Foi presidente das províncias do Ceará (1857-1859), do Maranhão (1859-1861) e de Pernambuco (1862-1865) e depois ministro dos Estrangeiros no gabinete Zacarias (1868). Foi ainda diretor da Academia de Recife em 1889 e 1890.

Está presente entre aqueles poetas que compõem o Parnaso Acadêmico Paulistano, de Paulo Antonio do Vale,¹⁶² apresentando-se ali dois de seus poemas: "Outrora e hoje" e "Soneto".

Em seu último ano de Academia, publicou um livro com 27 poemas intitulado Minhas canções. Nesse mesmo ano aparece um poema seu em O Arrebol, intitulado "A vida".¹⁶³

Couto de Magalhães inclui Silveira de Sousa em seu esboço sobre a história dos escritores acadêmicos, publicada na Revista da Academia.¹⁶⁴ Reproduz ali o poema "Uma noite na ponte do Acu", notando que o encontrou justamente num exemplar dos Ensaios Literários. Segundo um artigo publicado em O Acaiaba,¹⁶⁵ assinado por G.D.Q., o poema também integra o livro Minhas canções. É curioso notar que Couto de

¹⁶². VALE, Paulo Antonio do. Parnaso Acadêmico Paulistano. Op.cit., pp.123-125.

¹⁶³. Silveira de Sousa. "A vida". O Arrebol, 1849, n.3, p.43.

¹⁶⁴. Couto de Magalhães. "Sobre um esboço da história literária da Academia". Revista da Academia, 1859, n.4, pp.303-304.

¹⁶⁵. G.D.Q. "As Minhas canções do Sr. Silveira de Sousa". O Acaiaba, 1852, n.4, pp.60-62.

Magalhães não cita o poema "Oferecida",¹⁶⁶ estampado também nos Ensaíes Literários, em 1849, o qual traz a assinatura de "S. de Sousa". Possivelmente não tinha em mãos a coleção completa do periódico. O que muito impressiona, no entanto, é que o poema reproduzido por Couto de Magalhães apresenta inúmeras diferenças em relação àquele presente nos Ensaíes Literários, fazendo supor que tenha reproduzido o que se encontrava no livro Minhas canções e não no periódico. Não pude ter em mãos o livro, o que não permite a comprovação de tal hipótese.

Couto de Magalhães reproduz também um outro poema intitulado "Oh! quanto te amei", que também faz parte de Minhas canções e ainda um soneto sem título, que afirmou ser inédito.¹⁶⁷

Os textos que foram publicados nos Ensaíes Literários são os poemas "Oferecida", supracitado e "Uma noite na ponte do Acu".¹⁶⁸

Sobre a vida acadêmica de Silveira de Sousa ver também Almeida Nogueira,¹⁶⁹ Spencer Vampré¹⁷⁰ e Ferreira de Rezende.¹⁷¹

Souza, João Cardoso de Menezes e

João Cardoso de Menezes e Souza (Santos, 1827 - Rio de Janeiro, 1915), Barão de Paranapiacaba, além de poeta, ficou conhecido principalmente como tradutor de diversas obras de La Fontaine, de autores gregos e romanos como Sófocles, Eurípedes e Plauto e de poemas de Lord Byron.

Nos Ensaíes Literários publicou uma tradução do primeiro canto do Child-Harold's Pilgrimage de Lord Byron,

¹⁶⁶. S. de Sousa. "Oferecida". Ensaíes Literários, maio de 1849, s.n., pp.22-23.

¹⁶⁷. Couto de Magalhães. "Sobre um esboço da história literária da Academia". Op.cit., pp.273-318.

¹⁶⁸. "Uma noite na ponte do Acu". Ensaíes Literários, 1848, 2a.série, n.2, pp.21-23.

¹⁶⁹. ALMEIDA NOGUEIRA. A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências. Op.cit., v.3, p.115.

¹⁷⁰. VAMPRE, Spencer. Memórias para a história da Academia de São Paulo. Op.cit., v.1, p.242.

¹⁷¹. FERREIRA de REZENDE, Francisco de Paula. Minhas recordações. Op.cit., pp.238 e 290.

intitulado "A Inês".¹⁷² Além dessa parca colaboração nos Ensaíes Literários, nos periódicos aqui pesquisados só pude encontrar um único poema seu intitulado "Conselho", que aparece em 1861 no Fórum Literário.¹⁷³

Cardoso de Menezes bacharelou-se pela Academia de São Paulo no ano de 1848, passando a lecionar geografia e história no liceu de Taubaté. Almeida Nogueira¹⁷⁴ afirma que, em 1862, foi nomeado pelo ministério do Império, junto com José de Alencar, para apresentar plano para a criação do Teatro Nacional. Foi deputado pela província de Goiás, de 1869 a 1876. Ocupou, depois, vários cargos públicos, acabando por ser agraciado pelo Imperador com o título de Barão de Paranapiacaba. Conta Almeida Nogueira¹⁷⁵ que "causou reparo o seu título":

- Barão de quê? - perguntavam-se, uns aos outros, os amigos de Cardoso de Menezes.
- Oh! Não se pode dizer de um fôlego; faz-se mister descansar no meio. Imagine: um nome de sete sílabas, mais comprido que Pindamonhangaba.
- Mas, enfim, barão de quê?
- Pa - ra - na - pi...
- Acaba!
- Isso mesmo!

Vale, José Joaquim Ferreira

José Joaquim Ferreira Vale era maranhense, filho de Domingos José Ferreira Vale. Coursou em Olinda os três primeiros anos acadêmicos. Foi juiz municipal na província do Espírito Santo em 1850. Foi também, na Corte, empregado na Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda, em 1861.¹⁷⁶

¹⁷². "A Inês, tradução de Lord Byron do 1.º Canto do Child-Harold - por J.C. de M. e S.J.". Ensaíes Literários, 1848, 2a. série, n.2, pp.17-19.

¹⁷³. Cardoso de Menezes. "Conselho". Fórum Literário, 1861, n.4, p.32.

¹⁷⁴. ALMEIDA NOGUEIRA. A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências. Op.cit., v.3, p.82.

¹⁷⁵. Id., p.85.

¹⁷⁶. ALMEIDA NOGUEIRA. A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências. Op.cit., v.3, p.113.

São dois os textos que publica nos Ensaio Literários: o texto "Pobreza" e a narrativa "Justiça e amor".¹⁷⁷ Nessa narrativa aparece ainda uma nota-de-rodapé afirmando que Ferreira Vale é o autor do texto "Pobreza", publicado anonimamente no número anterior do periódico, comentando ser autor já conhecido do público através de suas publicações no Fileidemon, periódico de estudantes da Academia de Olinda.

Whitaker, João Guilherme de Aguiar

O "W." que assina os poemas "O lírio" e "A tempestade"¹⁷⁸ pode ser delegado ao único acadêmico naquele momento que possuía tal letra iniciando seu sobrenome: João Guilherme da Silva Whitaker (Santos, 1824 - Limeira, 1876). Whitaker é citado por José de Alencar como sendo integrante da associação dos Ensaio Literários.¹⁷⁹

Sobre sua vida, Carlos Penteado de Rezende apresenta a seguinte relação de cargos públicos por ele ocupados: juiz de direito em Itu (1855), Guaratinguetá (1857), Rio Claro (1864), Limeira (1865); delegado de polícia em Itu; chefe de polícia no Rio Grande do Sul (1857) e em São Paulo (1863); presidente da província de Santa Catarina; deputado provincial de São Paulo.¹⁸⁰

177. "Pobreza". Ensaio Literários, 1848, 3a. série, n.1, pp.11-15.

J.J.F.Valle. "Justiça e amor. Conto moral", id., n.2, pp.35-39.

178. W. "O lírio (No Album de meu amigo F.X.C.A.A.)". Ensaio Literários, 1848, 3a. série, n.2, p.45.

W. "A tempestade", id., n.3, pp.67-71.

179. ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. Op.cit., p.35.

180. REZENDE, Carlos Penteado de. In: Almeida Nogueira. A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências. Op.cit., v.3, p.126.

**ÍNDICE CLASSIFICADO DE ASSUNTO E COLABORADORES:
ENSAIOS LITERARIOS (13 exemplares)**

1/1. ENSAIOS LITERARIOS. Jornal de uma Associação de Acadêmicos. 1a. série, n.1, setembro de 1847. São Paulo. Tipografia do Governo (em Palácio).

1/1.1 MANIFESTO

1/1.1.1 *Introdução* - Texto de apresentação do periódico. Considera a missão do jornalista "nobre, santa e sublime". Revela que os Ensaios Literários visam atingir tanto às sumidades literárias quanto ao povo, no interior do espírito cristão. Tomando a descrença de Byron por contraponto, afirma a necessidade de purificar a crença pela "convicção profunda e pela ilustração civilizadora". Pretende "instruir o povo pelo povo", a partir do estudo dos costumes e crenças populares. Quanto à literatura, identifica uma escola byroniana e uma escola hugoniana, perguntando qual se casaria mais com a nossa nacionalidade. Quanto à política, referem-se ao Livro do Povo, de Lamennais, como o "evangelho político dos povos". Quanto ao estilo, observa que empregarão, por vezes, expressões nobres e pomposas, por vezes, o mais simples linguajar. Notam que nenhum artigo será assinado por renegarem a glória que daí poderia advir a algum deles. Datado de: "S. Paulo. Setembro de 1847" (pp.I-VI)

1/1.2 ENSAIO

1/1.2.1 Literatura

1/1.2.1.1 S.G. - *Reflexões sobre a poesia brasileira* - O texto traz em rubrica a seguinte relação de matérias tratadas: "Idéias gerais sobre a história filosófica do desenvolvimento da poesia na Europa. - A Literatura brasileira ressentida do espírito português, e mais tarde do francês. - Qual foi a influência que veio exercer o Sr. Magalhães na poesia brasileira. O golpe de morte dado no espírito de nossa nacionalidade poética que deveria desenvolver-se com a reforma política do Brasil é devido aos Suspiros Poéticos. - Breves considerações sobre as últimas poesias de nossa época. - Sua nova tendência e futuro." Nesse artigo, Bernardo Guimarães chega apenas a referir-se aos Suspiros Poéticos e Saudades, desenvolvendo esse e os

tópicos posteriores em outros três artigos de mesmo nome. Continua no exemplar seguinte. (pp.13-15)

1/1.2.5 Religião

1/1.2.5.1 A.P.F. - *Tolerância* - Texto que tematiza a liberdade de culto em oposição à idolatria da "deusa" Razão, isto é, ataca o racionalismo que esteve presente no período da Revolução Francesa e defende a importância do cristianismo. Professa a liberdade de culto. Cita, como epígrafe, frase de B. Constant. (pp. 7-8)

1/1.2.7 Jurisprudência

1/1.2.7.1 *Sistema de equilíbrio e intervenção* - Traz epígrafe de Garden. Citando a Europa como exemplo de equilíbrio entre as nações, condena o princípio de intervenção de uma nação sobre outra. Considera utópica a criação de um tribunal internacional (cita Henrique IV, St. Pierre, Kant). Comenta a utópica monarquia universal de Carlos V. Define o equilíbrio entre as nações como "aliança de nações fracas para paralisar as forças abusivas da forte". Acredita que o equilíbrio só se faz "opondo força à força sem ser no campo de batalha". Defende a manutenção de uma "fortificação perene em tempo de paz para garantir a mesma paz". (pp. 8-11)

(Obs.: Esse texto tem continuidade temática num posterior intitulado "Intervenção por ofícios de humanidade". Além de tratarem do mesmo assunto, ambos apresentam epígrafes em francês, trazendo no lugar da assinatura três estrelinhas e conjugam da mesma opinião sobre a questão dissertada. Muito provavelmente são do mesmo autor anônimo).

1/1.2.8 Ciências Sociais

1/1.2.8.1 C. - *O Povo* - Artigo de natureza política, contestando o uso unicamente retórico, para fins eleitorais, da máxima: "o povo é livre e soberano". Desqualifica o sistema político representativo quando este não tem a participação popular, ou quando é regido pela compra de votos e fraudes eleitorais. Acredita na generosidade do povo e não vê como solução a violência popular: "Não, que o povo é grande e sublime na sua miséria! não, que a missão do povo é toda evangélica - sofrer e morrer - esperando a luz da redenção social." Profetiza que a redenção virá quando homens sinceros e amigos do povo alcançarem o poder. Esses homens levarão a civilização aos lugares mais distantes, propiciando maior gozo e menor trabalho, possibilitando que todos vejam naqueles que os governam legítimos representantes por eles escolhidos. Aí sim, segundo o autor, o povo será livre e soberano.

1/1.6 PROSA POETICA

1/1.6.1 O.A. - *Imaginação. O Poeta* - Texto abordando a condição do poeta: a vida do poeta é pura ilusão, sua religião é a esperança, o coração do poeta é altar purificador, sua harpa espelha o universo, para ele o amor é tudo. Cita Byron, Lamartine e Chenier. (pp. 11-13)

1/1.7 POESIA

1/1.7.1 O. A. - *O Cacique* - segue a rubrica "Harmonia extraída das Três Cordas de minha harpa" - Poema constituído por catorze estrofes, com número de versos variado, numeradas com algarismos romanos. (pp. 16-21)

1/1.7.2 C. - *Uma Lágrima* - Poema, com nove estrofes de quatro versos cada. (pp. 22)

1/1.10 CHARADAS

1/1.10.1 - *Charada* - Constituída de três quadras (pp.23)

1/1.11 MAXIMAS E PENSAMENTOS

1/1.11.1 - *Máximas e pensamentos* - Três. (p. 23)

1/2 ENSAIOS LITERARIOS. Jornal de uma Associação de Acadêmicos. 1a. série, n.2, outubro de 1847.

1/2.2 ENSAIO

1/2.2.1 Literatura

1/2.2.1.1 A.P.F. - *Breves considerações sobre o Romance* - Inicia observando o lugar de destaque que o romance passou a ocupar entre os gêneros literários. Oferece-nos inúmeros exemplos de tramas narrativas, entre elas tramas indianistas. Ressalta a árdua tarefa do romancista, o qual necessita conhecer e mesmo vivenciar os mais diversos tipos sociais, quer do presente quer do passado, sendo ainda obrigado a dominar seus respectivos estilos de linguagem. Nota ser um trabalho de historiador, psicólogo e filósofo. Continua no exemplar seguinte. (pp. 3-7)

1/2.2.1.2 S.G. - *Reflexões sobre a poesia brasileira* (cont.) - Afirma que a obra de Magalhães não representa a

indole nem o caráter nacionais, considerando-a "funesta influência" da literatura francesa: do classicismo português passou-se ao romantismo francês, sem que se vislumbrasse uma literatura nacional. Reconhece que Magalhães é ao menos um grande imitador. Contraindo-o a Francisco Manoel, considera a poesia do primeiro muito superior à deste último. Apesar dos ataques a Magalhães, acaba por denominá-lo "anjo tutelar do Brasil". Coloca-o ao lado dos Tamoios como tardia tentativa de reconciliação com a musa brasileira. Afirma que o verniz literário francês só revela nossa pobreza e incapacidade, funcionando como adorno postiço. Vislumbra dois caminhos para a musa nacional: o nosso passado (a raça extinta) e o nosso presente (a raça dominante). Vê em nosso passado potencialidades épicas e dramáticas. No presente, a aura da liberdade poética. Chama a atenção para o uso indevido que se tem feito desses ricos materiais nacionais em nossa literatura "romântica", propondo uma retomada dos clássicos portugueses. Passa a enumerar as causas do servilismo em que se acham nossas letras: 1. desprezo pelo que é nosso; 2. consumo excessivo de literatura estrangeira; 3. falta de civilização (aclimatada). A partir daí, idealiza uma literatura nacional, a qual possuiria variações quanto à: 1. região geográfica; 2. diversidade de raças (três); 3. diversidade de ocupações (trabalhos) próprias de cada região. Lembrando novamente a falta de um gênio nacional, propõe um nome "não contaminado pela epidemia da imitação": o Sr. Odorico Mendes. Continua oito exemplares adiante. (pp. 13-20)

1/2.2.7 Jurisprudência

1/2.2.7.1 - *Intervenção por ofícios de humanidade* - Traz epigrafe de Kant. Trata do direito de intervenção de uma nação sobre outra. Condena a atitude absolutista e intervencionista das nações fortes sobre as nações fracas. Ilustra os horrores da intervenção com o exemplo do domínio inglês sobre a nação portuguesa. Conclui admitindo a intervenção justificável apenas enquanto "teoria de favores" e, ainda assim, somente quando tácita ou expressamente pedida (Ver texto anterior intitulada "Sistema de equilíbrio e intervenção"). (pp. 1-3)

1/2.2.8 Ciências Sociais

1/2.2.8.1 INDAI - *Estudos sobre os costumes nacionais - O pescador* - O texto, aqui publicado parcialmente, está dividido em quatro partes, cada qual com um subtítulo. A primeira parte, "Um perfume de nossa terra", descreve as belezas das regiões litorâneas brasileiras. A segunda, "O pescador brasileiro" retrata o pescador como homem de vida pacata e sossegada, fruitor das belezas naturais. O ensaísta passa a falar em primeira pessoa e relata-nos seus passeios pela praia de São Cristóvão. Deparava-se com filhos de pescadores, que desesperavam as mães e faziam os pais se

orgulharem. Fala de um menino em especial, muito amado pela mãe, que sempre fugia de casa, atirava-se ao mar, fingia afogar-se até levar a mãe ao desespero. Depois saía das águas e corria a fazer mil declarações de ternura à mãe, que enternecia-se até mais não poder. Comenta sua narrativa como um dos quadros dos bons costumes de nossa terra. A terceira parte, "Seu barquinho, e seus amores", inicia-se tematizando a fascinação que um barquinho de pescador exerce, navegando ao cair da tarde em nossas águas. Fala do amor do pescador por seu barquinho, notando que ama o barco como a uma namorada. Chama a atenção de nossos autores para a poesia simples e singela que aí existe. Continua no número seguinte. (pp. 9-13)

1/2.4 NOTICIÁRIO

1/2.4.1 Notícia

1/2.3.1.1 *Crônica Literária. Independência do Brasil* - Anúncio da publicação do primeiro volume do poema épico "Independência do Brasil" de A.G. Teixeira e Sousa, reproduzindo os seis primeiros cantos. Nota que dois membros da associação (A. e O.A.) escreveram uma crítica a esse primeiro volume. Observa que ela será publicada no número seguinte do periódico, o que não ocorreu. (pp. 23)

1/2.4.2 Resenha

1/2.3.2.1 *Crônica Literária. Anuário do Brasil* - Comenta a publicação do Anuário do Brasil. Na opinião do cronista a publicação deixa a desejar por não ter um caráter ensaístico. Nota que os textos de pretensão histórica acabam desfigurados por se apresentarem subjugados à individualidade. Comenta ainda a seção do "necrológio" da publicação, notando ser sentimental e não realizado a partir do interesse moral, político, científico ou literário. Promete aos leitores uma análise minuciosa do Anuário que não cumpre. (p. 23)

1/2.4.3 Anúncios

1/2.4.3.1 - Anúncio da assinatura trimestral do periódico, constando preço da assinatura e preço do exemplar avulso. (contracapa)

1/2.4.3.2 - Anúncio da venda na tipografia do Governo da "versão portuguesa" de A morte de Sócrates (Lamartine) e do Último canto de Childe-Harold (Byron). (contracapa)

1/2.6 PROSA POETICA

1/2.6.1 C. - *Imaginação. Um meditar* - Texto com organização textual bastante fragmentada, próxima ao fluxo de consciência, no qual o protagonista medita, numa noite de insônia, sobre seu passado, presente e futuro. Na infância, amor e crença marcaram sua existência. Porém, quando surge-lhe "a dúvida", passa a descrever de tudo, inclusive do amor. Cai, então, numa vida de devassidão e luxúria até se esgotar de todos os prazeres mundanos. Perde aí toda e qualquer crença no homem. Ao final, a razão "árida e fria" vem sedimentar seu estado de alma, restando-lhe, no presente, a descrença e o nada. Deseja para o futuro somente a morte: "o esquecimento para o mundo, e o nada para a eternidade." (pp. 7-9)

1/2.7 POESIA

1/2.7.1 O.A. - *Harmonias* - Poema dividido em três partes distintas, numeradas com algarismos romanos. A primeira parte, "Ela", constituiu-se de sete estrofes de seis versos. A segunda parte leva uma rubrica entre parêntesis indicando ter sido retirado de Victor Hugo; são três estrofes de cinco versos. A terceira traz por subtítulo "Sua voz" e não possui separação por estrofes, mas sim uma longa alternância entre versos curtos e longos. (pp. 20-23)

1/2.10 CHARADAS

1/2.10.1 - *Charada* - Com quatro quadras de versos. Resposta da charada no número anterior. (p. 24)

1.2.11 MAXIMAS E PENSAMENTOS

1.2.11.1 - *Pensamentos e máximas* - Dois (p. 24)

1/3 ENSAIOS LITERARIOS. Jornal de uma Associação de Acadêmicos. 1a. série, n.3, novembro de 1847

1/3.2 ENSAIO

1/3.2.1 Literatura

1/3.2.1.1 A.P.F. - *Breves considerações sobre o romance* (cont.) - Faz uma distinção entre romance histórico e romance de ficção. Considera o primeiro mais adequado e

agradável à classe elevada da sociedade, pois é historicamente instrutivo, e o segundo, mais adequado à classe proletária, que, por desconhecer os fatos históricos, sente-se mais à vontade frente a um romance de pura ficção. Nota ser o romance de ficção de realização mais difícil que o histórico, à medida que é integralmente criado: apresenta-se rico de graças e belezas que o tornam mais agradável que a gravidade majestosa presente no romance histórico e cria sonhos e utopias, acalentando os pobres e emocionando os ricos. Observa a necessidade da unidade e harmonia num romance de ficção, notando que tanto o histórico como o de ficção visam o mesmo fim: a moralidade. (pp.3-7)

1/3.2.5 Religião

1/3.2.5.1. C. - *Minhas reflexões. I. O Cristianismo* - Texto que narra a história do cristianismo: seu surgimento, sua propagação pelo mundo, sua "vitória" frente ao maometismo e sua "denegação", a inquisição. Continua no número seguinte. (pp.1-3)

1/3.2.5.2 C. - *Dia de Finados* - Texto sobre o Dia de Finados, no qual o autor fala primeiramente da fé em Cristo, da morte como algo temível, que "tudo arremessa ao mesmo abismo, inocência e vício, força e fraqueza, mocidade e velhice" e, finalmente, da pequenês das ilusões humanas (os prazeres terrenos, a ambição, a vaidade), frente à morte. (pp.7-11)

1/3.2.8 Ciências Sociais

1/3.2.8.1 *Estudos sobre os costumes nacionais - O pescador* (cont.) - Descreve os amores do pescador como "muito receiosos e tímidos", "delicados e melindrosos". Nota que a simplicidade do amor do pescador está ligada à simplicidade de nossa terra. Diz que irá narrar uma história de amor, a qual, em nota de rodapé, observa possuir um fundo de verdade. Ainda nessa nota, defende o "estilo singelo e chão" como o mais apropriado para narrar uma história deste gênero, optando por qualificar sua narrativa de "lenta", por ser simples e singela, e não de "romance". Inicia-se então a quarta parte do texto, "Recordações de um pescador (fragmento de uma historieta do mar)". Descreve primeiramente os encantos de uma "casinha" situada numa "ilhazinha". Um pescador apaixonou-se pela casinha. Na casinha mora uma menina de 15 anos, simples, trigueira e rosada (salienta que não era alva). Inicia-se um flerte entre o pescador e a menina trigueira. Aqui pára a narrativa. Prometia continuidade. (pp. 11-14)

1/3.4 NOTICIARIO

1/3.4.3 Anúncios

1/3.4.3.1 - Anúncio da assinatura trimestral do periódico, constando preço da assinatura e preço do exemplar avulso. (contracapa)

1/3.4.3.2 - Anúncio da venda na tipografia do Governo da "versão portuguesa" de A morte de Sócrates (Lamartine) e do Ultimo canto de Childe-Harold (Byron). (contracapa)

1/3.6 PROSA POETICA

1/3.6.1 O.A. - *Fantasia* - Texto dividido em duas parte. A primeira, com longa epígrafe de Victor Hugo, se constrói sobre o mote do amante que pede atenção de sua amada para dizer-lhe o quanto ela é formosa, chamando-a o tempo todo de "minha vagazinha", isto é, comparando-a às ondas do mar. Cita Ossian. Na segunda parte, com epígrafe do "Cântico dos Cânticos", o autor passa por diversos tipos de amor: o do marinheiro por seu barco, o amor entre os cisnes, o do soldado pela batalha, o amor entre as flores, o do escravo pela liberdade, o do peregrino pela sua pátria, o do padre pela religião, o amor familiar, afirmando ser a reunião apoteótica de todos esses amores o que oferece à amada. Finaliza dedicando-lhe um hino: esta Fantasia. Em nota de rodapé, revela ser esta segunda parte uma imitação de um artigo que leu versando sobre o mesmo assunto. (pp.14-19)

1/3.7 POESIA

1/3.7.1 O.A. - *Adeus...* Poema lírico com cinco estrofes de número de versos variado, com epígrafe em latim (pp.19-21)

1/3.7.2 O.A. - *Meditação XII.* (Lamartine). *A tristeza* - Tradução de quatro estrofes desta obra de Lamartine. (pp.21-22)

1/3.10 CHARADAS

1/3.10.1 - *Charadas* - Duas charadas: uma de quatro quadras e outra de seis quadras. (pp.23-24)

1/3.11 MAXIMAS E PENSAMENTOS

1/3.11.1 - *Pensamentos* - Três. (pp.22-23)

2/1 ENSAIOS LITERARIOS. Jornal de uma Associação de Acadêmicos. 2.a série, n.1, dezembro de 1947.

2/1.2 ENSAIO

2/1.2.1 Literatura

2/1.2.1.1 *Breves considerações sobre o romance (cont.)* - Refere-se diversas vezes às idéias de Lamennais sobre a Revolução Francesa, vendo o romance como um meio de disseminação de tais idéias. Menciona outras categorias de romances, como o político, o social, o filosófico, o cômico, considerando-os subdivisões do romance histórico e de ficção. Elege o romance filosófico e social como o mais interessante, por conjugar, segundo Almeida Pereira, beleza e sabedoria, ressaltando a função moralizadora desse gênero literário. Destaca Maria, ou A escravidão na América, de Gustavo de Beaumont, como exemplo de romance filosófico e social. (p.9-13)

2/1.2.5 Religião

2/1.2.5.1 C. - *Minhas reflexões. I. O cristianismo (cont.)* - O surgimento da imprensa, concomitante ao surgimento das novas idéias de Lutero, Calvino, Carlostad, Melancton e Zuíglío, possibilitou a vitória da pluralidade das seitas cristãs, que, segundo o autor, significou a vitória da liberdade. Vê o século XIX como aquele que poderá desenvolver socialmente essa nova situação cristã. Vislumbra a necessidade de uma nova religião, filha do progresso, que "aproximará mais o ser criado do seu criador, o homem de Deus - até que ao fim, quem sabe, a essência da terra se confunda com a essência do céu!". (pp.4-6)

2/1.2.7 Jurisprudência

2/1.2.7.1 R.F. - *Direito público constitucional* - Apresenta abaixo do título a seguinte sinopse das matérias tratadas: "Origem das sociedades. Luta entre o povo e o governo: causa dessa luta. Ela existe também no Governo Representativo. A liberdade nas eleições é condição essencial para a realização do Governo Representativo." Continua no número seguinte. (pp.1-4)

2/1.2.8 Ciências Sociais

2/1.2.8.1 C. - *Minhas reflexões. II. O abuso dos governos* - Tomando a existência dos governos como "obra da própria natureza", o autor afirma o caráter missionário dos governantes: dirigir as sociedades no sentido de obter para todos "maior gozo à custa de menor sacrifício". No ano em

que, segundo o autor, a história revela quão difícil é o surgimento e manutenção de bons governos, passa a traçar o perfil dos governos corruptos. Nota que a corrupção começa sempre pelo exemplo dos governantes para, ao final, expandir-se por toda a sociedade. Comenta o grau a que tal degradação social e política pode chegar: "a mais desenfreada anarquia". Nesse momento, afirma a necessidade de reação dos cidadãos; porém, ressalva que a resistência não deve ultrapassar o "limite marcado pela lei e natureza da sociedade", pois redundaria na dissolução da organização política ou no despotismo férreo, retornando ao estado anterior. (pp.6-9)

2/1.3 DISCURSO

2/1.3.3 Fúnebre

2/1.3.3.1 - *Necrológio acadêmico* - Dedicado à morte de Joaquim Antonio Pinto Peixoto, aluno do quinto ano da Academia. O texto traça a biografia escolar do acadêmico, morto quando passava férias junto à sua família no Rio de Janeiro, acometido de uma febre, em 6 de fevereiro de 1848. Lembra que Pinto Peixoto era "bem nascido", digno, estudioso, com apurada e culta formação. Expressa os sentimentos saudosos dos acadêmicos. Observa que o Sr.D.F. Otaviano (Francisco Otaviano de Almeida Rosa) recitou uma oração fúnebre ao pé do caixão, reproduzida em seguida. Cita alguns versos de Zorrila na tradução de Francisco Otaviano. Datado de "Rio de Janeiro em 12 de fevereiro de 1848" e assinado por Sócio Correspondente". (pp.14-17)

2/1.3.3.2 OCT. - *Oração fúnebre* - Em memória de Joaquim Antonio Pinto Peixoto, aluno do quinto ano da Academia de São Paulo. "Oct.", isto é, Francisco Otaviano, já bacharel e jornalista no Rio de Janeiro, faz elogios a Pinto Peixoto e comenta: "Mas há um não sei quê de doloroso e de fatal no destino d'esse moço que nos arrasta para um desespero de nossas crenças". Fala da dor dos familiares e, incluindo-se entre os acadêmicos, pretende que a dor desses seja maior, pois: "Nós trajamos o nosso próprio luto e choramos a nossa própria morte". (pp.17-18)

2/1.4 NOTICIARIO

2/1.4.1 Notícias

2/1.4.1.1 Da Redação - *Advertência* - Promete publicar dois números mensalmente para preencher a lacuna gerada pela irregularidade da publicação. Nota que este exemplar saiu com a data de dezembro de 1857 mas foi escrito em fevereiro de 1858. (p.23)

2.1.4.3 Anúncios

2.1.4.3.1 Anúncio da assinatura trimestral do periódico, constando preço da assinatura e preço do exemplar avulso. (contracapa)

2/1.4.3.2 Anúncio da venda na tipografia do Governo da "versão portuguesa" de A morte de Sócrates (Lamartine) e do Ultimo canto de Childe-Harold (Byron). (contracapa)

2/1.7 POESIA

2/1.7.1 A.P.F. - *Uma saudade* - Poema com oito estrofes, oscilando entre oito e vinte e um versos cada. Com epígrafe de nove versos do próprio autor. (pp.19-22)

2/1.10 CHARADAS

2/1.10.1 *Charada* - Constituída de quatro quadras de versos. Segue respostas da charada do número antecedente. (p.23)

2/1.11 MAXIMAS E PENSAMENTOS

2/1.11.1 *Pensamentos* - Três (p.22)

2/2 ENSAIOS LITERARIOS. Jornal de uma Associação de Acadêmicos. 2a. série, n.2, janeiro de 1850.

2/2.2 ENSAIO

2/2.2.7 Jurisprudência

2/2.2.7.1 R.F. - *Direito público constitucional* (cont.) - Apresenta abaixo do título a seguinte sinopse das matérias tratadas: "Qual a garantia da liberdade nas eleições? O que é garantia? A força pública e a opinião pública não garantem a liberdade do voto. Essa garantia acha-se nos colégios eleitorais: requisitos essenciais para tais colégios serem uma garantia. Como compô-los? Três opiniões a respeito. Erro do sistema de igualdade absoluta. Eleições indiretas: falsidade desse sistema: seus vícios: exemplo do Brasil. O sistema das eleições diretas é o único verdadeiro. Conclusão." (pp.5-10)

2/2.3 DISCURSO

2/2.3.2 Associações estudantis

2/2.3.2.1 - *Discurso recitado pelo presidente por ocasião da abertura do "Instituto Literário Acadêmico"* - Traça a história do Instituto, comentando a importância dos debates jurídicos e literários ali realizados. Fala do surgimento dos Ensaio Literários e do trabalho e responsabilidade em manter uma publicação periódica. Toma a "sociedade brasileira" como uma grande "associação" e parte da premissa que "o progresso é sempre impelido pela mocidade". Identifica a ação da mocidade brasileira com o movimento literário que engendra, notando que a "associação Brasileira" acorda para sua grandeza presente e futura. Datado de: "São Paulo 15 de Março". (pp.1-4)

2/2.4 NOTICIÁRIO

2.2.4.3 Anúncios

2.2.4.3.1 Anúncio da assinatura trimestral do periódico, constando preço da assinatura e preço do exemplar avulso. (contracapa)

2/2.4.3.2 Anúncio da venda na tipografia do Governo da "versão portuguesa" de A morte de Sócrates (Lamartine) e do Ultimo canto de Childe-Harold (Byron). (contracapa)

2/2.6 PROSA POÉTICA

2/2.6.1 C. - *Um recordar* - Narrativa elaborada a partir de uma linguagem bastante metafórica, na qual o protagonista fala sobre os encantos angelicais de sua amada quando se encontra adormecida. Sono que, ao final da narrativa, irá se revelar como eterno, o sono da morte. Afirmando seu amor e sua dor, o protagonista finaliza dizendo que, nessas horas de sofrimento, sua alma se desliga da terra e cinge-se com a dela em "doce abraço", "num beijo doloroso". O texto divide-se em duas partes antecedidas de epígrafes. (pp.10-13)

2/2.7 POESIA

2/2.7.1 - *O sonho e a vida* - Poema com nove estrofes, numeradas com algarismos romanos, com quatro versos cada. (pp.16-17)

2/2.7.2 J.C. de M. e S.J. - *A Ignez* - Traz a rubrica "Tradução de Lord Byron no 1.º Canto de Childe-Harold". São nove estrofes numeradas com algarismos romanos, contendo quatro versos cada. (pp.17-19)

2/2.7.3 - *Ela* - O poema traz por epígrafe versos de Castilho e possui dezenove estrofes de quatro versos cada, com exceção da décima-quinta estrofe, que possui cinco versos. (pp.19-21)

2/2.7.4 C. - *Uma tarde* - Poema com onze estrofes de quatro versos, numeradas com algarismos romanos. (pp.21-23)

2/2.7.5 - *A morte prematura do Ilmo. Sr. Joaquim Antonio Pinto Peixoto* - O poema possui como epígrafe versos de Magalhães e constitui-se de doze estrofes, com oito versos cada, em memória do acadêmico quintanista Pinto Peixoto. (pp.13-16)

2/2.10 CHARADAS

2/2.10.1 *Charada* - Constituída de três quadras de versos. (p.23)

2/2.11 MAXIMAS E PENSAMENTOS

2/2.11.1 *Pensamentos* - Três (p.23)

2/3 ENSAIOS LITERARIOS. Jornal de uma Associação de Acadêmicos. 2a. série, n.2, dezembro de 1848.

2/3.2 ENSAIO

2/3.2.5 Religião

2/3.2.5.1 X. - *Reflexões de um judeu* - Texto tematizando a liberdade de culto dos judeus. Pergunta-se pela glória e destino do povo judeu. Fala da tomada, pelos muçulmanos, da terra prometida, da ascensão do cristianismo, da dispersão do povo judeu. Elogia, como virtuosa, a bravura dos cristãos dos primeiros tempos e condena o despotismo do período da Inquisição. Afirma que foi na escolástica e na poesia popular que surgiram os primeiros germes da resistência contra a tirania do clero. Surgem os reformistas (Lutero), novas idéias, descobertas e invenções. Como resultado desse percurso assinala o surgimento da filosofia do século XVIII: liberdade política e religiosa. Considera como tendo sido historicamente inevitável o resultado catastrófico da Revolução Francesa. Do confronto entre as idéias do século XVIII e o passado, desenvolvem-se os princípios religiosos e liberais do século XIX. Contesta a manutenção de uma

"religião do estado", isto é, o cristianismo. Reivindica a efetiva liberdade de culto. (pp.1-6)

2/3.2.5.2 A.P.F. - *Meus pensamentos - I* - Texto que busca traçar o caminho do homem, tendo por premissas os dogmas cristãos da vida como um mal e da morte como um bem. Num linguajar bastante imagético e emocional, o autor descreve o sôfrego e ingrato percurso da existência humana, concluindo que: "A fé santa e profunda lhe embala agora os sonhos, e ele descrê do mundo sempre egoísta e satânico como o riso do demônio; e Deus, e só Deus, é agora seu único pensamento nesta vida de provações". (pp.6-9)

2/3.2.7 Jurisprudência

2/3.2.7.1 - *Servidão da pena* - O texto traz o seguinte subtítulo: "Análise sucinta da ord. do L.4 tit.81 parágrafo 6 e sua confrontação com a parte correspondente de nosso direito brasileiro". A "servidão da pena" provém do Direito Romano e refere-se àqueles cidadãos que, por terem perdido sua cidadania em função de algum crime grave, passam a ser escravos sem senhores, isto é, passam a ser escravos da própria pena que lhes foi impingida (a morte). A questão que se coloca é a de saber quem tem direito aos bens do ex-cidadão: seus descendentes ou o Estado. Para tal discussão, são evocados os trabalhos de Mello Freire e Teixeira Liz. Continua no número seguinte. (pp.9-18)

2/3.4 NOTICIARIO

2.3.4.3 Anúncios

2.3.4.3.1 Anúncio da assinatura trimestral do periódico, constando preço da assinatura e preço do exemplar avulso. (contracapa)

2/3.4.3.2 Anúncio da venda na tipografia do Governo da "versão portuguesa" de A morte de Sócrates (Lamartine) e do Último canto de Childe-Harold (Byron). (contracapa)

2/3.7 POESIA

2/3.7.1 Mlle. L.G. - *Vers écrits sur mon album par Mlle. L.G.* - Poema escrito em francês com duas estrofes de seis versos. (pp.18-19)

2/3.7.2 O.A. - *Réverie* - Poema escrito em francês dedicado a Mlle. L.G., possuindo por epígrafe um verso dos Préludes de Seveneecken. Constitui-se de cinco estrofes, numeradas com algarismos romanos, cada qual com número variado de versos. (pp.19-21)

2/3.7.3 - *Uma noite na ponte do Acu* - Poema sem divisão de estrofes e sem rimas em final de verso. (pp.21-23)

2/3.10 CHARADAS

2/3.10.1 A.P.F. - *Charadas* - Duas charadas. A primeira constituída de quatro quadras de versos e a segunda de cinco quadras. Segue resposta da charada do número antecedente. (p.23-24)

2/3.11 MAXIMAS E PENSAMENTOS

2/3.11.1 *Pensamentos* - Três (p.24)

3/1 ENSAIOS LITERARIOS. Jornal de uma Associação de Acadêmicos. 3a. série, n.1, março de 1848.

3/1.2 ENSAIO

3/1.2.5 Religião

3/1.2.5.1 FERREIRA VALLE - *A pobreza* - Texto de caráter moralizador e cristão, com epígrafe de Fr. Luis de Sousa. Dividido em três partes, aborda a situação das classes desfavorecidas. Inicia dirigindo-se com desprezo aos ricos por não conhecerem a pobreza. Aconselha aos ricos a indagarem aos pobres como eles vivem, pois assim passarão a ter piedade daqueles e não nojo e enfado. Passa a descrever a situação de um pai miserável que se vê obrigado a esmolar por seus filhos. Também retrata o drama daquele que, mesmo velho, tem que esmolar para sobreviver. Questiona a indiferença dos governantes e dos sábios. Discorre, de modo literário, sobre o fim destinado aos filhos do pobre. Finaliza o texto convocando os ricos a repartirem (com esmolas) o que possuem. Datado de "São Paulo - Março de 1848". (pp. 11-15)

3/1.2.7 Jurisprudência

3/1.2.7.1 - *Servidão da pena* (cont.) - O autor discute detidamente a transmissão de herança de um condenado a servir à pena. Evoca o Direito Português e o Direito Germânico na discussão do confisco pelo Estado de bens no caso de crimes graves. Passa então a discutir a existência da servidão da pena no Direito Brasileiro, fundamentado nas teses de Mello Freire. Conclui estar vigente em nosso direito tal servidão, o que legitima o confisco de bens no caso de determinados crimes. (pp. 1-11)

3/1.4 NOTICIARIO

3/1.4.1 Notícias

3/1.4.1.1 *Advertência* - Afirma que devido às gráficas estarem muito ocupadas não tem saído regularmente o periódico. Esperase poder preencher a lacuna existente. (p. 24)

3/1.4.3 Anúncios

3/1.4.3.1 Anúncio da assinatura trimestral do periódico, constando preço da assinatura e preço do exemplar avulso. (contracapa)

3/1.4.3.2 Anúncio da venda na tipografia do Governo da "versão portuguesa" de A morte de Sócrates (Lamartine) e do Último canto de Childe-Harold (Byron). (contracapa)

3/1.5 FICÇÃO

3/1.5.2 Conto traduzido

3/1.5.2.1 GOZLAN, Léon - *Uma orgia de Lord Byron em Veneza* - (Tradutor: "A.") Um grupo de amigos conversa sobre a imortalidade da alma. Peters afirma ser uma "verdade de sentimento". Byron ironiza a fala de Peters. Outro defende ser uma "verdade da razão". Byron diz não acreditar na razão e passa a falar da crença na alma, na religião e no amor, igualando o sentimento religioso ao amoroso. Convida a todos a beber em uma taça que possui a forma de um crânio. Byron torna-se melancólico e os outros convivas comentam sobre a taça. Byron passa a contar sobre uma mulher que conheceu numa orgia. Fala de suas peregrinações e inúmeras amantes, anotando que nenhuma comparou-se àquela, a mais devassa. Conta que ela foi condenada ao cadafalso. Os amigos perguntam a propósito da taça e Byron diz que adiantou-se ao executor, cortando a cabeça de sua amada e transformando-a naquela taça. Todos se assustam por ter nela bebido. (pp. 19-20)

3/1.7 POESIA

3/1.7.1 D.O.A.A - *Minha esperança!* - Poema composto de vinte e uma estrofes, com números e comprimento de versos variados, trazendo por epígrafe versos de Garret, Cam. Poem. Canto 3\ (pp. 15-19)

3/1.7.2 - *Ao Príncipe Imperial* - Poema com doze estrofes, variando o número de versos, em homenagem ao príncipe imperial. (pp. 21-24)

3/1.10 CHARADAS

3/1.10.1 - *Charada* - Constituída de três quadras de versos (p. 24)

3/2 ENSAIOS LITERARIOS. Jornal de uma Associação de Acadêmicos. 3a. série, n. 2, abril de 1848.

3/2.2 ENSAIO

3/2.2.5 Religião

3/2.2.5.1 A.P.F. - *Meus pensamentos II* (cont) - Com acentuado cunho religioso, apresenta oposição frontal ao materialismo. O sofrimento humano não é visto como purgação de pecados, mas sim como condição *sine qua non* de existência, resultado do sepultamento do "oceano de ilusões" que é a vida. Traçando o percurso do homem do berço ao túmulo, o autor se apraz em elaborar a mais terrível e infernal trajetória, trabalhando o contraste entre pureza e crueldade mundana. (pp.28-30)

3/2.4 NOTICIARIO

3/2.4.1 Notícia

3/2.4.1.1 - *O dia 11 de agosto* - Texto em comemoração à fundação das academias de Direito do Império, em 11 de agosto de 1827, que nesse ano de 1848 completavam vinte e um anos de existência. Relata e comenta as comemorações nos dias 10 e 11, descrevendo os festejos e o baile, citando as autoridades que participaram do evento e os seguintes acadêmicos que então discursaram: José Carlos d'Almeida Arêas, do quinto ano; Joaquim Ferreira Valle, do quarto; João d'Almeida Pereira Filho, do terceiro; Aureliano José Lessa, do segundo; Antonio José Leite Lobo, do primeiro e José Bonifácio de Andrada e Silva, dos cursos preparatórios. Assinado por sócio correspondente. (pp. 39-42)

3/2.4.1.2 *Crônica literária* - Anuncia o surgimento de duas novas folhas: O Presente e A Violeta. Elogia, em relação ao primeiro, sua atuação enquanto imprensa política, por fazer o contraponto às forças conservadoras que governam a nação, e, quanto ao segundo, o seu valor literário. Comentam também o fim da Gazeta Oficial, depois de dois anos incompletos de existência. Elogiam o extinto jornal e seus redatores:

Francisco Octaviano de Almeida Rosa e Olímpio Machado.
(pp.47-48)

3/2.5 FICÇÃO

3/2.5.1 Conto Nacional

3/2.5.1.1 A.P.F. - *Conversas entre um pintor e um poeta (fragmentos)* - Narrativa na qual encontram-se conversando numa enluarada noite "dois tipos do século passado", isto é, dois anciãos do século XVIII, e um terceiro personagem, o narrador, que os escuta. Um deles é poeta; o outro, pintor. O narrador nota que ambos abandonaram a pátria para buscar inspiração em regiões distantes, em povos e costumes diversos. O pintor narra sua história: Lorenzo Adorni, seu nome, torna-se o melhor pintor de Milão. Porém, as cenas locais já não lhe são suficientes e resolve sair em viagem pelo norte da Itália. Descreve as belezas da viagem marítima, o mar, a vida dos marinheiros, as tradições venezianas de casamento da república de Veneza com o mar Adriático. Um velho marinheiro o atrai e passa a ouvir suas narrativas amorosas e aventuras marítimas. O texto prometia continuidade. (pp. 30-34)

3/2.5.1.2 VALLE, J.J.F. - *Justiça e amor - Conto Moral*. Em nota de rodapé, assinada por Almeida Arães, informa-se que Ferreira Valle é o autor do texto "Pobreza", publicado anonimamente no número anterior. O conto traz uma introdução repleta de referências a preceitos cristãos, evocando a justiça divina e o amor entre os homens. Narra, em termos imemoriais, a história de um trabalhador honesto, virtuoso e pobre, que aos poucos vai perdendo toda e qualquer possibilidade de sustentar sua família, chegando ao ponto de pedir esmolas a seus vizinhos. Possui um vizinho rico e um pobre. Pede auxílio ao rico e este o nega. Pede ao pobre e este lhe dá o que possui. Já mortos, diante de Deus, ao rico não é permitida a entrada no céu, enquanto que ao pobre as portas se abrem. Moral da história: "A Justiça e o amor do próximo devem ser nossos guias no tormentoso caminho da existência". Datado de "S. Paulo 2 de maio de 1848". (pp. 35-39)

3/2.7 POESIA

3/2.7.1 - *Meu último desejo, e meu último conselho* - Possui por epígrafe uma frase em francês sem indicação de autor. Não apresenta divisões de estrofes e nem rimas em final de verso. (pp. 42-43)

3/2.7.2 J.C. de M. e S.J. - *A D.A.C....* - O poema traz epígrafe de Turquety e constituiu-se de nove estrofes de quatro versos. (pp. 43-44)

3/2.7.3 W. - *O Lírio* - Traz abaixo do título a rubrica: "No álbum do meu amigo F.X.C.A.A." Poema com doze estrofes de quatro versos. Datado de "11 de agosto de 1848". (p. 45)

3/2.8 CIENCIA

3/2.8.2 Botânica

3/2.8.2.1 A.L. - *A carnaúba* - Texto descrevendo a carnaúba e ressaltando as várias utilidades dessa planta natural do nordeste brasileiro. Comenta o desenvolvimento da carnaúba numa linguagem bastante científica. (pp. 25-28)

3/2.10 CHARADAS

3/2.10.1 - *Charada* - Constituída com seis quadras. Oferece a resposta da charada do número antecedente. (p. 48)

3/3 ENSAIOS LITERARIOS. Jornal de uma Associação de Acadêmicos. 3a. série, n.3, maio de 1848.

3/3.3 DISCURSO

3/3.3.1 Academia

3/3.3.1.1 ALMEIDA AREAS - *Curso Jurídico de São Paulo. Discurso recitado por ocasião da solenidade do dia 11 de agosto de 1848* - O autor propõe encontrar uma explicação científica e social para o estabelecimento dos cursos jurídicos no Brasil. Nessa busca, ressalta a contribuição educacional dos jesuítas com seus colégios no período colonial, a presença das Academias do século XVIII e das universidades européias, a de Coimbra em especial. Comenta os benefícios da vinda da família real. Passa à época coeva. Condenando inicialmente o interesse pela política, que põe na obscuridade a literatura e a ciência, acaba por ver positivamente a efervescência política, como instigadora dos gênios literários e científicos, afirmando ser prova disso as diversas instituições e associações científicas e literárias que brotam em todo país. Considera as instituições "pedra de toque da civilização de um povo". Propõe reformas administrativas e legislativas do ensino público, visando sua centralização sem prejuízo dos interesses locais. Sugere a criação de um Ministério de Instrução Pública, de Conselhos de Instrução e Centros Universitários, juntamente com a vigilância do ensino particular. Quanto aos cursos jurídicos, propõe a criação de

cadeiras de algumas disciplinas e a separação entre o curso de Ciências Sociais e Ciências Jurídicas. (pp. 49-56)

3/3.5 FICÇÃO

3/3.5.1 Conto Nacional

3/3.5.1.1 - *Traços de minha vida de estudante. A tarde de hoje* - Eugênio, acometido de uma insônia que o faz estar acordado às três horas da madrugada, resolve escrever sobre o dia que passou. Inicia a narrativa. Encontra seu amigo Gabriel que mostra-lhe, num jornal, as façanhas do grande Lamartine: Eugênio passa a escarnecer de Lamartine, Rousseau, Voltaire, Cousin "o nebuloso", Ponelle. Discute com seu amigo o novo periódico que Gabriel tem nas mãos, intitulado A Violeta. Discordam quanto à concepção do termo "romântico", Eugênio mais para o demoníaco e Gabriel mais para o angelical. Chega Rogério, companheiro de casa de Eugênio. Passam a jogar cartas e a provocarem-se uns aos outros. Eugênio ganha a partida. Jogam até a hora do rendez-vous. Rogério sai para ver sua amada. Combinam jantar juntos. Fim da primeira parte. A segunda parte inicia-se com os três personagens sentados numa saleta do Hotel Ch... O garçom atende-os em francês e Eugênio, o único que entendia um pouco o idioma, pede pimenta e manteiga, acreditando estar pedindo ervilhas e carne assada. Ao final da confusão pedem os pratos desejados mais vinho e cerveja. Eugênio e Rogério discutem sobre o amor e sobre suas respectivas musas. Saem do restaurante do hotel completamente bêbados. A narrativa retorna ao quarto de Eugênio e é revelado que sua insônia deve-se ao fato de ter ido dormir completamente bêbado, sem saber como chegou até sua casa, acordando às três da manhã. (pp. 62-67)

3/3.7 POESIA

3/3.7.1 W. - *A tempestade* - O poema traz por epígrafe versos de P. da Cunha e possui dezoito estrofes de quatro versos. Datado de "S. Paulo 27 de setembro de 1848" (pp. 69-71)

3/3.7.2 A.A. - *Imitação* - Poema com quatro estrofes numeradas com algarismos romanos, com dez versos cada. (pp. 67-68)

3/3.7.3 *Descrença* - O poema traz epígrafe de "C." e constituiu-se de seis estrofes de quatro versos. (pp. 71-72)

3/3.9 VIAGEM

3/3.9.1 F. Otaviano - *Viagem ao Oriente* - Traz a rubrica: "A redação dos ENSAIOS". Agradece o convite de participação no periódico e comenta sobre o seu mal estado de saúde, que o impossibilita de enviar-lhes um estudo mais apurado e refletido. Propõe comentar um texto de seu amigo José Ricardo Costa Aguiar, intitulado Viagem ao Oriente. Passa a narrar todos os percalços pelos quais passou Aguiar para realizar sua viagem ao Oriente, sonho que acalentou desde a infância. Francisco Otaviano passa a narrar a viagem passo a passo, desde sua partida do porto do Rio de Janeiro, sua passagem pela Bahia, por Pernambuco, até a chegada a Ponta Delgada (Portugal). A narrativa segue por Gibraltar, Cadiz, Tanger. Prometia continuidade. Datado de "S. Paulo - 8 de outubro". (pp. 57-62)

3/3.11 MAXIMAS E PENSAMENTOS

3/3.11.1 *Pensamentos* - Três (p. 72)

4/1 ENSAIOS LITERARIOS. Jornal Acadêmico. s.n./s.d. (1849). São Paulo.

4/1.1 MANIFESTO

4/1.1.1 *São Paulo: - Maio de 1849* - Introdução ao segundo período de publicação dos Ensaio Literários. Notam que o periódico já tem um ano de existência, que nomes ilustres ali escreveram. Ligam o ideário do periódico aos "hábitos, necessidades e tradições da vida acadêmica". Afirmam que o "princípio de exclusivismo" (eximir-se de assinar as matérias para não tirar daí o proveito do prestígio) foi o fundamento que norteou seu primeiro ano. Temem que ao deixarem a Academia o periódico desapareça. Confiam aos novos sua guarda. (pp.1-3)

4/1.2 ENSAIO

4/1.2.1 Literatura

4/1.2.1.1 SILVA GUIMARAES - *Reflexões sobre a poesia brasileira* (Continuação do n°2 da 1a. série) - Após ter comentado a obra de Magalhães, afirma que não pode deixar de também falar de Manoel Araújo Porto-Alegre. Nota que o ilustre sócio de Magalhães empreendeu alto vôo literário em Voz da Natureza ou Canto sobre as ruínas de Cumas, escritos na Europa, mas enfraqueceu visivelmente em suas Brasilianas,

escritas no Brasil, tornando-se árido e seco. Define as Brasilianas como obra que revela afetação, pretensão à originalidade e erudição fora do lugar. Critica o estilo em que foi escrita a obra, mas reconhece o talento descritivo de Porto-Alegre. Acaba por ressaltar e elogiar a dupla atuação de Porto-Alegre como pintor e poeta. Promete continuidade. (pp.12-14)

4/1.2.5 Religião

4/1.2.5.1 ANDRADA E SILVA - *A religião e a humanidade* - Empregando um tom bastante lírico, o narrador sugere ao peregrino que contemple a beleza divina do sol (cita Hesíodo); ao viajor, que contemple a melancolia a natureza e a tristeza das ruínas das civilizações antigas; ao marinheiro, que contemple os mistérios do mar. Nota que a condição do homem exilado de sua pátria é a do sentimento de melancolia e tristeza. Porém, surge um sentimento de esperança: o refúgio no seio materno. Evoca a figura do poeta: "teu estro é também uma religião, teu peito um templo sagrado, tua alma um turíbulo de perfumes e teu amor um incenso do céu". Finaliza concluindo que Deus está em toda parte, em tudo o que é belo. (pp.14-16)

4/1.2.8 Ciências Sociais

4/1.2.8.1 SANTOS, F. dos - *Ciências* - Inicia observando que os últimos três séculos foram marcados pela luta por liberdade e contra a barbárie. Evocando a Revolução Francesa, reconhece como legítima a ânsia pela liberdade, mas censura o "excesso" das idéias que a instigaram. Cita Lermínier para afirmar a necessidade de soberania de um povo. Pergunta-se pela maneira que o povo exerce sua soberania, notando que "a experiência tem mostrado ao povo quanto é ele acessível ao erro". Vê como sistema democrático ideal o moderno sistema representativo. Pergunta-se sobre o fundamento da divisão da representação nacional em dois corpos distintos. Para responder, primeiramente postula que toda sociedade visa o progresso e o bem social. Faz então uma divisão entre a tendência da mocidade (destrutiva, devido à sua inconstância e amor pela inovação) e a tendência dos homens avançados na idade (ponderados e experientes). Conclui que a representação nacional deve conter essas duas tendências, com forças equivalentes, sem o que a marcha do progresso não pode se equilibrar. Nega que o Senado represente interesses aristocráticos. O artigo prometia continuidade. (pp.3-6)

4/1.3.4 JORNALISMO

4/1.3.4.1 ALMEIDA PEREIRA FILHO - *A imprensa* - Artigo narrando toda a história da imprensa e assinalando seu papel fundamental no registro da história da humanidade,

propiciando o estabelecimento de uma cadeia que ligasse o passado ao futuro: "foi uma ponte lançada entre dois mundos, que se uniam para repelir-se, e que chocavam-se para harmonizar-se". Considera que a imprensa propiciou também a democratização do conhecimento, colocando-o ao alcance do povo. Prometia continuidade. (pp.6-8)

4/1.4 NOTICIARIO

4/1.4.1 Notícias

4/1.4.1.1 ALMEIDA PEREIRA FILHO - *Crônica literária* - Anuncia uma nova publicação acadêmica, O Arrebol. Almeida Pereira nota ser um periódico redigido por acadêmicos inteligentes e afeitos a um pensamento patriótico e generoso, o mesmo que, segundo ele, regeu a produção dos Ensaaios Literários. (p.17)

4/1.4.2 Crônica

4/1.4.2.1 - *Crônica literária* (cont.) - Anunciam o recebimento dos primeiros números do periódico científico e literário dos Estudantes da Escola de Medicina da Bahia, intitulado Ateneu. Comentam a publicação semanal Harpejos poéticos, notando a má escolha das composições publicadas. Finalizam descrevendo a sessão inaugural da sociedade acadêmica Ensaio Parlamentar. (p.18)

4/1.7 POESIA

4/1.7.1 O. ARAÚJO - *O dia* - Segue ao título a anotação: "Harmonia oferecida ao insigne artista e poeta Sr. Manoel de Araújo Porto-Alegre". Abaixo desta aparece a rubrica: "(Continuação do último número do 1.º período)" - e sob a rubrica o numeral "2.º", indicando tratar-se da segunda parte da harmonia. Isso tudo indica a existência de um número do periódico que não consta da coleção existente na Biblioteca Nacional. Essa segunda parte da harmonia é precedida de uma epígrafe de C. Torquety. Compõe-se de oito estrofes com número variado de versos. Prometia continuidade. (pp.19-22)

4/1.7.2 S. de SOUZA - *Oferecida* - Poema com sete estrofes de quatro versos. (pp.22-23)

4/1.8 CIENCIA

4/1.8.1 História

4/1.8.1.1 ALENCAR - *Traços biográficos sobre a vida de D. Antonio Filipe Camarão. Primeiro Período* - Ao relembrar a

figura de Filipe Camarão, pretende "espalhar na nossa literatura moderna ligeiros relevos de nossas reminiscências indígenas". Fala da conversão do herói ao cristianismo e de sua participação na guerra contra os holandeses. Cita trecho do Catriosto Lusitano de Fr. Rafael de Jesus sobre Camarão, no qual se elogia a bravura e a religiosidade do herói e enumera-se as várias condecorações que recebeu. Afirma que se o processo de colonização tivesse sido mais ameno "não sofreríamos na infância esses achaques de decrepitude que a velha Europa nos herdou(sic)". Observa que a colonização religiosa, por ter sido mais branda, teve alguns bons resultados: "o Índio inteligente e bravo trazido à sociedade copiava sua vida pelo exemplo dos homens virtuosos". E conclui: "Camarão é o representante desses homens regenerados, é o tipo de Índio civilizado". Prometia continuidade. Datado de: "S.Paulo 20 de Maio de 1849". (pp.8-12)

4/1.10 CHARADAS

4/1.10.1 ALMEIDA PEREIRA - *Enigma* - Constituído de seis quadras de versos (p.24)

4/1.10.2 ALENCAR - *Charada* - Constituída de quatro quadras de versos (p.24)

4/2 ENSAIOS LITERARIOS. Jornal Acadêmico. s.n., s.d. (1850), São Paulo.

4/2.2 ENSAIO

4/2.1 Literatura

4/2.2.1.1 ALENCAR - *O estilo na literatura brasileira* - "Expressão do Estilo. - Estilo clássico e quinhentista. Estilo moderno. - Renascimento do estilo quinhentista: - Filinto Elísio. - Escritores portugueses e modernos: - Castilho - Garrett - A.Herculano - Mendes Leal. - Galicismos. Fr. Francisco de S.Luiz. - Escritores Brasileiros. - Qual o estilo que se harmoniza mais com a nova literatura." Alencar procura fazer uma análise comparativa entre o estilo quinhentista e o estilo que lhe é contemporâneo, na busca de identificar qual deles é o mais apropriado para a literatura daquele momento. Obviamente conclui pela maior pertinência do estilo moderno, não deixando, no entanto, de marcar as vantagens do emprego do estilo quinhentista em narrativas históricas, por este possuir "o respeito e a autoridade das coisas velhas". Cita os Quadros históricos de Castilho como exemplo do emprego do

estilo quinhentista no interior do moderno. Prometia continuidade. (pp.34-36)

4/2.2.1.2 - *Reflexões sobre a poesia brasileira* (Continuação do número antecedente) - Inicia comentando os gênios precoces que a literatura brasileira teve a desventura de perder, tais como Francisco Bernardino Ribeiro e Dutra e Mello. Faz menção a certos ensaios sobre o drama que Bernardino teria escrito. Esses são os "Ensaio sobre a tragédia", de autoria não só de Bernardino, mas também de Antonio Augusto de Queiroga e Justiniano José da Rocha, publicados na Revista da Sociedade Filomática, em 1833. Bernardo Guimarães presume que, caso tivesse chegado a conhecer a reforma literária ocorrida na Europa, Bernardino teria aderido ao liberalismo (sic) literário. Quanto a Dutra e Mello, elogia suas qualidades poéticas, citando os poucos cantos que publicou na Minerva Brasiliense e comentando que "parecia realizar o romântico ideal de poeta". Ainda prometia continuidade, que não ocorreu. (pp.37-38)

4/2.2.5 Religião

4/2.2.5.1 ANDRADA E SILVA - *A religião e a humanidade* (cont.) - Traz à cena a História para demonstrar a onipresença divina. Fala do Oriente, com sua imensa tradição mística, onde tudo era religião. Contrapõe religião e progresso e nota que o segundo nunca teve lugar entre os orientais - a religião dominando tudo. Quanto ao mundo antigo, fala primeiramente da China. Nota a condição estática em que viviam os chineses, adorando falsos ídolos. Vê em Confúcio o grande restaurador da beleza e da moralidade no Oriente. Fala ainda da Índia: terra de encantos e poesia, porém também em estado estacionário de fanatismo religioso. Quanto ao Egito, nota a escravização da ciência à religião (desluzida) e ao despotismo dos governantes. Vê nos judeus o único povo antigo a olhar para o futuro. Constatando o despotismo e irracionalidade das religiões na Antiguidade, nota a necessidade atual da razão para a identificação da verdade divina - razão essa que se encontra no cristianismo. (pp.38-40)

4/2.3 DISCURSO

4/2.3.1 Academia

4/2.3.1.1 COELHO DUARTE - *Solenidade do dia 11 de agosto de 1849* - Discurso recitado na comemoração do vigésimo segundo aniversário das academias de Direito. Toma as academias como sinônimo de civilização européia, germinando entre os bárbaros e incultos. Realiza uma retrospectiva histórica buscando demonstrar que a civilização foi alcançada pela força dogmática do cristianismo. Passa a dissertar sobre a importância das instituições acadêmicas para a regeneração

da civilização. Cita várias universidades, considerando a educação o único sustentáculo dos governos livres. Inclui o Brasil entre as nações novas que já possuem fortes instituições de ensino. Lembra que a educação permite que talentos possam emergir das classes inferiores. Afirma que o governo representativo no Brasil só é possível devido à presença das academias. Reclama o entusiasmo de todos na empresa de civilizar a nação.
(pp.25-29)

4/2.3.1.2 GUEDES ALCOFORADO, C.F. - *Discurso - Sobre a instalação da sociedade Ensaio Parlamentares*. Refletindo sobre a importância do estudo, nota ser a mocidade a responsável por essa difícil tarefa. Afirma que a mocidade possui tempo e vontade, tendo nas associações o meio mais profícuo para o exercício do estudo. Revelando possuir plena consciência de constituírem os acadêmicos a elite que traçará os rumos da nação, observa que ainda se encontram na fase de aprendizagem, sendo as associações um importante meio para tanto. Cita diversas associações e publicações acadêmicas. Tomando por meta o progresso e a igualdade, afirma que o intuito dos Ensaio Parlamentares é o de discutir teses científicas e literárias. Datado de: "1849 - São Paulo". (pp.30-34)

4/2.5 FICÇÃO

4/2.5.1 Conto traduzido

4/2.5.1.1 S. HENRY BERTHOUD - *As duas corças de espinho. "Parágrafo 1. - Ao almoço"* - Um padre escreve sonetos em latim. Sua velha ama chama-o para almoçar. Ele continua absorto em seu trabalho. Finalmente termina seus versos. Nesse momento, chega um pintor trazendo obras encomendadas pelo padre. Este elogia o trabalho do pintor e, após dialogarem um pouco, o padre acaba lendo os versos que acabara de compor. O pintor gosta dos versos e percebe terem sido escritos em homenagem a Camões. O padre passa a narrar a história de um moribundo a quem deu a extrema-unção, tendo por condição queimar todos os escritos do moribundo, que morre amaldiçoando o "gênio". Posteriormente, o padre descobre que aquele moribundo era Camões. O pintor fica impressionado com a história, vendo-se forçado a um destino tal qual o de Camões. Quando o pintor sai, desolado, o padre pergunta como se chama. Ele diz chamar-se André Zurbarán. Prometia continuidade. (pp.40-44)

4/2.7 POESIA

4/2.7.1 ALMEIDA PEREIRA FILHO - *Desengano* - Poema com quatro estrofes, com dez a quinze versos cada (o sétimo

verso da terceira estrofe está riscado a caneta e corrigido ao lado). (pp.45-46)

4/2.7.2 - *Recordação* - Poema com oito estrofes de quatro versos. (pp.46-47)

4/2.7.3 - *Saudade* - Poema com catorze estrofes de quatro versos. (pp.47-48)

5/1 ENSAIOS LITERARIOS. Jornal Acadêmico, n.1, s.d. (1850), São Paulo.

5/1.1 MANIFESTO

5/1.1.1 *Introdução* - Texto de apresentação de um segundo momento do periódico, revelando que os Ensaio Literários já haviam anteriormente encerrado sua publicação: "herdeiro de seu irmão primogênito ele fará reviver as suas idéias". Lacônico e sucinto, acentua a dificuldade, a nobreza e o patriotismo da iniciativa. (pp. 1-2)

5/1.2 ENSAIO

5/1.2.1 Literatura

5/1.2.1.1 AZEVEDO, M.A. ALVARES DE - *Alfredo de Musset - Jacques Rolla. 1. artigo* - A introdução do texto crítico sobre o poema de Musset fundamenta-se na identificação de uma dupla face do gênio literário, opondo ora o trágico e cômico, ora crença e descrença, ora ternura e ironia. Nega que Musset seja um vulgo imitador de Byron. Afirma que existe apenas uma íntima relação entre ambos: "um cérebro que se esbraseou a sonhos de outro cérebro". Vê em Rolla "a sombra mais sublime de Byron". Num jogo de associações bastante ágil, estabelece relações de Rolla com diversos personagens da literatura. Traduzindo os versos de Musset, inicia a análise do poema com a caracterização do personagem Rolla, evocando mais outros tantos personagens e autores. Cita trecho do Wandering outlaw, no qual é caracterizado Childe-Harold. Em seguida, trecho X do canto do Crepúsculo, do romancista de Esmeralda, a cigana, no qual retrata-se um suicida. Retorna ao poema de Rolla. Continua no próximo exemplar. (pp. 5-9)

5/1.2.6 Filosofia

5/1.2.6.1 SANTOS LOPES - *Ecletismo Moderno* - Texto de pretensão filosófica, fundamentado nas teorias de Victor Cousin. Nega que tenha sido a verdade dos sistemas

filosóficos de Sócrates, Bacon, Descartes e Kant que colocou tais homens no topo de nossa civilização. Comenta cada um dos filósofos citados, chegando finalmente ao que denomina "método psicológico". Fala de Cousin, sem nomeá-lo, como mentor da nova filosofia: o Ecletismo Moderno. Continua no número seguinte. (pp. 2-4)

5/1.3 DISCURSO

5/1.3.2 Associações estudantis

5/1.3.2.1 D'ALMEIDA PEREIRA FILHO, J. - *Discurso. Lido no dia da inauguração da Associação Ensaio Filosófico Paulistano* - Evocando a religião e a filosofia, como as duas "alavancas do mundo moral, que imprimem ao progresso os seus únicos caracteres - o pensamento e a fé", observa que a união e a vontade são as condições para tudo que é grandioso no mundo. Defende a instrução como contraponto da agitação da vida política e condição necessária ao progresso. Comenta o "princípio das associações" como "semente exótica transplantada das ruínas dos tempos passados - germinou, e hoje admiramos os seus frutos". Finaliza relacionando o futuro Brasil à Canaã. Datado de: "S. Paulo 9 de maio de 1850". (pp. 17-20)

5/1.5 FICÇÃO

5/1.5.1 Conto Nacional

5/1.5.1.1 D'ALMEIDA PEREIRA FILHO, J. - *Os dois poetas ou A primeira hora do dia (Fragmentos)* - Mesclando discurso direto e indireto, descreve o encontro e as elucubrações de dois poetas. Amigos desde a mais tenra infância, almas gêmeas, encontram-se pontualmente à meia-noite para comunicarem um ao outro as impressões do dia. Inicialmente, falam da Lua e dos mistérios que já presenciou, fazendo ambos uma relação dos esclarecimentos que iriam pedir-lhe caso pudessem consultá-la. Passam a falar sobre o índio e a beleza das terras americanas. O índio é concebido como cavaleiro, nobre e herói. Invocam o nome de Jaguarí, ou Simão Soares, como exemplo de herói americano. Notam a riqueza literária presente nos elementos que constituem os heróis indígenas e na própria natureza que aqui resplandece como em nenhum outro lugar. Finalizam por profetizar que a América está destinada a substituir a "calva Europa na propaganda do progresso, e a ocupar o seu posto na balança do mundo". Prometia continuidade. (pp. 13-17)

5/1.7 POESIA

5/1.7.1 ANDRADA E SILVA - *Flor sem perfume* - Poema dividido em quatro partes, numeradas com algarismos romanos, contendo ao todo dezesseis estrofes de quatro versos, à exceção da última parte, formada por apenas uma estrofe de quinze versos. (pp. 10-11)

5/1.7.2 ANDRADA E SILVA - *O estro* - Poema com oito estrofes de quatro versos. (pp. 12)

5/1.7.3 GUIMARÃES, B. DA SILVA - *O destino do vate* - "A memória de F. Dutra e Mello". Traz versos de Dutra e Mello como epígrafe. (pp. 20-24)

5/1.10 CHARADAS

5/1.10.1 D'ALMEIDA PEREIRA FILHO, J. - *Charadas* - Duas charadas, ambas com três estrofes de versos. (p. 24)

5/2 ENSAIOS LITERARIOS. Jornal Acadêmico. s.n., s.d. (1850), São Paulo (sem indicação da tipografia).

5/2.2 ENSAIO

5/2.2.1 Literatura

5/2.2.1.1 AZEVEDO, M.A. ALVARES DE - *Alfred Musset - Jacques Rolla. 2. artigo* - Inicia descrevendo Marion e apresentando os versos de Musset que a caracterizam. Comenta a impossibilidade de traduzi-los literariamente. Fala da importância do ritmo dos versos num poema e o quanto a forma das palavras pode sugerir sensações e sentimentos. Desconsidera aqueles que não concebem a harmonia do som. Passa a descrever o estilo do poema e do poeta. Filia-se explicitamente a Buffon: "quando quisermos estudar um poeta, ir-lhe-emos ao estilo". Faz vários comentários estilísticos sobre literatura em geral e sobre Musset em particular. Quanto à linguagem, evoca a teoria de fluxo e refluxo das línguas, de Victor Hugo, na renovação da linguagem pela recuperação de expressões já em desuso, para discutir o emprego de arcaísmos. Valoriza o procedimento, mas considera que seu uso excessivo pode acarretar o "abandono da láurea de bardo pela glória do antiquário". Cita, entre outros, como "eruditos de antiquário": Balzac em Novela, e Gonçalves Dias em As sextilhas de Frei Antão. Continua no mesmo exemplar. (pp. 28-33)

5/2.2.1.2 AZEVEDO, M.A. ALVARES DE - *Alfred Musset - Jacques Rolla. 2. artigo (cont.)* - A continuidade do texto é a tradução dos últimos versos de Rolla, nos quais se revela que a própria mãe de Marion (nome que adotará futuramente, pois até ali chama-se Maria) a entrega a Rolla. Há todo um discurso sobre a inevitabilidade do procedimento daquela mãe, que assim age para não morrer de fome. (pp. 66-70)

5/2.2.6 Filosofia

5/2.2.6.1 SANTOS LOPES - *Ecletismo Moderno (cont.)* - Inicia comentando o valor do "método de observação", que edificaria a ciência sobre o estudo da consciência. "A crítica da razão é uma especificação admirável da primeira das fases desse dogma santo, e o ecletismo moderno uma muralha forte aos seus desvarios: eis porque Kant e o sr. Cousin imprimiram na filosofia uma direção imortal". Cita Laromiguière, Royer-Collard e Maine de Biran, atuando na mesma direção de Cousin, isto é, na reação contra a filosofia do século XVIII. Evoca máximas e princípios de Cousin, discutindo-os de modo um tanto obscuro. Cita ainda Damiron. Prometia continuidade. (pp. 57-57)

5/2.2.8 Ciências Sociais

5/2.2.8.1 CORREIA, M.F. - *Das afeições de povo a povo* - Para comentar as relações de afetividade entre os povos traça um amplo percurso histórico, passando por fenícios, atenienses, cartagineses e romanos (cita trecho de Grandeur et décadence des Romains de Montesquieu), buscando demonstrar o quanto ainda eram precárias tais afeições. Evoca a decadência do Império Romano e a obscuridade da Idade Média, notando nada existir aí da afeição entre os povos. Fala da constituição dos estados nacionais e do cosmopolitismo: eis que surge a afeição entre os povos, depois de muitas lutas e batalhas para derrubar as barreiras entre as nações. Comenta a afeição do povo brasileiro a outros. Finaliza fazendo o elogio ao século progressista e civilizado sob os preceitos cristãos. (pp. 60-63)

5/2.3 DISCURSO

5/2.3.3 Fúnebre

5/2.3.3.1 - *A Morte de Feliciano Coelho Duarte* - Este texto de Alvares Azevedo (embora aparece anonimamente) funciona como abertura para três orações fúnebres em memória de Feliciano. Encontra-se na obra completa do autor organizada por Homero Pires. Reproduz oito quadras de versos que estariam impressas nas oito colunas que sustentavam a essa. Na edição de Homero Pires o texto finaliza após a reprodução das quadras. Aqui aparecem mais cinco parágrafos, nos quais Alvares de Azevedo observa que a associação Ensaio

Filosófico ofereceu no dia três de outubro uma missa em memória a Coelho Duarte. Descreve a decoração fúnebre da sala do Ensaio Filosófico e finaliza ressaltando o sentimento de tristeza que então reinou devido à perda de um dos sócios do Instituto Literário Acadêmico. (pp. 53-56)

5/2.3.3.2 ALMEIDA PEREIRA FILHO, J. - *Orações fúnebres* - Texto em homenagem póstuma a Feliciano Coelho Duarte, aluno da Academia e colaborador dos Ensaio Literários. Almeida Pereira lamenta uma morte tão prematura como foi a do estudante, chegando retoricamente a blasfemar contra Deus. Nota o destino brilhante que esperava por Feliciano. (pp. 56-58).

5/2.3.3.3 J.P.S.J. - *Orações fúnebres* - Segunda das três orações escritas em memória de Feliciano Coelho Duarte. Lamenta a morte prematura do amigo. Emprega imagens fúnebres e fala da fatalidade. Disserta sobre as qualidades de Feliciano e afirma que seu nome ficará na lembrança dos amigos. Evoca o sofrimento da cidade natal de Feliciano, Barbacena. (pp. 58-59)

5/2.3.3.4 D'AZEVEDO, MANUEL ANTONIO ALVARES - *Orações fúnebres* - Oração em memória de Feliciano Coelho Duarte. Encontra-se reproduzida nas obras completas do autor (Pires, 1942, v.2)

5/2.5 FICÇÃO

5/2.5.1 Conto Nacional

5/2.5.1.1 ANDRADA E SILVA - *Folhas de minha carteira - Fatalidade* - Ao final do festim orgiástico, sobram apenas três homens: um poeta, um músico e um escultor. O poeta era melancólico e buscava inspiração na natureza bucólica. O músico era devasso e apaixonado. O escultor era megalomaniaco e revolucionário. Todos três já avançados nos anos. O narrador diz que assim tinham se caracterizado até aquele momento. Silencia e pede para que os escutemos. O poeta elogia a devassidão e a vida do libertino. O músico discorda: diz que já praticou todo tipo de extravagâncias que o levaram à nada, considerando a única saída a atuação revolucionária das massas. E então o escultor que discorda, afirmando que "a ingratidão é a virtude das massas". Revela ter sido grande combatente revolucionário e afirma que o gozo verdadeiro está na simplicidade da natureza. Chega a vez do poeta contestar. Diz que procurou o belo na natureza e este lhe foi negado, diz que amou a mulher angelical e santa e foi desiludido. Perguntam-se então: "- Onde encontrar a felicidade?". Concluem que esta só se encontra na morte. Envenenam-se com arsênico. O narrador pergunta sobre o destino do gênio e sobre o terrível fim dos três artistas. (pp. 33-37)

5/2.7 POESIA

5/2.7.1 RAMOS COELHO, J. - *O gênio das ruínas* - Poema dividido em três blocos, numerados com algarismos romanos, sendo que o primeiro bloco possui 16 estrofes de 4 versos, o segundo, 4 estrofes de 10 versos e o último bloco, uma estrofe de 4 versos. Apresenta epígrafe de Victor Hugo. (pp. 37-40)

5/2.7.2 D'ALMEIDA PEREIRA FILHO, J. - *Amor e descrença* - Poema com quatro estrofes de oito versos. (pp. 52-53)

5/2.7.3 D'ALMEIDA PEREIRA FILHO, J. - *Anjo-demônio* - Poema, com seis estrofes de nove versos. (pp. 64-65)

5/2.7.4 CARVALHO, F. C. de - *Virgem* - Poema sem divisão de estrofes e sem rima em final de verso. (pp. 70)

5/2.7.5 CARVALHO, F. C. de - *Sonho e vida* - Poema sem divisão de estrofes e sem rimas em final de verso. (pp. 71)

5/2.7.6 ALENCAR, Leonel M. de - *Uma virgem* - Poema sem divisão de estrofes e sem rimas em final de verso. Datado de "São Paulo 8 de outubro de 1850". (pp. 71-72)

5/2.8 CIENCIA

5/2.8.1 História

5/2.8.1.1 RIBAS - *História dos paulistas (fragmento) 1628* - O texto, segundo nota de rodapé escrita por José Bonifácio de Andrada e Silva, é um fragmento da História dos Paulistas, de autoria do Sr. Dr. Ribas. Ribas identifica, no séc. XVII, três classes sociais paulistanas: a dominante, constituída de portugueses e espanhóis; a dominada, composta pelas raças etíope e americana; a intermediária, integrada pelos mamelucos, elo entre a "sociedade superior e a inferior". Nota que os primeiros imigrantes foram portugueses de todas as classes sociais. Quando Portugal é anexado ao Reino da Espanha, aqui chegam grande quantidade de espanhóis. Passam a constituir uma ociosa classe de senhores de escravos (negros e índios). Diz que o mameluco surge da miscigenação entre os imigrados luso-espanhóis com a população indígena. Recebendo as qualidades das duas raças, irão constituir o extrato dos bandeirantes, que colocarão fim às missões jesusíticas. Inicialmente elogia o trabalho jesuíta e depois condena seu abuso de poder. Ao final, toma o partido dos cristãos, mas não deixa de admirar os bandeirantes. (pp. 41-45)

5/2.8.1.2 M. - *Uma tradição de Januário Garcia* - Texto narrando a história de Januário Garcia, nome conhecido e admirado por todo o povo mineiro. No início do século (XIX), às margens do Rio das Mortes, numa festa da capela local, encontrava-se Goulart, que ofendera, dois anos antes, Januário Garcia "na pessoa de sua família". Garcia chega à festa e mata Goulart com um punhal. (pp. 47-48)

5/2.8.1.3 MACHADO D'OLIVEIRA - *O Brasil. I Algumas considerações sobre o seu descobrimento* - O texto visa contestar a tese de ser Cabral o descobridor do Brasil. Assinala o acaso de Cabral ter aqui aportado, em função de ventos desfavoráveis, e elogia o empreendimento programado por Colombo. Contestando os historiadores portugueses, traz à tona o nome de Vicente Janes Pinzon, marinheiro espanhol, que fazia parte do grupo de Colombo. Sendo exonerado de prestar serviços ao descobridor da América, Pinzon empreende, com outros, nova tentativa e chega a terras brasileiras em 28 de janeiro de 1500, isto é, antes de Cabral. Batiza-a de Santa Maria da Consolação. Prometia continuidade. (pp. 49-52)

5/2.8.3 Etnologia

5/2.8.3 BEAUREPAIRE-ROHAN, HENRIQUE DE - *Os Guaicurus. Notícia histórica extraída de uma viagem inédita à Província de Mato Grosso, nos anos de 1844-1846, pelo Major de Engenheiros Henrique de Beaurepaire-Rohan* - Comenta sua organização em várias tribos Guaicurus. Nota que se assemelham aos hebreus: a divindade primeiro criou as nações e depois os Guaicurus, concedendo-lhes o direito de trânsito e conquista. Observa que eram o terror para a nascente colônia de Cuiabá. Nota que algumas tribos guaicurus estabeleceram um trato de boa vizinhança com os portugueses, outras mativeram-se isoladas. Faz observações fonéticas, sociais e culturais sobre o idioma dos Guaicurus. Comenta sua estratificação social e ritos. Descreve contatos entre portugueses e Guaicurus, observando que os Guaicurus "civilizados" revelavam um espírito destrutivo bem maior do que os "selvagens". (pp. 25-28)

INDICE ONOMASTICO DE AUTORES CITADOS
NOS ENSAIOS LITERARIOS

- Abranches, Antonio Joaquim da Silva - (out.1850) s.d.,s.n., p.33.
- Aguiar, José Ricardo da Costa - 1848,3a.série,n.3,pp.57,58, 59,60,61.
- Alfieri, Conde Vittorio - 1848,3a.série,n.3,p.52.
- Alighieri, Dante - 1849 maio,s.n.,p.19.
- A.L.D.A. (?) - contracapas dos exemplares n.2 e 3 da 1a.série; n.1,2 e 3 da 2a.série e n.1 da 3a.série.
- Apeles - (out.1850) s.d.,s.n.,p.61.
- Aristipo de Cirene - (out.1850) s.d.,s.n.,p.34.
- Aristóteles - (out.1850) s.d.,s.n.,p.61.
- Arraes, Frei Amador - (1850) s.d.,s.n.,p.35.
- Azurara, Visconde de. Antonio Salter de Mendonça - (1850) s.d.,s.n.,p.35.
- Bacon, Francis - (1850) n.1,s.d.,p.2,3.
- Balzac, Honoré de - (out.1850) s.d.,s.n.,p.33.
- Barbier, Henri Auguste - (out.1850) s.d.,s.n.,p.28.
- Barros, João de - (1850) s.d.,s.n.,p.35.
- Batteux (?) - (1850) s.d.,s.n.,p.37.
- Beattie, James - (1850) s.d.,n.1,p.5.
- Bellini, Vincenzo - (out.1850) s.d.,s.n.,p.30.
- Beaumont, Gustave de - 1847,2a.série,n.1,p.12.
- Biran, Maine de - (out.1850) s.d.,s.n.,p.45.
- Boileau, Nicolas - (1850) s.d.,s.n.,p.37; (1850) s.d.,n.1, p.6.
- Borges, José Ferreira - 1848,2a.série,n.3,p.13.
- Buffon, Conde de (Georges Louis Leclerc) - (out.1850) s.d., s.n.,p.31.
- Byron, Lord (George Gordon) - 1847,1a.série,n.1,pp.2,13,15; 1847,1a.série,n.2, p.14; 1848,2a.série,n.2,p.17; 1848, 3a.série,n.1,pp.19,20,21; 1848,3a.série,n.3,p.53; 1848, 3a.série,n.3,p.60,62,63; (1850) s.d.,n.1,pp.5,6,7,8; (out.1850) s.d.,s.n.,pp.30,32,34,53.
- Caldas, Antonio Pereira Sousa - 1847,1a.série,n.2,p.15.
- Calvino, Jean - 1847,2a.série,n.1,p.15.
- Camões, Luís Vaz de - (1850) s.d.,s.n.,pp.35,42,43,44; (out.1850) s.d., s.n.,pp.32,34.
- Carlostad (?) - 1847,2a.série,n.1,p.5.
- Carneiro, Manoel Borges - 1848,3a.série,n.1,p.1.
- Castilho, Antonio Feliciano de - 1848,2a.série,n.2,p.19; 1848,3a.série, n.3,p.66; (1850) s.d.,s.n.,pp.34,36; (out.1850) s.d.,s.n., p.32.
- Cellini, Benvenuto - (out.1850) s.d.,s.n.,p.30.
- Chateaubriand, Visconde de (François René) - 1847,1a.série, n.1,p.1, 13;1848,3a.série, n.3,p.53.

- Chatterton, Thomas - (out.1850) s.d.,s.n.,p.33,60.
- Chaumette, Pierre Gaspar - 1847,1a.série,n.1,p.8.
- Chauveau-Lagarde, Claude François - 1848,2a.série,n.3, pp.13,15.
- Chenier, André Marie de - 1847,1a.série,n.1,p.13; 1848, 3a.série,n.3, p.53; (out.1850) s.d.,s.n.,p.32.
- Clootz, Barão de (Jean-Baptiste du Val-de-Grâce) - 1847, 1a.série,n.1,p.8.
- Collard, Royer - (out.1850) s.d.,s.n.,p.45.
- Confúcio - (1850) s.d.,s.n.,p.39.
- Constant, Benjamin - 1847,1a.série,n.1,p.7.
- Costa (?) - 1848,3a.série,n.1,p.4.
- Cousin, Victor - 1848,3a.série,n.3,p.53, 63; (out.1850) s.d.,s.n., p.45.
- Couto, Diogo de - (1850) s.d.,s.n.,p.35.
- Crabbe, George - 1848,3a.série,n.3,p.53; (out.1850) s.d., s.n.,p.28.
- Cunha, Antonio Augusto Pereira da - 1848,3a.série,n.3,p.69. (out.1850) s.d.,s.n.,p.33.
- Courier, Paul-Louis - (out.1850) s.d.,s.n.,p.33.
- D'Alembert, Jean Le Rond - (1850) s.d.,s.n.,p.28.
- Damiron (São Damião) - (out.1850) s.d.,s.n.,pp.47,64.
- Demóstenes - (out.1850) s.d.,s.n.,p.61.
- Denis, Jean Ferdinand - 1847,1a.série,n.1,p.14.
- Descartes, René - (1850) s.d.,n.1,pp.2,3,4.
- Dias, Antonio Gonçalves - (out.1850) s.d.,s.n.,p.33.
- Diderot, Denis - (1850) s.d.,s.n.,p.28.
- Ducaurroy, Fecrière - 1848,2a.série,n.3,p.10.
- Dumas, Alexandre - 1848,3a.série,n.3,pp.53,64; (1850) s.d.,n.1, p.8.
- Durão, Santa Rita - 1847,1a.série,n.1,p.14.
- Espronceda, José de - 1848,3a.série,n.3,p.53.
- Esquines - (out.1850) s.d.,s.n.,p.61.
- Eurípedes - (out.1850) s.d.,s.n.,p.61.
- Ferreira, Antônio - 1848,3a.série,n.1,p.4; (1850) s.d.,s.n., p.35; (out.1850) s.d.,s.n.,p.32.
- Filinto Elisio (Pe.Francisco Manoel do Nascimento) - 1847, 1a.série,n.2,p.15; (1850) s.d.,s.n.,pp.34,35.
- Fichte, Johann Gottlieb - 1847,2a.série,n.1,p.13; (out.1850) s.d.,s.n., p.46.
- Foscolo, Ugo - 1848,3a.série,n.3,p.52.
- Freire, Francisco de Brito - 1849 maio,s.n.,p.10.
- Freire, Pascoal de Mello - 1848,2a.série,n.3,pp.13,15,17,18; 1848,3a.série,n.1,pp.1,2,3,4.
- Galiano, Alcalá (?) - 1848,3a.série,n.3,p.53.
- Gama, José Basílio da - 1847,1a.série,n.1,p.14.
- Garden (?) - 1847,1a.série,n.1,p.8.
- Garrett, João Batista Leitão de Almeida - 1848,3a.série,n.1, p.15; 1848,3a.série,n.3,p.53; (1850) s.d.,s.n.,pp.34,35; (out.1850) s.d.,s.n.,pp.30,32.
- Garry (?) - 1848,3a.série,n.1,pp.6,7.
- Gilbert, Nicolas Joseph Laurent - (out.1850) s.d.,s.n.,p.35.
- Gil y Zarate (?) - 1848,3a.série,n.3,p.53.
- Gluck, Christoph Willibald Ritter von - (1850) s.d.,n.1,p.9.

- Goethe, Johann Wolfgang von - 1848,3a.série,n.2,p.29; 1848, 3a.série,n.3,p.52; (1850) s.d.,n.1,p.5,7.
- Gonzaga, Tomás Antônio - 1847,1a.série,n.1,p.14.
- Hegel, Georg Wilhelm Friedrich - (1850) s.d.,n.1,p.4.
- Hebert, Jacques René - 1847,1a.série,n.1,p.8.
- Herculano, Alexandre - 1848,3a.série,n.3,p.53; (1850) s.d., s.n.,p.34; (out.1850) s.d.,s.n.,pp.30,32.
- Herreros, Manoel Breton de los (?) - 1848,3a.série,n.3,p.53.
- Hesíodo - 1849 maio,s.n.,p.14.
- Hoffmann, Ernest Theodor Amadeus - 1848,3a.série,n.3,p.63; (1850) s.d.,n.1,p.7; (out.1850) s.d.,s.n.,p.28.
- Homero - 1848,3a.série,n.1,p.20; 1849 maio,s.n.,p.16; (1850) s.d.,n.1,pp.5,9; (out.1850) s.d.,s.n.,p.61.
- Horácio, Quinto Flaco - (1850) s.d.,s.n.,p.42; (1850) s.d., n.1,p.6; (out. 1850) s.d.,s.n.,p.28.
- Hugo, Victor - 1847,1a.série,n.1,p.3; 1847,1a.série,n.2, p.21; 1847,1a.série,n.3,p.14; 1848,3a.série,n.3,p.63; (1850) s.d.,n.1,p.7; (out.1850) s.d.,s.n.,pp.30,32,37.
- Jesus, Frei Rafael de - 1849 maio,s.n.,p.10.
- Jouffroy, Théodore - (out.1850) s.d.,s.n.,p.32.
- Justiniano - 1848,2a.série,n.3,p.11.
- Kant, Emmanuel - 1847,1a.série, n.1,p.19;1847,1a.série,n.2, p.1; (1850) s.d.,n.1,pp.2,4; (out.1850) s.d.,s.n.,p.45.
- Klopstock, Friedrich Gotllieb - (out.1850) s.d.,s.n.,p.28.
- Kock, Paul de - 1848,3a.série,n.3,p.63.
- LaHarpe, Frédéric César de - (1850) s.d.,s.n.,p.37.
- Lamartine, Alphonse Marie de Prat de - 1847,1a.série,n.1, pp.3,13; 1847,1a.série,n.2, p.14; 1848,3a.série, n.3, pp.53, 62; (1850) s.d.,n.1,p.7; (out.1850) s.d.,s.n., p.30. Contracapas: 1847,1a.série,n.2; 1847,1a.série,n.3; 1847, 2a.série,n.1; 1848,2a.série,n.2; 1848,2a.série, n.3; 1848, 3a.série,n.1; 1847,1a.série,n.3; 1848, 3a.série,n.3.
- Lemennais, Félicité Robert de - 1847,1a.série,n.1,p.3; 1848,2a.série,n.2,p.1.
- Lancaster, Brian de - 1848,3a.série,n.3,p.63.
- Lapellétier (?) - 1847,1a.série,n.1,p.8.
- Laromiguière, Pierre - (out.1850) s.d.,s.n.,p.45.
- Larra, Mariano José de - 1848,3a.série,n.3,p.53.
- Las Casas, Bartolomé de - 1847,1a.série,n.3,p.7.
- Lerminier (?) - 1849 maio,s.n.,p.3.
- Leroux, Pierre - 1847,1a.série,n.1,p.2.
- Lessa, Aureliano José - 1848,3a.série,n.2,p.41.
- Lobão (?) - 1848,3a.série,n.1,pp.1,4.
- Loyola, Ignácio de - 1847,2a.série,n.1,p.12.
- Lucena, Pe.João de - (1850) s.d.,s.n.,p.35.
- Lucílio, Caio - (out.1850) s.d.,s.n.,p.6.
- Lutero, Martinho - 1847,2a.série,n.1,p.5; 1848,2a.série,n.3, p.3.
- Marat, Jean-Paul - 1847,1a.série,n.1,p.8.
- Magalhães, Domingos Gonçalves de - 1847,1a.série,n.1,p.13, 15;1847,1a.série, n.2,pp.13,14,15; 1848,2a.série,n.2, p.13; 1849,maio,s.n., p.13.
- Magnin (?) - (out.1850) s.d.,s.n.,p.32.

- Manzoni, Alessandro F. Tommaso Antonio - 1848, 3a.série, n.3, p.52.
- Marcial, Marcos Valério - (1850) s.d., s.n., p.42.
- Marlowe, Christopher - (1850) s.d., n.1, p.7,8.
- Marmotel, Jean-François - (1850) s.d., s.n., p.37.
- Melanchton (Philipp Schwarzerd) - 1847, 2a.série, n.1, p.5.
- Mello, Fernandes de (?) - (out.1850) s.d., s.n., p.35.
- Mello, Antonio Francisco Dutra e - (1850) s.d., s.n., pp.37, 38.
- Mendes Leal, José da Silva - (1850) s.d., s.n., p.34; (out. 1850) s.d., s.n., p.30,32.
- Mendes, Manoel Odorico - (1850) s.d., s.n., 1847, 1a.série, n.2, p.20; 1849 maio, s.n., pp.12,13.
- Mendonça, Antonio Pedro Lopes de - (1850) s.d., n.1, p.7.
- Merlin, Antoine Chistophe - 1848, 2a.série, n.3, pp.12,13.
- Meyerbeer, Jacob Liebmann - (1850) s.d., n.1, p.6.
- Michelangelo - (1850) s.d., s.n., p.44.
- Mirabeau, Conde de (Honoré Gabriel Victor Requeti) - 1847, 1a.série, n.1, p.15.
- Montesquieu, Barão de (Charles de Secondat) - (out.1850) s.d., s.n., pp.3,62.
- Monti, Vincenzo - 1848, 3a.série, n.3, p.52.
- Motta, Silveira da (?) - 1848, 3a.série, n.2, p.40.
- Moore, Thomas - 1848, 3a.série, n.3, p.53; (1850) s.d., n.1, p.6; (out.1850) s.d., s.n., p.30.
- Mozart, Wolfgang Amadeus - (1850) s.d., n.1, p.9.
- Musset, Alfred de - (1850) s.d., n.1, pp.5,6,7; (out.1850) s.d., s.n., pp.28,30,32.
- Neypel (?) - 1848, 2a.série, n.3, p.15.
- Ossian (James Macpherson) - 1847, 1a.série, n.3, p.5,15; 1848, 3a.série, n.2, p.34; 1849 maio, s.n., p.16.
- Ovídio - (1850) s.d., s.n., p.42.
- Paganini, Niccolò - (out.1850) s.d., s.n., p.34.
- Petrarca, Francesco - 1847, 1a.série, n.2, p.21; 1848, 3a.série, n.2, p.33.
- Pimentel, Antonio de Serpa - (out.1850) s.d., s.n., p.33.
- Pindemonte, Ippolito - 1848, 3a.série, n.3, p.52.
- Pinto, Frei Heitor - (1850) s.d., s.n., p.35.
- Pinto, Gouvea (?) - 1848, 2a.série, n.3, p.17; 1848, 3a.série, n.1, p.1.
- Pitágoras - (out.1850) s.d., s.n., p.61.
- Planche, Gustave - (out.1850) s.d., s.n., p.30.
- Platão - (out.1850) s.d., s.n., p.61.
- Ponelle (?) - 1848, 3a.série, n.3, p.63; 1848, 3a.série, n.3, p.67.
- Pope, Alexander - Capas: 1847, 1a.série, n.1; 1847, 1a.série, n.2; 1847, 1a.série, n.3; 1847, 2a.série, n.1; 1848, 2a.série, n.2; 1848, 3a.série, n.3; 1848, 3a.série, n.1; 1848, 3a.série, n.2; 1848, 3a.série, n.3.
- Porto Alegre, Manuel de Araújo - 1849 maio, s.n., pp.13,14,19.
- Quinet, Edgar - 1848, 2a.série, n.3, p.9; (out.1850) s.d., s.n., p.32.
- Rafael (Raffaello Santi ou Sanzio) - 1848, 3a.série, n.2, p.31.
- Ribeiro, Francisco Bernardino - (1850) s.d., s.n., p.37.

- Richelieu, Cardeal de (Armand ean du Plessis) - (1850) s.d., s.n.,p.26.
- Rocha, Manoel Antonio Coelho da - 1848,3a.série,n.1,p.8.
- Rogers, Samuel (?) - (out.1850) s.d.,s.n.,p.30.
- Ronsia (Pierre de Ronsard?) - 1847,1a.série,n.1,p.8.
- Rosa, Francisco Otaviano de Almeida - 1847,2a.série,n.1, p.16; 1848,3a.série,n.2,p.48.
- Rosa, Francisco de Paula Martinês de la - 1848,3a.série,n.3, p.53.
- Rossi, F. (?) - 1848,2a.série,n.3,p.13.
- Rossi-Pastoret (?) - 1848,2a.série, n.3,p.15.
- Rousseau, Jean Jacques - 1847,1a.série,n.1,p.8; 1848, 3a.série,n.3,p.63; 1849 maio,s.n.,p.3; (1850) s.d.,s.n., p.28.
- Sainte-Beuve, Charles Augustin - (out.1850) s.d.,s.n.,p.32.
- Saint-Pierre, Abade de (Charles Irénée Castel) - 1847, 1a.série,n.1,p.9.
- Sand, George (Aurore Dupin) - 1848,3a.série,n.3,p.67; (out. 1850) s.d.,s.n., p.32.
- São Luís, Frei Francisco de (Francisco Justiniano Saraiva) - (1850) s.d.,s.n.,pp.34,35.
- Schiller, Johann Friedrich - 1848,3a.série,n.3,p.52.
- Schelling, Friedrich W. J. von - (1850) s.d.,n.1,p.4.
- Scott, Sir Walter - 1847,1a.série,n.3,p.6; 1848,3a.série, n.3,p.53; (out.1850) s.d.,s.n.,p.33.
- Sevenecken (?) - 1848,2a.série,n.3,p.19.
- Shakespeare, William - (1850) s.d.,n.1,pp.7,9; (out.1850) s.d.,s.n., p.59.
- Silva, Luis Augusto Rebello da - (out.1850) s.d.,s.n.,p.33.
- Sócrates - (1850) s.d.,n.1,pp.2,3; (out.1850) s.d.,s.n., p.61.
- Sófocles - (out.1850) s.d.,s.n.,p.61.
- Sousa, Antonio Gonçalves Teixeira e - 1847,1a.série,n.2, p.23.
- Sousa, Pereira e (?) - 1848,2a.série,n.3,p.13; 1848, 3a.série, n.1,p.4.
- Southey, Robert - 1848,3a.série,n.1,p.20.
- Sousa, Fr.Luis de (Manoel de Sousa Coutinho)- 1848,3a.série, n.1,p.11.
- Spencer, Herbert - (1850) s.d.,n.1,p.5.
- Stael, Madame de (Germaine Necker) - (out.1850) s.d.,s.n., p.30.
- Sue, Eugène - (1850) s.d.,n.1,p.8.
- Surville, Clotilde de (pseudônimo) (?) - (out.1850) s.d., s.n.,p.33.
- Tales de Mileto - (out.1850) s.d.,s.n.,p.61.
- Tasso, Torquato - 1848,3a.série,n.2,p.31; 1849 maio,s.n., p.16,44.
- Teixeira, Liz (?) - 1848,2a.série,n.3,p.17,18; 1848, 3a.série,n.1,p.1.
- Thiers, Adolphe - 1848,3a.série,n.3,p.53.
- Tibulo - (out.1850) s.d.,s.n.,p.34.
- Tocqueville, M. D. (??? Charles Alexis Henri Clérel de) - 1849 maio,s.n.,p.4.

- Torquety, C. (?) - 1848,3a.série,n.2,p.43; 1849 maio,s.n.,
p.19.
- Tristan, Flora (?) - (out.1850) s.d.,s.n.,p.28.
- Villemain, Abel François - 1848,3a.série,n.3,p.53.
- Vinci, Leonardo da - 1848,3a.série,n.3,p.31; (out.1850)
s.d.,s.n.,p.33.
- Virgílio, Públio - 1847,1a.série,n.3,p.22; (1850) s.d.,s.n.,
p.42.
- Voltaire (François Marie Arquet) - 1847,1a.série,n.1,p.8;
1848,3a.série,n.3,p.63; 1849 maio,s.n.,p.3.
- Werner, Zacharias - (1850) s.d.,n.1,p.8.
- Wordsworth, William - (out.1850) s.d.,s.n.,p.32.
- Zeiller (Zejler), Handrij - 1847,1a.série,n.1,p.2.
- Zeuxis - (out.1850) s.d.,s.n.,pp.33,61.
- Zorrilla, José - 1848,3a.série,n.3,p.53.
- Zuinglio, Ulrico - 1847,2a.série,n.1,p.5.
- Zurbarán, André - (1850) s.d.,s.n.,p.44.

FONTES PRIMARIAS

1. Publicações diversas

ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. Rio de Janeiro: Tip. de G. Lauzinger, 1893.

ALENCAR, Leonel Martiniano de. A sonâmbula de Ipojuca. Rio de Janeiro: Tipografia do Correio Mercantil, 1861.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique de. "Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro pelo Paraguai, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina em 1846". Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1900, tomo 19, pp.434-447.

CASTELO, José Aderaldo (sel., apres. e notas). Textos que interessam à história do romantismo. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1960, v.1; 1963, v.2; 1964, v.3 (Coleção Textos e Documentos).

----- O movimento academicista no Brasil. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1974, v.3, tomo I (Coleção Textos e Documentos).

CESAR, Guilhermino (sel. e apres.). Historiadores e críticos do romantismo. Rio de Janeiro: LTC / Edusp, 1978 (Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira).

COUTINHO, Afrânio. Caminhos do pensamento crítico, Rio de Janeiro: Pallas S.A., 1980, 2.v.

MACHADO de OLIVEIRA. "Memória sobre o descobrimento do Brasil". Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1896, tomo 18, pp.292-302.

MARTIUS, C.F.P.von. O estado de direito entre os autóctones do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982 (Coleção Reconquista do Brasil, nova série, v.58).

MONTE ALVERNE, Fr. Francisco de. Trabalhos oratórios e literários de... Coligidos por Raimundo Camara Bittencourt. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1863.

POPE, Alexander. Ensaio sobre a crítica. trad. do Conde de Aguiar. Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1810.

----. Ensaio sobre o homem. intr., trad. e notas do Barão de São Lourenço. Dado a luz por uma Sociedade Literária da Grã-

Bretanha. Londres: Tip. de Whittingham, College House, Chiswick, 1819, 3 v..

VALE, Paulo Antonio do. Parnaso Acadêmico Paulistano: coleção de poesias líricas dos poetas da Academia de S.Paulo desde a sua fundação... São Paulo: Correio Paulistano, 1881.

2. Periódicos acadêmicos paulistanos consultados (em ordem alfabética)

Abreviaturas dos acervos mencionados:

BN - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

BMSP - Biblioteca Municipal de São Paulo

BFD-USP - Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

IEB - Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

BIHGSP - Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

O Acadêmico do Sul. Periódico científico, crítico e literário. (1857)

Trazia à primeira página: "*Publica-se duas vezes por mês; subscreve-se a 10\$000 rs. por quinze números - pagos adiantados -. Todo Assinante poderá enviar seus artigos ao Redator Daniel Dias Ribeiro de Almeida, o qual lhes dará publicidade atendendo à antiguidade*". Tipografia Dois de Dezembro de Antonio Louzada Antunes.

Consultei do n.2, de 7 de abril de 1857, ao n.12, de 4 de fevereiro de 1848. Procurada novamente a coleção do periódico não foi localizada. (BFD-USP)

O Acaiaba. Jornal Científico e Literário, redigido por Acadêmicos. (1852-1853)

Publicação mensal. Impresso na Tipografia da Aurora Paulistana, Rua das Sete Casas n.5. Impressor J.J. de Sant'Anna do Espírito Santo. Em 1853 passa a ser impresso na Tipografia Literária, dirigida por J. E. S. Cabral.

n.1, maio, 1852 (BMSP e BN)

n.2 junho, 1852 (BMSP e BN)

n.3, julho, 1852 (BN)

n.4, agosto, 1852 (BMSP)

n.5, setembro, 1852 (BMSP e BN)

n.6, outubro, 1852 (BMSP e BN)

n.1, 2a.serie, abril, 1853 (BN)

n.2, 2a.série, maio, 1853 (BN)

- n.3, 2a.série, junho, 1853 (BN)
- n.4, 2a.série, julho, 1853 (BN)
- n.5, 2a.série, agosto, 1853 (BMSP e BN)

Anais do Ensaio Acadêmico (1862-1863)

Publicação de periodicidade irregular. Impresso na Tipografia Literária, Rua do Imperador n.12. (BN)

- n.1, 15 de outubro, 1862
- s.n., segundo ano, maio e junho, 1863
- n.2, segundo ano, agosto e setembro, 1863

Arquivo Literário. Publicação científica, literária e artística. (1865-1868)

Pretendia-se uma publicação mensal. Impressa na Tipografia Imparcial de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, Rua da Imperatriz 27, e depois na Tipografia do Ipiranga, Rua do Ouvidor n.18. Ver também Arquivo Jurídico e Literário. (BN)

- n.II, agosto, 1865
- n.III, setembro, 1865
- n.IV e V, março e abril, 1866
- n.VI, setembro, 1867

Arquivo Jurídico e Literário. Continuidade do Arquivo Jurídico. Impresso na Tipografia do Ipiranga, ua do Ouvidor n.18. (BN)

- s.n., 2a.série, maio e junho de 1868
- s.n., 2a.série, outubro de 1868

O Arrebol. Jornal Acadêmico. (1849)

Impresso na Tipografia Liberal, Rua das Flores - impressor J. V. Arêas. (BN)

- n.3, julho

Cabrião (1866-1867)

Publicação semanal ilustrada. Litografado nas oficinas de Henrique Schroeder e impresso na Tipografia Imparcial de J. R. de Azevedo Marques. (BMSP)

- n.3, s.d., 1866
- n.28, s.d., 1867
- n.31, 5 de abril, 1867
- n.32, 12 de abril, 1867
- n.34, 26 de maio, 1867
- n.40, 14 de junho, 1867

- n.43, 4 de agosto, 1867
- n.45, 18 de agosto, 1867

O Caleidoscópio. Publicação semanal do Instituto Acadêmico Paulistano. (1860)

Impresso na Tipografia Imparcial de J. R. de Azevedo Marques. (Coleção completa - BMSP)

- n.1, 7 de abril
- n.2, 14 de abril
- n.3, 21 de abril
- n.4, 28 de abril
- n.5, 5 de maio
- n.6, 12 de maio
- n.7, 19 de maio
- n.8, 26 de maio
- n.9, 2 de junho
- n.10, 9 de junho
- n.11, 16 de junho
- n.12, 25 de junho
- n.13, 30 de junho
- n.14, 7 de julho
- n.15, 11 de julho
- n.16, 21 de julho
- n.17, 28 de julho
- n.18, 4 de agosto
- n.19, 11 de agosto
- n.20, 18 de agosto
- n.21, 25 de agosto
- n.22, 1 de setembro
- n.23, 8 de setembro
- n.24, 15 de setembro
- n.25, 22 de setembro

Diabo Coxo. Jornal domingueiro. (1864-1865)

Publicação ilustrada. Impresso na Tipografia e Litografia de Henrique Schroeder. (Coleção completa - BMSP)

- n.1, 17 de setembro, 1864
- n.2, s.d., 1864
- n.3, s.d., 1864
- n.4, s.d., (17 de outubro), 1864
- n.5, s.d., (26 de outubro), 1864
- n.6, s.d., 1864
- n.7, s.d., 1864
- n.8, s.d., 1864
- n.9, s.d., 1864
- n.10, s.d., 1864
- n.11, s.d., 1864
- n.12, 31 de dezembro, 1864
- n.1, 2a. série, 23 de julho, 1865
- n.2, 30 de julho, 1865

- n.3, 6 de agosto, 1865
- n.4, 12 de agosto, 1865
- n.5, 20 de agosto, 1865
- n.6, 27 de agosto, 1865
- n.7, 3 de setembro, 1865
- n.8, 17 de setembro, 1865
- n.9, 24 de setembro, 1865
- n.10, 6 de outubro, 1865
- n.11, 15 de outubro, 1865
- n.12, 31 de dezembro, 1865

Ensaaios Literários. Jornal de uma Associação de acadêmicos. (1847-1850)

Publicação Mensal. Impresso na Tipografia do Governo (Em Palácio). (BN)

- n.1, 1a. série, setembro, 1847
- n.2, 1a. série, outubro, 1847
- n.3, 1a. série, novembro, 1847
- n.1, 2a. série, dezembro, 1847
- n.2, 2a. série, janeiro, 1848
- n.3, 2a. série, fevereiro, 1848
- n.1, 3a. série, março, 1848
- n.2, 3a. série, abril, 1848
- n.3, 3a. série, maio, 1848
- s.n., maio, 1849
- s.n., s.d. (1850)
- n.1, s.d., (1850)
- s.n., s.d. (out.1850)

Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano (1852-1859)

Publicação mensal da Associação do Ateneu Paulistano. Começou sendo impresso na Tipografia Liberal, passando depois à Tipografia Literária, à Dois de Dezembro, à Imparcial e novamente à Liberal. (IEB)

- n.1, 1852 (pp.1-24)
- n.2-3, 1852 (pp.26-80)
- n.4-5-6, 1852, (pp.80-140)
- n.1,2-3, 1853 (pp.1-60)
- n.1-2, 1854 (pp.61-104)
- n.3, 1854 (pp.105-132)
- n.4-5-6, 1854 (133-196)
- n.1, 1855 (pp.197-228)
- n.1-2-3-4, 1856 (pp.229-292)
- n.5-6, 1856 (pp.293-332)
- n.1 a 5, 1857 (pp.333-452)
- n.1 a 5, 1858 (pp.453-552)
- n.1-2, 1859 (pp.553-584)
- n.3-4, 1859 (pp.585-624)
- n.5-6, 1859 (pp.625-656)
- n.1-2, 1860 (pp.657-752)

OBS.: A numeração e a periodicidade mensal desta coleção dá margem para diversos malentendidos, visto ser bastante irregular e apresentar exemplares em conjunto. Para facilitar a localização dos textos citados, a numeração seriada das páginas se revela mais precisa e ágil. Na coleção do IEB, aparece ainda um anexo de diversos discursos pronunciados na sessão fúnebre em memória de Gabriel José Rodrigues dos Santos, em 13 de junho de 1858. Há outra coleção do periódico na BN, com exemplares até 1864, a qual, infelizmente, não pude consultar de modo atento.

Ensaio da Sociedade Brasília. Órgão da sociedade acadêmica - Brasília. (1859)

Era impresso na Tipografia Literária, rua do Imperador n.12. (BN)

n.1, 15 de outubro

Esboços Literários (1859-1860)

n.2, 1860 (IEB)

n.3, 1860 (IEB)

Exercícios Literários do Clube Científico. (1959)

Publicação mensal. Impresso na Tipografia Dois de Dezembro de A.L. Antunes. (BN)

n.1, 1 de julho

n.2, 11 de julho

n.3, 21 de julho

n.4, 1 de agosto

n.5, 11 de agosto

n.6, 21 de agosto

n.7, 1 de setembro

n.8, 11 de setembro

n.9, 21 de setembro

n.10, 1 de outubro

n.11, 11 de outubro

n.12, 21 de outubro

Forum Literário. Redatores: Macedo Soares - Z.A. Zoroastro - Américo Lobo. (1861)

Semanário. Impresso na Tipografia Imparcial.

n.1, 20 de julho (BN)

n.2, 27 de julho (BFD-USP e BN)

n.3, 3 de agosto (BN)

n.4, 3 de agosto (sic) (BN)

- n.5, 17 de agosto (BN)
n.6, 6 de setembro (BN)

Lírio (1860)

Segundo Afonso de Freitas (A imprensa periódica de São Paulo, op.cit., p.153), "Era publicado por séries na Tipografia Literária, à rua do Imperador n.12, e veio a lume pela primeira vez em 28 de junho (5a.feira) de 1860". (BIHGSP)

- n.5, 18 de agosto

Memórias da Associação Culto à Ciência (1859-1861)

Publicação mensal. No primeiro ano foi impresso na Tipografia Literária. Nos anos seguintes passou a ser impresso na Tipografia Imparcial e depois na Tipografia de Henrique Schroeder, Rua Direta n.15. Segundo Afonso de Freitas, após 1863 passou a sair apenas anualmente. (Coleção completa - BN)

- n.1, 10 de maio, 1859
n.2, 31 de maio, 1859
n.3, 30 de julho, 1859
n.4, 31 de agosto, 1859
n.5, 30 de novembro, 1859
n.5 (sic), abril, 1860
n.6, maio, 1860
n.7, junho, 1860
n.8, julho, 1860
n.9, agosto, 1860
n.10, maio, 1861
n.11, junho, 1861
n.12, julho, 1861
n.13, agosto, 1861
n.14, agosto, 1861

Murmúrios Juvenis. Jornal Científico e Literário publicado pela associação Amor à Ciência, estabelecida no Colégio Brasileiro. (1859)

Publicação mensal. O n.1 foi impresso na Tipografia Literária, o n.2 na Tipografia Dois de Dezembro de A.L.Antunes e o n.3 na Tipografia Imparcial. Ver também Trabalhos Literários Associação Amor à Ciência

- n.1, 31 de agosto, 1859 (BMSF e BN)
n.2, setembro, 1859 (BMSF)
n.3, maio, 1860 (BMSF e BN)

Palestra Acadêmica. Revista científica e literária.
*Publicação mensal sob a direção de Candido Leitão,
 Didimo da Veiga e L. de Carvalho estudantes do 3.º
 ano da Faculdade de Direito de S. Paulo. (1866)*

Impresso na Tipografia Imparcial de J.R. de Azevedo
 Marques, Rua da Imperatriz, n.27.

- n.1, 1.º trimestre (BN)
- n.2, junho, 1.º trimestre (BN)
- n.3, julho, 1.º trimestre (BN)

Revista da Academia (1859)

Publicação Bimensal. Impresso na Tipografia Dois de
 Dezembro de Lousada Antunes, Rua das Flores n. 35. (Coleção
 completa - IEB)

- n.1, abril
- n.2, abril
- n.3, maio
- n.4, maio

OBS: Tanto Afonso de Freitas quanto Aderaldo de Castelo
 denominam este periódico como Revista da Academia de S.
 Paulo. No entanto, o título estampado em sua capa é apenas
Revista da Academia.

Revista da Associação Recreio Instrutivo (1861 - 1863)

Publicação Mensal da Associação Acadêmica "Recreio
 Instrutivo. Impressa na Tipografia Literária, Rua do
 Imperador n.12.

- n.1, julho, 1861 (BMSP e BN)
- n.2, agosto, 1861 (BMSP e BN)
- n.3, setembro, 1861 (BMSP e BN)
- n.4, maio, 1862 (BMSP e BN)
- n.5, junho, 1862 (BMSP e BN)
- n.6, junho, 1862 (BMSP e BN)
- n.7, agosto, 1862 (BMSP e BN)
- n.8, maio, 1863 (BMSP)
- n.9, junho, 1863 (BMSP e BN)

Revista da Associação Tributo às Letras (1863-1866)

Publicação de periodicidade Irregular. Inicialmente
 impresso na Tipografia Literária, passa, a partir do n.5, a
 imprimir-se na Tipografia Imparcial de J.R. de Azevedo
 Marques. (BN)

- n.2, outubro, 1863
- n.3, 1 de maio, 1864
- n.4, junho, 1864

- n.5, abril, 1865
- n.6, outubro, 1865
- n.7, junho, 1866
- n.8, julho, 1866

Revista Dramática (1860)

Publicação Semanal. Impressa na Tipografia Literária,
Rua do Imperador n.12. (Coleção completa - BMSP)

- n.1, 6 de maio
- n.2, 13 de maio
- n.3, 20 de maio
- n.4, 27 de maio
- n.5, 3 de junho
- n.6, 10 de junho
- n.7, 17 de junho
- n.8, 24 de junho
- n.9, 1 de julho
- n.10, 8 de julho
- n.11, 15 de julho
- n.12, 22 de julho
- n.13, 5 de agosto
- n.14, 12 de agosto
- n.15, 19 de agosto
- n.16, 26 de agosto
- n.17, 2 de setembro
- n.18, 9 de setembro
- n.19, 16 de setembro
- n.20, 23 de setembro
- n.21, 7 de outubro
- n.22, 14 de outubro

Revista Literária. Jornal do Ensaio Filosófico
Paulistano (1851 - 1852)

Publicação mensal da Associação do Ensaio Filosófico
Paulistano. Impresso na Tipografia Liberal de J.R. de A.
Marques, Largo da Sé n.3. Ver também Revista Mensal do
Ensaio Filosófico Paulistano.

- n.1, 30 de Junho, 1851 (BN)
- n.2, 21 de junho, 1851 (BN)
- n.3, 23 de agosto, 1851 (BN)
- n.4, 20 de setembro, 1851 (BN)
- n.5, 12 de outubro, 1851 (IEB)
- n.6, 30 de abril, 1852 (IEB)

Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano (1852 -
1864). Continuidade da Revista Literária. Jornal do
Ensaio Filosófico Paulistano. Impresso na Tipografia
Liberal, depois Tipografia Imparcial de Marques e Irmão. De

1859 em diante, ora e impresso na Tipografia Impacial, ora na Tipografia Literária.

- n.1, 2a.série, 30 de maio, 1852 (IEB)
- n.2, 2a.série, 30 de junho, 1852 (IEB)
- n.3, 2a.série, 31 de julho, 1852 (IEB)
- n.4, 2a.série, 31 de agosto, 1852 (IEB)
- n.5, 2a.série, 20 de setembro, 1852 (IEB)
- n.6, 2a.série, 20 de outubro, 1852 (IEB)
- n.1, 3a.série, 30 de maio (sábado), 1853 (IEB)
- n.2, 3a.série, 30 de maio (terça-feira), 1853 (IEB)
- n.3, 3a.série, 30 de junho, 1853 (IEB)
- n.4, 3a.série, 30 de julho, 1853 (IEB)
- n.1, 4a.série, 30 de abril, 1854 (IEB)
- n.2, 4a.série, 31 de maio, 1854 (BN)
- n.4,5 e 6, 4a.série, 15 de outubro, 1854 (BN)
- n.1, 5a.série, 31 de abril, 1855 (IEB)
- n.2, 5a.série, 30 de maio, 1855 (IEB)
- n.3, 5a.série, 30 de junho, 1855 (IEB)
- n.4, 5a.série, 31 de julho, 1855 (IEB)
- n.5, 5a.série, 30 de agosto, 1855 (IEB)
- n.6, 5a.série, 30 de setembro, 1855 (IEB)
- n.1 e 2, 6a.série, 31 de abril, 1856 (IEB)
- n.3, 6a.série, 30 de junho, 1856 (IEB)
- n.4, 6a.série, 31 de julho, 1856 (IEB)
- n.1, 7a.série, 30 de junho, 1857 (IEB)
- n.2, 7a.série, 30 de junho (sic), 1857 (IEB)
- n.2, e n.3, 8a.série, maio e junho, 1858 (IEB)
- n.3, 8a.série, julho, 1858 (IEB)
- n.4, 8a.série, agosto, 1858 (IEB)
- n.5, 8a.série, setembro, 1858 (IEB)
- n.1, 9a.série, abril, 1859 (BN)
- n.2, 9a.série, maio, 1859 (IEB)
- n.3, 9a.série, junho, 1859 (IEB)
- n.4, 9a.série, julho, 1859 (IEB)
- n.5, 9a.série, agosto, 1859 (IEB)
- n.6, 9a.série, setembro, 1859 (IEB)
- n.1, 10a.série, abril, 1860 (IEB)
- n.2, 10a.série, maio, 1860 (IEB)
- n.3, 10a.série, junho, 1860 (IEB)
- n.4, 10a.série, julho, 1860 (IEB)
- n.5 e 6 10a.série, agosto e setembro, 1860 (IEB)
- (Obs:A capa apresenta os dois números, mas no interior só é indicado o n.5, de agosto)
- n.1, 11a.série, maio, 1861 (IEB)
- n.2, 11a.série, maio (sic), 1862 (IEB)
- n.3, 11a.série, junho, 1861 (IEB)
- n.4, 11a.série, julho, 1861 (IEB)
- n.5, 11a.série, agosto, 1861 (IEB)
- n.6, 11a.série, setembro, 1861 (IEB)
- n.1, 12a.série, abril, 1862 (IEB)
- n.2, 13a.série (sic), maio, 1862 (IEB)
- n.3, 12a.série, junho, 1862 (IEB)
- n.4, 12a.série, julho, 1862 (IEB)

- n.5, 12a.série, agosto, 1862 (BN)
- n.1 e 2, 13a.série, abril e maio, 1863 (BN)
- n.3, 13a.série, junho, 1863, (BN)
- n.1, 14a.série, maio, 1864 (BN)
- n.2, 14a.série, junho, 1864 (BN)
- n.3, 14a.série, julho, 1864 (BN)

Revista Mensal do Instituto Científico (1862-1866)

Publicação mensal. Impressa na Tipografia Literária, Rua do Imperador n.12 (BN).

- n.1, 1a.série, agosto, 1862
- n.2, 1a.série, setembro, 1862
- n.3, 1a.série, outubro, 1862
- n.4, 1a.série, abril, 1863
- n.5, 1a.série, maio, 1863
- n.6, 1a.série, junho, 1863
- n.7, 1a.série, julho, 1863
- n.1, 2a.série, agosto, 1863
- n.2, 2a.série, setembro, 1863
- n.3, 2a.série, outubro, 1863
- n.5, 2a.série, junho, 1864
- n.1, 3a.série, agosto, 1864
- n.2, 3a.série, maio, 1865
- n.3, 3a.série, junho, 1865
- n.4, 4a.série, junho, 1866

Revista Paulistana. Jornal Científico, Literário e Noticioso (1857)

Publicação bimensal. Impressa na Tipografia do Ouvidor, Canto de S.Bento. (BFD-USP)

- n.1, 24 de janeiro
- n.2, 7 de março
- n.3, 25 de março
- n.4, 17 de abril
- n.5, 30 de abril
- n.6, 16 de maio
- n.7, 30 de maio
- n.9, 16 de julho

Revista da Sociedade Literária (1833)

Publicação mensal. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve S.A., 1977. Apresentação de José E. Mindlin. Prefácio de Antonio Soares Amora. (Coleção completa - IEB - BMSP)

- n.1, junho
- n.2, julho
- n.3, agosto
- n.4, setembro

n.5, outubro
n.6, dezembro

Trabalhos Literarios da Associação Amor à Ciência.
Orgão da Associação "Amor à Ciência". (1860)
Continuidade dos Murmúrios Juvenis. Publicação mensal.
Impresso na Tipografia Imparcial. (BMSP)

n.4, junho, 1860
n.5, julho, 1860

A Violeta. Dames et Fleurs. (1848)
Publicação semanal. Impresso na Tipografia da Viúva Sobral - impressor Luiz Antonio Corrêr (sic). Afonso de Freitas (A imprensa periódica em São Paulo, op.cit., pp.92-95), que teve em mãos a coleção completa, afirma que o primeiro número saiu em agosto de 1848 e o último (n.12), em 23 de outubro do mesmo ano.

n.2, 14 de agosto (BN)
n.3, 21 de agosto (BN)
n.6, 10 de setembro (BIHGSP)

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ADORNO, Sérgio. Os aprendizes do poder. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988.
- ALMEIDA NOGUEIRA, José Luis de. A Academia de São Paulo tradições e reminiscências. São Paulo: Saraiva, 1977, 5 v.
- AMORA, Antônio Soares. História da literatura brasileira: séculos XVI-XX. São Paulo: Saraiva, 1955.
- ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. "José de Alencar, perfil literário". In: Obras críticas de... comp. de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: MEC, 1958, v.1.
- AZEVEDO, Alvares de. Obras completas de... org. pref. e notas de Homero Pires. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1942, 2.v.
- AZEVEDO, Alvares de. Macário, Noite na taverna e Poemas malditos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- BAHIA, Juarez. Jornal, história e técnica. Rio de Janeiro: ministério da educação e Cultura, 1964.
- BARBOZA, Onédia C. Byron no Brasil - Traduções. São Paulo: Atica, 1974 (Coleção Ensaios n.12)
- BLAKE, Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902, 8v.
- BOESCH, Bruno. História da literatura alemã. São Paulo: Editora Herder/Edusp, 1967.
- BREHIER, Emile. História da filosofia. São Paulo: Mestre Jou, 1977, tomo II (Fasc.3).
- BRODA, Brito. Românticos, pré-românticos e ultra-românticos. Prefácio de Alexandre Eulálio. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1979. (Estética 1)
- CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira. São Paulo: Martins, 1964, 2v.
----- A educação pela noite. São Paulo: Atica, 1987.
- CASTELO BRANCO, Camilo. Dispersos de Camilo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928, v.4.

CASTELO, José Aderaldo. Literatura brasileira. Manifestações literárias da era colonial. São Paulo: Cultrix, 1960.

CAVALCANTI PROENÇA, M. José de Alencar na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966 (Temas, problemas e debates n.5).

COUSIN, Victor. Oeuvres de... Bruxelas: Societé Belge de Libraire, 1840-1841-1845, 4 v.

COUTINHO, Afrânio. A tradição afortunada. São Paulo: José Olímpio e Edusp, 1968.

----- (org.) A literatura no Brasil. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora e Universidade Federal Fluminense, 1986, v.4.

DELTA Larousse. Enciclopédia. Editoria Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1977, 15 v..

DE MARCO, Valéria. O império da cortesã: Luciola, um perfil de Alencar. São Paulo: Martins Fontes, 1986 (Coleção Leituras).

DUARTE, Paulo. História da imprensa em São Paulo. São Paulo: USP, Escola de Comunicação e Artes, 1972.

EULALID, Alexandre. Alexandre Eulálio. Escritos. Campinas: Unicamp/Unesp, 1992.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. Astarte e o espiral: um confronto entre Alvares de Azevedo e Alfred de Musset. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1973.

FERREIRA de REZENDE, Francisco de Paula. Minhas recordações. Belo Horizonte: Editora Itatiaia e EDUSP, 1988.

FREITAS, Afonso de. A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914. São Paulo: Imprensa do "Diário Oficial", 1915.

FREITAS NOBRE, José. História da imprensa em São Paulo. São Paulo: Edições Leia, 1950.

GIRAUD, Jean. L'école romantique française. Paris: Librairie Armand Colin, 1931.

GOLVEA, José Fery de. "Revista da Sociedade Filomática" e "Niterói, revista brasiliense". São Paulo: USP, 1980 (dissertação de mestrado).

GUIMARAES, Bernardo. Poesias Completas. Org. intr. cron. e notas de Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura - Instituto Nacional do Livro, 1959.

GUIMARAES, Manoel Luis Salgado. "Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional". Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.1, 1988, pp.5-27.

HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. São Paulo: Edusp, 1985 (Col. Coroa Vermelha, Estudos Brasileiros n.6).

HUGO, Victor. William Shakespeare. Rio de Janeiro: Panamericana, 1944.

LAMENNAIS, Félicité Robert de. Le livre du peuple / Du passé et de l'avenir du peuple. Precedido de estudo sobre Lamennais de Ernest Renan. Paris: L. Lévy, s.d.

LOPES, Hélio. A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas "Minerva Brasiliense" (1843-1845) e "Guanabara" (1849-1856). São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia e Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978 (Coleção Ensaio n.88).

MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1978, v.2.

----- História da inteligência brasileira. São Paulo: Edusp e Cultrix, 1977, v.3.

MASP. A tipografia no Brasil. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 1979.

MEDEIROS, Fernando Saboia de. Antero de Quental. Rio de Janeiro: Editora S.A.A. Norte, 1938.

MELO, Luis Correia de. Dicionário de autores paulistas. São Paulo: Comissão do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

OLIVEIRA, João Gualberto de. Nascimento da imprensa paulista. São Paulo (sem ref. editorial), 1978.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. Presença da literatura francesa na "Revista da Sociedade Filomática". São Paulo: USP, 1983 (dissertação de mestrado).

PIRES de ALMEIDA. A escola byroniana no Brasil. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962.

POPE, Alexander. "On Essay on criticism". In: Alexander Pope. A selection by Douglas Grant. London, The Penguin Poets, 1950.

PRAZ, Mario. La chair, la mort et le diable dans la littérature du 19e. siècle: le romantisme noir. Trad. Constance Thompson Pasquali. Paris: Editions Denoel, 1977.

RIZZINI, Carlos. O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822. Rio de Janeiro: Kosmos, 1946.

ROMERO, Sílvio. História da literatura brasileira. 2.ed. melh. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903, v.2.

SENA, Jorge de. A literatura inglesa. São Paulo, Cultrix, s.d.

SILVA, José Bonifácio de Andrada e (o moço). Poesias de... (org) SCALZO, Lino, BOSI, Alfredo. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962.

SILVA DIAS, Maria Odila da. O fardo do homem branco, Southey, historiador do Brasil. Pref. de Sergio Buarque de Holanda. São Paulo: Nacional, 1974.

SOUZA, João Cardoso de Menezes. Prosa e poesia seletas. Com estudo introdutório de Quintino Bocaiuva. Edição sem as primeiras páginas, consultada na Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

TOLEDO, Lafayette de. Imprensa paulista. Memória histórica da "Revista do Instituto Histórico de São Paulo", 1827-1896. São Paulo: Instituto Histórico de São Paulo, s.d.

VAMPRE, Spencer. Memórias para a história da Academia de São Paulo. São Paulo: Saraiva, 1924, 2.v.

VENANCIO FILHO, Alberto. Das arcadas ao bacharelismo. São Paulo: Editora Perspectiva e Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia (1977) (Coleção Estudos n.57).

VIANNA, Hélio. Contribuição à história da imprensa brasileira: 1812-1869. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945 (Coleção B1, v.4).

VIANA FILHO, Luis. A vida de José de Alencar. Rio e Janeiro: José Olímpio, 1979 (Coleção Documentos Brasileiros v.187).

WERNECK SODRE, Nelson. A história da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

ENCARTE FAC-SIMILAR DE TEXTOS SELECCIONADOS
DOS ENSAIOS LITERARIOS

FLOR SEM PERFUME.

O craneo é liso—a face escaveirada
 E o corpo no seu leito apodreceu. . .
 Oh quem lhe falla agora dos amores.
 Da vida que bebeu ! ?

Ai sobre o rosto onde se nutre o verme,
 Nem siquer podres carnes lhe ficarão. . .
 Seus sonhos ? . . —erão nevoas de sua alma,
 —Dos annos que passarão.

No cêvo ardente das insomnias loucas
 O peito resicou—sentiu que a vida
 Era curta demais, quiz perfumal-a
 Branca rosa cahida !

Acerca-to coveiro—ergue essa lousa,
 Onde um cirio funereo entorna a luz;
 Um canto de ironia aqui soltemos—
 —Aqui juntos da cruz !

Não ves ?—aquelles olhos se encovárão
 Aos sóes ferventes do bailado insano;
 Sultana do prazer e escrava d'elle—
 Foi-lhe o mundo um tyranno !

II.

Repoisa agora, ó filha da miseria.
 Prostituta de um dia,
 Sombra errante do ceu, sorrir de um anjo,
 Que os anjos resumia !

Entre as pedras de humilde cemiterio
 O verme te esposou,
 —E o negro renque do cyprestes feio
 A cova te assombrou.

Nas frisas do arcial—não longe as vagas
 Vem morrer soluçando,
 E ave agoureira de plumagem fusca
 Esvoaça grasnando:

No fundo a ermida por bem mortas horas
 Desata o seu lamento,
 Como a prece do nauta no oceano
 Sobre as azas do vento.

III.

Bebamos! — cahe a noite sobre a terra,
 Suspira a brisa, o passaro estremece,
 No mar estampa a lua a face argentea
 E prantear parece.

Bebamos! —nem um canto de saudade!
 Morrem na embriaguez da vida as dores;
 Qu'importão sonhos, illusões desfeitas?
 Fencem como as flores! . . .

Immovel como a lagea do seu tumulo
 —Eil-a dormida agora em terra dura. . . —
 Pebre! —surriu no mundo e tudo foi-se
 Ao pé da sepultura!

No fundo de meu peito ergui-lhe um throno,
 Do coração perfumes lhe votei,
 Formei-lhe um mundo á sombra de meus sonhos
 —Alma e vida lhe dei. . .

Requeima o sol o lyrio da campina,
 Da procella o tufão esfolha a roza,
 Em lindo céo tremendo a estrella morre,
 Que importa? era formosa—

Loucos! loucos! vagai por esse mundo,
 Que eu nessa lousa vou dormir contente:
 No peito a imagem sua, a taça ao lado,
 Sonhando eternamente.

IV.

Da noite na friez co'a taça o bardo
 Salpicon d'ironia os prantos d'alma;
 Do vinho a espuma pelos murchos labios
 A dor lhe adormeceu—e a quente lagrima
 Soltada apenas no sonhar dos ébrios
 Era um riso d'amor mandado aos mares
 —Da lua aos beijos—nas hervagens fofas. . .
 Ninguem mais o avistou:—rotas do peito
 As fibras todas, de affeições vasio,
 Como funebro larva entre sepulcros,
 Delirante vagava em chão de mortos:
 —E de Baccho no altar, erguendo cantos,
 Em lobrego jazigo entre alguns ossos
 De olhar parado—a palpebra selvagem
 Frouxamente cerrava.

O ESTRO.

E' astro de fogo suspenso nas nuvens,
Luzido a ufanar-se no campo dos ceus.
—E ao trom da procella caminha tremente,
Qual barco nutante por sobre escaeruus.

As vezes sombrio nas abas longinquas
Do azul firmamento descança no mar;
As vezes pairando risonho e singelo
No cimo dos montes se vai assentar.

Scentelhas da crina—fogoso corcel
As ondas doiradas derrama do sol
—E as cores trocando nos lagos ethereos
Pratêa das tumbas o niveo lençol.

Mysterio sublime—do bojo despeja
Nas trevas da noite um arroio de brilho;
Seguir nunca podem as vistas do homem
Seu rastro infinito, seu lucido trilho.

Espirito ou genio—quem és? donde vens?
Tua patria—onde está? teu berço—ondo é?
Por entre destreços, por entro ruinas
Gigante, que fazes? tu velas de pé

Sem rabidas grevas p'ra o mundo calcareaes
Os thronos desfazes ao som do trovão;
Arcanos, que encerras, de fundo sentir,
Quem pôde dizel-os? sómento o volcão,

Pregão da memoria na terra invisivel
Desvendas futuros na voz de propheta;
Não temes as iras da turba descrida,
Por crente na terra só tens o poeta.

E ovante e suberbo descantas na lyra—
Archanjo dos sec'los—um hymno á virtude
—Granitica estatua na lousa dos tempos,
O globo illuminaes com teu alaude.

Andrada e Silva.

"Reflexões sobre a poesia brasileira"

Bernardo da Silva Guimarães



REFLEXÕES

Sobre a Poesia Brasileira.

Leix: geraes sobre a historia philosophica do desenvolvimento da poesia na Europa. — A litteratura Brasileira recorre-se do espirito Portuguez, e mais tarde do Francez. — Qual foi a influencia que veio exercer o Sr. Magalhães na poesia Brasileira O golpe de morte dado no espirito de nossa nacionalidade poetica que deveria desenvolver-se com a reforma politica do Brasil é devido aos Suspiros Poeticos. — Breves considerações sobre as ultimas poesias de nossa epoca. — Sua nova tendencia e futuro.

A poesia é um dos mais preciosos dons, que a Divindade deixou cahir sobre a terra, para compensar os males desta existencia phenomenal, e precaria; as magas illusões da imaginação transportando para este mundo as delicias do Eden, são como um véo que encobre até certo ponto, quanto tem de mesquinha e de amarga a condição do homem. Mas ella não é só um méro passatempo, um refugio onde vão as almas sensiveis por-se ao abrigo dos dissabores, e esquecer-se por um momento do mundo real perdidas, nos devaneios de uma imaginação caprichosa; não, compete-lhe tambem uma alta importancia social, pois que tem representado um grande papel no desenvolvimento da humanidade. As mais altas maximas sociaes, os principios mais fecundos em grandes resultados foram muitas vezes propagados por sua doce voz; por meio d'ella popularisaram-se crenças e principios civilisadores: seus accentos fallando a fantazia e ao coração são mais bem comprehendidos pelo povo, do que a voz grave, e austera da philosophia; foram seus cantos melancolicos que embalarão no berço a sociedade nascente, ella, e não a philosophia, ensinou, e divulgou os dogmas da religião, apertou os laços da sociabilidade e despojou o homem primitivo de seus habitos ferozes, substituindo costumes mais doces e humanos.

Nã infancia das nações tudo é poesia, porque tudo é sentimento, e imaginação, ella abrange artes, sciencias, crenças, e costumes, imprimindo em tudo suas formas e seu caracter; não existe só nos cantos dos bardos, mas reproduz-se em todos os actos em todas as idéas do povo — É a poesia em acção. — Mas assim como a reflexão succede á imaginação, a poesia cede o lugar á philosophia; a arte do calculo e da abstracção desseca o sentimento, e apaga a imaginação; ao toque do sceptro severo da razão esvae-se o bello edificio erigido pela ingenua credulidade dos povos primitivos. Mas tal é o prestigio d'essas ficções e millos da quadra infantil da humanidade que são conservados e transmitidos de geração em geração não ja como crenças, mas ricas louçanias, cujos adornos aproveitados pela philosophia illuminam a verdade, e a poesia subsiste; não é mais esse sentimento popular e característico da epocha, é um sonho engenhoso, uma grata reminiscencia, uma saudade das primeiras eras, um echo do passado, que atravessando os seculos vem repercutir nas liras dos Poetas. Nos primeiros seculos o genio para gerar sublimes produções, bastava compenetrar-se do espirito da epocha e deixar-se guiar pelo seu impulso, mas hoje é mister esforço, é mister despojar-se do caracter do positivismo, e indifferença do seu seculo, e recolhendo-se no sanctuario do passado procurar ali as inspirações, que o presente lhe não pode offerecer. Assim os maiores poetas do christianismo Byron, Chateaubriand, e Lamartine, subtrahindo-se ao rumor do mundo civilisado foram beber em plagas longiquas essas inspirações divinas que o genio da media idade tinha enterrado no theatro do mundo, foram por

curar n'esse seculo da poesia christãa os movimentos da linguagem antiga! Entre as nações jovens os poetas são os representantes do genio nacional, seus cantos são a expressão da indole e das crenças populares, nelles legam á posteridade o retracto moral de sua epocha; mas quando as nações envelhecem, a fé e o enthusiasmo se esvaece e ao lado do desenvolvimento intellectual apparece a corrupção moral e o scepticismo, e os homens que amam apaixonadamente o bello e o sublime não o podendo encontrar no circulo em que vivem, vêem-se forçados a transpôr o espaço e o tempo para buscar alimento para sua alma, e emoções para seu coração ou nas ruínas do passado, ou nos remotos climas, aonde a civilisação não tem esgotado as fontes da inspiração, tornão-se então entes de uma outra esphera isolados do mundo real; á poesia popular e positiva succede a ideal e transcendente.

O Brasil está na quadra em que a poesia é a propriedade do povo, e manifesta-se por si mesmo; e de mais muitas outras circumstancias concorrem para tornal-o um povo eminentemente poetico: A doce temperatura do clima, a profusão de bellezas naturaes de que o colmou a natureza, a fertilidade e abundancia que fornecendo ao Brasileiro os meios de uma subsistencia facil deixa-lhe ocio bastante para entregar-se ás delicias da contemplação, e aos delirios do fantaziar, um passado cheio de recordações grandiosas e bellas tradições, tudo deveria dar ao espirito nacional uma direcção toda poetica; e em verdade assim é; o Brasileiro pessue em grau eminente todas as faculdades poeticas; é dotado de uma imaginação fogosa e brilhante e de uma sensibilidade profunda e concentrada que revestindo-o de uma certa indolencia exterior o aproxima do caracter oriental. Collocado sob um céu onde a mão de Deos se revella com tanta força e magestade, recebendo as inspirações, que o sol ardente dos tropicos entorna sobre sua fronte, participando das luzes da civilisação Europea, reúne ao enthusiasmo e sentimentabilidade dos povos infantis o espirito illustrado e apurado do gosto da erudição moderna. A imaginação é seu dominio, porque muito preocupado com o bello, olvida o verdadeiro; eis porque entre tantas produções litterarias que entre nós tem apparecido tão raras são as scientificas. O amigo da literatura Brasileira o Sr. Ferdinand Deniz, que tão attentamente estudou a indole e tendencias do nosso espirito pensou conosco, e não hesitou augurar os mais felizes successos para nossa poesia — nós sobre cujo terreno a mão avida do estrangeiro extrahindo o ouro deixou cahir as sementes de sua civilisação cansada, nós iremos um dia nas ruínas da Europa receber inspirações do passado, como hoje o Europeo refugiando-se nas selvas virgens da America ou nos destroços do velho mundo procura movimento para o coração e arpejos para a lira; — tanto a civilisação seca o sentimento!

Mas devemos nós procurar o transsumpto do genio nacional nos cantos de nossos vates? não de certo: o espirito brasileiro ainda não achou um interprete, um representante d'esse sentimento infantil dos povos; o jugo da imitação tem esterelizado as inspirações do coração e com seu sopro infesto crestado as azas do genio; mas isto é um resultado natural de nossa posição; porque a infancia, logo que tem um modello diante dos olhos o copia fielmente. Collonia europea o Brasil inda no berço tinha de nutrir-se com as idéas da mãe-patria, porque era necessario um mestre, que dirigisse seus primeiros passos ainda vacillantes, e o collocasse no caminho do progresso; mas depois cumpria-lhe emancipar sua intelligencia, seguir a direcção, que a natureza lhe indica e guiar-se por suas proprias inspirações. Renegou do genio das inspirações nacionaes, e deixou a imaginação emballada pelos canticos dos portuguezes extravaiar-se no politeismo que fraco, e bem fraco atravessando o immenso oceano, que separava o poeta da crença veio estremecer nas cordas de sua harpa! De longe, em longe lá apparece um canto onde á furto revelava-se a musa brasileira nas canções amorosas de Gonzaga, no Uruguay de Basilio da Gama, e no Caramurú de Santa Rita Durão! Fraco era esse sopro de vida para uma reforma! Seria por estar escravizado pela metropole, que elle se ressentia do seu caracter? não; o Brasil proclamando sua independencia politica, deixou inda sua intelligencia sugrita ao jugo da imitação, e nossa litteratura é ainda um echo enfraquecido, um frouxo reflexo da civilisação do velho mundo. A grande reforma social, que mudou a face politica da Europa tinha acarretado tambem uma revolução litteraria. Um novo representante tinha quebrado as cadeias, com que a velha escola lhe pèava os vãos, e a par da independencia politica

proclamára a liberdade poética! Mirabaou, de nobre linhagem levantava-se entre as massas para sustentar os principios liberais no oriente da revolução. Lord Byron no seu occaso formava uma nova poesia emancipando-a da auctoridade dos seculos, frenética, insipia e ao mesmo tempo religiosa! O Brasil conservou-se por algum tempo estranho á essa revolução, até que nossas relações commerciaes com a Europa, e particularmente com a França, que se tornára o centro da nova eschola importárão esse gosto para nossas plagas, e essa transição acanhou mais do que fizera a imitação portugueza a litteratura nacional: apagando inteiramente alguns vislumbres de originalidade, que por ventura existião, tem esse gosto como uma planta exotica jámais se aclimatará em nosso paiz, e só produzirá mirrados fructos. Se a poesia é uma arte imitativa, e é seu modelo a natureza, porque despresaremos nosso esplendido e sublime original para trasladar cópias de outro, que nos é extranho? assim de cópia em cópia, como tem acontecido, hão-de perder-se e alterar inevitavelmente as feições do original. O presente sahe das entranhas do passado — a civilisação européa é o resultado de todas as phasas, que soffreo e d'esse immenso passado, que tem percorrido; mas esse não nos pertence a nós, cuja existencia data de uma época tão recente; e como queremos revestiros das fórmulas d'esse mundo decrépito e cançado, nós que formamos uma sociedade joven e vigorosa plantada n'um sollo, que parece ter sahido a pouco das mãos do creador? Esses cantos escallados no ruido de contínuas revoluções, produzidas pelo choque de mil idéas e interesses diversos n'um mundo onde a população supperabundante estava em contínua fermentação, como serão comprehendidos pelos tranquillos habitantes destas plagas ermas? A civilisação européa tendo murchado até a ultima flor da poesia popular, a sciencia, desenvolvendo a intelligencia, esfriado a imaginação, e aniquillado sentimento, não encontrando mais sobre a terra as doces illusões, que o emballassem poeta da civilisação o européo creou um mundo novo ideal e mystico abandonou a terra cujas pinturas estávão esgotadas, e refugiando-se sobra do christianismo recebeu as inspirações, que descião da cruz! mas como reprodizil-as? A religião, é uma nova fonte de poesia e verdade, mas onde estava a forma para trajal-a? A sciencia tinha esterilizado tudo; roupas aerias, coloridos vaporosos uma methaphysica subtil, privilegio de algumas organisações arrancou á poesia o seu principal caracter — a expressão do sentimento popular! E o povo noscenh deve estrear sua carreira copiando as inspirações da civilisação cançada? não; a poesia existe entre nós; não é mister baseal-a no mundo das idealidades. Entretanto indifferentes ás inspirações de nosso Céu formoso e radiante, as lembranças d'este sollo rico de tradições e saudosas reminiscencias d'estas tribus mais feroces, que as dos vandalos, desdenhando as scenas magestosas, que a natureza opulenta desenhou n'estas plagas vamos embillar-nos na accentos d'essa harmonia vaga e mal ouvida, que vinda d'um mundo extranho echôa de figurada em nossas margens.

A poesia franceza sympathisa ainda menos com o nosso caracter do que o gosto portuguez que antes nos dominava; introduzida pelo Sr. Magalhães enraizou-se profundamente entre nós e os primeiros ensaios de originalidade que parecião ir preparando uma época brilhante para a poesia nacional soffrerão um golpe mortal com a apparição dos *Suspiros e Saudades poeticas*.

S. G.
(Continúa).

**REFLEXÕES**

Sobre a Poesia Brasileira.

(Continuado do N.º antecedente.)

Para que os canticos do Sr. Magalhães fossem um verdadeiro monumento de litteratura patria, era preciso que re-

presentassem a indole e o character nacional, que sua musa peregrina depois de conversar com o enthusiasmo freuetico de Byron, e as harmonias religiosas de Lamartine, não se esquecesse de pousada á sombra de nossos coqueiros inspirar-se de toda esta nossa natureza: na lyra do Bardo ou no alaude do Trovador, exalçar as reminiscencias desse passado heroico, brilhante, e cavalheiroso, dessas cruzadas de civilização Gothica com a barbaria Americana.

Nem de leve nos perpassa pela mente o minimo desejo de desbotar a gloria tão bem adquirida do Sr. Magalhães; sua reputação solidamente firmada entre nós nos seus *Suspiros Poeticos* é superior á nossa critica; mas não podemos deixar de lamentar a funesta influencia que exerceu sobre nossa poesia; desprezando as pictorescas e grandiosas scenas do nosso paiz, de nossas bellas tradições que ahí jazem ainda em silencio á espera de um cantor digno dellas para arrancal-as ao olvido, foi — tão longe da patria — buscar inspirações para sua alma, e accentos para sua lyra; e essas inspirações prestou-lh'as o theatro do velho mundo, e esses accentos elle bebeo-os nas harpas dos poetas romanticos, e tornou-se assim quanto ao fundo e quanto á forma interprete e imitador dos mesmos; em lugar de empregar o genio que lhe coube em sorte para estrear entre nós uma carreira inteiramente nacional, nada mais fez que furtar-nos ao jugo do classismo portuguez para nos impor outro mais pezado: a tão enco-miada epoca que abriu para nossa poesia é caracterizada por uma admiração cega e fanatica pelos poetas da escola romantica, que nos lançou em tão baixo servilismo destruindo todas as esperanças que por ventura poderíamos conceber de tão cedo aparecer alguma litteratura a qual pudesse chamar —nossa—.

Ainda nos dariamos por felizes se todos soubessem imitar brilhantemente como o Sr. Magalhães sacodindo como elle a poeira das escholas. Seu genio o tinha feito para ser original; mas escuitando tão de perto os accentos da poesia moderna, com os ouvidos peijados dessa harmonia melancolica e suave exhalada da alma religiosa de Lamartine, seu modelo favorito, não poude esquivar-se ao impulso que se communicava ao seu espirito; porem a travez da imitação res-sumbra nas suas poesias alguma coisa que lhe é proprio, e o distingue do seu modello.

Imitando os poetas do christianismo o Sr. Magalhães comtudo não levou a imitação a ponto de copiar; um des-alinho nobre, um tom singelo e magestoso, um calor sempre sustentado, mais unção e sentimentalismo do que luxo de imaginação, lingoagem facil e rica, metrificacão harmoniosa e desaffectedada forma a base do character de suas producções, isenta da melodia requintada dos Elmanistas, e dos

hyperbatons duros de Francisco Manoel, é como elle confessa em suas poesias:—

*Meus versos são suspiros de minha alma
Sem outra lei que o interno sentimento—*

A alma se lhe derrama arquejante cheia de fogo nos seus cantos: sua musa sempre olhando para o Céu, para onde dirige seus suspiros ardentes, parece desdenhar o colher sobre a terra ornatos para trajar-se, e vibra nua a linguagem inflamada do sentimento; por isso sempre claro seu pensamento brilha atravez de roupas diafanas e modestas, e não é mister procural-o a custo no meio de um turbilhão de flores.

Lá no seu exilio jamais se esquece de sua querida patria gravada n'alma, e no meio dos seus cantos vem-lhe continuamente á lembrança sua imagem offerecendo-lhe ás vezes um ou outro perfume de seus bosques, uma ou outra harmonia de suas campinas, que elle enlaça nos seus hymnos. Quando cheio de patriotismo dirige ao Céu preces ardentes por ella, quando n'um dos mais admiraveis de seus cantos seu zelo se inflama, com que entusiasmo não se dirige á mocidade brasileira? não querendo dissimular a verdade reprehende-a com tom amargo de sua indolencia, com imagens cheias de fogo lhe faz comprehender a importancia de sua missão! Então não parece mais um poeta que se apraz nos palacios da imaginação, vibrando a poesia com todo o ardor de um profeta, parece o anjo tutelar do Brasil.

Coisa admiravel! foi sentar-se nos destroços de Roma, e inspirar-se com a musa melancolica dessa rainha descahida; foi perder-se na admiração exaltada pelo homem do seculo, por esse gigante das batalhas, e ergueo-lhe um hymno ainda mais sublime e harmonioso que todos os anteriormente exhalados!

As grandes qualidades do Sr. Magalhães o collocão a par de Caldas, com o qual seu genio tem grande analogia; este porem nunca se affasta da austera magestade da Biblia onde bebia todas as suas inspirações; aquelle mais flexivel derrama nos seus cantos as flores do romantismo; o estillo do primeiro é mais trabalhado e correcto, o do segundo é facile e fluente, reinando nelle uma especie de abandono ou negligencia que constitue um dos seus maiores encantos.

Parece que a musa brasileira clamava-lhe contra semelhante usurpação, e de volta ao Brasil quiz reconciliar-se com ella compondo o seu poema a Confederação dos Tamoios porem tarde veio o antidoto, o gosto estrangeiro já tinha fanatisado tudo: tal foi o prestigio de sua musa

Nossos ouvidos sedentos de harmonia escuitão com avidéz o canto do estrangeiro, e o brilho das lettras francezas nos traz tão absortos e em tão profunda fascinação que não

nos permite o recolher-mo-nos em nós mesmos, e escutarmos o echo intimo da alma, a unica fonte de tudo quanto ha de grande e original: sua lyra emballou, e adormeceu em tão profundo somno o espirito nacional que tão cedo não despertará. O espirito francez inteiramente evasado em nossa litteratura não faz mais que perverte-la e desvial-a totalmente de sua natural direcção dessa direcção que é isenta de toda a influencia estranha, que brota expontaneamente do fundo da indole nacional, e fiel expressão de sua vida intima della recebe todo o seu vigor e belleza; e todo o desenvolvimento litterario de qualquer povo tendo estes caracteres, não passará de um verniz artificial e sem consistencia que longe de fazer sua ufania, só serve para revelar sua pobreza e incapacidade.

A poesia franceza tão brilhante e rica qual é transplantada para nosso clima, assemelha-se ao pomo que colhido ainda verde e deixando de nutrir-se com a seve do tronco adquire madurez forçada e sabor agro e desagradavel; sendo somente um adorno postiço, e faltando-lhe o alimento de nacionalismo, que lhe communica vida e originalidade, murcha como um ramo escachado do seu tronco, e desvairá-se como a torrente desviada do seu leito: é um artificio brilhante que encantarà por alguns momentos a imaginação, mas frio porque falta-lhe um calor que só vem dos seios d'alma, essa força que abala profundamente a phantasia, e infiltra-se no mais intimo do coração.

A imitação é o refugio dos espiritos estereis, das almas áridas de sentimento; só não ousa quebrar-lhe as cadeias quem não acha em si mesmo esse fundo de sensibilidade e enthusiasmo, essa abundancia de idéas e imagens que produzem a originalidade; mas a mocidade brasileira cujo coração palpita de vida e dedicação por tudo quanto é bello e grande deve ser assaz altiva para sacudir o jugo que pesa sobre seu collo.

E para isso duas fontes se abrem fecundas de inspirações para a muza brasileira—o nosso passado, e o nosso presente—a raça extincta e a dominadôra. Naquelle que é os nossos tempos heroicos, acharemos essas aventuras romanescas, esse heroismo das idades primitivas que tão vasto assumpto dão para o genero historico, como o drama e a epopêa: a historia, as tradições, os usos e costumes bisarros e barbaros das tribus brasileiras, suas continuas luttas, já entre si, já com os europeos, todas essas reminiscencias de nossa historia primitiva tão cheias de heroicos accidentes e aventuras romanescas, são ricos thesouros de poesia nacional que devemos-nos apressurar em

salvar das garras do olvido, consagrando-os perduravelmente nossos cantos.

Nosso presente, já mui diverso do passado, modificado pela aura da liberdade politica que respiramos, tambem nos pôde inspirar sublimes cantos: se naquelles revivem esses povos que a crueldade de nossos pais exterminou, e cuja memoria estará ligada eternamente ao solo, que lhes usurpamos, choremos suas desgraças; nestes pintaremos a nós mesmos e a nossa época sem deixar esta incurtencia ás idades futuras, e elles serão a fiel expressão de toda a nossa existencia actual: se naquelles exhalamos nossa saudade pelas heroicas eras que se passarão, nestes respirará nossa confiança no presente e esperança do futuro:—mas desgraçadamente estes ricos materiaes não tem sido aproveitados, e se alguém lança mão delles é para revesti-los das fórmulas guindadas e acrias do capricho e esuravancia da moderna escolla, as quaes de maneira alguma lhes quadrão, pois que o nacionalismo não consiste só na essencia, não basta que o fundo seja proprio, é mister tambem que o colorido se harmonise perfeitamente com elle.

Talvez seria mais conveniente para o desenvolvimento do espirito nacional entregarmo-nos ainda aos classicos dos periodos mais brilhantes da litteratura portugueza, mas só quanto á fórma, pondo de parte a mythologia grega; se ainda nos não achavamos na senda que deviamos trilhar, ao menos não estavamos della tão affastados como hoje; eramos para com elles isentos dessa admiração fanatica que suffoca inteiramente a voz do nacionalismo; tambem elles, os Lusos imitarão ás vezes com demasiado escrupulo os Gregos, e Romanos, mas não tão servilmente que não vislumbre alguma originalidade nesses eternos monumentos que nos legarão, o seu character nacional mui fortemente enunciado não podia curvar-se inteiramente sob a influencia estrangeira. Seja que se ressentissem ainda da influencia dos arabes por tanto tempo dominadores na peninsula, ou pelo intimo contacto em que se acharão com os povos asiaticos depois que o Gama lhes abriu o caminho das Indias, acha-se em suas composições, maxime nas bucolicas, um toque mui sensivel de orientalismo: essa litteratura de uma nação vigorosa e cheia de vida a qual sentia sincera e profundamente o que consignava em seus cantos seria um modello senão muito adequado todavia muito menos perigoso para nós. Deveriamos porem cingir-nos aos poetas antigos pois que entre os modernos vão-se apagando esses caracteres distinctivos da poesia nacional; as nações

tem-se congraçado de tal sorte pelo commercio que umas recebendo de outras seus usos e costumes, partilhando reciprocamente o seu sentir e pensar, o que constitue propriamente sua nacionalidade, vão-se tornando uniformes, revestindo-se assim do mesmo caracter poetico, bem como acontece com a politica e religião, e se isto ainda não é assim podemos com segurança affirmar que acontecerá quando mais, apertarem os laços que os ligão: então só lhes restará a diversidade das linguas, por que o encanto da poesia, a imaginação mais ou menos fogosa de cada povo, enfraquecer-se-ha pelo contacto das civilizações, exteriores:—é o resultado da época mercantil. A musa antiga era singela e ingenua como a zagaleja de Bethel, ou como a pastorinha da Arcadia suas vestes singelas não abafavão mas antes lhe realçavão as fórmãs puras e elegantes e as graças de seu donoso porte; assim com o andar dos tempos envergonhou-se como Eva no paraizo de sua nudez, sonhou novos enfeites, e foi perdendo pouco a pouco sua amavel singeleza, foi de dia em dia tornando cada vez mais sumptuosos seus trajos té que alfim apresentou-se com tanto fasto, e tão coberta de adereços como a Odalisca do harem do Sultão; e a musa moderna marcha curvada debaixo do peso de mil adôrnos.

Não deve ser esta a linguagem de nossa musa não, ella deve enfeitar-se com a florinha de nossos vales, coroar-se com ramos de cafeseiros, e a querer imitar, ir procurar emballar-se nos cantos infantis dos outros povos, respirar com elles essa frescura, innocencia, e viço, da simples natureza.

Um facto que salta aos olhos do observador, e que é uma das causas mais poderosas do acanhamento e servilismo em que se achão nossas letras é essa criminosa indifferença, que eu taxarei de falta de patriotismo, que nos faz desprezar, o que é nosso para arrebatarmo-nos de admiração diante das producções estrangeiras: livros europeos rolão por todas as mãos, nós os folheamos quotidianamente, conhecemos o que se passa e se pensa na Europa, e nada ha que nos estimule a estudar com attenção, a historia patria, e desenterrar do pó das bibliotecas esses poucos monumentos onde se achão consignadas nossas tradições historicas.

Outra causa que retarda a época da emancipação de nosso espirito, é que inda as luzes das sciencias e artes não se derramarão pelo imperio, e as que existem estão inteiramente concentradas na capital: as provincias par-

ticipão mui fracamente do reflexo d'essa civilisação; é lá, onde todas as atenções convergem continuamente para a Europa, que se resume quasi exclusivamente todo o nosso mundo litterario, não sendo essa cidade mais que uma cidade europêa encravada no territorio brasileiro: — por tanto só quando o luzeiro da civilisação diffundir suas luzes pelas provincias, e desenvolver-se —aclimatada— igualmente por toda a extenção do imperio, o espirito nacional se despertará, e communicará sua seiva ás suas producções, e o caracter nacional reflectir-se-há mais saliente na nossa litteratura.

Provavelmente ella não será uniforme, apresentará tantas variações quanta é a diversidade de nosso clima e solo: o caracter dos povos das campinas abertas do Sul divergirá essencialmente dos habitantes das nimbosas e auríferas serranias de Minas, e dos filhos das gigantescas e magestosas florestas do Pará.

Demais a triplice diversidade das raças que predominão no sul, no centro, e norte e a differença de suas occupações sendo uns pastores, outros mineiros, e outros agricolas fal-a-ha ressentir-se de todos esses caracteres; e assim nossa litteratura assimilar-se-ha á arvore que produz pômos de natureza diversa, e successivamente desde os hymnos ternos e voluptuosos dos Italianos, as sombrias e fantasticas canções dos bardos da Caledonia, desde o gosto delicado e fino dos Francezes té os exagerados sonhos e a linguagem mistica e simbolica dos orientaes, ella apresentará as producções mais variadas.

Uma observação cumpre-nos fazer a respeito do espirito da nossa época; é que elle tem querido transtornar a ordem eterna e necessaria do desenvolvimento litterario das nações: aind ana infancia fraco para pleitear tão a peito com as luzes da philosophia devia aproveitar-se dessa brilhante faculdade que domina no berço dos povos — a imaginação; cantar, e inspirar-se; mas tem com essa pretensão gasto e enfraquecido a fantasia, perdido por consequencia — sua poesia — e juntamente nada conseguido nas sciencias.

Só quando apparecer um genio verdadeiramente patriotico e grande que ousando quebrar as cadeias da imitação alçar o estandarte da regeneração poetica, o Brasil possuirá uma litteratura nacional! Um homem porem dotado de grande gosto para a poesia, poeta em toda a extensão da palavra, não contaminado pela epidemia da imitação, e que poderia salvar a nossa nacionalidade poetica, tem-se con-

servado indifferente e egoista no meio da corrupção geral
—fallo do Sr. Odorico Mendes.

S. G.

REFLEXÕES

SOBRE A POESIA BRASILEIRA.

(Continuação do n.º 2.º da 1.ª Serie.)

Mui raras são as obras publicadas do Sr. Odorico; entre estas está o seo—*Himno à Tarde*— que é sem duvida um dos mais encantadores pedaços que tem produzido a musa brasileira:—e de certo por esta amostra podemos conferir ao seo auctor um dos mais distinctos lugares entre nossos poetas.—O tom admiravel dessa breve mas sublime producção,—o colorido grave, e melancolico derramado por toda ella sem nunca degenerar nessa frouxa languidez, que é hoje defeito tão commum,—a cadencia metrica sempre harmoniosa e solemne, a frase tão nobre e expressiva, e em tão perfeita harmonia, com as idéas,—despertão n'alma as mais profundas, e suaves emoções:—quem poderia encontrar tão bellas expressões, epithetos mais cheios de magia para saudar a meiga e melancolica tarde? Como succedem se seus pensamentos tão naturaes, tão faceis?!. . . Não são pensamentos procurados com afân e arte no recinto do gabinete; são as ternas imagens, as saudosas recordações, que deslisão espontaneas pela imaginação do poeta nessa hora de remanso, que a natureza mesmo parece ter consagrado a poeticos arroubos.

Que scena com effeito tão rica de aspirações, tão propicia à saudosos devaneios, que uma pura e serena tarde nos Ceos de nossa patria. Nessa hora quieta e placida, em que vão findar todas as fadigas diurnas, em que a natureza parece preparar-se para adormecer sob as sombrias asas da noi-

de uma zona purpurea — Parece então a larde uma nimpha que se reclina fatigada sobre a esmeralda dos outeiros; seo peilo arqueja molemente, e o halito de sua boca exhala perfumes; as rozas de seo rosto de afân tornão-se mais vivas: — parece uma fada que entre os vapores do occidente nos convida a seos encantados paços, e com sorrizo cheio de amorozo languor nos promette as delicias do Eden.

Mas nessas horas de ideaes voluptuosidades, é que nos punge a idea do nosso nada: — uma vaga tristeza lá esta bem no fundo d'alma viciando a fruição que jamais pode ser completa. Será isto uma lembrança confusa de alguma outra vida que já vivemos, saudades de algum passado anterior ao berço, e quasi extincto? Ou sera a idea da morte que como a vibora entre as flores, vem envenenar nossos mais suaves devaneios, e nos fazer lembrar que cedo ou tarde havemos de dizer um eterno adeos á esses espectaculos que ora nos sorriem?

O Sr. Odorico Mendes foi o interprete feliz das intimas e deliciosas emoções, que então nos repassão a alma: — foi a mesma tarde que lhe prestou as tintas melancolicas com que colorio o seo pañuel: — foi ella mesmo que lhe afinou as vozes da harpa, e lhe inluio as graves, e saudozas harmonias do seo hymno.

Depois de havermos fallado em numero antecedente do Sr. Magalhaens, não podemos deixar em silencio o seo illustre socio de peregrinação pelo velho mundo, o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre: — elle com effeito ergueo a par dos — *Suspiros Poeticos* —, um hymno digno de ser levado á mais remota posteridade: — é a sua — *Voz da Natureza* — ou — *Canto sobre as ruinas de Cumus* —: — mas seo genio não conservou nas posteriores producções o alto vôo á que havia remontado. — Tornando ao seo da patria, parece que a sua musa enfraqueceo, e esfriou-se o seo entusiasmo: — nas suas — *Brasilianas* — torna-se arido e seco.

Nessas producções o seo estylo perde as eminentes qualidades, que naquella possuir, e começao a se tornar nimiamente sensiveis defeitos que apenas se notavão na — *Voz da Natureza* —. — Em seos versos erçados de termos tecnicos de artes, descobre-se a affectação, e uua certa pertença a originalidade; além disso elle derrama com profusão sua erudicao historica, e artistica; é um rio turbulento que corre com grande ruido de palavras sonoras, que vão reboando por longo tempo nos ouvidos, deixando a alma inteiramente isenta de impressões, porque nada ha ahi que interesse o coração; — a imaginação fica affectada pelas imagens descommunaes que nelle abundão.

Sua imaginação infrene e hyperbolica querendo attingir á um sublime fora do natural se apraz em concepções fan-

tasticas de dimensões colossaes, pelo que muitas vezes mente a gravidade do pensamento.—Na sua dicção ha tambem graves defeitos á notar:—usa muitas vezes de fraseados obscuros, e alambicados:—e não é,—como deve á um litterato,—muito rigoroso nas regras da grammatica.—Quanto á sua metrificação, o Sr. Porto Alegre dá á seos versos uma certa forma rapida e estrepitosa, conservando-a inflexivel, e monotona de começo a fim, e accentuando quasi sempre na mesma syllaba, o que fatiga um pouco na leitura.—Porem apesar de todos estes defeitos, o Sr. Porto Alegre é admiravel pela riqueza de sua lingoagem, e mais ainda pelo seo talento descriptivo:—é quando pinta, e descreve que elle revela o seo genio eminentemente artistico:—e esta a sua natural tendencia, porque quasi sempre é plastico nas suas poesias.—Um brilhante modelo deste seo talento é a methamorphose do monte da Gávea em uma de suas—*Brasilianas*.—O Sr. Porto Alegre tem já adquirido um grande renome: e é por dois titulos, como poeta, e como artista, uma das personagens mais proeminentes do Brasil.—Como poeta, as solemnes belezas da—*Voz da Natureza*—, e algumas outras pequenas producções, são de sobejo para compensar o que ha de mão nas—*Brasilianas*,—e grangear-lhe o louro da immortalidade.—Como artista, ahi falla a historia, animada em quadros brilliantes, pelo seo pincel.

Silva Guimarães.

(Continúa).

REFLEXÕES SOBRE A POESIA BRASILEIRA.

(Continuação do numero antecedente.)

A litteratura Brasileira tem de por longo tempo lamentar a perda de alguns distinctos jovens de precoce genio, que promettião enriquecê-la com os seus fructos!... parecerão ainda em botão esses genios, sem que a morte lhes deixasse tempo de desabrochar em toda sua belleza e força; forão astros efemeros, que brilharão um momento, sumirão-se, deixando-nos saudosos de seo puro mas tão breve luzir. Taes forão Francisco Bernardino Ribeiro, e F. Dutra e Mello. Ao primeiro, a par de uma intelligencia vasta e clara, capaz de approfundar os mais reconditos arcanos das sciencias, tinha a natureza inspirado esse amor sancto e ardente pelo bello e sublime, essa paixão pelas artes de imaginação, que é o apanagio de um coração nobre e um espirito elevado: com effeito este joven, em quem as qualidades da alma rivalisarão com os talentos do espirito, teria sido um dos mais bellos ornamentos de que se ufaniarão as nossas letras, se não viesse a morte ceifar tão cedo essa flor de esperança. Todos conhecem esses primeiros fructos de suas vigílias, que revelavão, não esses conhecimentos superficiaes, essa erudição que se derramão em faces floridos, e de mera ostentação, mas um espirito solido e pensador, e séria e profunda applicação.

Sua nobre ambição o arrojava aos mais arduos trabalhos, e não contente de cultivar a poesia, sua intelligencia que exigia mais solido alimento, meditava a natureza e as leis dessa arte sublime; lançou-se no campo da critica, e de mãos dadas elle e collaboradores, jovens notaveis por seo talento e applicação, produzião os ensaios sobre o drama; quem podera calcular o que teria ganhado com os seus trabalhos a critica entre nós tão acanhada ou antes nulla. Infelizmente nesse tempo entre nós a arte ainda estava oppressa sob o jugo da escravidão classica; ainda se respeitavão, e se observavão com escrupulosa exactidão os preceitos da engenhosa critica do seculo passado, dictados pelos Boileau, le Batteux, Marmon tel, Laharpe &c., como oráculos do bom gosto: e o nosso joven cingia-se à sua observancia, e os recommendava como o unico meio de attingir ao bello.

Eporem de presumir, que se vivesse e chegasse a conhecer a reforma litteraria, que teve lugar na Europa, seria elle um dos primeiros a proscrever esse gosto exclusivo, que então dominava, e abandonando os velhos e estereis caminhos, abraçaria a causa da regeneração, e do liberalismo litterario.

O outro, cuja recente perda ainda choramos, é Dutra e Mello, genio melancolico, e brando, alma angelica, que passou pelo mundo como peregrino em estranhas terras, e como para disfarçar os enfados do exilio, deixou escapar do místico allatude alguns himnos de saudade e melancolia: foi como um cisne, que passou gorgendo, mas recendo manchar na terra o nido candor da sua plumagem, ainda alou-se ao céo. E a melancolia, essa dôr christã, calma e sublime, que eleva a alma em vez de acabrunhal-a, que com seo pungir enobrece e regenera o coração, foi quem inspirou esses poucos cantos que conhecemos do joven poeta fluminense, publicados na Mineeva Brasiliense. São verdadeiros efluvios de uma alma religiosa e terna, cheios do calor da inspiração, e ressumbrando maviosa, e sublime tristeza. Para sentir mais superioridade de seo talento, é bom comparar-se suas poesia com tantas outras, que por ahí alem cheias desse espirito religioso facticio, que hoje tanto anda em moda, que então se apreciará mais claramente a differença entre a verdadeira inspiração, que exige o fogo, o genio, e a simples imitação ou antes arremedo, que nada mais requer que pouco de espirito, e cultura.

Este joven pela candura de sua alma virginal, pela celeste melancolia derramada tanto em seu character, como em suas poesias, parecia realisar o romantico ideal do poeta—desses espiritos angelicos, que ardendo sempre pelo amor do bello, e buscando em vão pelo universo um transumpto de seus arrojados sonhos, adeja sobre as azas do fogo da entorno da divindade, fonte de todo amor, e de toda belleza.

(*Continúa.*)

"Breves considerações sobre o romance"

João de Almeida Pereira Filho

Breves considerações sobre o Romance.

Na arvore litteraria germina um ramo , que cheio de seiva tende a aniquilar-lhe o tronco , e sobresair aos outros , que seccos , e velhos parecem ceder-lhe o logar ; este é o romance. Raro , e pouco conhecido no passado , e apenas apreciado pela sua raridade , este genero de litteratura tem hoje invadido o mundo litterario , e enchido os seos archivos. Usurpador , porque a usurpação é sua essencia , e o espaço , e o tempo , o seu dominio , elle tem descido á pintura de tudo , que a imaginação , e a reflexão pôde crear , e produzir. Poetico , e colorido exerce sua acção sobre tudo que o coração reflectio , e deo á luz do dia : abstracto , e analysta é o psycologo , que indaga , e examina os phenomenos da natureza humana. Acolhido pelas sumidades litterarias é na actualidade o romance a ordem do dia dos salões , e das altas sociedades , e o recreio da classe pobre , e in-

fina da escala social. Revestido d'estas côres vivas, e bellas, que abundão nas producções da imaginação, elle captiva, agrada e deleita; e cheio de idéas abstractas occultas sob o vèlo da inspiração, e da poesia, subtil e pensador domina a alma, instrue, e prende a attenção. Prescrutando os misterios, e a vida das classes, que dividem a sociedade, pintando, e descendo á descripção dos costumes, e usos do miseravel proletario, e do altivo aristocrata, espelha a sociedade em todas as suas phases; e embalando-se na região dos sonhos, creando séres ideaes, e ficticios concentra-se no dominio da fantasia e das illusões. A realidade e a ficção são seos objectos, são o estadio, em que exerce sua acção. A narração de um factó real, ou imaginario, a descripção d'um sentimento constitue a sua missão: mas não resume-se n'isto somente a sua tarefa: elle necessita d'unidade, precisa d'um enredo, como o drama, d'um fim que é a solução do entrecho, e d'nma analyse do coração, e sentimento dos personagens. Assim o romancista é historiador, poeta, e pscologo em suas descripções: é militar, e maritimo, religioso, e estadista, misantropo, e cosmopolita, rico, e proletario, alegre e melancolico, sensível e indifferente em suas composições. Elle entra pelo immundo lupanar, falla a algaravia com o ultimo homem do povo, senta-se ao lado da joven belleza d'alta linhagem, e conta-lhe seos amores em phrases concisas, e escolhidas: penetra respeitoso o interior do templo e exprime a palavra de Deos ao asceta, que renegou o mundo, emmaranha-se no labyrintho da politica, e envolve-se em seos negros misterios, murmura do ministro, e da fronte coroadá: monta soberbo corcel, vae ao campo da gloria, brande o gladio, ou lança, e colhe os louros da victoria, canta a canção do marinheiro recostado sobre as amuras do navio, desafia as tempestades, e deixa escapar de seos labios stoicos o nome de Lusbel: consulta os segredos do coração humano, vibra todas as suas fibras, senta-se ao lado da mãe carinhosa, e falla-lhe de sua filha, ajoelha-se sobre a relva junto a lousa do sepulchro, inspira ao filho a probidade de seu pae, e diz á filha as virtudes de sua mãe: caminha por invias florestas, poussa sobre a margem do lago, maldiz, e escarnece a sociedade, transpõe o espaço, conversa á todos, e lhes falla a linguagem da humanidade. O divan, o mosteiro, a misera habitação do pobre, o mar, os rios, as cavidades da gruta, o amor, o ciu-me, e os sentimentos saó objectos de sua descripção.

O desespero do condemnado que deixa a filhinha na orphandade sem arrimo e protecção, as idéas confusas que o acompanhão neste entreacto, que medeia entre a vida e a morte, nesta transição do carcereiro para o carrasco, as execrações lançadas sobre a sociedade e sobre essa popula-

ça estapida, que sequiosa de sangue espera ouvir a leitura final da sentença, e ver cair uma cabeça e um corpo sem alento sobre o chão que parece estremecer de horror, o riso e as apupadas de homens desalmados, que sem sentimento contemplão á olhos enxutos este espectáculo, e a lagrima carista que corre tão dorida das faces do pobre velho, que quiz-se pae, e que o desejo de ver ainda uma vez seu filho querido constrangeo á vir á este logar; o amor que começou sua existencia por um crime e que findou por outro, que sempre tragico em sua vida, venceo todos os obstáculos, e veio succumbir sob o escarpello do remorso. as illusões que acompanharao os amantes em seus devaneios suaves e ceilos, e que a mão da miseria quebrou com seu aceno decretorio, o suicidio que arrastou ao tumulo dous corpos, que tinhao-se envenenado com contacto criminoso. e que collocou duas almas reprobas junto á base do solio de Deos para serem julgadas, o arrependimento que perpassou o coração da mae que amaldiçoou sua filha; o fanatismo e o enthusiasmo por uma idéa, que arrebatou o politico a sacrificar os sentimentos humanos, e á esquecer-se dos privilegios que possuem a natureza e o sangue, e que sobre a campa do proselyto de sua crença arrancou com punhal fraticida as entranhas d'esse homem, cujo crime consistio em crer diversamente, e que era seu irmão, tudo isto descreve o romancista.

As ruinas dos tempos, que longe se forão no infinito. as justas e torneios em que o premio da victoria era recebido das mãos delicadas da predilecta virgem, por quem palpitava o coração, a couraça e a cruz oblonga do templario que mais de uma vez rompeo a meia lua do verdadeiro crente, a vida dos trovadores, que peregrinando de castello em castello vendiao suas canções a troco de um pão, o mysterio do cavalleiro que levantou sua lança em defeza de outrem, e que salvo o deixou sem dar-se a conhecer, a aparição subita do amante nas bodas da desposada que lhe jurara fidelidade, as scenas que succediao-se entre os habitantes de um mesmo clan divididos em senhores e servos. estes com os cabellos cortados e aquelles que os conservavão longos e bastos em signal de liberdade, enfim o passação com suas tradições e legendas são o dominio, em que corre a penná dourada do romancista.

A cabana do indio, que errando de regato em regato. de floresta em floresta dorme o somno da indolencia descuidoso da aurora seguinte, o canto do prisioneiro, que desafia a colera do inimigo, e alardêa de valente na guerra. e de ter bebido nos crâneos dos paes de seu vencedor, a tez morena da filha do deserto com seus cabellos que deslisão-se em desalinho sobre seu collo, e que rivalisão na cõr

com o jacarandá dos bosques; a nudez do filho do Tamoio, que emballa-se na rede junto á fogueira que aclara seu rosto redondo e tristonho, a dança symbolica em honra do cacique, que os dirigio á victoria, e que a morte roubou-lhes, o ataude silvestre, onde encerrão-se os ossos de seus maiores, que no ultimo asylo da vaidade humana são olhados com respeito religioso, o cocar de penas pleiteadas com arco e flechas ás aves dos bosques, a cõr amarella do genipapo, que vê-se impressa nas suas faces crestadas pelo sol, os costumes singelos das tribus conhecidas pelo nome de seo chefe, e que separão e limitão-se por uma collina ou por um arroio são descriptos fielmente pelo romancista.

A nobreza com seus brazões e com as reminescias de seus avoengos descrida e desnaturada de seus usos antigos como a aristocracia Inglesa, ou firme e inabalavel em suas velhas crenças e costumes como a representação da primeira meza (1) na Hongria, o iman com seo turbante branco e com seo vestido carmezim passeando de um lado para outro diante da mesquita, os jardins embalsamados do Oriente com suas cidreiras e aloés, as celestes houris bellas como o orvalho matinal, voluptuosas como o filho de Ismael, e divinas como o Alcorão tecendo a grinalda que deve cingir a fronte do verdadeiro Musulmano; o infeliz escravo das Antilhas regando a terra com o suor de seo rosto, bronco e miseravel como a escravidão; o mendigo crusando os portaes do rico e poderoso, que lança com desprezo esmola escassa induzido mais pela ostentação do que pela dó e compaixão que sente ao ver este que é seo irmão e que a miseria desnaturou os foros humanos; o espurio atirado á roda da caridade por mãos estranhas, que o acharão abandonado na fria lage desprendendo o vagido expressivo da innocencia, planta isolada sem mãos que a reguem, sem um coração que abrigue-a em seu seio, o véo mysterioso que encobre seo nascimento, e que o tempo vem finalmente rasgar e manifestar á luz do dia; os usos de um povo, de uma classe na sociedade são factos de que senhorea-se o romancista para suas descripções.

Mas não é esta somente sua missão: vendo o prisma das paixões ou considerando-as em sua realidade, elle divisa um ponto, uma luz que é o seo pharol. Pintando de côres reaes o facto primordial, que constitue o enredo do romance, elle leva o leitor até as bordas do abysmo, onde vae perder-se sua personagem, inspira-lhe terror, e fal-o apreciar as consequencias miseraveis de seo delirio: e colorindo de idéas suaves e puras o papel principal represen-

(1) A primeira meza representa a camara alta, onde sentão-se os nobres.

tado em suas composições conduz o espirito á virtude, e faz-o reconhecer o que constitue sua verdadeira dignidade e nobreza: a moralidade é o porto para o qual elle faz força de vella, e envida todo seo vigor e genio.

Exprimindo a realidade do passado e do presente examina os passos, que o homem tem dado nestas duas idades, analisa as condições da existencia de uma secção da sociedade, observa miudamente seos caracteres, escolhe uma fracção de nossos sentimentos para reproduzir e comentar: e cercando de uma aureola brilhante a pureza dos costumes de uma classe e de um individuo, e ferindo com a critica severa do juiz imparcial a adopção de usos que a superstição, o prejuizo e a ignorancia arraigarão em seo animo absolve ou condemna o passado, julga o presente, prepara e purifica o futuro.

O seo estilo é pobre, medianno e elevado segundo a posição do individuo que descreve: ora reveste-se de flores e reflecte á phrase concisa e profunda do philosopho, ora traça simples vestidos, e deixa ver a travez de seo véo diaphano e singelo a palavra chãa do plebeo, ora respira mediania, colloca-se entre o sublime e rasteiro, e mostra a linguagem energica e intelligivel da classe media cheia de cores vivas e de simplicidade. No seo phantasiar elle concebe a possibilidade de um phenomeno, guarda a realidade nas ficções, e no dizer a verdade elle a retoca com o colorido, que lhe fornece a imaginação. Sublime e grandiosa é a sua missão! elle manifesta o horror da paixão em seo ponto culminante, patenteia a singeleza da virtude em seo estado calmo e sereno. Porem ardua e difficil é a sua tarefa: elle precisa collocar-se no logar, em que acha-se sua personagem, necessita fallar a sua linguagem, sentir os seos sentimentos, adoptar seos costumes e prejuizos, viver na mesma epocha e no mesmo paiz, deixar-se dominar pelos mesmos objectos que lhe fazem mais impressão, precisa emfim representar todos os papeis, a tudo assignar o que é proprio e adequado.

(Continuar-se-ha).

A P F.





BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE

O ROMANCE,

(*Continuação do N.º antecedente*).

O romancista dependendo em suas descripções do tempo e do espaço, estuda os costumes da epocha e do paiz em que vive sua personagem, perscruta e revela os segredos de seo coração, analisa uma por uma as paixões que dominão sua alma: revolve e penetra os arcanos de seo peito, faz-lhe a autopsia, e examina miudamente os misterios que asilão-se impenetraveis em seo coração. Severo em seo juizo elle não poupa nem classe, nem individuo, nem prejuizo, nem a ignorancia; tudo é dissecado pelo seo escalpello e

vem sentar-se junto á barra de seo tribunal. O pauperismo que necessita comprar com o suor quotidiano o pão para alimentar-se, e a riqueza que orgulhosa ufana-se no seio das galas e pompas respondem ao seo interrogatorio austero e solemne.

O passado e o presente lhe fornecem ricas legendas e paginas pejudadas de factos, que elle reproduz envolvendo-os com o véo da poesia, e trajando-os com as vestes singelas e simples de que a historia não sóe vestil-os; e a imaginação sonhando em seo phantasiar dá-lhe objectos para as suas concepções nobres e bisarras, que não deixão todavia o dominio da possibilidade. Expondo a realidade dos factos paíra sobre as ruinas do passado, escuta o gemido que desprende-se da profundeza da terra, e dos restos de velho castello e antiquada ermida, e que vem sumir-se e esvair-se na immensidade; contempla as flores e os espinhos do presente, colhe estas, e rega-os com lagrimas de dor e compaixão: vê compassivo o trabalho do proletario que mal sustenta seo trabalho, e comprime em seus labios um sorriso ironico e de maldição que excitou-lhe o usurario e seu ouro tão mal possuido. Concentrando-se no dominio da phantasia e das illusões elle diverte e agrada com suas ficções, conta as lendas que o povo cheio de prejuizos e preconceitos tem conservado tradicionalmente, finge tudo, e expõe a possibilidade de factos que a historia não tem ainda collocado na vastidão das realidades. Real ou ficticio, se vai buscar nas paginas dos tempos passados um facto para reproduzir, ou se vai colher um reflexo da phantasia, uma pura concepção do espirito sem typo real para lançal-a no coração do povo, e distrahil-o de suas penosas fadigas e de seus diarios trabalhos, o romance é historico ou puramente de imaginação.

Revolvendo as ruinas do passado o romance historico reflecte os usos de um povo e de um paiz, vai ver esse cadaver arrojado ao canal de Orfano durante a noute, e cala o segredo que conserva-se mudo e inalteravel, porque o Conselho dos Dez tem espiões que tudo vigiãõ e que conhecem tudo, e não quer que esse facto deixe de ser um misterio; senta-se á sombra dos bosques para ouvir os planos dos Calonnas contra os Orsinis seus inimigos figadaes: prodigalisa o sublimado veneno dos Borgias que tantas victimas encer-

rarão em negros ataudes; peregrina pelas montanhas da Escocia, ouve os seus antigos bardos, contempla o velho Ossian dirigido em seus passos pela celestial Malvina, candida florinha dos montes escocizes, angelico cherubim de seus agrestes ermos: mira-se nas aguas do Mechasebé, estuda os costumes dessas tribus que erradias andarão por suas margens, vê o Huron e o inditoso Natchez, contempla as mudas praias do Ontario e Erié, e pergunta-lhes pelos seus antigos habitantes, e ellas calão-se e emmudecem, e deixão vêr em suas margens ondas tão tristes que parecem lagrimas de seus filhos. Quando descreve o presente, elle vai estudar esses costumes livres dos tempos modernos, essas idéas que o povo acaricia, porque lhe forão transmittidas pelos seus maiores, e forão selladas com o seu sangue: examina principios e crenças, religião e politica acrisolados pela revolução de 93, que amalgamou tudo em um livro que denominou — livro do povo, porque ahí elle é sublime e grande, é mais forte que a nobreza e o clero, e ja tem realisado a profecia de Sieyes.

Mas o romance ficticio collocado no dominio da fantasia e da imaginação respira e resente-se do toque de illusão e de côres apparentes e enganosas que lhe forão dadas e attribuidas. Descrevendo a possibilidade de factos ainda não realisados, e pintando a vida humana e seus phenomenos elle não deixa de convir á: instrucção, e antes é um meio facil e agradável para a sua aquisição, porque mostrando os erros e desvarios, em que pode o homem cair arrastado pelas suas paixões é um impedimento e estorvo contra o crime, e com facilidade o dispõe á abraçar e a acolher a virtude.

O effeito dessas ficções para conseguir esses fins é mais facil e efficaç do que aquelle, que póde ser produzido pela simples instrucção; e foi reconhecendo isto que em todos os tempos empregarão-se fabulas como vehiculos de conhecimento, e em todos os paizes vê-se dominar a ficção: e nem podia deixar de ser assim, quando ella é um anodyno contra os enfados da vida, e contra os pesares, que rodeião e cingem per toda parte o homem. Afeito e dominado pela invenção e pelo amor da fabula o genio de de alguns povos encravou em todas as suas producções parabolas e ficções: e as nações orientaes paradigmas nesse

genero tingirão com essas côres ficticias a sua Religião e a sua Philosophia; parece que o Oriente é o berço das illusões e das phantasias.

Puramente filho da invenção o romance de imaginação é mais difficil de ser produzido que o romance historico, porque é todo elle uma criação nova, é uma producção que não tem um typo no mundo real: e a invenção é sempre um parto do genio assim como a reproducção é fructo da mediania e da mediocridade.

Essa especie romantica, é por sua essencia mais adequada á classe proletaria, que balda de instrucção aprecia mais a ficção do que a realidade, e muitas vezes confunde aquella com esta. Sem educação litteraria ella não tem dados para a justa apreciação de factos commentados pelo romancista historico, e no entretanto que a ficção é para ella um deleite, em que expande-se sua alma e coração, porque não lhe falta imaginação e antes lhe sobra.

O romance da vida real é porem de mais solida instrucção e mais agradavel e adequado a classe elevada da sociedade do que o romance todo ficticio. Sir Walter Scott pensando que nem-um romance era semelhante ao romance historico constituiu-se chefe dessa escola romantica que escreveo em sua bandeira o passado e o presente, e que tem corrido a sua pena de ouro sobre as folhas da historia do homem. Consequente com o seo primeiro pensamento ella foi beber suas inspirações, e colher factos isolados no presente e no passado para vivifical-os e reproduzil-os em uma nova epocha, e manifestal-os sob um nova luz.

O romancista historico vae desenterrar velhas chronicas, e antigualhas para offerecel-as á meditação da geração presente: espelha todos os tempos que fugirão á immensidade com todos os seos usos e caracteres particulares, embebe-se e enleva-se com a contemplação de carcomidos arcabouços, penetra essas vastas abobadas de antigos castellos defendidos por suas altas torres, com suas pontes levadiças, com seos muros e palissadas: evoca as ruinas, consulta os epitaphios das lousas, as inscrições tumulares, e d'ahi tira objectos para suas descripções. Sua pena é talhada para ostentar á geração presente sua vida e seos usos, e para reflectir-lhe em um quadro bem colorido o passado com suas tradições e legendas. Collocado na epocha em que viveo sua

personagem o romancista historico representa os habitos e costumes, que dominavão nesses tempos com a fidelidade do observador imparcial, e os examina com a critica austera e rasoavel, que só gera o conhecimento da causa, que analysa. Elle estuda esses tempos, em que o enthusiasmo religioso armou o Occidente contra o Oriente, e conduzio da Germania, França e Inglaterra myriadas de homens para resgatar dos Sarracenos o sepulchro de Jesus, reunidos somente por essa simples expressão — *Deos assim o quer* —. Crimina as torturas, porque passou o nobre Guatmosin, contempla a queda do throno dos Incas, e examina os requintados tormentos, que produzirão os Pizarros e Almagros contra essas innocentes tribus do Novo-Mundo defendidas pelo humano Las-Casas: elle vai ver esses missionarios que coroarão com o martirio sua vida de abnegação, de trabalhos e provações, esses intrepididos apostolos, que não temerão morrer nas mãos das hordas selvagens só para plantar a cruz da redempção nas virgens florestas, e chamar a si esses povos barbaros e antropophagos.

A P F.

C.

BREVES**Considerações sobre o Romance.**

(Continuação do numero antecedente.) *

O romance de imaginação pairando sobre uma região nova, que o genio em seu vôo de aguia divisou no espaço, apresenta bellezas que não tem o romance historico: rico de graças e louçanias gosta de enfeitar-se de flores frescas e bellas, e respira balsamico perfume que fal-o mais agradável, que esse acompanhando mais ou menos a gravidade magestosa da historia. Concepção pura do espirito segue seu impulso, e mostra as cores lindas e harmoniosas que doou-lhe a imaginação em seus arroubos de divina inspiração e

* Por erro deo-se por concluido este artigo no n.º antecedente, quando ainda devia continuar n'este e findar.

poetico enthusiasmo, e realçando suas graças com os encantos que offerece a poezia, ostenta-se brilhante e gracioso em seos episodios bem deduzidos e lindos. Profundo as vezes ventila questões controvertidas e de interesse social: lembra meios de extirpar da sociedade e sanar as chagas vivas que corroem lbe o coração auxiliando em sua tarefa ardua e nobre os verdadeiros philantropos, que pugnão pela causa da humanidade animando christãmente a classe proletaria em seos duros misteres e em seos trabalhos diurnos: outras vezes devaneando em seos sonhos concebe verdadeiras utopias, e phantasia theorias bellas, mas vãs, por que são sem realidade e incapazes de tel-a. Mas nesses mesmos vãos do espirito revela-se um peusamento nobre e sublime, uma produção grande e digna de encomios que reflecte o brilho do genio em suas concepções altas e grandiosas.

Creação nova, toda filha da invenção o romance de imaginação tem difficuldades que nem todos podem superar: dependendo do talento inventor, é necessario genio ou intelligencia creadora para concebê-lo e apresentar suas formas, de sorte que o todo tenha unidade e harmonia, e ache-se bem pensado e realiado, e não seja um amalgama de peças sem ligação, que forme uma obra disforme, imperfeita e sem graça. E' por isso que com mais cuidado deve proceder-se n'esse genero, por que com mais facilidade pode cair em ridiculo produção semelhante sendo saturada de erros graves, que desdorem e desmereção. Reconhecendo isto devem as medianias não occupar-se com o que não estiver sob sua alçada, por que assim não arriscão-se a imitar certas aves que querendo acompanhar em seu vôo a andorinha dos mares perdem o vigor e precipitão-se no oceano.

O romance historico, ainda que as vezes se ressinta do effeito da imaginação, forma com tudo uma divisão separada: seguindo o magestoso da historia não deixa o espirito vaguear a seu bel prazer, concentra sua attenção n'um factó, e fal-o reflexionar sobre elle. O espaço em que caminha é amplo e immenso, mas tem limites que ante si não encontra a imaginação que voa em todos os sentidos, que não acha obstaculo que a impeça em seus devaneios. Despido de certos paramentos com que adorna-se o romance de imaginação, é menos rico de ornatos que embellezão a poezia e mais austero em seu juizo: mas tendo o mesmo fim que aquelle, seu alvo é a moralidade e n'esse ponto elles se harmonisão e caminhaõ de accordo, e não assim na concepção do enredo, que um vai beber na historia do passado e o outro na fonte' fertil da imaginação. Severo em sua sentença procede como juiz recto e imparcial na censura dos factos que indaga: carregado nosemlante lavra seu juizo franco e justo, quando julga o presente e o nac-

sado, e isso depois de tel-os pensado e conversado bem.

A par d'essas especies de romances mil subdivisões apparecem com suas qualificações diversas tiradas do assumpto que se revela em seo corpo. Romance politico, social, philosophico, comico e myriadas de outros veêm-se a cada instante sabir á luz. D'esses sem duvida os mais interessantes são o romance philosophico e social, porque ao lado de sua belleza e encanto comprehende um ponto brilhante e profundo, contém principios de um alcance immenso. Não sabe-se, se deve-se ahi apreciar o enredo, ou esses pensamentos justos e metaphisicos, que achão-se enxertados aqui e ali, em todas as paginas. Lendo-os, o espirito deleita-se e embala-se n'essa atmospherá suave e pura que respira a poesia, e abstracto recolhe-se ao centro d'esses pensares profundos e christãos repassados de juizos sublimes, e grandes que reflectem elevada cogitação e idéas de um grão subido e alto. Ahi desenvolvem-se questões importantes, segundo permittem as regras do romance: a classe proletaria sempre a mais desgraçada e miseravel na sociedade é animada com palavras de uma compunção catholica, que dão-lhe vigor e lenitivo no meio de suas dores e pranto: e a classe rica, essa que volve-se em commodas ottomanas no seio da abundancia vé-se arrastada por argumentos de piedade e religião á prestar auxilio á seus irmãos, e a enxugar as lagrimas, que inundão as faces descoradas da pobreza. Prejuizos e preconceitos do povo são censurados mostrando-se-lhe os erros e desvarios em que achão-se envoltos, e as suas consequencias tristes e funestas; e principios philosophicos são ahi deduzidos com cautela e criterio fazendo-se vér o absurdo de suas doutrinas perigosas e arriscadas, que muitas vezes conduzem á desmoralisação e ao abysmo dos crimes.

Seguindo o impulso do espirito essas producções romanescas respirão as idéas, que concebeo em seo profundo meditar; reflectem esses raios de luz que ferem o coração, porque partem de um foco luminoso, a alma do genio: e esses raios são brandos e doces, são offuscantes e bem sensiveis, porque deleitão e deslumbrão a vista. A miseria com todos os seus horrores revolvendo-se no desprezo que lhe cospem no rosto, apresenta-se nua e descarnada para ser apreciada pelos irmãos bastardos de Christo, que a renegarão com desdem, e para merecer uma lagrima de dôr vertida de olhos compassivos, que a animão em seo infortunio com olhares de piedade e amor fraternal. E esse quadro excita compaixão, porque é orlado de grossas bagas que vasarão-se de uns globos miseraveis e macilentos, e causa medo, porque é uma realidade conhecida no orbe civilizado, e os verdugos da pobreza não gostão de ouvir essas

verdades, que são palavras de maldição, são anathemas vibrados sobre elles.

Penetrando esses mysterios que envolvem com seu véo furta-côr os lupanares do vicio, e os sumptuosos palacios, onde a licença e a perversidade sympathisao com o luxo, descrevem em sua nudez o requinte dos crimes elevado ao seu derradeiro zenith pelas classes que dividem a sociedade, e que nessa esteira igualadas correm o pareo á porfia de subir os degrãos da depravação. Compenetrados de dogmas e verdades sociaes assim considerados na actualidade declaram guerra de morte e exterminio á essas idéas que, apparecendo nos seculos de ignorancia e fanatismo deitarão grossas raizes, e circumdarao o Universo com seus ramos parasitos, que aniquilarão a arvore do progresso, e estere-lisarão toda a sua seiva. O Jesuitismo essa doutrina tão humilde em seu nascimento, porque necessitava de proselytos, e ao depois arrogante e soberba, quando cheia de força e torte em seus abusos intimidava os reis e os fazia tremer e vacillar em seus thronos, combatida em nome da razão que tudo avassala, mostrou as ulceras medonhas, que corroião seu cadaver putrido e languido. que o espirito tinha chegado ao dia de sua ovação, e era já tempo de quebrarem-se essas cadêas, que apertavão em seus aneis de ferro os pulsos dos povos ligados em nome de um principio livre e justo ao jugo da oppressão e do torpe servilismo. Acompanhando o vôo da liberdade, que conquista novos sectarios todos os dias, e advogando a causa da tolerancia e liberdade dos cultos, e em suas idéas religiosas harmonisando a religião com o pensamento livre do seculo nos diz, que os homens hoje mais consciuos de seus direitos menospresão essas theorias de degradação, que fazião dos discipulos de Loyola cegos instrumenos de uma Sociedade que pertendêra impôr a lei de seu codigo de baixeza á todo o orbe, firmada e apoiada por uma milicia temivel, a milicia dos claustros, que aberra-ra dos votos que havia feito.

Examinando com minuciosa analyse as instituições de um povo censura suas leis, seus actos e seu modo de proceder, quando a verdade assim exige e reclama. Critico como o romance do Sr. Gustavo de Beaumont—*Maria ou a Escravidão na America*—, descreve e faz conhecer a situação dos negros e dos homens de côr no meio da sociedade anglo-americana, vibrando uma luz viva sobre a questão da escravidão, que absorve o pensamento de grandes publicistas e philosophos; e censurando esses usos que apparecem acolhidos pela população, mostra profundas verdades e reprova essas distincções tão sensiveis, que pesão sobre a classe dos descendentes de avós africanos, fazendo vér que a igual-

dade de condições professada e adoptada em suas instituições não coaduna-se com esses usos e costumes.

Descendo á profundeza de principios philosophicos, analysando, acolhendo, ou regeitando-os, se julga má e absurda sua adopção, é abstracto e profundo em seus juizos e consciencioso em seu modo de pensar. Materialista as vezes vel-o-hão combatendo o idealismo puro de Fichte, e outra vez idealista procurando suplantar seu inerte adversario, e substituir a concepção pura á simples sensação.

Nobre, elevado em sua missão, variado em seu estilo, e christão em seu fim o romance perscruta os arcanos de todas as sciencias, e descreve esses phenomenos da vida humana tão complicados e cheios de mysterios em seu mechanismo. Livre, como o espirito conscio de si respira esse sublime, que fal-o agradável e espantoso em suas descrições. quando prende a attenção e a concentra na contemplação d'essas flores viçosas e bem frescas, que adornão e cingem a fronte da virtude, ou d'esses tortuosos labyrinthos por onde caminha as cegas o vicio erradio no seio do abysmo: e bello em seus sonhos é saturado de graças louças, quando arrouba-se em poetico enthusiasmo á região da phantasia e das illusões.

Tendo um alvo e um fim elevado, que envidando suas forças procura tocar, sua leitura produz admiravel utilidade, e excita vivo interesse. Achando-se ahí bem delincados todos os factos que constituem a existencia do homem, o espirito facilmente comprehende os effeitos tristes das paixões e seus desvarios; tem diante de si um quadro bem negro, onde vê esboçado o que ha de mais temivel e vil n'esse mundo. A intriga sempre insinuante e sorrindo-se no meio de suas tramas, porque assim pode melhor conseguir seu fim e realisar seu pensamento de cada instante é descripta ahí com as consequencias funestas que arrasta apoz de si, e que sempre acarreta sobre a cabeça da innocencia, vibrando injustamente o escarneo e o desprezo sobre as victimas de seu furor satânico e infernal.

Emfim sempre moral o romance revela em todo o seu corpo utilidade, já deleitando com seus episodios, já mostrando os erros, e ensinando á evital-os.

Dominando o espaço e o tempo elle reúne, e comprehende as palavras do lyrico latino:—

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci,
e por isso sempre apreciado é lido por todas as classes da sociedade servindo-lhes de recreio e instrucção, fazendo-lhes ver a virtude e o vicio, e dizendo-lhes como devem julgar o presente e o passado, e purificar o futuro.

A. P. F.

servado indifferente e egoista no meio da corrupção geral
—fallo do Sr. Odorico Mendes.

S. G.

REFLEXÕES

SOBRE A POESIA BRASILEIRA.

(Continuação do n.º 2.º da 1.ª Serie.)

Mui raras são as obras publicadas do Sr. Odorico; entre estas está o seo—*Himno á Tarde*— que é sem duvida um dos mais encantadores pedaços que tem produzido a musa brasileira:—e de certo por esta amostra podemos conferir ao seo auctor um dos mais distinctos lugares entre nossos poetas.—O tom admiravel dessa breve mas sublime producção,—o colorido grave, e melancolico derramado por toda ella sem nunca degenerar nessa frouxa languidez, que é hoje defeito tão commum,—a cadencia metrica sempre harmoniosa e solemne, a frase tão nobre e expressiva, e em tão perfeita harmonia, com as idéas,—despertão n'alma as mais profundas, e suaves emoções:—quem poderia encontrar tao bellas expressões, epithetos mais cheios de magia para saudar a meiga e melancolica tarde? Como succedem se seus pensamentos tão naturaes, tão facéis?!... Não são pensamentos procurados com afân e arte no recinto do gabinete; são as ternas imagens, as saudosas recordações, que deslisão espontaneas pela imaginação do poeta nessa hora de remanso, que a natureza mesmo parece ter consagrado á poeticos arroubos.

Que scena com effeito tão rica de aspirações, tão propicia á saudosos devaneios, que uma pura e serena tarde nos Céos de nossa patria. Nessa hora quieta e placida, em que vão findar todas as fadigas diurnas, em que a natureza parece preparar-se para adormecer sob as sombrias asas da noite, a tarde assoma desdobrando sobre o horisonté seo rouxo manto; as montanhas se desenhão confusas envollas em um veô de azul vaporoso, e as orlas do ceo apparecem cingidas

ERRATAS

terceiro capitulo seguinte	-	terceiro capitulo	p.17
mesmo em sem	-	mesmo vem sem	p.64
do Zoilo	-	do critico	p.67
unicificidade	-	unidade	p.84
de um Camilo	-	de Camilo	p.94
construïrem	-	construir	p.122
disilulido	-	desiludido	p.126
n.ai	-	n'ai	p.127, nota 92
intenção de Bernardo: buscando	-	intenção de Bernardo. Buscando	p.131
considerava que, não sendo	-	Bernardo considerava que, não sendo	p.131
deste	-	o	p.132
com	-	em	p.132
a criarem	-	a criar	p.133
pugnarem	-	pugnar	p.133

procurarem	-	procurar	p.133
item	-	item	p.135, nota 98
na medida em que sua prosa pouco se enquadra	-	na medida em que pouco se enquadram	p.143
Narram	-	Narra	p.144
e enfim, acentuando	-	acentuando	p.145
(que serão comentadas adiante)-	-	(comentadas no primeiro capítulo deste trabalho)	p.157
na primeira parte	-	no terceiro capítulo	p.190, nota 14
cinco parágrafos	-	cinco parágrafos (reproduzidos no "Encarte", ao final deste trabalho)	p.197
Ver nota 4B do primeiro capítulo.	-	Ver pp.173-174 deste trabalho.	p.210, nota 97

Cinco últimos parágrafos do texto "A morte de Feliciano Coelho Duarte", de Alvarés de Azevedo, que não se encontram nas obras completas do autor organizadas por Homero Pires:

Não parão aqui as demonstrações de profundo sentimento á memoria do irmão fallecido.

No dia 3 de outubro a associação Ensaio Philosophico Paulistano mandou celebrar uma missa para descanso de sua alma, e logo depois teve lugar na sala de suas junctas a sessão funebre para commemorar esse facto de tantas dores.

As paredes da sala do Ensaio estavam todas cobertas de luto: sobre o tecto estavam pregadas quatro aguias e á estas prendião cordões de retróz uma corôa de saudades onde lia-se o nome do finado escripto em letras d'ouro.

Reinava silencio religioso quando o som melancolico da musica annunciou que hia começar a cerimonia. O Presidente abriu immediatamente a sessão com um discurso analogo ao dia, e após elle diversos associados expandirão tambem as suas lagrimas á memoria do socio benemerito, que era uma das columnas da joven associação,—e novamente a musica vibrou os seus harpejos tristes e deo-se por encerrada a cerimonia.

O acto foi solemne e grave: via-se desenhada a dôr nos semblantes de todos que o presenciarão: os irmãos de letras choravão o socio de suas lidas, e companheiro querido, que lhes roubára a morte.
